



Juliana Ferreira de Melo

***Modos e condições de participação
nas culturas do escrito:
Pedro Nava e a formação na família
(1903-1913)***

Belo Horizonte

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

2008

Juliana Ferreira de Melo

**MODOS E CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO NAS
CULTURAS DO ESCRITO:
PEDRO NAVA E A FORMAÇÃO NA FAMÍLIA
(1903-1913)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão.

Belo Horizonte

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

MELO, Juliana Ferreira de.

243 p.

Dissertação de Mestrado – Modos e condições de participação nas culturas do escrito: Pedro Nava e a formação na família (1903-1913).

1. Pedro Nava 2. Culturas do escrito 3. Formação na família – Dissertações

I. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão (FaE/UFMG) – Orientadora

Prof. Dr. Antônio Augusto Gomes Batista (FaE/UFMG)

Prof. Dr. Marcus Vinícius de Freitas (FALE/UFMG)

Belo Horizonte, 04 de setembro 2008.

*A todos que sinceramente apostaram em mim e nos meus projetos,
dedico este trabalho.*

A importância de um agradecimento está nos sentimentos e nas emoções que desperta tanto em quem agradece, como também naqueles a quem dirigimos nossos agradecimentos. Agradecer significa lembrar as pessoas que, sem elas, pouco seria feito de um projeto. A colaboração e o cuidado de outros com os nossos sonhos é tão essencial quanto a própria capacidade de desejar, de querer realizar o que quer que seja. Para quem agradece, ter pessoas em nossa vida a quem podemos demonstrar sentimento de gratidão é fundamental, pois evidencia que não estamos sozinhos no mundo e que podemos, sobretudo, confiar e acreditar nas pessoas. Nossos projetos acabam, assim, fazendo parte da vida daqueles que compartilham conosco nossos sonhos, contribuindo para a sua realização. Logo, é muito bom poder agradecer e registrar nossa gratidão porque isso nos mostra nossa medida humana, social.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora Ana Galvão. Ela é certamente uma das grandes responsáveis pela realização do projeto de pesquisa, desenvolvido no Mestrado, não apenas por seu lugar institucional, mas também porque ela confiou, apostou, de verdade, em mim. Além disso, somada ao profissionalismo, à sua competência como pesquisadora, está sua sensibilidade de mulher e amiga. A percepção sensível e o cuidado no tratamento cotidiano com o outro são tão importantes quanto a técnica, o saber-fazer. Fundamentais, esses elementos engendram o trabalho com aquele pouquinho de leveza e de prazer que fazem nossas horas menos duras. Portanto, agradeço à Ana a confiança, a credibilidade, o profissionalismo, a sensibilidade, a amizade.

Outros pesquisadores e professores também foram muito importantes nesse meu processo de formação. Nesse sentido, agradeço aos professores das disciplinas cursadas durante o Mestrado, que contribuíram com o desenvolvimento da pesquisa, lendo os textos que escrevi, sugerindo leituras e me dando idéias para melhor aproveitamento dos dados recolhidos a cada dia. Mesmo aos professores que não foram “meus”, mas que, nos encontros pelos corredores da Faculdade, sempre se interessaram pelo andamento do estudo e colaboraram, na troca de idéias, na conversa rápida, com a realização do projeto, agradeço. Aos professores que acompanharam meu percurso de formação, embora tenham sido meus professores e orientadores antes do Mestrado, mas que, ainda assim, contribuíram muito com os rumos que meu trabalho no mundo da pesquisa tomou, agradeço sinceramente. Desse modo, para Marcus Vinícius de Freitas, Antônio Augusto Gomes Batista, o Dute, e Maria Cristina Soares de Gouvêa, registro aqui meus agradecimentos.

Muito importantes para a investigação foram as contribuições do grupo da pesquisa *Entrando na cultura escrita: percursos individuais, familiares e sociais nos séculos XIX e XX*. Em nossos encontros, muitas dúvidas foram esclarecidas; textos e leituras, compartilhados; várias questões nasceram. Sem o apoio desse grupo, sem os comentários, as críticas e sugestões para o andamento do estudo, o resultado da pesquisa seria muito menos rico, e o meu processo de formação, muito menos desafiador. Agradeço, dessa forma, a todos os membros desse grupo e especialmente à Juliana Viega, Natália Carvalhais, Patrícia Resende, Maria José Francisco, Daniela Perri, companheiras com quem pude compartilhar escritos, idéias, alegrias e angústias de nosso dia-a-dia.

Há também um outro grupo muitíssimo importante para o desenvolvimento da pesquisa sobre Pedro Nava: o grupo das orientandas. O trabalho desenvolvido nos encontros de orientação em grupo foi rico, recheado de idéias e da leitura de textos, os nossos e de autores relevantes para as pesquisas desenvolvidas por cada uma de nós. Muito do texto que está nesta dissertação resultou da leitura atenta e cuidadosa de minhas colegas, também orientadas por Ana. Assim, agradeço as contribuições de Patrícia (integrante do grupo citado antes), Alessandra Andrade (com quem muito tive o que conversar sobre a vida, inclusive aquela que se vive na universidade), Maria Betânia e Silva (querida colega pernambucana), Carolina Mafra, Gilvanice Musial, Joseni Meira.

Mas, no espaço da universidade, há ainda muitas pessoas a quem gostaria de agradecer, e que o espaço dessas páginas não me permitirá citar todos os nomes que merecem ser escritos aqui. Dessa maneira, vou agradecê-las lembrando os núcleos de pesquisa aos quais pertencem: GEPHE e CEALE. Agradeço também aos funcionários da Faculdade de Educação que sempre foram muito prestativos e de grande cortesia, em especial: Chico, Rose, Raquel, Itamar.

Já que se falou em cortesia, aproveito este momento do texto para agradecer à Heliane Casarim, responsável pelo Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, localizada em Juiz de Fora. Heliane, com sua gentileza e seriedade, apresentou-me aos jornais antigos da cidade natal de Pedro Nava, sugeriu leituras, presenteou-me com textos. Aproveito ainda para agradecer a Antônio Carlos, Diretor da Escola Estadual Luiz de Bessa, pelo incentivo à continuidade dos meus estudos, bem como a outros colegas, pelo apoio nesse percurso, companheiros de trabalho diário e árduo na Escola: Carlos, Zara, Soraia, Denise, Raul, Giana, Cristina, Diógenes, Ailton, Nirma, Alzimar, Letícia, Ailton. Agradeço também aos alunos pelo permanente convite à reflexão, ao

questionamento daquilo que chamamos realidade, muitas vezes, menos verossímil que a própria literatura...

Porque as dimensões de nossa vida não se encontram separadas em gavetas, muito bem organizadas (e ainda bem que não é assim), muitos pesquisadores e professores, colegas da Pós-Graduação eram ou se tornaram amigos meus, pessoas muito queridas para mim. Ao Eliezer, colega de turma, agradeço as conversas, a troca de idéias, o livro que me deu de presente, o qual se tornou uma das referências de meu trabalho: *Vísceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava*, de Antônio Sérgio Bueno. À Mariana Tabosa, querida amiga, agradeço os ótimos momentos em que trocamos idéias, impressões e experiências ligadas ao mundo acadêmico e também aquelas relacionadas aos nossos dramas de cada dia. A universidade e os espaços ligados a ela são mesmo contextos em que razão, paixões e sensibilidade se encontram. Então, não posso me furtar de agradecer, além dos colegas de Mestrado que se tornaram meus amigos, aos amores que se confundiram (se confundiram?) no espaço da pesquisa. Eles me leram, palpitararam, sugeriram. É verdade que poderiam ter ficado um pouco mais por perto, mas os descaminhos dessa vida... Também a eles agradeço; obrigada pelas leituras, pelos bons momentos.

Aqui, quero fazer um agradecimento especial a três mulheres também especiais. À Eliane Marta, pesquisadora e mulher madura, com quem tive o privilégio de conviver ainda mais a partir de meus estudos no Mestrado, agradeço as boas conversas, as sugestões, os livros emprestados e dados a mim de presente, o convite para tomar decisões importantes. Esse agradecimento me leva a outra mulher exemplar, a outra pesquisadora madura, educadora e, antes de tudo, uma pessoa muito importante para mim, que vem me acompanhando pela vida afora. À minha madrinha Magda, agradeço a imensa amizade, o cuidado constante, os conselhos sensatos, o apoio em todos os sentidos e, sobretudo, o carinho de sempre. Nessa teia de associações, chego a mais uma mulher exemplar, batalhadora: minha querida mãe. Ela foi fundamental também em mais essa etapa de minha formação por seu amor, apoio incondicional, sua dedicação, amizade, carinho. Assim, agradeço-lhe muito e de coração.

Gostaria de agradecer ainda ao Eduardo Cisalpino, leitor de Pedro Nava, pelo empréstimo de livros, os quais prometo devolver. Também seu entusiasmo pela figura do escritor e colega-médico me encheram ainda mais de vontade para escrever sobre Nava. Aos amigos de sempre, família que se pode escolher, agradeço o companheirismo e por

fazer minha caminhada mais suave: Elisete (querida amiga e minha tradutora oficial); Aninha (minha irmã, leitora de meus textos, companheira de risos e lágrimas); Alzira, Mayra e Patrícia (amigas da adolescência no CEFET); Anndréa e Camila (amigas das Letras); Ana Charnizon (querida amiga da Faculdade de Educação); Vandinho (cunhado querido); ao casal Flávio e Adriana (amigos que muito me incentivaram a iniciar logo o Mestrado); à Marta, ao Satoru, à Kelly (que me socorreram quando o computador e outras ferramentas de trabalho quiseram deixar de funcionar); ao Germano (grande amigo).

A todos cujos nomes se encontram nessas (entre)linhas e àqueles que não pude citar, mas que me ajudaram na realização do projeto de pesquisa (que é também projeto de vida), meus mais sinceros e verdadeiros agradecimentos.

RESUMO

Como uma criança pertencente às elites brasileiras participa do mundo da escrita? De que modo um indivíduo apropriou-se, nas primeiras décadas do século XX, das culturas do escrito, no quadro de um conjunto de práticas de transmissão familiar dessas culturas? Nosso objetivo, com a realização da pesquisa apresentada nesta dissertação, foi buscar elementos que respondessem a perguntas como essas. Investigamos, assim, o percurso de formação do médico e escritor mineiro Pedro Nava (1903-1984) na família e na cidade. Para tanto, utilizamos, como fonte principal do estudo, sua obra memorialística, escrita e publicada entre os anos de 1968 e 1984. Fundamentamos nosso estudo monográfico, na escala do indivíduo, em trabalhos do campo da História, da Sociologia da Educação, da Teoria Literária e da Análise do Discurso. Fruto de relações entre história e literatura, as *Memórias* de Pedro Nava configuram-se como uma importante manifestação da trajetória de aculturação do escritor. Em relação ao mundo letrado, Nava iniciou sua participação nas culturas do escrito transformando uma herança cultural que lhe foi disponibilizada pela família ao longo das primeiras décadas do século XX. Tanto no ramo paterno, quanto no ramo materno da família, oralidade, performance, leitura e escrita apresentam-se como os pilares da relação de Pedro Nava com as culturas do escrito, associados ao espaço urbano, o qual contribuiu positivamente com a intimidade que Nava construiu com o mundo letrado. O aprendizado de Pedro Nava de certos gostos e preferências culturais, particularmente no que se referem à leitura e à escrita, relaciona-se diretamente com a sua admiração e afetividade por alguns de seus familiares, como também por seus valores, comportamentos e modos de viver.

Palavras-chave: Pedro Nava – culturas do escrito – formação na família – memórias.

ABSTRACT

How does a child who belongs to the Brazilian elites take part in the world of the writing? Which way does an individual take, in the early decades of the 20th century, the cultures of the writing, in the chart of a set of familial transmission practices of such cultures? Our purpose, as an achievement of the research presented in this dissertation, was to look for elements which would answer to questions like the ones above. We search, in this way, into the trajectory of development of the Brazilian doctor and writer, who is native of the state of Minas Gerais, Pedro Nava (1903-1984) in the family and in the city. Therefore, we used as main source of the study his work of memoirs, written and published between the years of 1968 and 1984. We found our monographic study, in the scale of the individual, in works of the field of History, Sociology of the Education, Literary Theory, and Analysis of the Speech. Product of relationships between history and literature, Pedro Nava's *Memoirs* figure as an important manifestation of the trajectory of acculturation of the writer. In relation to the literate world, Nava started his partnership in the cultures of the writing modifying a cultural heritage which was given to him by the family throughout the early decades of the 20th century. In as much in the paternal branch, as in the maternal branch of the family, orality, performance, reading and writing present themselves as the bases of the relationship of Pedro Nava with the cultures of the writing, associated with the urban space, which contributed positively to the intimacy that Nava built up with the literate world. The learning of Pedro Nava of some cultural tastes and preferences, privately in which they refer to the reading and the writing, relate themselves directly to his admiration and affection by some of his parents, as also by his values, behaviour and ways of living.

Keywords: Pedro Nava – cultures of the writing – development in the family – memoirs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A construção do objeto e o sujeito da pesquisa: paixões e demandas “científicas”	15
2. Pedro Nava e a produção memorialística: alguns indícios das condições e dos modos de sua participação nas culturas do escrito.....	23
2.1. Um perfil do sujeito da pesquisa	23
2.2. As <i>Memórias</i> de Pedro Nava	27
2.3. <i>Baú de Ossos</i>	31
CAPÍTULO I – EGO-HISTÓRIA: A ESCRITA MEMORIALÍSTICA DE PEDRO NAVA.....	47
1. Ego-história e escrita memorialística: aproximações?	48
2. O uso de autobiografias e memórias como fontes na pesquisa histórica.....	53
3. O processo de produção das <i>Memórias</i>	60
3.1. Metamemória	63
3.2. A memória que se apóia em documentos.....	70
3.3. Oralidade: palavras ouvidas que se tornam palavras escritas.....	74
3.4. A lembrança (ou a não-lembrança): as pessoas, os objetos e o ato de recordar	86
3.5. (As ciladas da) Memória: lembranças desencadeadas por sensações e impressões	91
CAPÍTULO II – O PERCURSO DE FORMAÇÃO, NA FAMÍLIA E NA CIDADE, DE UM MEMBRO DAS ELITES NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	95
1. Primeiros contornos	96
2. Uma família das <i>elites</i> brasileiras?	99
2.1. A formação do pai e a consolidação de uma herança familiar	111
2.2. A casa do Rio de Janeiro e seus (outros) moradores	121
2.3. As <i>boas</i> relações da família	128
2.4. A família materna	134
2.4.1. A <i>Sinhá</i>	138
2.4.2. A mãe	147
3. Os espaços da cidade	151

3.1. Industrialização, urbanização	151
3.2. Possibilidades de formação	158
CAPÍTULO III – LER E ESCREVER, VER, OUVIR E CONTAR HISTÓRIAS: MODOS E CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO NAS CULTURAS DO ESCRITO	169
1. Modos e condições de transmissão e apropriação da herança cultural disponibilizada pela família a Pedro Nava	171
1.1. A oralidade na organização das sociabilidades.....	171
1.2. Contando histórias... Na família materna, uma exceção.....	174
1.3. Oralidade, leitura e escrita	177
1.4. Vivendo em contextos marcados pela presença de materiais escritos, impressos e práticas letradas	183
1.5. Outros elementos da herança familiar	187
2. Formas de apropriação por Pedro Nava da herança cultural familiar.....	193
2.1. Ler e escrever	198
2.2. Outras práticas culturais	215
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	222
FONTES, REFERÊNCIAS, SITES CONSULTADOS.....	231
FONTES	232
<i>As Memórias</i>	232
Outras obras de Pedro Nava.....	232
Jornais	233
Dados estatísticos	233
REFERÊNCIAS	234
SITES CONSULTADOS	243

A um ausente

*Tenho razão de sentir saudade,
tenho razão de te acusar.
Houve um pacto implícito que rompeste;
e sem te despedires foste embora.
Detonaste o pacto.
Detonaste a vida gerada, a comum aquiescência
de viver e explorar os rumos de obscuridade
sem prazo sem consulta sem provocação
até o limite das folhas caídas na hora de cair.*

*Antecipaste a hora.
Teu ponteiro enlouqueceu, enlouquecendo nossas horas.
Que poderias ter feito de mais grave
do que o ato sem continuação, o ato em si,
o ato que não ousamos nem sabemos ousar
porque depois dele não há nada?*

*Tenho razão para sentir saudade de ti,
de nossa convivência em falas camaradas,
simples apertar de mãos, nem isso, voz
modulando sílabas conhecidas e banais
que eram sempre certeza e segurança.*

*Sim, tenho saudades.
Sim, acuso-te porque fizeste
o não previsto nas leis da amizade e da natureza
nem deixaste sequer o direito de indagar
porque o fizeste, porque te foste.*

INTRODUÇÃO

O que você chama de literatura? Que peso você atribui a suas propriedades especiais ou a seu valor especial?, perguntará a teoria aos historiadores. Uma vez reconhecido que os textos literários possuem traços distintivos, você os trata como documentos históricos, procurando neles suas causas factuais: vida do autor, quadro social e cultural, intenções atestadas, fontes. O paradoxo salta aos olhos: você explica pelo contexto um objeto que lhe interessa precisamente porque escapa a esse contexto e sobrevive a ele.

Antoine Compagnon. *O demônio da teoria.*

Uma análise sócio-histórica e econômica do Brasil através da obra de Pedro Nava. [...] Da mesma maneira que é impossível conhecer a França sem ler Balzac, é impossível conhecer Minas Gerais sem ler Pedro Nava.

Raquel Jardim em carta a Pedro Nava.

1. A construção do objeto e o sujeito da pesquisa: paixões e demandas “científicas”¹

Como uma criança participa do mundo da escrita? De que modo um indivíduo, pertencente a uma família das elites brasileiras, apropriou-se, nas primeiras décadas do século XX, das culturas do escrito² no quadro de um conjunto de práticas de transmissão familiar dessas culturas? De que maneira se realizaria a participação de um “herdeiro”³ no

¹ As aspas utilizadas para a escrita do termo “científicas” e de suas variações neste texto têm como objetivo ressaltar o lugar histórico e social de onde falamos, o lugar institucional em que o saber que apresentamos foi construído. O uso das aspas funciona, assim, como uma estratégia de escrita por meio da qual buscamos evidenciar a impossibilidade de se construir uma narrativa, a respeito de uma pesquisa, que seja imparcial. Para um aprofundamento dessa discussão, ver Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007).

² Utilizamos aqui essa expressão por partir do pressuposto segundo o qual não há uma única cultura da escrita; não existiria, em outras palavras, uma só cultura escrita *a priori* e na qual os indivíduos teriam de se esforçar para se inserir. Pressupomos, sim, que existem várias culturas, produzidas pelos diferentes sujeitos sociais, em diversos contextos, inclusive em suas relações com o escrito, englobando-se, com essa última palavra, não só a escrita propriamente dita, tal como a encontramos nos materiais manuscritos, impressos, em livros, nas leis, por exemplo, mas também, simbolicamente, os usos que as pessoas fazem da escrita, suas práticas, muitas vezes orais, em relação a ela, o lugar e o valor que a escrita tem na vida dos indivíduos. “Escrito”, dessa forma, termo que, junto com a preposição “do”, adjetiva o termo “culturas”, possui, nesta dissertação, um significado mais amplo que o termo “escrita”, o qual poderia ser tomado apenas como ligado ao produto do ato de escrever ou àquilo que encontramos em materiais e documentos, sejam eles impressos, sejam eles manuscritos. Nessa direção, de acordo com Roger Chartier (2001, p.84-85), “a cultura do escrito vai desde o livro ou o jornal impressos até a mais ordinária, a mais cotidiana das produções escritas, as notas feitas em um caderno, as cartas enviadas, o escrito para si mesmo, [...] na cultura do escrito [haveria] um *continuum* desde a prática da escrita ordinária até a prática literária” (destaque do autor). Para um aprofundamento na discussão em torno do conceito de culturas do escrito, consultar os artigos reunidos em livro por Ana Maria de Oliveira Galvão *et al* (2007).

³ Partimos do pressuposto de que os indivíduos os quais se comportariam como “herdeiros” não apenas recebem uma herança (cultural, econômica, simbólica, social) mas também realizam um trabalho de apropriação do capital (cultural, econômico, simbólico, social) que se busca transmitir a eles. Sobre o uso do termo “herdeiro”, ver o trabalho de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1967); os escritos de Bourdieu reunidos em livro por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (1998); os estudos de François De Singly (1993, 1996) e os de Bernard Lahire (2004, 2006). Ao longo desta dissertação, os conceitos de herança e de

mundo da escrita? Como se forma um leitor e um escritor nessas condições? Buscar elementos para responder a perguntas como essas é o que se pretendeu com a realização da pesquisa apresentada nesta dissertação.

As reflexões que se insinuam a partir das perguntas escolhidas para abrir este texto nasceram muito antes do Mestrado. Essas questões e outras relacionadas às maneiras pelas quais as pessoas aprende(ra)m a ler e a escrever, bem como perguntas que nos transportam para os espaços e para as condições que possibilitariam (ou não) intimidade dos sujeitos sociais com as culturas do escrito se apresentaram a mim enquanto eu ainda cursava Letras, em meus estudos de Iniciação Científica na Faculdade de Educação. Trabalhando em um projeto de pesquisa⁴ que reunia, em 2003, seis estudos monográficos, os quais tinham como objetivo compreender de que maneira indivíduos, famílias e grupos sociais diferentes; oriundos, em geral, de meios populares; distanciados, em maior ou menor grau, da cultura escrita, apropriavam-se e participavam de uma cultura que não era, de origem, a sua, percebemos a importância de realizar um estudo que nos servisse de confronto e comparação com as investigações as quais vinham sendo desenvolvidas. Uma vez que as investigações, as quais constituíam o programa de pesquisas que se delineava à medida que os estudos avançavam, já sinalizavam que os sujeitos sociais pesquisados participavam das culturas do escrito, em diferentes épocas e em diferentes espaços, graças à presença da oralidade, do manuscrito e por meio de agências e modos não-escolares de apropriação dessas culturas, construímos a hipótese de que um estudo que investigasse os percursos formativos de um indivíduo bem-estabelecido no mundo da escrita talvez nos oferecesse mais instrumentos para pensar a inserção e a participação dos demais sujeitos das pesquisas no mundo letrado.

Surgiu, a partir daí, a idéia de investigar o processo de formação de um escritor, que falasse, ele mesmo, de sua trajetória e que pertencesse às elites econômicas e intelectuais da época em que vivera, pois, com essas características, ele representaria, em certa medida,

capital (especialmente, capital cultural e capital social) serão apresentados e trabalhados de acordo com os estudos dos autores citados anteriormente.

⁴ *Entrando na cultura escrita: percursos individuais, familiares e sociais nos séculos XIX e XX*, pesquisa coordenada pelos professores Ana Maria de Oliveira Galvão e Antônio Augusto Gomes Batista, realizada com apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Alguns dos resultados dos estudos de caso, realizados em diferentes escalas de observação, ligados ao projeto integrado, foram publicados recentemente em livro. A esse respeito, ver GALVÃO *et al.* (2007).

um contraponto em relação aos sujeitos das demais pesquisas do projeto mais amplo. Dados o quadro teórico-metodológico desse projeto, o período e os espaços geográficos explorados pelas pesquisas que se desenvolviam em seu interior e a (minha) paixão (quase) (in)confessável (aqui) pela literatura, decidimos que o escritor escolhido deveria ter nascido em Minas Gerais, no início do século XX. Entre paixões e demandas de pesquisa, a busca por escritores, cujas vidas correspondessem aos critérios construídos no cotidiano de nosso trabalho, por isso mesmo, artificiais, iniciou-se.

A lista de nomes foi consideravelmente longa. Ciro do Anjos, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Guimarães Rosa, Henriqueta Lisboa, Pedro Nava eram alguns dos escritores os quais pensamos estudar naquele momento. A escolha do sujeito da pesquisa deveria considerar, como se destacou antes, a existência de textos em que o(a) próprio(a) escritor(a) narrasse suas experiências em relação às culturas do escrito. Somado a isso, por ser um projeto de pesquisa, era importante também escolher um(a) escritor(a) cujas práticas de leitura e de escrita ainda não tivessem sido estudadas da forma como pensávamos estudá-las. Visto que o ano de 2003 era o ano de comemoração do centenário de nascimento de Pedro Nava e, por causa disso, as editoras Giordano e Ateliê⁵ publicariam novamente a obra completa do escritor (inclusive a memorialística), enxergamos em Pedro Nava a possibilidade de explorar sua formação. Afinal, existiam fontes para o estudo, e usar a literatura, no caso, as *Memórias*⁶ de Pedro Nava, como fonte

⁵ Segundo Laurence Hallewell, a Ateliê Editorial, de propriedade de Plínio Martins Filho, é uma editora nacional localizada na Grande São Paulo. Entre os títulos de seu catálogo, encontramos ensaios, literatura, traduções, livros de novos autores, como também os clássicos. Em âmbito nacional, destacam-se a coleção “Clássicos da Ateliê”; a edição crítica de *Os sertões* (2002), de Euclides da Cunha; a reedição da obra completa de Pedro Nava. A tradução de *Finnegans Wake*, de James Joyce, publicada em cinco volumes, merece destaque no espaço das traduções literárias publicadas pela editora (HALLEWELL, 2005, p.615). Por sua vez, a Editora Giordano, sobre a qual não localizamos informações no trabalho de HALLEWELL (2005), foi fundada em 1990, em São Paulo, com o objetivo de editar uma coleção “para resgatar títulos e autores perdidos, esquecidos ou esgotados”. Atualmente, “Memória” tem 22 títulos, e a coleção compõe-se de “raridades” como: *Livro das Bestas*, do catalão Raimundo Lúlio; *O Cego de Landim*, de Camilo Castelo Branco; *Lírica Italiana*, de Cláudio Manuel da Costa; *Tradições Peruanas*, de Ricardo Palma; a *Bíblia Medieval*. Trata-se de uma pequena editora, na qual o próprio fundador, Cláudio Giordano, “seleciona os títulos, traduz, digita, faz a composição, revisa e tira os fotolitos.” (As informações sobre a Editora Giordano foram capturadas no site: <<http://www.weblivros.com.br/especial/claudio-giordano.html>>, em 29/07/2008).

⁶ Vale notar que, em todos os momentos desta dissertação, quando nos referirmos às *Memórias* de Pedro Nava, estaremos referenciando os sete volumes que compõem sua obra memorialística; a saber: *Bau de Ossos* (representado, em referências a esse primeiro volume da obra memorialística do escritor, pelas iniciais de seu título: BO), *Balão Cativo* (BC), *Chão de Ferro* (CF), *Beira-mar* (BM), *Galo-das-trevas* (GT), *O Círio Perfeito* (CP) e *Cera das Almas* (CA). Essa estratégia é utilizada também por Eneida Maria de Souza (2004) e Joaquim Alves de Aguiar (1998).

principal de uma pesquisa na História da Educação nos instigava. Assim, o desejo, aliado a uma demanda “científica”, transformou-se em projeto de pesquisa.

Como uma proposta que integrou uma investigação mais ampla sobre os novos letrados,⁷ na qual se procurou reunir elementos para a construção de uma história da cultura escrita, particularmente no Brasil, o projeto, que teve como resultado uma monografia de conclusão de curso⁸ e esta dissertação, voltava-se para o estudo do percurso de formação de um indivíduo, oriundo de uma família mineira, figurante do quadro das elites econômicas e intelectuais do Brasil de fins do século XIX e princípios do século XX. No quadro do interesse mais geral sobre indivíduos, famílias e grupos sociais que, apesar de condições em geral adversas, participam do mundo letrado, apropriam-se das culturas do escrito, esse projeto foi realizado por meio de um estudo monográfico sobre um indivíduo que, diferentemente dos demais sujeitos em investigação, participava das culturas do escrito, em grande medida, recebendo e transformando a herança⁹ cultural familiar que lhe foi disponibilizada ao longo das primeiras décadas do século XX. Apresentou-se, portanto, como objetivo principal de nossa pesquisa, investigar os modos e as condições de participação nas culturas do escrito por um “herdeiro”:¹⁰ o médico e escritor mineiro Pedro Nava (1903-1984). Buscamos, desse modo, identificar, descrever e analisar as representações – construídas por Pedro Nava em sua obra memorialística – das condições, dos processos, dos modos de transmissão e de apropriação cultural vivenciados por ele na família, organizados em torno da oralidade ou da escrita, os quais lhe teriam

⁷ Para um aprofundamento do conceito de novos letrados, ver Antônio Batista e Vera Ribeiro (2004).

⁸ Ver Juliana Melo (2005).

⁹ A leitura do trabalho de Bourdieu e Passeron (1967), assim como o estudo dos textos de Bourdieu, organizados em coletânea por Nogueira e Catani (1998), muitos deles publicados originalmente na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales (ARSS)*, criada por Bourdieu em 1975, permitem deduzir que herança é um conjunto de conhecimentos; valores; gostos; representações; saberes, predisposições e hábitos culturais; formas de se comportar; atitudes; bens simbólicos, materiais e uma rede de relações sociais que o indivíduo recebe de sua família. No que se refere à apropriação da herança cultural por um indivíduo no seio familiar, Bourdieu (1998 [1966]) afirma: “[...] Aquilo que a criança herda de um meio cultivado não é somente uma cultura (no sentido objetivo), mas um certo estilo de relação com a cultura que provém precisamente do modo de aquisição dessa cultura. A relação que um indivíduo mantém com as obras da cultura (e a modalidade de todas as suas experiências culturais) é, portanto, mais ou menos ‘fácil’, ‘brilhante’, ‘natural’, ‘laboriosa’, ‘árdua’, ‘dramática’, ‘tensa’, segundo as condições nas quais ele adquiriu sua cultura; a aprendizagem osmótica na família favorecendo uma experiência de ‘familiaridade’ (fonte de ilusão carismática), que a aprendizagem escolar não poderia jamais fornecer completamente. [...]” (p.55).

permitido tanto uma participação, que seria espontânea, no mundo da escrita, quanto o sucesso nessa participação, a qual, conseqüentemente, também seria natural.

Ao final da pesquisa, desejávamos ter compreendido como, no início do século XX, particularmente em Juiz de Fora, onde Pedro Nava viveu a maior parte da infância, uma família das elites buscou transmitir um conjunto de disposições¹¹ e práticas letradas a um de seus descendentes, e como esse indivíduo se apropriou e transformou essa herança que se buscou transmitir a ele. Portanto, práticas cotidianas familiares, disposições culturais, sociabilidades na família, que envolviam tanto a oralidade, quanto a escrita, as maneiras de se transmitir modos de ser, de agir, bem como os modos de apropriação por Pedro Nava, de representações, de gostos e preferências, de comportamentos, de disposições, que o prepararam e lhe possibilitaram participar das culturas do escrito configuraram o nosso objeto de estudo. Uma vez definidos o objeto de estudo e o sujeito de nossa pesquisa, iniciei, ainda na época da Iniciação Científica, tanto a leitura da obra de Pedro Nava, quanto uma formação teórica e metodológica que me permitisse construir e desenvolver o projeto o qual já se delineava para mim. Eu tinha o desejo pelo estudo, o escritor na cabeça e o que explorar de sua trajetória. Também começava a entender *por que* elaborar um projeto com as características que a proposta ia ganhando à medida que a idéia amadurecia. Faltava, então, organizar a justificativa para a realização do projeto, pensar sobre a sua relevância para a área da Educação, saber como investigar o objeto escolhido, construído.

Passamos, assim, à leitura e à discussão de textos publicados especialmente nos campos da Educação, da História, da Sociologia. Desse modo, não só fomos¹² elaborando instrumentos metodológicos que me ajudariam na análise dos dados ainda por “descobrir”,

¹⁰ Com freqüência, utilizaremos o termo “herdeiro” grafado entre aspas porque desejamos, como se verá no capítulo III, ressaltar a peculiaridade do comportamento de Pedro Nava em relação aos sentidos que o conceito já clássico da obra de Bourdieu tem assumido.

¹¹ Lahire (2004, p.10-27), em uma de suas pesquisas, na qual explora categorias conceituais para explicar práticas, modos de pensar, ver, sentir e agir de indivíduos, em diferentes contextos, afirma que “disposições” seriam “inclinações”, “propensões”, “hábitos”, “tendências” ou “persistentes maneiras de ser” de um indivíduo que podem se manifestar – ou não – ao longo de sua vida, nos diversos contextos de socialização por onde circula. Para o sociólogo, as “disposições” seriam produtos das experiências “socializadoras múltiplas das quais os sujeitos participam, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais” (LAHIRE, 2004, p.10-11).

¹² O projeto de pesquisa sobre os processos formativos de Pedro Nava ganhou forma não somente a partir de meu trabalho sobre a temática, de minhas leituras e reflexões, mas também a partir de leituras e debates que fazíamos em conjunto, eu, meus orientadores, colegas de Iniciação Científica e integrantes do grupo da pesquisa mais ampla, já citada.

reunir e organizar, como também fui compreendendo a importância da realização da pesquisa. Concluí que a relevância do projeto também se relacionava com as produções científicas dos campos com os quais a investigação sobre o percurso de formação de Pedro Nava mantinha pontos de interseção.

No campo da História, os modos e as condições de inserção e participação nas culturas do escrito têm se apresentado como um novo objeto de investigação, desde as últimas décadas do século XX. Desse modo, o objeto construído para a nossa pesquisa se justifica por suscitar questões que ainda não foram respondidas com as pesquisas já realizadas, seja no campo da História Cultural,¹³ seja no campo da História da Cultura Escrita.¹⁴ Em nossa investigação, buscamos reconstruir o percurso de formação de *um* indivíduo, realizando-se, portanto, um estudo micro-histórico¹⁵ que, fundamentado no campo da História, da Sociologia da Educação, da Teoria Literária e da Análise do Discurso, permitiu-nos observar importantes nuances da história e da cultura de sujeitos sociais, as quais não seriam apreendidas por um visão macrossocial, o que também justifica nossa pesquisa do ponto de vista metodológico.

De modo geral, as condições e os processos de inserção e participação nas culturas do escrito por indivíduos, provenientes de meios sociais diferenciados, apresentam-se como um tema de pesquisa pouco explorado e pouco elucidado.¹⁶ No campo das investigações da História da Educação, não foram localizados estudos¹⁷ que mostram como

¹³ A respeito da constituição do campo de estudos da História Cultural, quanto a seus objetos e procedimentos metodológicos, ver Peter Burke (2005).

¹⁴ Como exemplos de estudos que se desenvolveram nesse campo, ver Carlo Ginzburg (2006) e Jean Hébrard (1996a, 1996b).

¹⁵ Para um aprofundamento de reflexões teórico-metodológicas relacionadas a pesquisas que se desenvolvem a partir de procedimentos metodológicos próprios da micro-história, ver Giovanni Levi (1992); Carlo Ginzburg, Enrico Castelnuovo, Carlo Poni (1989) e os artigos da coletânea organizada por Jacques Revel (1998).

¹⁶ Sobre essa temática, encontram-se, entre os estudos franceses, os estudos de Hébrard. Para esta dissertação, destacam-se HÉBRARD (1996a, 1996b, 2000) e GINZBURG (2006). No caso brasileiro, destacamos os artigos reunidos no livro citado anteriormente, organizado por GALVÃO *et al.* (2007).

¹⁷ Essa afirmação tem como fundamento os resultados apresentados em um artigo, que se encontrava em processo de publicação em julho de 2008, elaborado a partir de balanços realizados na *Revista Brasileira de História da Educação (RBHE)*. GALVÃO *et al.* (2008), para compreender a *Revista* como um suporte de difusão, apropriação e produção do saber histórico entre os anos de 2001, ano de publicação do primeiro número da *RBHE*, e 2007, analisaram as características gerais do impresso, suas condições de produção, a proveniência institucional da produção publicada nas páginas do suporte. Os estudiosos, pesquisadores que integraram, em diferentes momentos, o conselho editorial da revista, investigaram também os temas, espaços, períodos, fontes documentais e referências bibliográficas utilizadas pelos autores em seus textos.

ocorre a participação de “herdeiros” na cultura escrita. Investigações sobre os processos que envolvem não só a transmissão de heranças aos indivíduos, como também sua apropriação de práticas, conhecimentos e representações, demonstrando que esses processos ocorrem sob condições históricas específicas, ainda são pouco numerosos,¹⁸ embora existam estudos que explorem essa temática na atualidade.¹⁹ São ainda mais raros os estudos que revelam o papel da família nesses processos, sobretudo no Brasil, no início do século XX.²⁰

No campo da Sociologia da Educação, desde a segunda metade do século XX, sobretudo a partir da década de 1960, muito se tem estudado e debatido a respeito das relações estabelecidas entre família, escola e as diversas classes sociais. Nesse sentido, Pierre Bourdieu, como destaca Magda Soares (2002), tem sido referência importante para os pesquisadores que se propõem investigar as relações que envolvem a linguagem, a educação e os diferentes meios sociais. Entretanto, de modo particular, os estudos sobre “herdeiros” tendem a considerar sua participação no mundo cultural como um processo quase natural e espontâneo devido às condições materiais sob as quais esse fenômeno costuma ocorrer, quando se trata de indivíduos originários, em geral, de meios sociais representantes da cultura dita legítima e/ou detentores de capital econômico.²¹ Apesar disso, pesquisas realizadas há pouco mais de dez anos, como os estudos de François De

¹⁸ Aos estudos de Jean Hébrard, citados anteriormente, acrescentam-se outros do mesmo autor, quais sejam HÉBRARD (1990, 1995, 2001, 2002).

¹⁹ Nesse sentido, ver os estudos realizados por NOGUEIRA (1995, 1997). Para o presente texto, destacam-se os artigos organizados em coletânea pela pesquisadora, Geraldo Romanelli e Nadir Zago (2000), bem como o estudo de Patrícia Cappuccio Resende (2007).

²⁰ Estudos que exploram o papel da família nos processos de inserção e participação nas culturas do escrito por indivíduos, no início do século XX, no Brasil, não foram localizados, a não ser aqueles reunidos no livro já citado, organizado por GALVÃO *et al.* (2007). Na atualidade, destaca-se o trabalho de RESENDE (2007), ao qual nos referimos anteriormente, que trata do papel dessa instituição em tais processos. Na História da Educação, destacamos a pesquisa de Ana Magaldi (2007), a qual, mesmo sem abordar formas de participação nas culturas do escrito por diferentes sujeitos sociais, tem como foco os discursos pedagógicos destinados à família, compreendida, pelos segmentos expressivos da intelectualidade brasileira no início do século XX, como instituição muito importante na veiculação, para seus membros, de lições relativas a valores, atitudes, comportamentos; à saúde e à moral.

²¹ A esse respeito, observar os resultados de alguns dos estudos de Bourdieu, entre os quais destacamos um de seus artigos, que se encontra na coletânea organizada por NOGUEIRA e CATANI (1998). Nesse texto, ao analisar o papel da Escola, na França, na segunda metade do século XX, na transmissão de saberes culturais aos estudantes, o sociólogo afirma: “Em todos os domínios da cultura, teatro, música, pintura, jazz, cinema, os conhecimentos dos estudantes são tão mais ricos e extensos quanto mais elevada é sua origem social. [...]” (BOURDIEU, 1998 [1966], p.45).

Singly, mostram que na mesma proporção em que há um esforço da família e da escola para transmitir capital cultural²² aos indivíduos, há também um trabalho de apropriação desse capital pelos agentes sociais. Assim, embora exista certa opacidade que envolve as diversas maneiras de participação no mundo cultural e, mais especificamente, no mundo letrado, por indivíduos, famílias, por diversos grupos sociais, há poucos estudos²³ que apreendem como ocorre esse processo de transmissão e de apropriação cultural.

Para nossa pesquisa, destacam-se os estudos de De Singly (1993, 1996), porque possibilitam observar as especificidades que constituem o processo de participação no mundo letrado por “herdeiros”. Sobretudo o conceito de “apropriação”, utilizado pelo autor, permite identificar, descrever e analisar os processos que envolvem dois movimentos, os quais constituem a participação nas culturas do escrito por esses indivíduos: em primeiro lugar, o investimento da família na transmissão de uma herança cultural a eles; em segundo, o trabalho ativo dos indivíduos a fim de herdarem o capital cultural que se busca lhes transmitir em vários contextos de interação social. Pressupõe-se, portanto, que o membro de uma família, a qual se esforça para lhe transmitir um conjunto de práticas letradas, não se torna um “herdeiro” do capital cultural naturalmente, espontaneamente, mas, sim, devido a um trabalho do grupo familiar de transmissão, a ele, da herança cultural, trabalho esse que pode ser deliberado, intencional ou não, como também devido ao seu próprio trabalho, o qual envolve ações de apropriação²⁴ dessa

²² Para BOURDIEU (1998), o capital cultural poderia ser compreendido a partir de sua manifestação em três estados: o estado incorporado, o estado objetivado, o estado institucionalizado. No estado incorporado, o “capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um habitus” (p.74-75). É pela sua existência nesse estado, que o indivíduo poderia não somente ter uma “acumulação de capital cultural”, por meio de “um trabalho de inculcação”, mas também poderia ele assimilar o capital cultural, que se busca transmitir, por meio de um “trabalho de aquisição”, um trabalho ativo do sujeito “sobre si mesmo”, que lhe permitiria, desse modo, apropriar-se do capital cultural possuído em sua forma material (capital cultural no estado objetivado), por exemplo, por sua família e apresentado a ele na forma de uma herança cultural. Quanto ao seu estado institucionalizado, o capital cultural manifesta-se na forma objetivada de certificados; mais especificamente, na forma de diplomas ou certificados escolares. Esse estado do capital cultural caracteriza-se, sobretudo, pelo “reconhecimento institucional” de uma competência cultural conferida ao seu portador (BOURDIEU, 1998, p.78-79).

²³ Além dos estudos citados anteriormente (DE SINGLY, 1993, 1996; NOGUEIRA, 1995, 1997; RESENDE, 2007; NOGUEIRA, ROMANELLI, ZAGO, 2000), destacam-se ainda, no âmbito dos estudos feitos na atualidade, na França, as pesquisas realizadas por LAHIRE (1997, 2002, 2004, 2006).

²⁴ Para um aprofundamento da discussão sobre essa acepção do conceito de apropriação, ver DE SINGLY (1993, 1996).

herança. Para o nosso estudo, também contribuíram os conceitos de “disposições” e de “herança”,²⁵ utilizados por Bernard Lahire (2004).

2. Pedro Nava e a produção memorialística: alguns indícios²⁶ das condições e dos modos de sua participação nas culturas do escrito

2.1. Um perfil²⁷ do sujeito da pesquisa

A 05 de junho de 1903, iniciou-se a história de Pedro Nava em Juiz de Fora. O médico e escritor mineiro foi considerado, por Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), seu amigo pessoal, um dos maiores figurantes do quadro da memorialística de língua portuguesa. Em seus processos de participação nas culturas do escrito, ocuparam papel relevante pelo menos duas agências relacionadas aos usos sociais da leitura e da escrita, que contribuíram, de modo decisivo, para a sua formação: a família e a escola. É recorrente, nas *Memórias* de Pedro Nava, o destaque para a importância das “palestras de depois do jantar; nas tardes de calor, nas varandas que escurecem; nas dos dias de batizado, de casamento, de velório [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.9) que realizavam os parentes mais velhos com o intuito de assegurar a transmissão, para as gerações mais novas, da memória familiar, a qual não só particularizava o “clã”²⁸ dos Nava, mas também parecia constituir a

²⁵ “Herança”, para LAHIRE (2004, p.334), pode ser concebida também no seu sentido “imaterial”. Desse modo, a herança seria “constituída de maneiras de ver, de dizer, de sentir e de agir, isto é, de hábitos corporais, de crenças, de categorias de percepção e de apreciação, de interesses e de desinteresses, de investimentos e desinvestimentos, de gostos e de desgostos”. De acordo com o autor, esse tipo de herança chegaria ao “herdeiro” por meio de socializações diretas, silenciosas ou por meio “de uma inculcação ideológico-simbólica”, as quais aconteceriam “na família, na escola, entre pares ou no local de trabalho”.

²⁶ O paradigma a partir do qual se desenvolveu a metodologia empregada na reconstrução do passado em alguns dos estudos de Ginzburg foi denominado pelo autor de Paradigma Indiciário (GINZBURG, 1990). Diferentemente da definição de paradigma apresentada por Thomas Kuhn (2005), trabalha-se com a busca de vestígios como sinais de uma experiência humana e, por isso mesmo, como dados que, identificados, reunidos, enfim, organizados a partir de métodos específicos e rigorosos, podem contribuir para a escrita da história. Para um aprofundamento dessa metodologia própria de estudos do campo da História, ver GINZBURG (1990).

²⁷ O desenho do perfil de Pedro Nava é esboçado aqui, a partir do estudo de SOUZA (2004) e também a partir de minha análise das *Memórias*.

²⁸ Para significar esse termo, Pedro Nava, em *Baú de Ossos*, afirma: “[...] no fim de certos risos, no remate de dados gestos, [...] reconhecemos o Avô, o antepassado, [...] nas cinco gerações que dele defluíram e de que nenhum membro ainda se perdeu de vista, e de que todos se olham com a simpatia, a solidariedade e a compaixão que fazem de nós um forte *clã*. Não pela superioridade, porque não há famílias superiores nem

identidade de seus membros.²⁹ Também não se pode desprezar a experiência escolar do escritor da qual foram frutos o segundo e o terceiro livro de suas memórias: *Balão Cativo* (1973) e *Chão de Ferro* (1976).³⁰ Primeiro em Belo Horizonte, no Colégio Anglo-Mineiro,³¹ depois no Rio de Janeiro, no Colégio Pedro II,³² Nava viveu o contato escolar com o mundo das letras.

Entretanto, Pedro Nava já havia iniciado seu percurso escolar em um “educandário” (NAVA, *BO*, 2002, p.296-297), uma “espécie de catecismo-jardim da infância”, e no Colégio Andrès³³ (p.255), em Juiz de Fora, onde residiu até 1910, ano em que se mudou com a família, para o Rio de Janeiro, por decisão de seu pai, o médico e sanitarista, José Pedro da Silva Nava. Com a morte do pai, em 1911, a família voltou para Juiz de Fora, residindo aí até 1913. Nesse ano, ocorreu nova mudança, agora, para Belo Horizonte. Nava continuou, então, o seu percurso escolar no Colégio Anglo-Mineiro, quando conheceu Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990). Depois disso, seguiu para o Rio de Janeiro, cidade em que completou o curso ginásial no Colégio Pedro II, retornando a Belo Horizonte somente em 1920, a fim de iniciar seu curso na Faculdade de Medicina. Após ter se formado como médico em 1927, Pedro Nava assumiu o cargo de chefe do serviço de

inferiores [...]. Eu disse forte *clã* – pela nossa consciência de diferenciação tribal” (NAVA, *BO*, 2002, p.13. Destaques do autor.).

²⁹ De acordo com Michael Pollak (1992, p.201), existiria “uma memória quase que herdada” à qual os indivíduos teriam acesso por meio da socialização. Ainda que um indivíduo não tenha vivido pessoalmente os acontecimentos que constituem a memória coletiva do grupo ao qual ele quer ou se sente pertencer, na socialização com os indivíduos desse grupo, ele se projeta ou se identifica com o passado desses sujeitos sociais. Segundo o autor, a memória, “essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes [...]. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis” (POLLAK, 1989, p.9).

³⁰ Trata-se das primeiras edições do segundo e do terceiro volume das *Memórias*.

³¹ Em busca realizada, em 29/07/2008, nas páginas do *Google acadêmico* (<<http://scholar.google.com.br>>), do *Scielo* – Scientific Electronic Library Online – (<<http://www.scielo.org>>); no site da Biblioteca Universitária da UFMG (<<http://www.bu.ufmg.br>>), do CNPq (<<http://www.cnpq.br>>), em sua plataforma de currículos, no site da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – (<<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>), de algumas revistas especializadas como a *Revista Brasileira de Educação* (<<http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm>>), não localizamos estudos sobre o Colégio Anglo-Mineiro.

³² A respeito do Colégio Pedro II, verificar a tese de Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior (2002), *Cultura escolar e formação da boa sociedade: uma história do Imperial Collegio de Pedro II*.

³³ Sobre o Colégio Andrès, ver Paulino de Oliveira (1966).

Epidemiologia do Centro de Saúde de Juiz de Fora. Em 1929, voltou a Belo Horizonte, onde permaneceu até 1931. De 1931 a 1933, trabalhou em Monte Aprazível, em São Paulo, partindo para o Rio de Janeiro, cidade em que viveu até a morte.

O poder econômico da família parece ter lhe possibilitado, durante sua formação inicial, estudar nos colégios renomados das cidades em que viveu. Somado a isso, Pedro Nava tinha disponibilidade para o contato com o mundo das letras. Devido a seu pertencimento a uma família abastada, Nava, de acordo com suas memórias, sempre teve tempo disponível para estudar, desfrutar da cultura “legítima”³⁴ da sociedade de sua época (NAVA, *BO*, 2002, p.353-355). Diferentemente das crianças pobres, que viveram entre os fins do século XIX e o início do século XX, em Juiz de Fora, muitas das quais trabalhavam nas indústrias da cidade, para ajudar financeiramente suas famílias, conforme o que revela a pesquisa de Eliana Dutra (1988), Pedro Nava viveu todo o período escolar sem trabalhar. Ele podia desfrutar da música, componente comum do seu cotidiano. Na companhia de algumas das mulheres da família paterna, Nava assistia à tia, à prima estudarem Francês e piano (NAVA, *BO*, 2002, p.351); no ramo materno, via as irmãs de sua mãe ou tocando flauta (p.111, 113), ou se divertindo com a pintura (p.244). Também era permitido a Nava, menino, a convivência com materiais escritos, sempre disponíveis no espaço de sua casa, assim como era permitido a ele preencher as horas com a leitura de revistas, com a leitura literária, com o prazer de folhear os livros de arte das tias (p.347).

Pedro Nava pôde construir, assim, uma sólida carreira médica: ocupou postos em instituições públicas; assumiu cargos de professor catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas e de professor titular da Escola de Aperfeiçoamento Médico da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Além disso, estagiou em hospitais estrangeiros, participou de congressos nacionais e internacionais, destacou-se como pesquisador em Reumatologia. Foi eleito, em 1957, membro da Academia Nacional de Medicina e, em 1968, decidiu reduzir o trabalho como médico para se dedicar à escrita de suas memórias.

³⁴ Para uma discussão em torno das acepções de cultura “legítima”, geralmente em oposição aos sentidos que se costuma atribuir à cultura “popular”, ver BOURDIEU (1996) e GINZBURG (2006).

São os movimentos da memória que fizeram de Pedro Nava, segundo Francisco Barbosa,³⁵ o escritor que redimensionou a memorialística brasileira, a partir de 1972, ano de publicação de *Baú de Ossos*, o primeiro livro da série que compõe suas *Memórias*. Sua carreira literária, contudo, havia nascido muito antes, nas décadas de 1920 e 1930, quando participou, juntamente com Drummond, Abgar Renault (1901-1995), Emílio Moura (1902-1971), Milton Campos (1900-1972), João Alphonsus de Guimaraes (1901-1944) e outros escritores e intelectuais, do movimento modernista de Belo Horizonte. Nessa época, escreveu poemas e, antes das *Memórias*, dedicou-se à carreira médica por mais de 30 anos, tendo produzido, nesse período, grande número de textos sobre Medicina.³⁶ Grande parte desses textos encontra-se reunida nos livros: *Capítulos da História da Medicina no Brasil* (2003), *A Medicina de Os Lusíadas* (2004) e em *Território de Epidauro* (2003)³⁷. *Baú de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), *Beira-mar* (1978), *Galo-das-trevas* (1981), *O Círio Perfeito* (1983) e *Cera das Almas* (2006)³⁸ compõem a obra memorialística de Pedro Nava. Desses, *Cera das almas* possui poucas páginas, já que a escrita das memórias foi interrompida pelo suicídio de Nava a 13 de maio de 1984, quando o escritor se matou com um tiro na cabeça, próximo à rua onde morava.

³⁵ A breve análise de Barbosa do significado da escrita memorialística de Pedro Nava para a literatura brasileira encontra-se na segunda edição de *Baú de Ossos*, publicada em 1973. Sobre o redimensionamento da memorialística brasileira a partir do trabalho de Pedro Nava, ver também SOUZA (2004).

³⁶ Monique de Le Moing (1996) apresenta, em sua biografia de Pedro Nava, um vasto levantamento da obra do escritor. Entre as publicações, além das *Memórias*, encontramos poemas, trabalhos científicos, artigos (científicos e literários), prefácios, discursos, conferências, entrevistas. No espaço das obras inéditas, estão a *Biografia do Doutor Torres Homem*, poemas e *Cera das Almas*, o último volume da obra memorialística, publicado somente em 2006. Na listagem de Le Moing, salta aos olhos a imensa quantidade de cartas de Pedro Nava, tanto de sua correspondência ativa, quanto passiva. No conjunto de escritos desse gênero, destaca-se a “correspondência regular” (LE MOING, 1996, p.320) de Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade, mantida pelos escritores entre os anos de 1926 e 1983.

³⁷ Juntamente com essas obras, algumas delas, publicadas novamente a partir de 2003, foram encontrados, em livrarias do país, seus *Cadernos 1 e 2* (1999) – registros de fatos, pensamentos, apontamentos de viagens, ocorrências de leituras –; *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*: anotações extraídas dos diários do autor (2004. A primeira edição é de 1998); *O Bicho Urucutum* – seleção de textos e desenhos de Paulo Penido (1998), sobrinho de Pedro Nava.

³⁸ As datas citadas para referenciar os volumes que compõem as *Memórias* de Pedro Nava correspondem aos anos da publicação da primeira edição de cada um deles. Em nossa pesquisa, utilizamos as seguintes edições, produzidas pelas Editoras Giordano e Ateliê: *Baú de Ossos*, 10.ed., 2002, 464 p.; *Balão Cativo*, 5.ed., 2000, 416 p.; *Chão de Ferro*, 3.ed., 2001, 420 p.; *Beira-mar*, 5.ed., 2003, 501 p.; *Galo-das-trevas*, 5.ed., 2003, 512p.; *O Círio Perfeito*, 5.ed., 2004, 576 p.; *Cera das Almas*, 2006, 136 p.

2.2. As *Memórias* de Pedro Nava

Muito se tem estudado sobre Pedro Nava. Entretanto, as pesquisas localizadas sobre o memorialista concentram-se no campo da teoria e da crítica literária,³⁹ no qual o terreno tem sido mais fecundo no que concerne à exploração de sua obra memorialística. Assim, os pesquisadores têm tomado a obra do escritor como fonte e objeto de estudo.

As *Memórias* de Pedro Nava são constituídas por sete livros que, juntos, totalizam mais de 2.500 páginas. Nelas estão registradas as experiências do autor, de sua família, da vida entre os amigos do Bar do Ponto em Belo Horizonte, os anos na Faculdade de Medicina na mesma cidade, o percurso como médico em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. É também nessas páginas que encontramos, conforme veremos a seguir, o que Pedro Nava quis herdar de sua família: cultura (dita) erudita e (considerada) legítima; amor pelos livros, pela literatura, pelas artes plásticas e pelo cinema; valores e princípios para lidar com o mundo, com as pessoas.

Como já mencionamos, Pedro Nava iniciou a escrita de suas memórias em 1968, ano em que a história do país se desenrolava sob o regime militar. De acordo com Joaquim Alves de Aguiar (1998) e Eneida Maria de Souza (2004), Pedro Nava, apesar de ter, no início da década 1920, juntamente com Carlos Drummond de Andrade e demais jovens intelectuais, contestado os valores e comportamentos da sociedade mineira, pode ser caracterizado como um membro da burguesia nacional, que passou a ter como missão pensar o país. Para Souza (2004, p.29), “essa missão correspondia ao projeto cultural de uma geração que se colocou como porta-voz dos anseios populares, a elite intelectual

³⁹ No estudo de Eneida Maria de Souza (2004), elaborado no contexto das celebrações do centenário de nascimento de Pedro Nava, encontra-se uma seleção tanto dos textos de Nava e de entrevistas dadas pelo escritor à imprensa, quanto de artigos, dissertações, teses e livros sobre o memorialista. Também apresentam esse tipo de levantamento estudos anteriores sobre Pedro Nava. Para esta dissertação, destacamos as contribuições de Monique Le Moing (1996), Antônio Sérgio Bueno (1997), Joaquim Alves de Aguiar (1998). Vale notar, ainda, que, na última busca na Internet, realizada em 10/06/2008, em sites de bibliotecas universitárias, na plataforma *lattes* (de currículos de pesquisadores do CNPq), na página da CAPES, em páginas do *Google Acadêmico*, foram localizados aproximadamente 17 livros sobre o autor e mais de 100 links que nos levavam a inúmeros artigos, a dissertações e teses sobre Pedro Nava. A maioria dos estudos volta-se, como salientamos, para sua obra memorialística. Nessa perspectiva, são explorados os temas que Nava tratou ou permitiu aparecer nas (entre)linhas de seu texto (a morte, o desejo, as mulheres, o corpo, os espaços, a identidade, o tempo, as paixões, o Brasil, o trabalho em arquivos); a intertextualidade como um dos pilares de sua narrativa; os recursos estéticos e estilísticos utilizados pelo autor em sua composição; a linguagem memorialista e literária das *Memórias*.

modernista, voltada para o conceito de nação como resultado de um trabalho planejado de cima para baixo, respeitando hierarquias de ordem social e política”.

No início da década de 1970, ainda durante a ditadura, Pedro Nava publicava suas *Memórias*, que se caracterizam por ser uma narrativa épica da história de sua família, de sua formação, da geração intelectual à qual pertencia (SOUZA, 2004, p.18). De acordo com Souza (2004),

Em plena década de 1970, o impacto causado pela publicação do primeiro volume das *Memórias* propiciou a releitura do cânone literário brasileiro. A retomada da tradição memorialista representava para a crítica a necessidade de refletir sobre conceitos até então recalcados pela vanguarda literária, tais como o de tradição, de memória, de autobiografia. Com a estréia de Nava, descortina-se novo panorama para as letras nacionais, no qual se mescla a história e a ficção, a tradição e o novo, com o objetivo de ampliar a concepção de escrita memorialística e de modificar o estatuto do texto literário. Confirma-se não só o resgate de um gênero que se encontrava em baixa, mas este se impõe como referência para a história, a política e a cultura das primeiras décadas do século XX (p.19).

Segundo a autora (2004, p.26), Pedro Nava tinha uma posição distinta em relação à posição dos modernistas de São Paulo. O escritor orientava-se ainda por padrões estéticos e políticos conservadores, apresentando, ao longo dos tempos, uma atitude entre tradicional e moderna. Pedro Nava, em suas memórias, mesmo tendo retratado o período que compreende a ditadura do Estado Novo, não ataca a política de Getúlio Vargas em seu texto. De acordo com Souza (2004, p.31), por ter amigos no Governo, Pedro Nava opta por não fazer “uma crítica contundente aos colegas-políticos, pelo fato de o escritor lhes reservar um olhar de amizade e admiração, além de serem companheiros a quem o escritor devia favores e com os quais estabelecera um pacto fraterno e ético”.

Desse modo, na perspectiva de Souza (2004, p.32), a obra memorialística de Pedro Nava apresenta o perfil de um Brasil “cordial e amigo”. Histórias de família, experiências da geração modernista e universitária de Belo Horizonte, da classe médica do Rio de Janeiro, “são narradas em estilo majestoso e mitificado”, o que, conforme a autora, “comprova a liberdade” de Nava para ficcionalizar o passado. A reconstrução de objetos e pessoas se faz, desse modo, por intermédio da literatura, “capaz de enaltecer e dar mais vigor ao fato narrado”.

A obra memorialística de Nava, como se vê, não se apresenta apenas como um lugar depositário dos saberes herdados pela família. Seu texto revela ainda os conhecimentos e aprendizados que o próprio escritor pôde construir ao longo da vida.

Certamente a erudição explicitada, senão em todas, em praticamente todas as páginas das *Memórias*, leva-nos a um arcabouço cultural cuja formação inicial se deve ao investimento familiar nessa direção, mas também ilustram a habilidade de Pedro Nava para continuar, ao longo da vida, cultivando os capitais recebidos na infância e transformando essa herança ao alimentá-la com mais conhecimentos e saberes.

Nesse processo de acumulação de capitais, a obra de Pedro Nava configura-se como um rico espaço de manifestação dos elementos que integraram esse processo. Temos, nas *Memórias*, no plano da forma e do conteúdo, arranjos lingüísticos, técnicas de composição da narrativa que nos transportam para episódios nos quais se desvelam suas experiências de aculturação na infância, na adolescência (períodos em que ocuparam lugar fundamental a família e a escola),⁴⁰ nos espaços de convivência com os pares.⁴¹ No caso de *Baú de Ossos*, trabalha-se com um enunciado que se insere no espaço memorialístico e que se torna singular também devido a suas condições de produção. Tanto no nível semântico da narrativa, quanto no plano mais formal do texto, que diz respeito à sua organização estrutural e lingüística, bem como ao estilo de Nava para narrar, temos a manifestação de conhecimentos cultivados e adquiridos por Pedro Nava ao longo da vida:

O Dr. Dilermando Cruz (Martins da Costa) era um leopoldinense fixado em Juiz de Fora. [...] Eu adorava ir com meu Pai a sua casa, por causa dele, dos seus filhos e sobretudo pelo ambiente de que conservei uma impressão veludosa e colorida. Vastos claros de paredes brancas, pardos de mobílias lustrosas, verde musgo de cortinas e panos de mesa, compondo natureza-morta onde as cores eram surdas e sem estridência, como nos quadros de Bracque. Essa impressão é absolutamente real e eu a descobri porque, vendo álbuns com reprodução de suas telas ou as que estão no Palais d'Art Moderne, de Paris, acudia-me sempre a lembrança do Dr. Dilermando Cruz. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.267. Os grifos são nossos, o destaque em itálico é do autor.).

A análise do plano semântico sempre aliada à análise do plano propriamente lingüístico nos mostra, mais de perto, como um indivíduo, que teve, em seus primeiros anos de vida, um investimento familiar na sua formação em relação ao mundo da leitura, da escrita, da arte, apropria-se dessa herança, cultiva-a e a transforma. Como se vê no

⁴⁰ Conforme o que é possível verificar em *Baú de Ossos*, *Balão Cativo* e *Chão de Ferro*.

⁴¹ Aqui nos referimos tanto às suas experiências entre intelectuais, escritores, participantes do movimento modernista, especialmente em Belo Horizonte, e estudantes, sobretudo os de Medicina, quanto às suas experiências entre colegas de trabalho, amigos e companheiros da idade adulta. Essas experiências encontram-se narradas em *Beira-mar*, *Galo-das-trevas*, *O Círio Perfeito* e nas poucas páginas de *Cera das Almas*.

trecho em destaque, e também na maior parte das *Memórias*, as palavras utilizadas pelo escritor e a maneira pela qual ele as articula na frase evidenciam o grau de seu domínio da escrita. Recursos poéticos, como a sinestesia e a personificação, aparecem em frases em que se combina “uma impressão veludosa e colorida de um ambiente”, cuja característica é sua “natureza-morta onde as cores eram surdas e sem estridência” de uma maneira que seria quase espontânea e natural.

A análise textual das *Memórias* também nos mostra o uso recorrente de comparações e metáforas pelo escritor. Tais recursos poéticos são muitas vezes utilizados pelo memorialista para (res)significar experiências vividas na infância, ou mesmo para atualizar suas experiências mais recentes em relação ao momento da produção memorialística. Desse modo, no trecho citado, a comparação, que tem como um de seus elementos a referência aos quadros de Bracque, serve, por exemplo, para atribuir sentido ao espaço da casa do Dr. Dilermando Cruz, freqüentado por Pedro Nava, quando menino, junto com o pai. Por sua vez, também o uso de saberes (eruditos?) relacionados às artes plásticas, especialmente à pintura, em muitos dos episódios das *Memórias*, (res)significam experiências da infância do menino, as quais se mesclam com as experiências tanto de formação do adulto, quanto do escritor que relembra os eventos da infância: “Essa impressão é absolutamente real e eu a descobri porque, vendo álbuns com reprodução de suas telas ou as que estão no *Palais d’Art Moderne*, de Paris, acudia-me sempre a lembrança do Dr. Dilermando Cruz”.

É importante ressaltar, por fim, que a obra memorialística de Pedro Nava modificou-se ao longo de sua produção. Se, em *Baú de Ossos*, *Balão Cativo*, *Chão de Ferro* e *Beira-mar*, o discurso de Nava caracteriza-se sobretudo pela presença maciça de elementos autobiográficos, de *Galo-das-trevas* em diante, encontramos traços mais ficcionais na narrativa. Nesse sentido, ao analisar a obra de Pedro Nava e a interrupção da escrita memorialística pelo suicídio do autor, Souza (2004, p.14) afirma:

Nava interrompe o projeto da escrita memorialista quando está narrando os acontecimentos da década de 1940, após ter optado pela abertura de seu texto aos recursos de âmbito mais ficcional. Inventa nomes para as personagens, cria diálogos romanescos, além de reduplicar, através do alter-ego Egon, o sujeito-narrador, por sentir a precariedade e a complexidade do texto autobiográfico. [...] Como enfrentar o desafio de se exhibir diante do outro? Os subterfúgios da escrita, a criação de duplos, a simulação pelas máscaras denotam, no nível autobiográfico, a força da ficção como afastamento do vivido e a opção pelo artifício como preservação da imagem do sujeito-narrador.

Assim, a maior parte de *Galo-das-trevas* e os dois volumes seguintes, *O Círio Perfeito* e *Cera das Almas*, apresentam uma narrativa mais ficcional ainda que se tenham lá registradas experiências da vida do autor.

*

Uma vez adquirida uma visão mais panorâmica⁴² das *Memórias* de Pedro Nava, do seu conteúdo e do estilo do escritor na composição da narrativa, passamos agora à exploração de *Baú de Ossos*, primeiro volume das *Memórias* e aquele que nos interessa mais de perto já que é essa a fonte que atende, de modo mais direto, aos objetivos de nossa pesquisa.

2.3. *Baú de Ossos*

O primeiro volume das *Memórias* foi publicado em 1972 pela Editora Sabiá.⁴³ Trata-se da estréia de Pedro Nava como memorialista, que teve, em vida, o reconhecimento pelo ofício de escritor. Em *Baú de Ossos*, Nava conta, em tom épico e eloqüente (AGUIAR, 1998; SOUZA, 2004), as estórias de sua família. Em quatro capítulos, *Setentrião, Caminho Novo, Paraibuna, Rio Comprido*, o autor viaja pelo Norte Brasileiro,

⁴² Para verificar uma leitura mais refinada, do ponto de vista da teoria e da crítica literária, destacamos aqui, além do estudo de SOUZA (2004), os trabalhos de BUENO (1997) e de AGUIAR (1998).

⁴³ De acordo com HALLEWELL (2005, p.474-476), a Editora Sabiá foi fundada, no Rio de Janeiro, em 1966, por Rubem Braga e Fernando Sabino (um dos amigos a quem Pedro Nava dedicou seu *Baú de Ossos*). Especializada em ensaios, poesia e ficção, a Sabiá editou, ainda na década de 1960, obras de Vinícius de Moraes, Clarice Lispector e a versão portuguesa de *Cien Años de Soledad*, de Gabriel García Márquez. O êxito da edição dessa versão da obra de Márquez transformaria o cotidiano da “pequena casa editora”, não deixando, desse modo, tempo livre para o trabalho literário de seus proprietários, fato que os levou a vendê-la para a “José Olympio, que então pôde [...] vangloriar-se de um catálogo que incluía cerca de 80% dos autores mais representativos do Brasil”. Pedro Nava teve, com exceção de *Baú de Ossos*, como salientamos, e *Cera das Almas*, a primeira edição dos livros que compõem sua obra memorialística publicados pela Editora José Olympio. As quatro edições posteriores de *Baú de Ossos*, como também as edições seguintes dos outros volumes das *Memórias*, exceto o último, também foram feitas pela editora. Localizada em São Paulo e posteriormente no Rio (HALLEWELL, 2005, p.442), a José Olympio, que já gozava de prestígio nos anos 1930, foi responsável pela publicação de textos de escritores importantes de nossa literatura. Experimentando um processo de constituição de “um patrimônio literário mais duradouro” (p.439), a editora passou a publicar a obra de José Lins do Rego, começando pela segunda edição (1934) de *Menino de engenho* (HALLEWELL, 2005, p.440-441). Apenas como ilustração, foram publicados pela José Olympio, ainda na década de 1930, títulos de Jorge Amado, Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos (p.443). À época da publicação das *Memórias* de Pedro Nava, a José Olympio já havia editado obras de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, João Cabral de Mello Neto, João Guimarães Rosa e, no âmbito das traduções literárias, os *Pequenos poemas em prosa* de Charles Baudelaire, a autobiografia de Leon Tolstoi, obras de Balzac e Dostoiévski.

pela Europa; explora o espaço que seria mais tarde a cidade de Juiz de Fora; atravessa o Rio de Janeiro a fim de construir a genealogia da família paterna, retomar o passado de parentes, na busca obstinada por suas origens. É nesse volume que ganham corpo os parentes que tanto influenciaram o escritor; é aí que se erguem os episódios da sua história, e “a oralidade das narrativas, transmitidas através das gerações, [...] constantemente [é] chamada para compor as *Memórias*. [...]” (AGUIAR, 1998, p.18-19).

As grandes personagens da narrativa de Pedro Nava aparecem já nas primeiras páginas do livro. *Baú de Ossos* foi dedicado aos avós paternos do escritor, a seus pais, tios, a um dos sobrinhos, a primas, como Raquel de Queiroz, a amigos, à Nieta, sua esposa. O primeiro volume das *Memórias* apresenta-se como um anúncio de toda a obra memorialística. *Baú de Ossos* é extenso, caudaloso, capaz de comover e alfinetar, porque o autor, ao narrar sua história, mergulha nos sentimentos que nos faz tão desnudamente humanos, expõe as grandezas e as misérias de suas personagens. O livro conta também com um texto de Carlos Drummond de Andrade, uma espécie de prefácio, em que o poeta apresenta sua percepção da produção do grande amigo Pedro Nava. Há, em seguida, um poema de Manuel Bandeira, publicado no livro *Libertinagem*, que abre *Baú de Ossos*. “Profundamente” nos é apresentado, pelo memorialista, como a epígrafe do texto de longo fôlego que se inicia, assim como uma citação de Anatole France⁴⁴ sobre a faculdade de fazer aparecer o passado por meio da memória.

No capítulo 1, *Setentrião*, Pedro Nava (re)constrói a história da família paterna. São 87 páginas dedicadas ao desenho de suas personagens que se distribuem em nove partes, as quais constituem o primeiro capítulo de *Baú de Ossos*. Nos dois primeiros subcapítulos, que, aliás, apresentam-se como a maior parte do capítulo 1, ocupando 56 das 87 páginas destinadas ao primeiro momento da obra, Nava delinea, primeiramente, o ramo da família ligado às origens do avô paterno. Percebemos como o memorialista trabalha na busca de suas origens. Não basta apenas escrever impressões sobre a família paterna; é necessário também explorar documentos. Dessa maneira, ganham espaço em *Setentrião*, tal e qual em outros capítulos das *Memórias*, informações obtidas ou inferidas de certidões, cartas, reminiscências, de material oral. No processo de (re)construção de seus parentes, logo se

⁴⁴ A influência de Anatole France sobre a obra de Pedro Nava já se anunciara no conto “De um homem que não existe”, publicado na Revista *Ilustração Brasileira*, em 1923. A esse respeito, ver SOUZA (2004).

vê aparecer as figuras humanas da família: o tataravô, o bisavô, o avô, Pedro, cujo nome veio se repetir no neto. Não é por acaso que, nas *Memórias*, o avô paterno recebera o nome de “Pedro num dia 7 de setembro” (NAVA, *BO*, 2002, p.12). Por um lado, é necessário engrandecer a família paterna;⁴⁵ por outro, a escrita deve demolir, também por contraste e comparação, determinados ancestrais maternos,⁴⁶ como acontece ao longo do segundo capítulo do primeiro volume da série.

O segundo subcapítulo traz o ramo da família ligado às origens da avó paterna; é a vez de Dona Ana Cândida Pamplona ocupar seu espaço nas memórias do neto. Embora exista, em grande medida, uma seqüência cronológica nas *Memórias*, em muitos momentos da narrativa, Pedro Nava entrelaça histórias, espaços e personagens separados entre si pelo tempo, pelos fatos. Contudo, na estrutura mesma do texto memorialístico, esses entrelaçamentos ganham sentido e evidenciam movimentos próprios da memória.⁴⁷ Desse modo, no subcapítulo 2, que também se subdivide em nove partes, aparecem com mais detalhes os avós paternos do escritor; são “retratos” humanos que passam a povoar a narrativa. É ainda no subcapítulo 2 que o escritor narra a gravidez da avó e o nascimento de seu pai, José Pedro da Silva Nava.

Os subcapítulos 3 e 4 são dedicados à vida do avô paterno. Na década de 1870, o avô trabalha no Rio de Janeiro, como dono de casa comissária. Mais adiante, já no subcapítulo 4, um personagem ganha destaque nas páginas de *Baú de Ossos*. Ennes de Souza, que seria primo e irmão adotivo de Pedro da Silva Nava, é apresentado com mais

⁴⁵ Segundo AGUIAR (1998), há uma clara tendência nas *Memórias* de engrandecimento da família paterna. Para o autor, em certa medida, Pedro Nava procura encobrir ou apresentar de maneira bem sutil fatos que, por assim dizer, poderiam tornar menos nobre a história dos parentes paternos. Já que o memorialista ama e admira esses familiares, sua escrita se apresenta em acordo com os seus sentimentos em relação a eles, de modo que a grandeza desse ramo da família é sempre destacada pelo escritor ao longo da narrativa de todos os volumes que compõem suas memórias.

⁴⁶ Do mesmo modo que engrandece a família paterna, para AGUIAR (1998) e SOUZA (2004), Pedro Nava, com “mão demolidora” (AGUIAR, 1998), apresenta certos familiares maternos. Esses estudiosos da obra de Nava reconhecem a importância dos parentes maternos – mesmo daqueles por quem Nava nutriu mágoas e um profundo rancor (SOUZA, 2004) – e a dimensão ocupada por eles nas *Memórias*, na formação do escritor. Entretanto, diferentemente da maioria dos parentes paternos, alguns dos membros da família materna, sobretudo a avó Maria Luísa, aparecem nas *Memórias* freqüentemente associados a ações e sentimentos negativos. Logo, as marcas profundas deixadas por esses parentes na vida, na memória de Pedro Nava, caracterizam-se, em grande medida, pela dor, pelo sofrimento – do sujeito-narrador ou de outras personagens –, pela injustiça presente no comportamento desses parentes. Essas feridas, que parecem nunca ter sido cicatrizadas, foram evocadas pelo escritor em suas memórias.

⁴⁷ A esse respeito, ver POLLAK (1989, 1992).

detalhes, bem como sua boa relação com o avô paterno do memorialista. É também nesse momento da narrativa que Pedro Nava narra a morte do avô e as ações desencadeadas por ela: a volta de Dona Cândida, com os filhos pequenos, para o Ceará; seu casamento com o cunhado, ex-marido da irmã morta em 1881, ainda na década de 1880. Nesse curto subcapítulo, de apenas 10 páginas, o memorialista faz ainda referência à formação de José Nava.

O pai do memorialista e Antônio Salles, marido de Alice, irmã de José, protagonizam a quinta parte do capítulo 1. Nesse subcapítulo, são narrados os episódios que dizem respeito à Padaria Espiritual, associação literária da qual eram integrantes o pai de Pedro Nava e o tio Salles, influências marcantes na formação do memorialista, como se verá mais adiante. No subcapítulo 5, Nava dedica-se principalmente à origem da Padaria Espiritual e ao lugar que Antônio Salles ocupou nessa associação. Pedro Nava trata ainda da Padaria Espiritual, de seu funcionamento, de seus integrantes, de sua produção e objetivo no subcapítulo 6.

Há, no subcapítulo 7, uma comparação entre a Padaria Espiritual e outros movimentos intelectuais, entre eles, vale notar, o Modernismo (NAVA, *BO*, 2002, p.81), além da caracterização dessa sociedade de letras. A caracterização da Padaria continua no subcapítulo 8, e aí são caracterizados também seus componentes, sobretudo Antônio Salles. Pedro Nava finaliza o subcapítulo tratando da relação de seu pai com a associação. Finalmente, *Setentrião* é concluído no subcapítulo 9, com a retomada por Pedro Nava do processo de formação de seu pai até a Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro.

Pode-se afirmar que o primeiro capítulo de *Baú de Ossos* divide-se, do ponto de vista estrutural, em duas grandes partes, embora nos seja apresentada uma divisão em nove subcapítulos. Na primeira, que parece ser a de maior peso para o memorialista – uma das provas disso é o número de páginas dedicado a ela –, encontra-se o núcleo de constituição da família paterna, suas origens e os eventos relacionados às vidas dos avós. Na segunda, estão narrados os episódios que envolvem a formação de seu pai e aqueles os quais se referem à Padaria Espiritual e que, ainda assim, não deixam de envolver duas figuras pertencentes ao ramo paterno da família, muito importantes para Pedro Nava: o próprio pai e o tio Antônio Salles. É interessante notar, nesse sentido, que não é à toa que esse seja o capítulo que abre as *Memórias*. Poderíamos concluir que o mesmo valor que a família paterna teve para o escritor, em seu percurso, também se encontra na sua obra memorialística. Portanto, nada mais acertado que dedicar ao ramo paterno da família,

material e simbolicamente, o primeiro espaço em *Baú de Ossos*, o primeiro lugar nas *Memórias*.

Depois de viajar pela Europa, especialmente pela Itália, percorrer o Norte do Brasil, sobretudo o Ceará, aportar no Rio de Janeiro e retornar ao Ceará, em busca das origens paternas, Pedro Nava se volta para o *Caminho Novo*. É hora de explorar o espaço geográfico que levará à exploração introspectiva dos ancestrais maternos. No segundo capítulo de *Baú de Ossos*, 81 páginas são dedicadas à (re)construção das origens da família materna do memorialista.

O capítulo 2 de *Baú de Ossos* organiza-se em sete partes. Para chegar ao ramo materno da família, Nava prefere, antes, mapear, de modo bem geral, o espaço geográfico em que se ergueu a família de sua mãe. Desse modo, são apresentados aspectos gerais que caracterizariam os mineiros, sobretudo suas elites (NAVA, *BO*, 2002, p.100). Uma vez construído o cenário em que se desenrolará a história dos parentes maternos, Pedro Nava parte para a exploração das personagens. O bisavô materno, seu caráter e sua personalidade violenta aparecem no final do subcapítulo 1 do segundo capítulo de *Baú de Ossos*.

Em articulação com a montagem do espaço geográfico das Minas Gerais, Pedro Nava, no subcapítulo 2, dá continuidade à composição dos “retratos” de seus ancestrais. Nesse momento da narrativa, sua atenção ainda se encontra sobre o bisavô, mas também ganham vida a avó Maria Luísa (a respeito de quem muito o memorialista terá o que falar ao longo das *Memórias*, sobretudo em *Baú de Ossos* e em *Balão Cativo*) e um dos seus tios-avós na ocasião da execução de duas escravas em Sabará:

Tenho um daguerreótipo que representa minha avó e o seu irmão Júlio à época desses sucessos, em Sabará. Ele, com uma carinha neutra de menino emburrado, e ela, uma figura estranha, onde as mãos, os braços e o tronco de criança emergem duma saia-balão. E esse conjunto é dominado não por uma face infantil, mas por uma cara adulta. Bonita cara, mas de expressão antipática e voluntariosa, com um olhar carregado de desconfiança e uma boca de dobra amarga. Analisando esse retrato e comparando-o com outros que Inhazinha tiraria mais tarde, vêem-se os traços todos onde se delineariam primeiro as linhas do rosto da linda moça que ela foi; depois, as curvas da bela mulher madura; em seguida, as pelancas e as rugas da velha ainda pretensiosa que eu conheci; os sulcos da ruína final que a arteriosclerose esculpia para a morte. [...] (NAVA, *BO* 2002, p.109-110. Os grifos são nossos.).

Nota-se, em primeiro lugar, a ironia do narrador com o emprego da palavra “sucessos”, pois, nesse trecho, ele se refere aos atos em praça pública, onde ocorriam castigos e execuções de escravos que se rebelavam contra seus senhores. Em segundo lugar, vale ressaltar que tão forte quanto a ironia é também o tom que o escritor usa para se

referir à avó materna. Aqui, já parece clara a antipatia do narrador (que percorrerá *Baú de Ossos e Balão Cativo*) por Maria Luísa. Destacam-se, nesse sentido, as palavras as quais o autor escolheu empregar, o modo pelo qual ele as arranjou nas frases a fim de (re)construir (ou destruir) a imagem da avó.

É importante notar que as histórias que marcam os subcapítulos de *Caminho Novo* são histórias que envolvem muita violência contra negros e negras, agressões que partem, como se pode esperar, de donos de escravos. Nessas histórias, quando negros e negras se rebelam e atacam também, são violentos e chegam até matar brancos, o castigo vem. Eles são condenados à morte, que, quando acontece na forca, é considerada um castigo pequeno. Nas palavras de Pedro Nava, para as duas negras que haviam matado uma *Sinhá*, “[...] o aconselhado, no caso, seria um bom auto-da-fé depois de tortura. E a cidade preparou-se para a execução como para uma festa de igreja. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.107).

Por meio do que se observa em *Baú de Ossos*, percebe-se que a violência contra negros, escravos, era compartilhada e consentida pelos moradores da cidade dos ancestrais maternos de Pedro Nava. A maneira como o escritor retratou os acontecimentos, envolvendo, por exemplo, o assassinato e a tortura de negros e escravos, inclusive no ramo materno de sua família, é bem mais chocante do que os episódios narrados pelo memorialista, os quais compõem o capítulo 1, dedicado a seus parentes paternos. A ferocidade do sujeito-narrador para contar e denunciar a crueldade tão presente na família materna nos faz pensar que a violência, característica da personalidade de muitos dos parentes desse ramo da família, seria um elemento da herança a qual o autor escolheu renunciar, ou preferiu apropriar-se para “demolir” (AGUIAR, 1998) alguns de seus parentes, mais tarde, nas *Memórias*. Logo, a ferocidade e a violência aparecem estampadas – e (res)significadas – nas palavras do escritor adulto, homem maduro e experiente.

Esse evento de execução de duas escravas em praça pública, entre os anos de 1855 e 1858, leva Pedro Nava, no espaço das *Memórias*, a associar certas características da personalidade agressiva de seu tio-avô e sobretudo da de sua avó aos ares da região de Sabará, às características da sociedade do lugar daquele período. No conjunto de tais elementos, estariam disposições violentas, que caracterizariam também o bisavô de Pedro Nava, Luís da Cunha. Valendo-se do conhecimento desses traços de seus ancestrais, Nava retoma a personalidade do bisavô, depois de descrever a execução das escravas, para concluir o subcapítulo 2.

Juiz de Fora desponta, finalmente, em *Baú de Ossos*, quando Pedro Nava elabora a terceira parte do capítulo 2. Estamos diante da abertura do Caminho Novo e da criação do que seria mais tarde a cidade de Juiz de Fora. O memorialista narra a chegada do bisavô materno ao lugar, com a mulher e os filhos, vindos de Sabará. No subcapítulo 3, encontramos a avó materna, o engenheiro Halfeld, responsável pela abertura do Caminho Novo, seu primeiro casamento e suas relações com o ramo materno da família de Pedro Nava, com Maria Luísa. Esse terceiro subcapítulo é concluído com a descrição da vida de Halfeld e de sua relação com a segunda mulher.

A atenção de Pedro Nava sobre a vida de Halfeld é mantida no subcapítulo 4. Constituem a quarta parte do capítulo 2 suas relações com Juiz de Fora e com os filhos do primeiro casamento, que aparecem na disputa pela herança do pai, uma vez que o engenheiro havia se casado novamente. Nesse momento, o narrador passa a apresentar a relação de Halfeld com o dinheiro, com suas posses:

[...] Em que negociava Halfeld e com que fez ele sua fortuna milionária? Primeiro terras, terras, terras, sesmarias, sesmarias e sesmarias. Em Juiz de Fora, olaria e material de construção. [...] alugava seus pastos. Alugava escravos de ganho. Alugava, construía e vendia casas. Fornecia material de revenda, como ao cunhado e aos filhos para a construção do Cemitério e do Teatro. Agiotava. Empréstava mediante hipoteca de objetos e de escravos. Grande cidadão. Cidadão prestante. Mas negócios são negócios. [...] (NAVA, *BO* 2002, p.134. O grifo é nosso.).

Com ironia, Pedro Nava trata das características do primeiro marido da avó materna; o sujeito-narrador coloca em dúvida o caráter de cidadão que teria Halfeld. Para dar continuidade ao subcapítulo, mais adiante, Pedro Nava utiliza o mesmo tom quando analisa a “influência” do engenheiro sobre a avó Maria Luísa, sua terceira esposa. O subcapítulo é concluído, dessa maneira, já com a referência à morte de Halfeld.

Voltando um pouco mais no tempo, no subcapítulo 5, Pedro Nava busca as raízes portuguesas da família materna. Senão todas, o memorialista explora muitas das gerações de parentes que antecederam a sua. Nessa quinta parte do capítulo 2, encontramos os ancestrais maternos do escritor em Minas: pais, avós e bisavós de Luís da Cunha.

O foco está, contudo, sobre a mãe do bisavô materno de Nava, D. Lourença, que se apresenta como o primeiro membro da família com fortes disposições violentas:

Se quase não ficou lembrança do Capitão José Luís Pinto Coelho da Cunha, pai de Luís da Cunha – de sua mãe, a matriarca Dona Lourença Maria de Abreu e Melo, transmitiram-se várias reminiscências. Sua forte personalidade é presença nos seus descendentes que andam aí pelos sétimos e oitavos netos. Para torná-la mais real, além dos casos repetidos de geração em geração, há um

daguerreótipo que mostra como ela era aos 74 anos de sua idade. Foi feito na Corte em 1855 e está emoldurado como o de sua irmã mais moça, Dona Francisca Maria Vale de Abreu e Melo Nogueira da Gama – a futura Baronesa de São Mateus. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.144).

A ferocidade de D. Lourença que, nesse momento das *Memórias*, aparece amenizada pelo eufemismo, “forte personalidade”, seguirá a linha genealógica da família e aparecerá em Luís da Cunha, seu filho, como também nos netos Júlio Pinto e Maria Luísa, tio-avô e avô de Nava. Das 15 páginas que constituem o subcapítulo, D.Lourença está presente em pelo menos 12.

Maria Luísa vem ocupar as páginas do subcapítulo 6. Nava trata da vida da avó materna depois da morte do engenheiro Halfeld, do casamento com Joaquim José Nogueira Jaguaribe, o avô do escritor. Nesse subcapítulo, percebemos a comparação do memorialista entre a família de Maria Luísa (grupo de parentes pelo qual a antipatia de Nava é evidente) e a família de Quincas (ramo da família materna por quem demonstra afeto). Aí, mais uma personagem entra em cena: o pai de Joaquim, também bisavô materno de Nava, e o escritor passa a (re)construir o ramo da família materna ligada aos Jaguaribe. Vencida essa etapa, Pedro Nava segue em direção ao fim de *Caminho Novo*, com o subcapítulo 7. Nele, o memorialista reflete sobre as genealogias e seu valor, sobretudo para um herdeiro da tradição familiar, como ele mesmo se define.

A conclusão de *Caminho Novo* e a análise empreendida das *Memórias* nos possibilitam afirmar que há equilíbrio na organização da estrutura de *Baú de Ossos*. Esse primeiro volume das *Memórias* constitui-se de capítulos de tamanhos mais ou menos semelhantes em relação ao número de páginas. Além disso, a organização interna de cada um dos capítulos também se aproxima. Iniciamos a viagem por *Baú de Ossos*, acompanhando o escritor na busca por suas origens; tanto no capítulo 1 quanto no capítulo 2, encontramos a genealogia familiar do escritor, os “retratos” de personagens da família, os ancestrais paternos e maternos erguidos pelo poder do memorialista de escrever o passado.

O capítulo 3, *Paraibuna*, quanto ao número de páginas, é o mais significativo dos capítulos de *Baú de Ossos*. As 105 páginas se distribuem em seis subcapítulos em que se tece a vida do escritor em Juiz de Fora, a vida de seus pais, sua relação com os parentes maternos e os amigos da família, sua infância. Na primeira parte de *Paraibuna*, o memorialista retoma a formação de Juiz de Fora, já referida na terceira parte de *Caminho Novo*. Agora é o rio Paraibuna que faz fluir a memória de Pedro Nava. Junto dele, estão a

família materna, as relações de trabalho do avô materno na cidade e o desenrolar da história de Jaguaribe com a avó do escritor. Encontram-se registrados, nesse subcapítulo, o nascimento da primeira filha de Maria Luísa com Quincas, Hortência, e as relações entre Jaguaribe, o sogro e os cunhados.

O valor dado aos títulos da Guarda Nacional por Luís da Cunha, também é assunto do escritor no subcapítulo 1, assim como o título de major conferido a seu avô, devido às influências do pai de Maria Luísa. Jaguaribe e Luís da Cunha estão em cena, sendo que, em seguida, é o bisavô materno, novamente, o centro das atenções de Nava. Não escapam à pena do escritor a doença e a morte de Luís da Cunha. A herança deixada pelo bisavô para os filhos (que, na perspectiva de Nava, dela se apropriaram) era a ferocidade que os caracterizava.

Outras perdas estão no subcapítulo 2: a morte de tio Leonel, irmão de Jaguaribe, tio-avô de Nava, um dos poucos parentes maternos admirados pelo escritor, e a morte de tia Matilde Luísa, irmã de sua mãe. O memorialista também aborda a história do “desenvolvimento” e do “progresso” de Juiz de Fora em linhas gerais, entre 1870 e 1889,⁴⁸ os cargos ocupados por Jaguaribe nesse período. O casamento de sua tia Berta, filha de Maria Luísa e Halfeld, com Constantino Luís Paletta lá está, como também o nascimento da primeira neta do casal Quincas e Maria Luísa. Vida privada e vida pública percorrem a memória de Pedro Nava e, assim, as conseqüências da proclamação da República para Juiz de Fora constituem também matéria para o subcapítulo. Esse é o momento da narrativa em que o avô materno encontra-se em São Paulo, em Bom Jesus e no Rio de Janeiro, juntamente com a mulher e as três filhas. Em Bom Jesus e no Rio de Janeiro, entram também em cena a irmã de Quincas e seu cunhado com os filhos.

O memorialista ficcionaliza o passado, e talvez, por isso mesmo, a história esteja presente em sua narrativa. *A belle époque*⁴⁹ é referenciada por Nava nesse subcapítulo e, em seu seio, o desenrolar da vida familiar do escritor. A segunda parte do capítulo 3 de *Baú de Ossos* traz ainda o encontro entre as famílias de seus pais, o encontro entre seu pai e sua mãe. No jogo da memória, a formação do pai ressurge e também, mais uma vez, a

⁴⁸ Sobre Juiz de Fora, a respeito das mudanças pelas quais a cidade e sua população passaram, relacionadas à construção de uma identidade pelas elites juizforanas entre 1850 e 1888, ver James William Goodwin Junior (1996).

⁴⁹ Sobre *a belle époque*, ver Nicolau Sevcenko (1998).

vida de José Pedro da Silva Nava, ainda estudante de Medicina, no Rio de Janeiro, antes do casamento com Diva Mariana. Como uma seqüência do anterior, o subcapítulo 3 é dedicado à formação de José Nava em Medicina e Farmácia. Em 26 páginas, está (re)construída a história de José: sua infância, a relação com os pares, o casamento com Diva, a mudança para Juiz de Fora, o nascimento do filho Pedro Nava.

Página 227: passamos da metade de *Baú de Ossos* e somente agora Pedro Nava entra na sua própria história com maior força. No subcapítulo 4, mergulhado na reflexão sobre a memória, o escritor narra sua infância. Rosa, a negra que trabalhava para a avó Maria Luísa, é uma das grandes personagens desse período da vida de Nava. Como se verá adiante, ela é a grande contadora de histórias e narradora dos contos de fada para o menino que o memorialista foi. Nos movimentos da lembrança e do esquecimento,⁵⁰ o memorialista localiza José Nava, seus colegas em Juiz de Fora e a relação dele mesmo, Pedro Nava, com os colegas do pai.

No subcapítulo 5, muitas personagens ganham voz no espaço da memória de Pedro Nava, muitos espaços são povoados graças ao poder da escrita e à capacidade do memorialista de lembrar e (re)criar o passado. Nesse subcapítulo, encontramos a prima materna de quinze anos; as tardes na casa da avó Maria Luísa, na companhia da mãe; os parentes que lá moravam; a “casa velha” de propriedade da avó materna. Estão também narrados, na quinta parte de *Paraibuna*, os episódios que revelam a relação de José com a avó do escritor, sobretudo no que se refere às ações de Maria Luísa em relação às “suas” negras. Tal como na vida de todo dia, o subcapítulo é constituído por fatos diversos que misturam alegrias e tristezas: as bodas dos tios-avós de Nava; outras duas mortes na família; as festas de junho, de São Pedro, com as fogueiras que tanto encantavam as crianças; a passagem do cometa de Halley.

Além das vivências no cotidiano da família, o subcapítulo 5 também é dedicado ao Colégio Andrès e às aprendizagens de Nava na instituição. A narrativa envolve suas professoras e o dia-a-dia do escritor na escola. Revelações menos confessáveis também integram esse momento das *Memórias*. O conhecimento por outros de “delitos” da

⁵⁰ De acordo com POLLAK (1992, p.203), a memória é seletiva; nem tudo fica gravado, registrado. Além disso, ela se constitui a partir de preocupações do momento; a memória é um fenômeno construído. No caso da memória individual, tal reconstrução pode ser consciente ou inconsciente. “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (p.204).

infância, como por exemplo, o roubo, pelo menino, das coleções de postais da prima materna, que encantavam Pedro Nava por encenarem as histórias de Paulo e Virgínia,⁵¹ de Joana d'Arc, compõe essa parte da narrativa.

As impressões da infância vão, assim, permitindo a Pedro Nava a reconstrução do passado. A doença do pai,⁵² a vida na Rua Direita, os amigos, os vizinhos, a fazenda de Santa Clara, lugar em que Nava viveu com os pais durante algum tempo, tudo isso serve de matéria para as *Memórias*. Desse modo, o narrador encerra esse subcapítulo descrevendo a relação com o pai, com os amigos de José, cujas casas o escritor visitava. Esses temas, uma vez tratados por Pedro Nava, vão ganhando outras tonalidades ao longo do texto ao serem retomados. A companhia da mãe, a relação de seus pais e parentes maternos com Constantino Paletta, marido de Berta, uma das tias maternas de Nava, apresentam-se como os últimos aspectos abordados pelo memorialista no subcapítulo 5.

A última seção de *Paraibuna* subdivide-se em duas partes. Na primeira, Pedro Nava trata da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora e o papel de seu pai nessa instituição.⁵³ Aí estão a vida de José como médico na cidade, seu exercício de diferentes funções, em Juiz de fora, ligadas à Medicina.⁵⁴ Na segunda, encontramos a família, a caracterização das personagens, seu comportamento e suas atitudes. Apresenta-se aí, novamente, Maria Luísa. Concluindo o subcapítulo 6, por meio de uma espécie de técnica de composição da narrativa, Pedro Nava retoma a figura do pai, expressa em seu desejo pelo Rio e, a partir daí, as viagens do escritor, menino, para a cidade, a fim de se encontrar

⁵¹ A respeito da trajetória amorosa e trágica do casal, tecida no romance de Jacques Henri Bernardin De Saint-Pierre (1737-1814), ver SAINT-PIERRE (1937).

⁵² O pai de Pedro Nava, assim como outros de seus parentes paternos, sofria de asma.

⁵³ O *Jornal do Commercio* de 04/06/1909 publicou, em uma coluna destinada à “S. de Medicina e Cirurgia” de Juiz de Fora, um relatório de um dos encontros dos membros da Sociedade. O texto parece ser a ata ou parte do documento referente à “10 sessão” que ocorrera no dia “26 de maio” daquele ano. Nesse texto, aparecem as opiniões de alguns dos sócios a respeito de questões relativas à saúde pública brasileira, mais especificamente, às “molestias dos animaes” que podem adoecer o homem. Entre as opiniões publicadas na coluna, encontra-se a posição do “Dr. Nava”, para quem “é repugnante” consumir carne “contendo cysticercus” mesmo que “o helmintho” seja “destruido completamente pelo cosimento”. Sobre a tuberculose, para reforçar sua argumentação, José Nava afirma que, “em um congresso [...], reunido em 1888, sob a inspiração de Arloing, foi resolvido que deviam *ser destruidas todas as carnes provenientes de animaes tuberculosos, seja qual for a gravidade das lesões especificas encontradas*” (p.2. O destaque em itálico é do autor.).

⁵⁴ Nos jornais de Juiz de Fora, no período entre 1905 e 1909, encontramos notícias relacionadas à saúde pública da cidade em que a atuação de José Nava aparece registrada com freqüência. A exemplo disso,

com o pai, que, em algumas ocasiões, lá estava. É, por fim, a mudança da família de Nava (pai, mãe e irmãos) para o Rio de Janeiro que abre o texto para um novo capítulo, para uma nova fase na infância – e na vida – do memorialista.

Rio Comprido, capítulo 4 de *Baú de Ossos*, é o último capítulo do primeiro volume das *Memórias*. Constituído por quatro subcapítulos, essa seção aborda, principalmente, a vida do escritor no Rio de Janeiro. Embora o Rio seja um espaço da infância muito importante para Pedro Nava, *Rio Comprido* é menor que *Paraibuna*, capítulo no qual o escritor narra grande parte da sua infância em Juiz de Fora; ele é constituído por 93 páginas. No entanto, se comparado novamente, com mais cuidado, com o terceiro capítulo de *Baú de Ossos*, que possui 105 páginas para uma narrativa que engloba pelo menos sete anos da vida de Nava, o quarto capítulo do livro torna-se bastante significativo; afinal, são 93 páginas para narrar apenas um ano da vida do autor. As experiências vividas pelo menino na cidade em companhia dos pais, irmãos e parentes paternos, amados por ele, (re)construídas pelo escritor adulto, evidenciam a força dessa fase da infância de Pedro Nava. Certamente, esse foi, no espaço das *Memórias*, o período mais feliz desse momento da vida do memorialista. Muito provavelmente, se não fosse pela morte do pai em 1911, um ano depois da mudança da família para a cidade, *Rio Comprido* seria ainda mais caudaloso para o escritor.

Na primeira parte do capítulo 4, tal e qual no primeiro subcapítulo de *Paraibuna*, Pedro Nava explora o nome do rio da cidade que dá título ao capítulo. A descrição do Rio Comprido, de ruas do Rio de Janeiro e o tecido de comparações entre essas ruas e as ruas de Belo Horizonte e de Ouro Preto, assim como o detalhamento das casas da cidade constituem o grande eixo da primeira parte do quarto capítulo. O despertar da memória para a casa em que o escritor viveu durante o ano de 1910 finaliza o subcapítulo 1.

Reflexões sobre a capacidade da memória humana, seu funcionamento e também vários exemplos de como a própria memória de Pedro Nava trabalhava, sobretudo em relação ao período da infância, vivido no Rio de Janeiro, iniciam o segundo subcapítulo de *Rio Comprido*. Elementos como a casa onde Nava viveu quando tinha oito anos, na Rua Aristides Lobo, 106, o espaço que a cercava, as outras casas, os gradis compõem essa

destacamos as edições do *Jornal do Commercio* de 14/01/1905, 14/01/1906, 15/01/1906, 18/01/1906, 21/02/1907, 26/01/1908, 04/06/1909.

seção do capítulo. As nuvens e suas formas, que sempre se modificavam no céu e que encantavam Pedro Nava quando criança, também têm espaço no subcapítulo 2.

A atenção do escritor sobre as outras ruas da cidade do Rio de Janeiro (em comparação com Aristides Lobo), sobre o céu, as pessoas, os vizinhos permanece em boa parte do subcapítulo. Para entrar naquele passado, além da descrição minuciosa do espaço físico, recurso muito utilizado por Nava nas *Memórias*, o escritor oferece detalhes das festas que aconteceram na sua época de menino no Rio: a festa de São João, o Carnaval. Uma vez que a intenção do memorialista seria fazer (re)aparecer sua vida de menino, ainda que o escritor tivesse liberdade (pouco comum em outras esferas discursivas) para ficcionalizar o tempo de criança, tudo que poderia contribuir para a constituição de uma imagem desse passado é matéria para a escrita. Logo, até mesmo detalhes dos móveis da casa em que morava aparecem articulados às lembranças que eles trazem para o memorialista. Do espaço, dos objetos, Pedro Nava volta o olhar para os parentes e amigos da família: “Quem aparecia muito era o nosso parente Ennes de Souza, em companhia da mulher, D. Eugênia Salles Rodrigues Ennes de Souza. *Tio Ennes e tia Eugênia. Recordações amoráveis da infância... [...]*” (NAVA, *BO*, 2002, p.310).

Nesse subcapítulo, constituído por sete partes, muito ainda o escritor terá para contar. Mais uma vez, ao lado da vida e das alegrias da infância, Pedro Nava não deixa de destacar o poder da morte. A “indesejada das gentes” aparece novamente atrelada à perda de parentes e conhecidos. Todavia, os que escapam dela e sobrevivem às doenças também detêm a atenção do narrador. Encontramos, no subcapítulo 2, o tratamento da prima, filha do tio Paletta, empreendido pelo pai e pela mãe do escritor. O sujeito-narrador registra também o nascimento de Ana, sua irmã, e retoma, como em um jogo cujos limites são a vida e a morte, a ameaça das perdas. É nesse subcapítulo que a doença da mãe e sua cura estão narradas, bem como a morte de um menino, filho da ama-de-leite de Ana.

Finalmente, as alegrias da infância de Pedro Nava são retomadas com a chegada de tia Alice e tio Salles, grande responsável pelas experiências de Nava com materiais escritos, ao Rio de Janeiro, enquanto lá morava Nava com os pais e irmãos. O escritor descreve o dia-a-dia das pessoas na casa em Aristides Lobo, tanto dos moradores, parentes seus, quanto daqueles que visitavam a casa. Ressuscitadas pelo poder da escrita, deparamo-nos com a tia paterna de Pedro Nava, Maria Euquéria Nava, a tia Bibi, e a tia-avó paterna Marout, de cujos ensinamentos Nava não se esqueceu. Para finalizar as 52 páginas que constituem o subcapítulo, são as conversas entre os parentes na casa da Rua Aristides

Lobo, as histórias ouvidas, as *estórias* contadas, o material explorado. Estamos mergulhados no cotidiano da casa e as recordações que suscita em Pedro Nava.

O subcapítulo 3 ganha uma nova tonalidade. Mesmo que a descrição de detalhes da casa de Aristides Lobo, dos móveis, dos cômodos, seja ainda o grande eixo do quarto capítulo de *Baú de Ossos*, o cotidiano das pessoas da casa aqui descrito inclui também as suas práticas de leitura e escrita. Porém, o lugar da casa em Aristides Lobo é espaço de muitas lembranças para Pedro Nava. O Rio Comprido traz, para o memorialista, significados, relações, histórias:

Depois das cauterizações em que eu tinha a impressão de estar engolindo arame-farpado posto em brasa, meu Pai me dava a compensação. Sorvete na Lalet e sessão de cinematógrafo. [...] Era uma casa de espetáculo ou talvez de simples mostra de filme como curiosidade, parece que na Rua do Ouvidor. Chamava Kinema – com K e tudo. A sala, quando escurecida, continuava iluminada com lâmpadas vermelhas, como se usa hoje nas demonstrações audiovisuais – para permitir a escrita, aos que tomam notas, sem prejudicar as condições óticas requeridas pela projeção. [...] Infelizmente não tenho a menor idéia dos filmes rodados e lamento essa lacuna de minha atenção, esse buraco de queijo na minha memória, pois, pela época, eu devia estar tendo a prerrogativa de ver as bandas heróicas da primeira fase do cinema, a prechaplíniana, a que vem de 1895 e acaba no primeiro Carlito – *Making a Living* – de janeiro de 1914 (NAVA, *BO*, 2002, p.362-363).

Oito páginas, com impressões e sentimentos que caberiam em outras 100, encerram o capítulo 4. De novo, o jogo. Novamente, a alternância entre alegrias e tristezas guia a memória de Pedro Nava. No subcapítulo 4 de *Rio Comprido*, tio Salles volta para o Ceará e a busca dos pais por outra casa no Rio de Janeiro se inicia. O trabalho do pai é explorado por Nava nesse momento da narrativa, mas por pouco tempo, já que, logo em seguida, José Pedro da Silva Nava entra na estrada sem volta, a caminho da morte:

Não tenho desse período nenhuma idéia da continuidade ou da seqüência dos dias. Vejo estes, dentro das situações dominantes que os marcaram, como grandes clichês fotográficos em que meu Pai, minha Mãe, os médicos, meus tios, as visitas – aparecem imobilizados na mímica da esperança, da dor, do desânimo, espanto, desespero. Com estes quadros reconstituo, mais ou menos, o que foi o mês de julho de 1911. A impressão mais forte desse tempo é a do isolamento imenso em que vivi. [...] Desceram o caixão de meu Pai até um palmo acima do outro – segundo informou o Heitor Modesto quando veio, de volta, dar conta de tudo e entregar a chavinha a minha Mãe. Os dias seguintes, até a missa de sétimo dia na Igreja de São Francisco de Paula (onde vários amigos-amigos-negócios-à-parte, dando pêsames, davam seu abraço de despedida de nossas relações), aparecem nas minhas recordações como uma seqüência cujas cenas foram, umas, indelevelmente gravadas e outras, sovertidas em espessa treva. [...] Não sei se sofri na hora. Mas sei que venho sofrendo destas horas, a vida inteira. Ali eu estava sendo mutilado e reduzido a um pedaço de mim mesmo, sem perceber, como o paciente anestesiado que não sente quando amputam sua mão. Depois a ferida cicatriza, mas a mão perdida é dor

permanente e renovada, cada vez que a intenção de um gesto não se pode completar. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.373-376).

O fim do subcapítulo 4 e do último capítulo de *Baú de Ossos* vem com a morte do pai do memorialista. A saída de Nava, com mãe e irmãos, do Rio e a volta para a casa da avó materna em Juiz de Fora são os episódios que concluem o primeiro volume das *Memórias*. Finaliza-se *Baú de Ossos*. Pedro Nava está com oito anos de idade; o período de felicidade no Rio de Janeiro termina e a infância alegre de Nava vai se tornar mais turva. Com a volta para Juiz de Fora, com a volta para a casa de Maria Luísa, o tormento, para o menino, recomeça.

*

Tendo situado o leitor no espaço de nossa investigação, bem como quanto ao sujeito da pesquisa e nossa fonte principal, partimos agora para os capítulos que compõem esta dissertação. O capítulo I é dedicado à explicitação de nossos pressupostos teóricos e metodológicos no interior da análise do processo de produção tanto do texto historiográfico, quanto das *Memórias* de Pedro Nava. Para tanto, procuramos fazer dois movimentos. Em primeiro lugar, refletimos sobre os (des)encontros entre Literatura e História, como também sobre a utilização de autobiografias e memórias como fontes em estudos no campo da História da Educação. Em segundo lugar, analisamos o processo de produção das memórias de Pedro Nava, fundamentando-nos em nosso trabalho sobre *Baú de Ossos*. Tendo em vista que o nosso objetivo foi reconstruir o percurso de formação de Nava na família, especialmente quanto aos usos sociais da leitura e da escrita, tornaram-se fundamentais tanto a caracterização do grupo a que ele pertenceu, quanto apreender o espaço e o tempo nos quais se desenvolveram seus processos de participação nas culturas do escrito. Assim, no capítulo II, procuramos compreender não só a família de Pedro Nava, mas também a cidade de Juiz de Fora no início do século XX, espaço em que o escritor viveu a maior parte da infância. No capítulo III, na sua primeira parte, debruçamo-nos sobre as condições que lhe possibilitaram participar das culturas do escrito, conhecer e apropriar-se (ou não) de certas preferências e gostos culturais, comportamentos, valores e modos de agir no mundo, os quais foram disponibilizados a ele por alguns membros da família. Nesse momento do capítulo, analisamos ainda as maneiras por meio das quais os familiares e amigos da família de Nava apresentavam a ele o mundo letrado, assim como os modos pelos quais alguns parentes procuravam também lhe transmitir outros elementos

que constituiriam a herança familiar. Na segunda parte do capítulo, partimos para a análise mais verticalizada das práticas de leitura e de escrita do próprio Pedro Nava, bem como dos gostos que aprendeu a ter quando menino, de suas preferências no campo da arte, dos capitais dos quais se apropriou, tendo em vista a influência (ou não) de seus parentes e do espaço urbano.

**CAPÍTULO I – EGO-HISTÓRIA: A ESCRITA
MEMORIALÍSTICA DE PEDRO NAVA**

O que separaria a História da Literatura seria o compromisso que a primeira teria em dizer o real, em ficar presa ao que realmente se passou, ao que realmente existiu. Mas o que é o real? [...] O real seria a vida pura, a vida crua [...]; seria o doloroso caos em que podemos nos atolar e nos perder, o coração selvagem da existência.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior. *História: a arte de inventar o passado.*

1. Ego-história e escrita memorialística: aproximações?

É possível que a primeira relação que o leitor deste trabalho tenha construído ao olhar para o título do presente capítulo seja a ligação que existiria (ou passaria a existir diante da conexão estabelecida pelos dois pontos e as palavras que se encontram antes e depois dessa pontuação) entre a *ego-história*,⁵⁵ gênero textual em que seria erguida, por um historiador, a história de si mesmo, e a escrita memorialística, mais especificamente, a escrita memorialística de Pedro Nava, texto em que o autor também dá forma à escrita de si. No caso desse tipo de relação, muito provavelmente (e com motivos bastante razoáveis), o leitor questionaria, de imediato, a propriedade da aproximação entre esses gêneros textuais uma vez que o historiador escreveria seu texto tendo como fundamento, além de pesquisas relacionadas a seu tema e objeto, documentos, pistas, indícios que o fariam reconstruir o passado, a partir de uma metodologia rigorosa, em uma narrativa (para espanto de alguns) verossímil. O escritor, declaradamente um literato, (mesmo o memorialista!), ainda que usasse fontes documentais para (re)construir uma fração da realidade, produziria ficção; sua narrativa é fruto de seu poder criativo, de sua imaginação, e o pacto de leitura proposto pela Literatura (já sabemos) seria bastante diferente do protocolo de leitura proposto pela História.

Para Ginzburg (1990), a História é uma ciência que, embora dependa do talento do historiador para narrar o passado, dependeria também da reconstrução rigorosa dos fatos, a qual deveria ter por base o trabalho com diferentes fontes, ainda que a fragilidade da operação histórica esteja posta. O real não poderia ser passível, em História, apenas de uma construção discursiva já que envolveria práticas anteriores ao discurso. Nesse sentido, segundo Roger Chartier (2003, p.97), o desafio maior lançado hoje aos historiadores seria

⁵⁵ Referimo-nos ao clássico livro *Ensaio de ego-história*, publicação em que se reúnem textos de historiadores, como Maurice Agulhon, George Duby, Jacques Le Goff, Michelle Perrot e outros. Em seus ensaios, os “historiadores procuram ser historiadores deles próprios” (NORA, 1987, p.9). Assim, à medida

“relacionar construção discursiva do social e construção social dos discursos”. Conforme o autor,

[...] A meta do conhecimento é constitutiva da própria intencionalidade histórica. Ela funda as operações específicas da disciplina: construção e tratamento de dados, produção de hipóteses, crítica e verificação de resultados, validação da adequação entre o discurso de saber e seu objeto. Mesmo que escreva em uma forma “literária”, o historiador não faz literatura, e isso, devido a sua dupla dependência. Dependência em relação ao arquivo, portanto em relação ao passado de que este é traço (CHARTIER, 2003, p.98).

A relação, esta que o leitor inicialmente (des)construiria entre *ego-história* e escrita memorialística, não se apresentaria a ele como adequada, embora “a *ego-história*” seja um “gênero novo, para uma nova idade da consciência histórica, que nasce do cruzamento de dois grandes movimentos: por um lado, o abalo das referências clássicas da objectividade histórica, por outro, a investigação do presente pelo olhar do historiador” (NORA, 1987, p.9). Para o leitor, talvez, ainda assim, a *ego-história* continuaria distante da escrita memorialística. Uma, produto do trabalho situado em um campo de pesquisa “científico”; a outra, produto ficcional, por vezes, artístico, que pode se encontrar no campo da literatura.

Mas seriam mesmo a Literatura e a História esferas discursivas tão bem delimitadas e até opostas? Aos historiadores caberia apenas a abordagem dos fatos, enquanto somente aos escritores seria permitida a invenção dos eventos que narra? Tanto as produções literárias quanto muitos dos trabalhos construídos no campo da História vêm nos mostrando que esses campos não se encontram tão separados assim. As fronteiras entre História e Literatura são cada vez mais tênues tendo em vista a importância da linguagem, da narrativa na construção dos dois discursos. Para Albuquerque Júnior (2007, p.43-44), a partir dos anos 1960, em uma grande quantidade de textos publicados, procurava-se fixar regras para a escrita da História, “suas particularidades e, notadamente, sua diferença em relação ao texto literário” (p.44). Todavia, de acordo com o historiador, autores como Michel de Certeau e Hayden White ocuparam o centro da polêmica a qual, no lugar de defender o realismo e o verismo como características do texto do historiador, aproximava a História da Literatura.⁵⁶

que reconstróem e analisam sua própria experiência e as experiências de seus parentes, trajetórias e percursos de formação, acabam por tecer o contexto mais geral no qual suas vidas se desenrolaram.

⁵⁶ A esse respeito, ver CERTAU (1982) e WHITE (1994).

Tanto no campo da História, quanto na Literatura, incluindo-se aí as memórias e as autobiografias, o pacto não é exatamente de veracidade, mas de verossimilhança. E as semelhanças entre História e Literatura não param por aí. No espaço das formulações teóricas, alguns historiadores já procuram articular História e Literatura, pois percebem “a precariedade do que conseguem produzir como sendo a vida humana, [...] a falta de profundidade psicológica dos personagens que conseguem imaginar, que a Literatura vem explicitar” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.44). De acordo com esses estudiosos, a Literatura problematizaria, nesse sentido, a “compreensão pobre e descarnada da realidade e da verdade” (p.44) que se tenderia construir nos textos históricos.

Da mesma maneira que os historiadores estariam pensando a História juntamente com a Literatura – e isso significaria mais do que usá-la “no máximo como documento, tomando uma série de cuidados metodológicos, no sentido de que esta se torne uma fonte objetiva e fidedigna” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.44) –, também os escritores recorreriam às técnicas de investigação dos historiadores, de seus procedimentos de pesquisa e de escrita para dar forma a textos (literários). É nessa interseção entre História e Literatura que poderíamos encontrar o discurso (auto)biográfico. No espaço onde é possível reconstruir parte do real, o passado, no trabalho com a sensibilidade do sujeito social que escreve a (sua) história, localizamos o texto memorialístico. No caso de Pedro Nava, o escritor, na exploração poética do tempo, utilizou, em grande medida, métodos e técnicas que nos lembram as pesquisas históricas, reconstruindo, ainda assim, o passado no interior da esfera literária (BAKHTIN, 1992a).⁵⁷

Mas, se, a essa altura, o leitor deste texto ainda se pergunta: “qual seria exatamente a relação entre a *ego-história* e a *escrita memorialística de Pedro Nava* almejada para esta dissertação?”, responderemos a ele apresentando outra aproximação que nos parece plausível e que existiria entre essas duas construções discursivas. Para tanto, vamos recorrer (novamente) às palavras do próprio Pierre Nora, na apresentação do livro no qual

⁵⁷ Sobre as esferas de comunicação, Mikhail Bakhtin (1992a, p.279) afirma: “O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma [das] esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Esses três elementos [...] fundem-se indissolavelmente no todo do enunciado, e *todos* eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (O destaque em itálico é do autor.).

estão reunidos os *Ensaio de ego-história* de seus colegas de trabalho. Ao refletir sobre esse gênero textual, o historiador assim escreveu:

[...] O exercício consiste em esclarecer a sua própria história como se se fizesse a história de um outro, em tentar aplicar a si próprio, cada um no seu estilo e com os métodos que lhe são caros, o olhar frio, englobante, explicativo que tantas vezes se aplicou sobre outros. De explicitar, como historiador, o elo entre a história que se fez e a história que vos fez (NORA, 1987, p.11).

Este é o ponto que mais nos interessa na relação que se procura estabelecer aqui entre a *ego-história* e a *escrita memorialística* – não apenas a de Pedro Nava. Interessa-nos fundamentalmente o elo entre as histórias. Nessa direção, vale a pena destacar aqui parte da reflexão que Jacques Le Goff construiu quando escreveu “O desejo pela história”, outro dos *Ensaio de ego-história*:

Nesta tentativa para reencontrar os elos entre a minha vida e a minha vocação, a minha obra de historiador – tentativa que sei procurará pôr lógica, clareza, onde houve acasos, ações inconscientes – descubro aqui uma das primeiras sensações de história que sem dúvida experimentei. Procurando compreender o meu pai, encontrei, no seu grande carácter e no seu destino modesto, o sentido das épocas, a importância de um tipo de mentalidade e de comportamento ligados à história, o choque de acontecimentos.

[...]

Foi através da memória de meus pais – e mais ainda pelo contacto com uma memória dos tempos da sua infância e da sua juventude que sobrevivia nos seus caracteres, nas suas ideias, nos seus comportamentos quotidianos – que se edificou pouco a pouco em mim o sentido da duração, da continuidade histórica e, ao mesmo tempo, das rupturas. [...] (LE GOFF, 1987, p.171-172).

Aí está a face da relação a qual entendemos existir entre *ego-história* e *escrita memorialística* que mais desejamos destacar no tecido de nossa argumentação. Trata-se do encontro entre histórias e que sugere, desse modo, a fecundidade de memórias e autobiografias como fonte para estudos históricos. Da vida particular, dos fatos que tecem a vida do indivíduo, daquele que narra a sua existência chegamos a outros indivíduos, por vezes, à tradição de uma família, de um grupo. Encontramos, nesses textos, narrativas que falam mais de perto aos sujeitos sociais e a respeito deles. Nessas narrativas, estão os sujeitos sociais, seus hábitos e práticas, seus sentimentos e sonhos, sua cultura e a de sua família, seu cotidiano, suas casas, as ruas, enfim, espaços e tempos que fizeram parte de sua trajetória.

No caso de Pedro Nava, ao narrar a própria experiência, o memorialista oferece elementos que nos transportam para a história de um espaço mais amplo. Em fins do século XIX e no início do século XX, por exemplo, chegamos à cidade do Rio de Janeiro,

tamanhos são os detalhes e o ar de vida que o texto nos apresenta (NAVA, *BO*, 2002, p.59). Graças à descrição minuciosa do lugar pelo escritor, estamos no espaço da cidade que, como outros nascentes espaços urbanos brasileiros, experimentava a “modernidade”.⁵⁸ Temos a sensação de estar caminhando pelas ruas do Rio de Janeiro, guiados que somos pelas palavras (pelas mãos?) precisas de um narrador arguto e observador.

Tendo isso em vista, para a realização da pesquisa, analisamos as *Memórias* no nível do discurso. Desse modo, durante a análise da escrita memorialística de Pedro Nava, procuramos trabalhar a todo momento com a ligação necessária entre a instância lingüística propriamente dita de sua narrativa e os elementos extralingüísticos, isto é, suas condições sócio-históricas de produção. Fundamental, essa ligação constitui as significações mesmas do texto (BRANDÃO, 1996, p.12). Nessa direção, de acordo com Bakhtin (1992a, p.282),

[...] um trabalho de pesquisa acerca de um material lingüístico concreto [...] lida inevitavelmente com enunciados concretos [...]. Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.

Assim, partindo da história de um indivíduo, já recriada por ele mesmo em suas memórias (em sua ego-história?), buscamos, nesta dissertação, mostrar como e em que condições Pedro Nava participava das culturas do escrito. Antes, porém, é necessário refletir um pouco mais sobre a fecundidade do uso de memórias e autobiografias no campo da pesquisa histórica, bem como sobre a especificidade desse tipo de fonte. É o que passamos a fazer, portanto, a partir de agora.

⁵⁸ A partir de um movimento de análise que articula a conjuntura brasileira ao contexto mais amplo de fortes e aceleradas mudanças que aconteciam em alguns países do mundo, a partir da segunda metade do século XIX, Nicolau Sevchenko (1998a) e Cynthia Veiga (2002) mostram os impactos da internacionalização do Capitalismo, entre eles, a industrialização e a necessidade de urbanização das cidades, no cotidiano desses espaços, na sociedade, na economia, nas relações políticas, na cultura, no imaginário e na vida das pessoas. A Proclamação da República, no caso brasileiro, e a Revolução Científico-tecnológica, em âmbito internacional, configuram-se como exemplos de outros eventos que também foram responsáveis por transformações significativas no Brasil (SEVCENKO, 1998a, p.7-11).

2. O uso de autobiografias e memórias como fontes na pesquisa histórica

Até bem pouco tempo, utilizar o texto literário, assim como outras fontes menos ortodoxas⁵⁹ para a pesquisa histórica, seria inaceitável. Mesmo hoje, o uso dessas fontes causa certa perplexidade entre alguns pesquisadores, tanto que ainda não são numerosos os estudos que se valem da literatura como fonte de pesquisa, por exemplo, no campo da História da Educação.⁶⁰ Isso ocorre apesar das mudanças no campo científico e especialmente no campo da História;⁶¹ desde meados do século XX, muitos objetos e textos diversificados tornaram-se fonte para a pesquisa histórica.⁶² Novos objetos, novas fontes e novas formas de se fazer história passaram a constituir o cotidiano de trabalho dos historiadores.⁶³

Do ponto de vista metodológico, conforme Hébrard (1996a, p.39), o fato de as autobiografias serem muito problemáticas deve apenas se apresentar como “um encorajamento suplementar para explorar suas possibilidades”. O gênero autobiográfico, segundo o autor, referindo-se à Philippe Lejeune,⁶⁴ “exige de seu público o reconhecimento da autenticidade do dizer, até mesmo a do homem que o sustenta com seu

⁵⁹ Trata-se de fontes menos exploradas em pesquisas históricas e tidas, geralmente, como menos “confiáveis”, tais como: romances, autobiografias e memórias; documentos familiares, pessoais, da esfera privada dos sujeitos; fotografias; a iconografia. Em contrapartida, são exemplos de fontes, com frequência, consideradas mais “dignas” para o trabalho do historiador: a legislação, os documentos oficiais, dados estatísticos, certidões de nascimento e óbito.

⁶⁰ Segundo GALVÃO *et al.* (2008), no artigo citado na Introdução deste texto, embora, nas últimas décadas, no Brasil e em outros países, venha ocorrendo uma renovação dos objetos, problemas e também no uso das fontes documentais nos estudos da História da Educação, de modo semelhante ao que ocorreu na pesquisa histórica de modo geral, “é ainda bastante tímida a incursão dos pesquisadores da área de História da Educação em fontes que poderiam, potencialmente, trazer maiores informações sobre o cotidiano educacional e a ação dos sujeitos”. No universo de 14 números da *Revista Brasileira de História da Educação*, publicados entre 2001 e 2007, de acordo com os autores do artigo, dos 84 textos publicados na *RBHE*, nos quais se utilizam fontes documentais como base para apresentação de resultados de pesquisa ou nos quais elas são tomadas seja como objeto de problematização, seja para tecer a argumentação do texto, em apenas 11% dos trabalhos, são utilizadas fontes produzidas pelos sujeitos do processo educativo. Entre depoimentos escritos de ex-alunos, cartas de leitores comuns e aquelas escritas por escravos, texto escrito por alunos em uma revista escolar, aparecem as autobiografias e os diários. Como fontes complementares, temos somente quatro artigos em que os pesquisadores utilizam autobiografias, e apenas três casos em que obras literárias são exploradas.

⁶¹ A esse respeito, ver CHARTIER (2003).

⁶² Para uma história da teoria – da História – na qual se pode verificar o processo de alargamento das fontes em pesquisa histórica, ver José Carlos Reis (2005). Para um aprofundamento da discussão sobre o uso da literatura como fonte em investigações no campo da História da Educação, ver GALVÃO (1998).

⁶³ Referenciamos aqui os trabalhos de LE GOFF e NORA (1988a, 1988b, 1988c).

⁶⁴ LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Le Seuil, 1975.

‘eu’. Nisso, a autobiografia seria menos um modo de escrita do que a exigência de um tipo de leitura específica, de um ‘pacto’ entre o autor e o leitor”. De acordo com Hébrard (p.40), “se permanece inteiramente arriscado querer ler aí o reflexo do trajeto da aculturação do escritor, torna-se, pelo contrário, perfeitamente possível ver aí um momento desse mesmo trajeto”.

No caso de Pedro Nava, do mesmo modo que explicita seu trabalho em arquivos, com diversas fontes na elaboração de suas *Memórias*, o escritor também convida seus leitores a aceitarem um pacto. Para entrar no texto memorialístico, é preciso acreditar, seja no talento do escritor para transmitir *uma* “verdade” dos fatos narrados, seja no poder criativo do memorialista e na sua competência para escrever o passado. A “verdade” das *Memórias* aparece no tecido textual tanto de uma maneira mais diluída, por entre os fatos de todo dia, quanto em vários momentos que poderíamos denominar metamemorialísticos, em que o escritor, ao longo da narrativa, vai refletindo sobre o processo de escrever memórias. Nesses momentos, encontramos reflexões que dizem respeito à emoção de Pedro Nava ao (re)construir o passado, às técnicas utilizadas por ele para tal recomposição, como também reflexões sobre a (sua) “verdade” dos fatos tecidos na narrativa, graças à sua habilidade para ressuscitar pessoas e redesenhar lugares por meio da escrita.

Desse modo, o texto memorialístico e autobiográfico exige de seu leitor-pesquisador credibilidade em certa medida, pois o autor deseja, ao lado de sua liberdade para criar e (re)construir o passado, retratar, no tecido textual, a sua vida. Trabalhamos, neste caso, com um documento que transita entre a fantasia e a realidade. Fantasia, devido ao poder e ao ato de criação do escritor; realidade representada por um indivíduo (como todos os outros) singular, que escreve a sua vida mergulhado no seu tempo e no tempo de seus ancestrais.

No trabalho com autobiografias e memórias, contudo, alguns cuidados metodológicos devem ser tomados, considerando-se a especificidade desse tipo de fonte. Em primeiro lugar, segundo Galvão (2006, p.2.742), a produção memorialística é guiada pelo presente: é a partir desse espaço temporal “que o autor do relato autobiográfico seleciona aquilo que comporá sua história, sua identidade”. Em segundo lugar, mas não

menos relevante, “a memória é seletiva e esse processo se torna ainda mais agudo na velhice”.⁶⁵

Dessa forma, não se trata aqui de trabalhar o texto literário como retrato fiel da realidade, visto que o pacto de leitura⁶⁶ proposto pelo texto literário é muito diverso do pacto de leitura apresentado por outros gêneros textuais que não pertencem à esfera literária. Além disso, as relações entre literatura e memória não podem ser desconsideradas. O pacto autobiográfico pressupõe que o leitor aceitará a proposta de mergulhar em “uma narrativa coerente, na qual estilhaços de uma trajetória são reordenados em um relato quase sempre edificante” (GALVÃO, 2006, p.2.736). Mais do que isso, um leitor que pretenda se enveredar pelos caminhos da escrita memorialística deverá estar disposto a se identificar com “a vida de outrem, que passa a fazer parte também da sua”. Logo, “através de um pacto realizado com o leitor, o autor do relato autobiográfico [...] constrói uma identidade para si próprio e para os outros” (GALVÃO, 2006, p.2.737).⁶⁷ Desse modo, torna-se necessário o trabalho com outros tipos de fonte. Para a pesquisadora,

[...] Diversos estudos que se debruçam sobre o gênero autobiográfico (e sobre outros gêneros em que a memória ocupa um lugar central) vêm mostrando as limitações desse tipo de fonte, na medida em que o autor [...] busca dar coerência ao que, a princípio, são fatos (re)construídos, simultaneamente, sob a névoa da lembrança e do esquecimento. O sujeito que escreve busca, evidentemente, construir uma imagem de si que corresponda àquela que ele quer que seja sua própria identidade. Nesse processo, omite, voluntária e/ou involuntariamente, fatos que não correspondem ao que ele quer ser (e se torna) através da escrita; dá sentidos edificantes a episódios banais; romanceia o cotidiano que, por si só, é rotineiro e tedioso (GALVÃO, 2006, p.2.741-2.742).

Visto isso, a análise da obra memorialística de Pedro Nava foi realizada também com o apoio dos trabalhos de alguns dos estudiosos da teoria literária e da Análise do Discurso, como já destacamos até aqui. Essa opção teórica e metodológica deve-se ao fato de não desconsiderarmos as especificidades materiais da fonte memorialística e literária, nem tão pouco as peculiaridades próprias do seu contexto de produção. Trabalhamos,

⁶⁵ Vale notar, neste momento de nossa reflexão, que Pedro Nava iniciou a escrita de suas *Memórias* em 1968, quando ele estaria com 65 anos idade.

⁶⁶ O conceito de pacto de leitura é aqui compreendido conforme o descrevem Graça Paulino *et al.* (2001). Sobre o pacto autobiográfico, ver LEJEUNE (1996).

⁶⁷ Ainda sobre o pacto autobiográfico e também a respeito das especificidades da autobiografia, são dignos de nota os estudos destacados pela autora: LEJEUNE (1996, 1980, 1998a, 1998b).

portanto, as memórias de Pedro Nava como um modo de representação de uma parte da realidade, considerando sempre o que a memória (ficcional) pode oferecer aos leitores, e pesquisadores, de uma trajetória individual (re)criada.

Nas Ciências Sociais e também na História, a literatura apresenta-se como uma fonte não apenas rica, mas também importante para a historiografia. De acordo com Eliane Lopes e Ana Galvão (2001), foram os romances, as novelas, os pequenos contos para crianças, a literatura religiosa, a literatura moral e, até mesmo, a poesia, as fontes que revelaram, aos estudiosos, a realidade da escola, das relações escolares, das brincadeiras, do mundo infantil. A obra literária configura-se como uma “reinterpretação” e uma “reelaboração” da “fração do real que revela”. Segundo as autoras, “a verdade que a ficção pode trazer importa mais do que uma suposta ‘realidade’. [...] Os autores não são somente testemunhas da escola de sua infância ou da idade adulta, mas são intérpretes sensíveis e apaixonados dos processos familiares, escolares e sociais” (p.85). Além disso, tal como procuramos evidenciar no início deste capítulo, apesar de a obra literária não refletir diretamente a realidade, nas ciências humanas, os limites que separam verdade de ficção são considerados cada vez mais tênues (LOPES; GALVÃO, 2001, p.85).

No caso da pesquisa da qual tratamos aqui, temos, como fonte principal da investigação, uma narrativa, em que o escritor dá o testemunho não somente de sua vida privada, em família, ou de suas experiências entre amigos e como médico. Pedro Nava, ao (re)compor o grupo familiar, a sua própria história, escrevendo as *Memórias*, ao mesmo tempo em que elaborou uma narrativa de si, acabou por edificar um cenário mais amplo, no qual a sua história, juntamente com outras, se desenrolou. Para Souza (2004, p.15), Nava, “o memorialista brasileiro mais efusivo”, tinha como projeto a “recomposição da história de seu tempo”. Para erguê-la, no espaço de suas *Memórias*, o escritor “se valera da convivência [...] com uma elite de intelectuais responsável pela formação cultural e política de um país moderno. [...]”. Logo, explorando a narrativa de Pedro Nava, estamos explorando, simultaneamente, um dos testemunhos da história de *um* indivíduo e uma parte da história de nossa sociedade.⁶⁸

⁶⁸ De acordo com BAKHTIN (1992b, p.111), o centro organizador e formador da expressão situa-se no meio social em que está inserido o indivíduo; a enunciação é resultado da interação social.

Além de fonte para pesquisas, a (auto)biografia vem sendo utilizada também como gênero textual no campo da História da Cultura Escrita, conforme Galvão (2006), ainda que essas escolhas, na pesquisa histórica, estejam cercadas de problemas referentes à relação entre memória e história, entre indivíduo e meio social (p.2.737).⁶⁹ Segundo a autora, “a análise das autobiografias apresenta a possibilidade de captar o percurso de inserção na cultura escrita através de um produto específico resultante da aproximação com esse mundo: a própria escrita” (p.2.740).⁷⁰ Nesse sentido, algumas questões emergiram a partir do contato com as memórias do sujeito da pesquisa. Elas nos levaram a refletir sobre qual seria o valor documental específico da obra memorialística de Pedro Nava. Nessa direção nos perguntamos: Como poderíamos compreendê-la e analisá-la? Qual seria o lugar de Pedro Nava em suas *Memórias*? Por que houve a necessidade de registrar suas experiências com o mundo das culturas do escrito em sua obra memorialística? Por que motivo Pedro Nava transformou seus usos sociais da leitura e da escrita em experiências fundamentais em suas memórias, tanto do ponto de vista da composição da narrativa, quanto do ponto de vista do valor afetivo, cultural, social que o sujeito-narrador atribui a elas? Desejaria ele, com isso, apenas mostrar ao leitor sua posição cultural dominante, já confirmada e legitimada pelas origens e história de sua família? Em outras palavras, a aprendizagem da leitura, seus usos sociais, representados nas *Memórias*, seriam “a simples atualização de um capital herdado” (HÉBRARD, 1996, p.39)?

Essas questões nos encorajaram tanto na escolha pelo estudo monográfico na escala do indivíduo, quanto na decisão de basear nosso trabalho, em grande parte, nas memórias do próprio sujeito da pesquisa. Essa foi a principal diretriz metodológica de nossa investigação. Mesmo assim, durante o desenvolvimento do estudo, procuramos cruzar os dados da fonte principal com informações de outros documentos e fontes externas à obra de Pedro Nava, que podem ser organizadas em dois grupos distintos.

⁶⁹ Nesse sentido, e como destaca a autora, são importantes os estudos de LE GOFF (2002, 1994), LEVI (1996), REVEL (1998), HÉBRARD (1996b) e GINZBURG (2006).

⁷⁰ A respeito da incorporação de relatos autobiográficos nas pesquisas do campo da História e da História da Educação, conforme destaca GALVÃO (2006), ver VIÑAO FRAGO (2000a, 2000b).

O primeiro grupo engloba documentos e fontes exteriores às *Memórias*, tais como estudos, jornais⁷¹ e outros impressos referentes à época e aos espaços onde viveu Pedro Nava, nas primeiras décadas do século XX. Essas fontes nos ajudaram a compreender a influência da urbanização, da industrialização, das intensas mudanças nos centros urbanos, as quais marcaram o início do século passado, na formação do memorialista.⁷² Logo, foram importantes para a pesquisa dados de Juiz de Fora, de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro relativos ao funcionamento dessas cidades, ao cotidiano das pessoas, ao dia-a-dia das elites econômicas e intelectuais nesses centros urbanos, aos seus modos de pensar e agir, às suas práticas culturais, bem como aquelas referentes à circulação do impresso nesses espaços. Desse modo, com esses dados, foi possível reconstruir um pouco do cenário onde se desenrolou a trama do sujeito da pesquisa, como também compreender o significado das particularidades históricas do percurso de formação de Pedro Nava.

Integram o segundo grupo de fontes e documentos, parte da bibliografia sobre Pedro Nava e sobre sua escrita memorialística, que se valem também de entrevistas concedidas por ele à imprensa à época em que se tornou escritor, da correspondência de Nava durante toda a vida; dados sobre as trajetórias de outros indivíduos, seus contemporâneos, que, tal e qual Pedro Nava, tornaram-se escritores.⁷³ O contato com esses materiais nos possibilitou não só compreender o significado da escritura das *Memórias* de Pedro Nava e de seu contexto de produção, como também uma apropriada análise da fonte principal, uma vez que a literatura, por sua natureza, assim como outros tipos de fonte, exige um tratamento peculiar com instrumentos adequados à suas características discursivas. O cruzamento de dados teve, pois, como objetivo, a crítica da fonte principal, bem como a verificação de seu alcance e de suas limitações.

⁷¹ Para esta dissertação, utilizamos alguns dos números de *O Pharol* e do *Jornal do Commercio* que circularam em Juiz de Fora, entre os anos de 1903 e 1913, conforme se pode verificar tanto em nossas referências a esses impressos ao longo do texto, quanto na listagem de fontes, no final do trabalho.

⁷² Além de estudos históricos e alguns dos números de *O Pharol* e do *Jornal do Commercio*, também exploramos cartões postais de Juiz de Fora, que retratam a cidade na época do nascimento de Pedro Nava, e alguns dos dados disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁷³ Nesse sentido, vale destacar o percurso de formação de Murilo Mendes (1901-1975), contemporâneo de Pedro Nava, também nascido em Juiz de Fora. Murilo Mendes, diferentemente de Pedro Nava, teve uma trajetória marcadamente literária, e o trabalho como escritor constituiu seu percurso profissional, artístico. A esse respeito, ver dados biográficos na obra completa (poesia e prosa) de Murilo Mendes (1994). Ver também as obras memorialistas de Carlos Drummond de Andrade: *Boitempo* (1973) e *Menino antigo* (1978), bem como a obra de mesmo gênero do próprio Murilo Mendes: *A idade do serrote* (1968).

*

Depois de explorar as aproximações entre História e Literatura, particularmente, entre *ego-história* e a escrita memorialística, como também após refletirmos sobre as possibilidades do trabalho com autobiografias e memórias no campo da História da Educação, vamos apresentar agora uma introdução para o tópico que trata do processo de produção das *Memórias*. Nessa seção buscamos, de modo mais geral, apontar os recursos utilizados por Pedro Nava para elaborar sua obra. Uma vez concluída essa introdução, apresentaremos, com maior aprofundamento, os pilares da narrativa de Pedro Nava a partir da análise de *Baú de Ossos*. Em primeiro lugar, devido à sua importância no espaço das *Memórias*, tratamos das reflexões de Pedro Nava sobre o processo de produção desse gênero textual, as quais se relacionam com as técnicas de (re)construção do passado por meio da escrita e com os sentidos que essa (re)construção adquire para o memorialista. Em seguida, passamos a tratar da base documental do processo de produção das *Memórias*. Escrita e oralidade encontram-se unidas, entrelaçadas, tanto nas experiências recriadas por Nava em sua obra, quanto nos recursos utilizados por ele na produção do texto. Desse modo, em terceiro lugar, apresentamos uma análise de seu modo de recordar e escrever, o qual se fundamenta, em grande medida, no que o autor ouviu (ou teria ouvido) ao longo de sua trajetória. O subtópico 4 traz as pessoas e os objetos que fizeram desencadear, na memória de Nava, muitos eventos do passado e seus personagens. Por fim, mas não menos importante, são as *madeleines*,⁷⁴ sensações e impressões, os elementos analisados por nós, visto que esses elementos se apresentam, ao lado dos outros, como uma das bases da escrita memorialística de Pedro Nava.

*

Cedo, vi que escrever recordações dói, punge, castiga e dilacera.

Pedro Nava em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*. Junho de 1983.

⁷⁴ O uso do termo aqui está ligado tanto à sua utilização por Pedro Nava nas *Memórias*, como também, e especialmente, à clássica obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*, fonte marcante e de intertextualidade frequente para o próprio Pedro Nava na escrita de suas memórias. Segundo Nava, “todos têm a sua *madeleine*. Só que ninguém a tinha explicado como Proust – desarmado implacavelmente, peça por peça, a mecânica lancinante desse processo mental” (NAVA, *BO*, 2002, p.26).

3. O processo de produção das *Memórias*

Como recuperar vidas que, à primeira vista, parecem perdidas pela corrosão do tempo? De que modo é possível voltar ao passado e dar novamente vida a pessoas, familiares e amigos que desapareceram? De que maneira se pode (re)construir espaços, cidades, ruas e casas que já não têm mais a forma e a cor dos anos que ficaram na memória de quem viveu ou passou por esses lugares? Como fazer ressurgir fatos, guardados na lembrança (por vezes, esfacelada) daqueles que sobreviveram a eles ou retomar eventos fragmentados, que, em alguns casos, encontram-se registrados em fotografias espalhadas, documentos dispersos, certidões e cadernos já marcados pelo passar dos anos, ou em papéis avulsos?

Em *Bau de Ossos*, explorar o tempo e os limites da memória é o que Pedro Nava faz. O escritor desejava o passado, queria ir em busca da sua história; história também de outros. Contudo, para atravessar o tempo, atravessar muitas vidas, anos e lugares, foi preciso mais do que reunir papéis soltos, informações que provinham de diferentes fontes; e a tarefa impôs certos limites. Na perspectiva do escritor,

Os mortos... Suas casas mortas... Parece impossível sua evocação completa porque de coisas e pessoas só ficam lembranças fragmentárias. Entretanto, pode-se tentar a recomposição de um grupo familiar desaparecido usando como material esse riso de filha que repete o riso materno; essa entonação de voz que a neta recebeu da avó, a tradição que prolonga no tempo a conversa de bocas há muito abafadas por um punhado de terra (– Tinham uma língua, tinham... Falavam e cantavam...); esse jeito de ser hereditário que vemos nos vivos repetindo o retrato meio apagado dos parentes defuntos; o fascinante jogo da adivinhação dos traços destes pela manobra da exclusão. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.32).

Como podemos observar nesse trecho, estamos diante de pistas colhidas por um observador perspicaz, só percebidas por alguém cujo objetivo ultrapassaria apenas o simples contorno de “coisas e pessoas” as quais se apresentavam de modo fragmentário. Pedro Nava, que, na família (e nas *Memórias*), construiu (para si mesmo, para outros) e ocupou o espaço de zelador da história familiar, e com ela, dos objetos, papéis e documentos que possibilitaram a (re)construção do passado, identificou, observou, analisou, ele mesmo, a transmissão das tradições e da herança familiar entre as gerações de seus parentes. Essa herança, cujos elementos vão muito além de sua materialidade tal como podemos perceber em *Bau de Ossos*, foi utilizada pelo memorialista para reconstruir a história de sua família. Não se trata (ainda) de certidões, móveis que restaram da casa de um ou outro parente, de um objeto de valor material herdado, que também têm importante

papel no processo de produção das *Memórias* como se poderá verificar a seguir, mas de um “riso” de um parente que reaparece na geração seguinte, da “entonação de voz” recebida de um ancestral, da repetição do que se ouviu. Trata-se, pois, de indícios do passado bastante sutis e, é também a partir deles, que o escritor mergulha no tempo:

[...] minha prima Teresa Albano Ferreira Machado – que não se parece com o pai, nem com a mãe, tampouco com os irmãos – é ver nosso parente Sílvio Froes Abreu. Eles nem se conhecem e nunca explicariam tal semelhança. Mas eu subo anos afora, partindo de Teresa. Chego a sua mãe Maria Alice, a sua avó Maria Luna, a sua bisavó Cândida, a sua tataravó Ana Cândida, a sua quarta-avó Maria de Barros Palácio, a seus quintos-avós Manoel Joaquim Palácio e Antônia Teresa de Barros. Desço à outra filha deles, mulher de José Bonifácio Abreu, pais de João da Cruz Abreu, pai de Sílvio Froes de Abreu, que não se parece com este, nem com a mãe Froes, nem com o irmão Mário – mas que reproduz traço por traço o rosto de uma prima no sexto grau civil e no décimo canônico. Máscara comum que eles tiraram magicamente do Tempo. Máscara aquilina, dolicocefala e rara que eu coloco nos Barros porque, por técnica idêntica, dela posso excluir os Palácio que repontam com mais freqüência em outros parentes braquicefalos e de cara angulosa. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.32).

Deparamo-nos, especialmente em *Baú de Ossos*, com um memorialista disposto a ir buscar suas origens. Desse modo, além de jogar com traços biológicos (valendo-se de seus conhecimentos médicos) e com conversas que se conservam (apesar dos anos que se passaram), Pedro Nava elabora árvores genealógicas de diversas famílias as quais, de algum modo, ligavam-se a sua própria família. É também assim que ele pode recompor os familiares e tecer as relações de parentesco que existiriam entre eles:

[...] Como motivo musical de sonata – longamente oculto mas sempre pressentido – surge, depois de dois séculos, a cabeça de D. Antônia Teresa de Barros prosseguindo, incorruptível, imutável e eterna nas suas reencarnações. Agora, neste preciso e transitório instante, a órbita do cometa tocou seus descendentes Sílvio e outra Teresa. Com mão paciente vamos compondo o *puzzle* de uma paisagem que é impossível completar porque as peças que faltam deixam buracos nos céus, hiatos nas águas, rombos nos sorrisos, furos nas silhuetas interrompidas e nos peitos que se abrem no vácuo – como vitrais fraturados (onde no burel de um santo vemos – lá fora! – céus profundos, árvores ramalhando ao vento, aviões, nuvens e aves fugindo), como aqueles recortes que suprimem os limites do real e do irreal nas telas oníricas de Salvador Dali. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.32. O destaque em itálico é do autor.).

Além do médico, encontramos nas *Memórias*, como já se destacou, um homem culto, cujos saberes eruditos constituem o tecido de sua narrativa, possibilitam-lhe as comparações e o uso de metáforas. Recursos estéticos e estilísticos vão dando, dessa

maneira, cor para o passado que ressurgem, ainda que incompleto, lacunar. Mas também os vazios fazem parte do jogo da memória e do discurso.⁷⁵

Na produção memorialística de Pedro Nava, a partir dos fragmentos que se tem, é preciso reconstruir, (re)criar. A (re)criação, contudo, do passado, da vida dos parentes, da própria experiência apresenta-se, no espaço das *Memórias*, como um fazer que envolve tanto a sensibilidade de Pedro Nava, o “tato” para perceber o que permanece na família apesar dos anos, quanto os registros materiais que lhe apontam o caminho para escrita de sua história:

Para recompor os quadros de minha família paterna tenho o que ouvi de minha avó, de meus tios-avós Itrício e Marout, das irmãs de meu Pai, de algumas primas mais velhas. Uns retratos. Um folheto de receita de meu primo Carlos Feijó da Costa Ribeiro com genealogias registradas por ele. Cartas. Cadernos de datas de meu avô Pedro da Silva Nava e de meu tio Antônio Salles. Notas diárias da mulher deste, Alice. Daí tenho de partir como Cuvier do dente e o ceramista do caco. No mais, há que ter confiança no instinto profundo de minha alma, de minha carne, do meu coração – que rejeitam como coisa estranha o que sentem que não é verdade ou que não pode ser verdade. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.33).

Há momentos, no entanto, que Pedro Nava afirma não precisar recriar já que a sua experiência, dispensaria esse trabalho com a imaginação. Como afirma o sujeito-narrador, bastaria a recordação. Ter conhecido, freqüentado o espaço da casa daquele que seria o segundo marido de sua avó paterna, por exemplo, já seria suficiente para, mais tarde, retratar esse espaço em suas *Memórias*:

[...] O térreo,⁷⁶ revestido de ladrilhos hexagonais em cerâmica vermelha e esse chão era todo desigual (velha casa construída sobre areias), de modo que ao andar tinha-se uma sensação de solo impreciso onde aqui e ali falhava o pé. Anos depois tive a mesma insegurança em Veneza, caminhando no pavimento de São Marcos – que parece movediço, como se prolongasse a ondulação da laguna.

⁷⁵ Quando a memória é herdada, ou se busca herdar uma memória, para POLLAK (1992, p.204), há uma ligação fenomenológica estreita entre a memória e o sentimento de identidade, naquilo que o termo diz a respeito da imagem de si, para si e para os outros. Logo, os vazios, as lacunas, os quais em geral compõem a memória, são necessários e, em alguns casos, por que não pensar, até desejados. No caso de Pedro Nava, esses buracos na memória podem ainda ser encenados visto que suas reminiscências foram (re)criadas no tecido textual. Assim, a memória de Nava é construída também pela escrita, que possibilita a organização no papel da imagem que ele adquiriu ao longo da vida e que deseja apresentar aos outros e a si mesmo. Nessa direção, ainda que as *Memórias* pertençam à esfera literária, o texto de Pedro Nava convida o leitor (e o seu autor?) para acreditar na memória ali representada como se ela tivesse sido a vida experimentada no passado, com a “vantagem” de poder ser percebida (lida nas páginas dos livros que compõem a obra do escritor) da maneira como ele gostaria que fosse percebida pelos outros.

⁷⁶ Trata-se de um episódio em que Pedro Nava descreve a casa da avó paterna e do padrasto de seu pai, Joaquim Feijó de Melo, já falecido naquele momento.

Tive aí estranha impressão. Olhava os mosaicos da cúpula e as figuras da “Ascensão” me faziam pensar em Dona Nanoca. A “História de São Marcos”, a “Glória do Paraíso”, o “Julgamento Final”, e lembrava do Ceará. A “Pala d’Oro”; e ocorria-me a reverberação das areias do Mucuripe. Parado, eu estava em Veneza. Se começava a andar, sentia-me em Fortaleza. Subitamente percebi o que suscitava a associação de idéias bizarra e dissonante. O chão. [...] Em 1959 voltei ao Ceará para dar um curso na sua Universidade. Fui novamente ver a casa de minha avó. De todos os que eu vira ali em 1919, só estava viva minha tia Alice. Minha avó, morta. Marout, morta. Tia Dinorá, morta. Maria, morta. Joaquim Antônio, morto. Tia Candoca, morta. Tio Salles, morto. Não entrei na casa, morta também, morta e fechada, assombrada, muda, transformada em depósito de madeiras. Olhei longamente sua fachada, suas janelas zarolhas, suas portas cerradas, as paredes outrora de um verde alegre como o das ondas, e agora de uma cor amarela e carcomida de caveira. Poveei suas salas como faço agora, das sombras que conheci ou de que ouvi contar casos. Nesse maravilhoso prestígio, todas entram e chegam ali como dantes – vivas, cheias de risos e de falas e de ruídos, tal como quando meu avô e minha avó vinham passar seus alegres serões na casa fraternal e acolhedora. Vão chegando, entrando, abancando para o gamão (o belo jogo do Feijó era todo de madeiras raras e com tentos de marfim!), ou em torno à mesa de jantar [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.36).

A lembrança da casa da avó e do padrasto de José Nava é alimentada não somente pela experiência do escritor nesse espaço, durante a infância, mas também pelas visitas que Pedro Nava fazia a essa casa ao longo da vida. Também suas experiências como adulto teriam ajudado o memorialista em seu processo de construção de associações. A viagem à cidade italiana teria feito Nava reviver as sensações experimentadas no espaço da casa em Fortaleza anos antes. As imagens representadas nos mosaicos de uma das igrejas de Veneza teriam levado Nava à avó paterna, ao Ceará. Lembrança e realidade presente se misturam nas *Memórias*. Como uma de suas *madeleines*, também o chão de Veneza dispararia a rede das recordações do escritor. De volta à casa, ao Brasil, Pedro Nava lembra e escreve para (re)viver.

3.1. Metamemória

Como já se destacou anteriormente neste capítulo, a ocasião da escrita das *Memórias* também foi para Pedro Nava um momento de reflexão a respeito do ato mesmo de produzir esse tipo de texto e não outro. Desse modo, não são raros os momentos em que nos deparamos com trechos em que o autor, em meio às suas recordações, na escrita do passado, traz, para a superfície do papel, questões que envolvem a capacidade da memória, o modo e os motivos que o levam a escrever um texto memorialístico, as fronteiras da verdade em relação à verossimilhança quando se trata da produção de um relato

autobiográfico: “[...] Não é difícil imaginar como ele⁷⁷ faria esse caminho se juntarmos à verdade o verossímil que não é senão um esqueleto de verdade encarnado pela poesia. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.58).

É interessante notar mais uma vez o limiar, no texto memorialístico, entre realidade e ficção. Ao mesmo tempo em que se dedica, nas *Memórias*, a um trabalho de escrita que, pressupõe-se, é mais livre em relação à “verdade” dos fatos, tendo em vista sua elaboração na esfera literária, há também, por parte do autor, preocupação na busca da realidade de pessoas e acontecimentos do passado:

[...] Atento agudamente nesses retratos no esforço de penetrar as pessoas que conheci (uns bem, outros mal) e cujos pedaços reconheço e identifico em mim. Nas minhas, nas deles, nas nossas inferioridades e superioridades. Cada um compõe o Frankenstein hereditário com pedaços dos seus mortos. Cuidando dessa gente em cujo meio nasci e de quem recebi a carga que carrego (carga de pedra, de terra, lama, luz, vento, sonho, bem e mal) tenho que dizer a verdade, só a verdade e se possível, toda a verdade (NAVA, *BO*, 2002, p.200).

Há de se buscar, pois, apoio em fotografias, no inquietante reconhecimento de traços e comportamentos que se repetem nos membros da família ao longo das gerações, inclusive na personalidade e no caráter do próprio sujeito-narrador. Porém, mesmo escrevendo com mais de 60 anos de idade, após a morte da mãe, evento que teria oferecido a Pedro Nava mais liberdade para escrever,⁷⁸ poderia o escritor falar clara e nitidamente de tudo e de todos que compuseram sua vida, seu passado? O que de fato se pode dizer? Quem é o sujeito social que diz e pode dizer o que diz? Em que circunstâncias?⁷⁹

⁷⁷ Aqui, Pedro Nava está procurando (re)construir o caminho que o avô paterno faria de casa para o trabalho.

⁷⁸ Conforme SOUZA (2004, p.18), “Se o espírito arquivista de Nava se manifestou durante toda a vida, ao se colocar como o guardião da memória familiar, o imperativo para começar a escrever as *Memórias* teve como motivo a morte da mãe. [...]”. Nas palavras de Pedro Nava, “Minha mãe morreu em 1968, pouco antes eu havia começado a escrever. Sua morte me comoveu profundamente e me deu liberdade de escrever como não faria com ela viva, teria sido de outra maneira” (NAVA, Pedro. Entrevista à *Revista de Domingo* do JB. Rio de Janeiro, 23/11/1980. “Faz-se a luz sobre o *Galo-das-trevas*”, p.40. *Apud* SOUZA, 2004, p.18).

⁷⁹ Em sua aula inaugural no Collège de France, em 1970, Michel Foucault assim se referiu à produção do discurso: “suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. [...] Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. [...]” (FOUCAULT, 1996, p.8-9).

Para Pedro Nava, a possibilidade da escrita de suas *Memórias* é oportunidade de se posicionar em relação a determinados acontecimentos do passado, de esclarecê-los e iluminá-los com tonalidades *reais*, corrigindo falseamentos aos quais os fatos estariam submetidos ao longo do tempo. Segundo o sujeito-narrador de *Baú de Ossos*,

[...] É preciso anular às claras calúnia que nunca é escrita, mas que se transmite implacavelmente pela tradição oral, alongando-se, no tempo, como uma cobra venenosa. E de longa vida, como as cascavéis... Se os que têm uma visão bondosa dos fatos se abstêm de comentá-los, deixam o campo livre para os bichos rastejantes que babam no tronco das grandes árvores. Se não se toca nesses assuntos, acabam os homens distorcidos e esvaziados da substância humana que neles habitou. É o que acontece com a maioria dos nossos grandes médicos, cujas vidas são geralmente abordadas por biógrafos com luvas de borracha que desinfetam tudo que existe de humano para só ensaiar o mito esterilizado que anula o homem. [...] Esquecem que cada homem só vive e é grande quando mostrado integralmente. Nos seus acertos e erros. Nos acertos e erros dos outros sobre sua pessoa. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.209-210).

A verdade dos fatos estaria, assim, associada à escrita que seria capaz de barrar as distorções as quais aconteceriam ao se perpetuar o passado por meio da tradição oral. Logo, os acertos e os erros dos homens seriam narrados no texto escrito, mas, uma vez registrados no papel, suas vidas estariam isentas das mentiras, porque eles, os homens, seriam apresentados, nesse caso, na sua integridade.

O passado, contudo, sempre ressurgiu aos pedaços, sobretudo quando a distância que separa a escrita dos fatos narrados é longa. Para preencher as lacunas, é preciso, portanto, recorrer a documentos que, mesmo eles, apresentam manchas e vazios naquilo que não se pode (ou não se deve?) escrever:

É impossível dar uma impressão cronológica dessa fase de minha infância. Só de uma ou outra coisa com gente grande e de que ficou memória em velhos documentos, em cartas onde a tinta se apaga. [...] É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.222).

A impossibilidade da escrita de certos fatos em ordem cronológica associa-se à permanência de certas vivências, nunca esquecidas, sempre presentes por sua força representativa, simbólica: “É a carga”. Mas há também

[...] os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão porque não há associação de idéias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os

pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória, vindos do esquecimento que é outra função ativa dessa mesma memória. [...] ilhas perdidas na superfície oceânica, entretanto pertencentes a um sistema entrosado de montanhas subatlânticas. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.222-223).

É importante notar que essa reflexão sobre os movimentos da memória, a respeito do jogo de lembrar-esquecer, estejam associados à infância de Pedro Nava em Juiz de Fora; é quando narra, em *Baú de Ossos*, suas experiências, nessa cidade, que o escritor faz também esse tipo de reflexão. Lá, em seus primeiros anos de vida, na companhia sobretudo de parentes maternos, parece ter sido o espaço em que se originaram, na perspectiva do escritor, as marcas profundas e doloridas de vivências que o autor carregou ao longo dos anos: “[...] Assim a anarquia infantil do Tempo e do Espaço me impedem de contar Juiz de Fora em ordem certa, capítulo um, capítulo dois, capítulo três. São mil capítulos e inumeráveis – entretanto capítulo único” (NAVA, *BO*, 2002, p.223).

É quando escreve *Paraibuna*, capítulo 3 de *Baú de Ossos*, que Pedro Nava mais se volta para a reflexão sobre este processo em que as recordações se formam para ele, em que as reminiscências apresentam grande ou pequeno valor, ocupam, ou não, espaço significativo na sua memória, na sua vida:

Uns fatos voltam ao sol da lembrança com a rapidez dos dias para os mundos de pequena órbita. Vivem na memória. Perto do astro-rei, como Vênus e Marte. Há os distantes, como Saturno. Outros, cometas, passam roçando e queimando; depois somem em trajetórias mergulhadas nas distâncias espaciais do esquecimento. Tocam, com suas caudas, galáxias perdidas na mais prodigiosa altura das alturas; voltam novamente, ameaçando arrasar tudo com o rabo de fogo. Como face de lua, aquele prato imaculado e duro. De ágata. Relutâncias diante do mingau transbordante. Comido aos poucos, iam aparecendo na borda as letras do alfabeto e os números de 0 a 9. Só trinta e seis sinais. Com o que compor, entretanto, todas as palavras e todos os cálculos da angústia e do saber do homem. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.233).

Come-se o mingau pelas beiradas para se chegar aonde se quer, aonde se precisa chegar. Na impossibilidade de se mergulhar em mar alto e aberto, é por meio da escrita que o memorialista tece os fatos que o angustiam e que o fazem homem, humano:

Manuel Bandeira, que era amigo do rei, ia-se embora pra Pasárgada. Ai! de mim, sem rei amigo nem amigo rei, que quando caio no fundo da fossa, quando entro no deserto e sou despedaçado pelas bestas da desolação, quando fico triste, triste (“... Mas triste de não ter jeito...”), só quero reencontrar o menino que já fui. Assim, quantas e quantas vezes viajei, primeiro no espaço, depois no tempo, em minha busca, na de minha rua, na de meu sobrado... Custei a recuperá-lo. Aviltado pelos anos e reformas sucessivas, recoberto de uma camada de cimento fosforescente e pó de mica, que tinha substituído o velho revestimento e o ultramar da pintura da fachada – não havia meios da recordação provocada entregar-me a velha imagem. Foi preciso o milagre da memória

involuntária. Eu tinha ido me refugiar na rua maternal, tinha parado no lado ímpar, defronte do 106, cuja fachada despojada esbatia-se na noite escura. Olhando as janelas apagadas. Procurando, procurando. De repente uma acendeu e os vidros se iluminaram mostrando o desenho, trinta anos em mim adormecido. Acordou para me atingir em cheio, feito bala no peito, revelação [...]. Essa luz prestigiosa e mágica fez renascer a casa do fundo da memória, do tempo; das distâncias das associações, da lembrança. Como ela era! Com suas janelas abertas ao vento, ao calor, às manhãs, aos luares. Foi aquele tumultuar, aquele entrechoque arbitrário de diversidades se conjuntando em coisa única: consubstanciaram-se as ferragens caprichosas da frente, os dois lances de escada de pedra, bicos de gás da sala de jantar, as quatro figuras de louça da varanda (Primavera, Verão, Outono, Inverno), um velho oratório, o baú cheio de ossos, o gradil prateado, o barulho da caixa-d'água, o retrato da prima morta, o forro de couro macio das espreguiçadeiras, o piano preto e o cascalhar de suas notas e escalas ao meio-dia, os quartos, os ângulos do telhado, os rendados de madeira da guarnição do frontispício, silêncios, risos, tinidos de talher, frescuras de moringa de barro, vozes defuntas em conversas de outrora, murmúrio noturno das ondas do rio Comprido, avencas e begônias, minha Mãe convalescendo, meu Pai chegando, minhas tias, as primas – tudo, tudo, todos, todos se reencarnando num presente repentino; outra vez palpável, visível, magmático, coeso, espesso e concentrado – tal a súbita franja feita por limalha de ferro atraída pela força dum ímã. À luz daquela janela, ao fanal daquela vidraça! Ponto crioscópico fazendo cristalizar a velha casa há tanto diluída e surgir sua fachada antiga e juvenil em lugar da que eu tinha diante de mim, máscara mortuária cheia de cicatrizes – como as de um rosto que se tivesse desfigurado com a espadana de um pote de vitríolo. Eu olhava deslumbrado quando o automóvel parou e ouvi as gargalhadas de Maria do Carmo e José Nabuco perguntando que sem-vergonhice eu estava fazendo? naquele bairro, naquela rua, àquela hora. Ri também consentindo. Como é que eu poderia explicar? Que estava ali completando oito anos de idade e que meu Pai, indagora! Ressurgira dos mortos para me dar nossa casa nova em folha... Nela eu entro, na velha casa, como ela entrava no jamais. Esse portão... (NAVA, *BO*, 2002, p.289-290. Os grifos são nossos; os destaques em itálico, do autor.).

A referência a Manuel Bandeira leva o escritor na sua viagem pelo tempo, pela vida. Passado e presente se misturam, e ele escreve. Registra as impressões da infância, despertadas pela força do *Rio Comprido*, da sua infância feliz no Rio de Janeiro, rio de águas límpidas, transparentes e claras, que se tornaram turvas com a morte do pai. Fluxo de vida alegre, interrompido pela perda que o faz voltar para a beira do *Paraibuna*, rio que o marcou sobretudo por sua violência, pela força das águas quase sempre escuras e pardacentas. Os desacertos da vida trouxeram o menino de volta às torrentes de Juiz de Fora, na companhia da mãe e dos irmãos, mas também da avó Maria Luísa, mulher que o levaria às angustias de homem-menino-homem. Mas há de se escrever, retomar, lembrar (para curar as feridas?). E então, no Rio de Janeiro, não mais aquele de 1910, 1911, da sua *infância querida que os anos não trazem mais*, mas na cidade em que vive o escritor adulto, em fins dos anos 1960, a escrever sua vida. Escrita de si. A escrita de seu *Baú de Ossos*.

Comparações e metáforas permitem ao escritor escrever suas lembranças, permitem-lhe dar a elas o significado e as dimensões que têm para ele. Voltando-se para suas *madeleines*, para os cheiros, perfumes que encheram sua vida de sentidos, para as cores e os sabores, vistas e experimentados, prossegue o memorialista na reconstrução de si. Da vida dos parentes, Pedro Nava volta para si mesmo, evidenciando esse embricamento de vários que faz nascer um. A escrita literária o permite fazer isso; seja ao construir um texto assim concebido, seja retornando a ela para ter os elementos de que precisa. Suas leituras, suas releituras. Intertextualidade. Seus escritores – parte de sua vida – constituem, desse modo, suas *Memórias*. Eles ajudam o autor não apenas a tecer os fatos do passado, como também o ajudam a pensar a moeda de duas faces do lembrar-esquecer:

Então é isto... Nela eu entro, na velha casa, como nela entrava nos jamais. Esse portão de ferro prateado, eu o abro com as mesmas chaves da memória que serviram ao nosso Machado, a Gérard de Nerval, a Chateaubriand, a Baudelaire, a Proust. Todo mundo tem a sua *madeleine*, num cheiro, num gosto, numa cor, numa releitura – na minha vidraça iluminada de repente! – e cada um foi um pouco furtado pelo *petit Marcel* porque ele é quem deu forma poética decisiva e lancinante a esse sistema de recuperação do tempo. Essa retomada, a percepção desse processo de utilização da lembrança (até então inerte como a Bela Adormecida no Bosque do inconsciente) tem algo da violência e da subitaneidade de uma explosão, mas é justamente o seu contrário, porque concentra por precipitação e suscita crioscopicamente o passado diluído – doravante irresgatável e incorruptível. Cheiro de moringa nova, gosto de sua água, apito de fábrica cortando as madrugadas irremediáveis. Perfume de sumo de laranja no frio ácido das noites de junho. Escalas de piano ouvidas ao sol desolado das ruas desertas. Umhas imagens puxam as outras e cada sucesso entregue assim devolve tempo e espaço comprimidos e expande, em quem evoca essas dimensões, revivescências povoadas do esquecido pronto para renascer. Porque *esquecer* é fenômeno ativo e intencional – *esquecer* é capítulo da memória (assim como que o seu tombo) e não sua função antagonica. Na recordação voluntária não podemos forçar a mecânica com que as lembranças nos são dosadas. Os fatos sumidos nos repentes, em vez de todos, em cadeia, voltam de um e um. Às vezes, um só. Esse se oferece para suprir e vicariar os que as defesas do psiquismo acham que não é hora de dar e ele é uma espécie de “em vez de” – acontecimento, imagem que tem de ser coagida pelo consciente, para soltar outros, outros e nos dar aparência do integral não achado, mas construído (tiririca, de que é preciso forçar o minúsculo pé, para fazer sair da terra os metros de raízes ocultas que ligavam moitas emergentes e distantes). Às vezes não adianta violentar e *querer* lembrar. Não vem. A associação de idéias parece livre, solta, mas há uma coação que a compele e que também nos defende. Penso, por exemplo, em livro. A mente vagabunda me leva à capa, à encadernação. Encadernar, a papelão. Este, a papel velho, a velho apanhador de papel, a mendigo, ente miserável. E lá vou... De encadernar eu poderia ter ido a couro, em vez de papelão. Mas couro foi escamoteado por causa daquele divã de couro de certa casa da Rua da Bahia – o que mais valia recalcar e deslembrar... Somos conduzidos pela preferência do espírito que é fuga, distração, descanso lúdico... Ave solta... Sua alteração, como que sua doença: o martelamento obsessivo que sucede no remorso, na saudade dos mortos, na dor-de-corno – em que tudo é pretexto de volta à imagem interativa, dolorosa e adesiva, que nos tem – ai! na gosma do seu círculo concêntrico. Pássaro no visgo... No que se precisa esquecer, nisto, a *memória* é exímia. Desvia na hora certa e suprime o couro,

para evitar o divã de couro empapado de lágrimas. Duas coisas sucedem ou são feitas no mesmo dia. Entretanto o tempo igual passa desigual sobre cada. Ao fim de anos, uma parece remota e a outra lateja presente e quando o acaso de nota tomada, de diário escrito, mostra-as do mesmo dia – ficamos varados de pasmo. É por isto que Proust dizia que nossa memória habitualmente não dá lembranças cronológicas

— *...mais comme un refelt où l'ordre des parties est renversée...* (NAVA, *BO*, 2002, p.291-293. Os destaques em itálico são do autor.).

[...] Conheci Moses Spector em 1914, no *Ginásio Anglo-Mineiro*. Nunca esqueci esse amigo de infância. [...] De quando em vez lá o via, presente na lembrança [...] diante da ponte de Brooklyn, em 1967, surgiu-me, sem que eu pedisse, surgiu-me dado pela memória, o seu endereço? Era – 1428, Pitkin Avenue – e esse número, esse nome de logradouro subiram das minhas profundas (onde tinham dormido cinqüenta e três anos) – perfeitos e nítidos qual flor que sai da treva noturna e abre a corola ao raiar da fresca madrugada. Às vezes, perturbada nos seus encadeamentos, a associação de idéias dói – como sonda metálica mal conduzida fazendo *fausse route* nos canais do corpo. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.293. Os destaques em itálico são do autor.).

Memória involuntária. Fatos e pessoas que ressurgem inesperadamente. Mais de cinquenta anos depois, Pedro Nava, agora voluntariamente, escreve suas lembranças (por que precisa?). Reminiscências perturbadoras o fazem acertar contas com o passado. Tempos de alegrias e tristezas, a experiência é que permite a recordação, voluntária ou não:

Há assim uma memória involuntária que é total e simultânea. Para recuperar o que ela dá, basta ter passado, sentido a vida; basta ter, como dizia Machado, “padecido no tempo”. A recordação provocada é antes gradual, construída, pode vir na sua verdade e falsificada pelas substituições cominadas, pela nossa censura. É ponto de partida para as analogias e transposições poéticas que Proust aponta em Baudelaire

... l'azur du ciel immense et rond... - ... un port rempli de flammes et de mâts...

A essas analogias podem servir ainda certos fragmentos de memória que – como nos sonhos, surgem, somem e remergulham feito coisas dentro de uma fervura de panela. Pedços ora verdadeiros, ora ocultos por um símbolo. São tudo chaves, as chaves que eu também usei para abrir nossa velha casa e entrar como nos jamais. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.294).

O processo de produção das *Memórias* e a reflexão de Pedro Nava sobre esse processo apresentam-se, no espaço mesmo do texto, como um exercício de escrita de si. Trata-se da produção de *uma* “verdade” do passado. É a verdade daquele que lembra, mas que também esquece, censura. Fragmentos do passado, revelados por “negativos superpostos” (NAVA, *BO*, 2002, p.358). Transparência?

3.2. A memória que se apóia em documentos

Falhas, vazios e lacunas na memória costumam se apresentar como uma motivação na busca de registros materiais que ajudem a quem deseja recordar. Os documentos podem, dessa maneira, contribuir com o processo de fazer emergir, de uma maneira menos turva e opaca, fatos e pessoas do passado que se viveu, que se quer (re)construir. É desse modo que, para dar forma às suas memórias, Pedro Nava, por meio de técnicas e métodos que se aproximam em grande medida da operação historiográfica, recorreu a documentos, tais como retratos, desenhos, certidões, cartas, cadernos: “[...] Abro o velho caderno e pela sua capa rasgada entro na minha infância, como Alice entrava, pelo espelho, na poesia do seu país de maravilhas. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.341). As *Memórias* de Nava nos permitem constatar isso, tamanhas são as referências aos documentos que foram recolhidos, reunidos e analisados pelo escritor durante a produção de sua obra memorialística.

O arquivista da família, no entanto, não alimentou sua escrita do passado apenas com as informações recolhidas do acervo familiar:

[...] John Mawe dá notícia de um deles, Felício Muniz Pinto Coelho da Cunha, que conheceu em 1809 ou 1810. Eschwege, de outro, Antônio Caetano Pinto Coelho da Cunha, de quem viu, em 1812, as catas de Cocais e os seus cento e sessenta negros penando no cascalho. Como esses seus irmãos, José Luís, o pai de Luís da Cunha, era também minerador e lavrara em Santa Bárbara do Mato Dentro. Eram fidalgos que se consideravam como genuinamente portugueses e fiéis vassallos da metrópole, o que os pôs em franca oposição à Inconfidência, como se comprova em interessantes documentos dados ao Arquivo Público Mineiro por meu tio-avô Júlio Pinto e que me foram mostrados pelo então Diretor Aurélio Pires. Nesses papéis, hoje extraviados, o título de merecimento às mercês solicitadas à Coroa, era o auxílio que a família dera à repressão daquele movimento. [...] Do feudo e da ojeriza entre as duas tribos, deu-me notícia Afonso Pena Júnior quando me contou várias anedotas referentes à descida gradual dos Pinto Coelho, ao seu nivelamento nas profissões liberais, a seu chafurdamento na pequena agricultura, ao seu enlissamento nas camadas do povo [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.142. Os grifos são nossos.).

Se, para reconstruir a história da família paterna, na busca por registros dos primeiros ancestrais, Pedro Nava buscou informações em instituições no exterior, tal como o *Studio Araldico Romano* (NAVA, *BO*, 2002, p.11),⁸⁰ para obter informações sobre as origens da

⁸⁰ Ainda sobre o trabalho de Pedro Nava nessa instituição, vale transcrever aqui um trecho de *Bau de Ossos*, em que ele narra essa experiência na Itália: “[...] Apesar das advertências de Henrique Pongetti contra a indústria peninsular do conto-do-vigário genealógico – passando pela Itália, em 1955, dirigi-me ao *Studio Araldico Romano* para ver se apurava alguma coisa da família. Obtive informação de sua origem milanese e notícia de seus ramos, um dos quais, colateral do *comitale*, extinguiu-se no século XVIII com Gabrio ou Galzio Maria, Bispo de Bréscia, e com um Francesco, de quem ainda havia notícia em torno de 1796. [...]”

família materna, a pesquisa de Nava se concentrou, em grande medida, no trabalho com documentos que pertenceriam ao Arquivo Público Mineiro (APM) e ao Museu Mariano Procópio, este último localizado em Juiz de Fora. Como já se destacou, é importante analisar esse trabalho do escritor, quando ele escreve na esfera literária. Por um lado, a escrita memorialística lhe oferece liberdade para ficcionalizar o passado; por outro, o pacto autobiográfico próprio desse tipo de escrita, por “exigir” do leitor credibilidade no texto, leva o autor, por causa mesmo de seus próprios objetivos e intencionalidades, a retomar o passado em seus tons *reais*. Para fornecer à escrita tal tonalidade, o memorialista busca dados em registros da época que deseja retratar.

Como um historiador, Pedro Nava não apenas buscou informações em fontes diversas, visitou arquivos e museus, ouviu casos, mas também acompanhou o destino da documentação pesquisada. No exemplo citado, o escritor lamenta o extravio de documentos do APM, antes consultados por ele. Além disso, Nava, pelo que se pode observar em suas *Memórias*, tal e qual se pratica no trabalho historiográfico, realizou a crítica de suas fontes:

Além de receitas de cozinha, Dona Lourença colecionava notas sobre sua família que permitiram que ela ditasse ao Visconde de Nogueira da Gama, boa parte da *Genealogia de Famílias Mineiras, publicação do século passado e transcrita com enorme acréscimo de erros pela Revista do Arquivo Público Mineiro, Ano XII, 1907*. Lá estão, no Capítulo III, 14 – Parágrafo 4º as palavras do nosso primeiro linhagista:

À admirável memória desta nossa respeitável tia, a primogênita da irmandade de nossa mãe, devemos em grande parte a presente notícia dos descendentes de seus bisavós Maximiano de Oliveira Leite e Dona Inácia Pires de Arruda... (NAVA, *BO*, 2002, p.152. O grifo é nosso.).

No cruzamento de dados obtidos de fontes variadas, o acervo familiar, juntamente com publicações antigas, ganha grande valor. É exatamente porque Pedro Nava sabia das práticas letradas de sua tataravó materna, porque buscou reunir a documentação de sua família e sobre seus parentes que o escritor pôde, assim, confrontar informações a ponto de

esse Francesco Nava, expatriado e de longas viagens longínquas, é o mesmo Francisco Nava que deitou vergôntes no Maranhão (como as datas fazem acreditar), por ele podemos ir de geração em geração até o *quattrocento* e até um coetâneo e homem do Duque de Milão [...]. E talvez ainda mais longe, pela mão de Francesco Grillo, que, na sua *Origine Storica delle località e antichi cognomi della Repubblica di Genova*, dá o nosso nome como de origem lombarda e menciona, como primeiro documento onde o mesmo aparece, a confirmação, de 14 de fevereiro de 1192, da convenção concluída entre os cidadãos de Alessandria e Gênova em 4 de fevereiro de 1181. Entre as de outros *testi giurati* da primeira, consta a assinatura de um Nava” (NAVA, *BO*, 2002, p.10-11).

reconhecer erros em uma revista publicada por uma instituição de renome, importante, especialmente para historiadores.

Somada ao trabalho em arquivos, à pesquisa em jornais,⁸¹ almanaques (NAVA, *BO*, 2002, p.54), anais judiciários (p.106), inventários (p.123), processos (p.132), na iconografia (p.197), em discursos (p.276), atas, ofícios (p.281), à reunião e análise de documentos dos acervos de seus parentes, tanto da família materna, quanto paterna, há também a busca por informações numa vasta bibliografia, objeto de leituras e estudos do escritor. Pedro Nava é um leitor voraz (também) de literatura, fato que pode ser facilmente comprovado pelas inúmeras referências do autor a textos desse campo e pela articulação entre a sua própria escrita e as idéias dos autores lidos ao longo de toda a sua vida. Na escrita do passado, (re)vivendo experiências, “a leitura não é apenas uma prática, mas uma forma de vida” (PIGLIA, 2006, p.21). No caso de Nava, para escrever a sua vida, o memorialista se vale de sua liberdade no uso dos textos; lendo segundo o interesse e a necessidade (PIGLIA, 2006, p.27).

Ricardo Piglia (2006), ao construir uma história imaginária dos leitores a partir das figurações do leitor na literatura, das representações do ato de ler na ficção, analisa as relações entre a leitura e a escrita. O autor, em um dos ensaios que compõem o livro, quando se volta para as vivências de Ernesto Guevara como leitor e escritor de suas experiências, tomando para análise o diário de Che, afirma: “assim como lê, Guevara também escreve. Ou, melhor, porque lê, escreve” (p.106). Conforme Piglia (p.109), “trata-se de unir a arte e a vida, escrever o que se vive”. Essas relações entre a leitura e a escrita, a arte e a vida, fazem-nos pensar sobre a produção memorialística de Pedro Nava.

Conforme o que destacamos ao analisar as *Memórias* em seu conjunto, de uma maneira mais panorâmica, em praticamente todas as páginas da memorialística de Nava, está presente a intertextualidade como um dos componentes fundamentais de sua narrativa. Além de leitor de literatura, Pedro Nava também foi leitor de outros tipos de texto, frutos de diferentes esferas discursivas. Não são raras as reflexões do memorialista que

⁸¹ Assim como são várias as referências aos papéis, recortes, textos avulsos, aos documentos de modo geral que compunham os acervos de seus familiares nas *Memórias*, também são bastante frequentes as referências de Pedro Nava aos jornais em que pesquisou, a partir dos quais o escritor empreendeu muitas análises, registradas em seu texto memorialístico. Destacamos aqui, contudo, apenas algumas dessas referências, a título mesmo de exemplificação, que constam em *Baú de Ossos* nas páginas: 19, 84, 91, 107, 217, 277, 278, 338.

referenciam obras, como se poderia esperar, da Medicina, da História, da Teoria da Literatura:

[...] também não roubei o que escrevi muito atrás sobre as analogias do solo desigual da casa de minha avó paterna – oscilante sobre as dunas de Fortaleza – e o da Basílica de São Marcos – ondulante às marolas da laguna de Veneza. É a verdade. Para os que acharem que não, que é plágio, safadeza, construção em terreno alheio – eu respondo com um convite à leitura de Afrânio Coutinho na sua introdução à *Obra Completa* de Machado de Assis, edição Aguilar, onde se expõe toda a *teoria do molho*. Poderia justificar-me ainda, com Camões (“*As armas, e os Barões...*”) valendo-se de Virgílio (“*Arma virunque...*”). O diabo é que eu, indigno! não sou Machado nem Camões... Ai! de mim – pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais... (NAVA, *BO*, 2002, p.294-295. Os grifos são nossos.).

Os estudos de Nava,⁸² suas leituras, a bibliografia pesquisada⁸³ pelo autor aparecem, assim, como um dos pilares de sua narrativa. No caso do trecho destacado aqui, Pedro Nava, recorrendo à intertextualidade, referencia Afrânio Coutinho, respeitado teórico da literatura. Para chamar a atenção para o seu próprio processo de produção das *Memórias*, Pedro Nava recorre às teorizações de Coutinho, a partir do que afirma o teórico sobre a obra de Machado de Assis. Em articulação com essas referências, encontramos a alusão aos clássicos da literatura universal e às relações intertextuais que existiriam entre eles. Estão citados aí Luís de Camões, Virgílio e, de modo indireto, Eça de Queirós.⁸⁴ Esse escritor português é aqui aludido com a mesma frase com que Nava abre seu *Baú de Ossos*; a mesma frase que aparece novamente, na página 176, encerrando o segundo capítulo do primeiro volume das *Memórias*. Em um jogo discursivo em que se busca ganhar a credibilidade do leitor, colocando-se, o memorialista, num lugar menor, que seria de menos prestígio como escritor, entre grandes nomes da literatura, sua suposta humildade literária atrairia ainda mais o leitor para a “verdade” de suas palavras.

Assim como são importantes os retratos, álbuns, quadros, telas, daguerreótipos, móveis, as folhas de receituário com genealogias registradas pelo primo do escritor, as

⁸² Vale a pena notar, como exemplo, o estudo que Pedro Nava realiza a partir de biografias, cartas e outros tipos de documentos a fim de reconstruir a história de Henrique Guilherme Fernando Halfeld, fundador da cidade que mais tarde se chamaria Juiz de Fora e o primeiro marido de Maria Luísa, sua avó materna. A narração dessa experiência do escritor com a documentação citada encontra-se entre as páginas 122 e 134 de *Baú de Ossos*.

⁸³ Destacamos, apenas a título de ilustração, as seguintes referências registradas por Pedro Nava: VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais* (NAVA, *BO*, 2002, p.114); FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso* (NAVA, *BO*, 2002, p.56-57).

cartas de seus avós, os cadernos de datas do avô paterno e de tio Salles, as notas diárias de Alice para (re)composição da história familiar paterna (NAVA, *BO*, 2002, p.33) e demais materiais impressos que destacamos neste subtópico, também a oralidade, o que foi ouvido pelo narrador, possui um importante papel na sua escrita, tal qual podemos verificar ao longo das *Memórias*, sobretudo em *Baú de Ossos*. Escrita e oralidade estão juntas no processo de reconstrução do passado. Assim, o subtópico a seguir apresenta uma análise da elaboração de *Baú de Ossos* a partir dessa perspectiva.

3.3. Oralidade: palavras ouvidas que se tornam palavras escritas

Desde a antiguidade clássica, a tradição oral ocupou espaço central na preservação de hábitos, costumes, da cultura e da história dos povos. Mitos, crenças, guerras, grandes feitos e conquistas eram narrados, e, pela mediação da voz, as gerações mais jovens conheciam o passado de seus ancestrais. A oralidade se tornou, dessa maneira, instrumento da memória dos que viveram e puderam, assim, narrar as suas vidas. Somente com a invenção da escrita, ao lado dos rapsodos, aqueles que podiam registrar os conhecimentos valendo-se de sinais gráficos passaram a ter também a função de transmitir e preservar saberes.

Muitos dos grandes feitos narrados em histórias, das quais são exemplos a *Odisséia* e a *Ilíada*, que antes se contavam graças ao poder da voz, da capacidade de se lembrar e de memorizar, passaram a ser transmitidos para a humanidade devido à invenção de uma tecnologia: a escrita. Dessa forma, escrever passou a oferecer a possibilidade de eternizar momentos já vividos, manter tradições, preservar conhecimentos.⁸⁵ Para alguns, entretanto, a escrita, como a fotografia, pode ser utilizada também para evidenciar que a força do tempo é irredutível.

Ainda assim, muitas vezes, os fatos e eventos de uma vida chegam àquele que irá registrá-los, e mesmo para aqueles que não farão isso por meio da escrita, graças à tradição oral, responsável por fazer sobreviver ao tempo as experiências importantes para determinados grupos. No caso das *Memórias* de Pedro Nava, entre outras funções,

⁸⁴ *Carta a João Chagas*, conforme citado pelo próprio Pedro Nava em *Baú de Ossos*, p.5.

⁸⁵ Para PLATÃO (2003), ao contrário, a escrita seria responsável por aprisionar a memória, e o homem perderia, ao escrever, sua capacidade de rememorar.

conforme o que discutiremos nos próximos capítulos, a oralidade teve papel primordial na composição mesma do texto. A oralidade não se afasta da escrita; foi graças a seu poder que Pedro Nava pôde voltar no tempo e escrever, por exemplo, o passado de seu avô e de Ennes de Souza: “Somos agora três adolescentes vivendo os banhos salinos que ouvi narrar a Ennes de Souza [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.14. O grifo é nosso.). Mais do que isso. É exatamente porque a oralidade mediava as relações sociais que Pedro Nava pôde ouvir casos e conversas que se transformaram, mais tarde, em matéria viva para ressuscitar seus mortos.

Ouvindo os casos, as histórias de seus parentes, Pedro Nava não somente deu vida de novo aos ancestrais perdidos, mas também retratou, a partir da história que “lhe chegou viva e olorosa”, cidades, a mentalidade e os costumes de uma época:

Resplandecente São Luís... Alegre São Luís – em que até os enterros eram motivo de festa. Lavado e amortalhado o corpo, bem-posto no seu caixão, saía imediatamente o cortejo para o velório na casa dos amigos. Porque cada um disputava o pobre morto e queria hospedá-lo em câmara-ardente uma ou duas das vinte e quatro horas que ele tinha para errar de porta em porta, no seu passeio derradeiro. Improvisava-se a essa, recoberta das mais ricas colchas, das mais belas rendas, das mais virentes flores, cercada dos castiçais de prata queimando altas velas, e armava-se a mesa para o festim funerário. Abancavam todos. Comia-se de rijo; águas ardentes e vinhos corriam como o Píndaré e o Itapicuru nas grandes cheias. Depressa minha gente, que ainda temos muita casa para entrar antes da última... E seguia o préstito aumentado em cada esquina pela perspectiva da vinhaça e comezaina. No fim o caixão oscilava incerto em mãos variáveis e o defunto, já passado a segundo plano, era apenas elemento acessório da procissão que seguia – festiva e lúgubre – com arrotos, soluços, ânsias de vômito, imprecações de órfãos, fungações de riso abafado e gritaria de viúva a todo pano. Só na hora do memento e do abismo dos sete palmos, cessava o alarido e todos silenciavam num arrepio – cada qual pensando no dia da Cólera em que seria pretexto de bródio igual. Acredite na história quem quiser. Eu acreditei, quando a ouvi contada pelo mais veraz dos maranhenses: Antônio Ennes de Souza (NAVA, *BO*, 2002, p.15. Os grifos são nossos.).

As palavras ouvidas, transformadas em escrita, convidam-nos a conhecer hábitos e maneiras diversificadas de lidar com o mundo. Nesse direção, o autor procurou até mesmo reproduzir o que se teria dito dando voz às suas personagens, a fim de que o texto (escrito) se aproximasse da realidade do tempo passado, da realidade que a voz poderia dar ao fato, o qual se desenrolaria no momento narrado, mais de 50 anos depois de ter sido escutado. Uma vez que as palavras ditas são fluidas e efêmeras (as palavras grafadas também não seriam, em certo sentido?), no jogo mesmo do texto narrativo em que se procura fisgar o leitor, Pedro Nava “deixa” esse leitor “livre” para acreditar, se quiser, nos casos que vão constituindo suas *Memórias*.

Serões e palestras eram elementos da rotina dos parentes paternos de Pedro Nava. Nesses encontros e durante essas conversas, características de seus ancestrais iam sendo destacadas. Em contato com o texto do memorialista, podemos entrar no tempo em que essas personagens viveram:

Às vezes vinha a esses serões a mãe de minha avó, Dona Maria de Barros Palácio. O pouco que sei a seu respeito vem de minhas tias que à custa de tanto falarem de sua doçura, da sua bondade e das suas lágrimas – esqueceram de salientar outros aspectos do seu modo de ser. Parece que a grande ocupação de sua vida foi estar grávida e parir. Criou oito filhos. Perdeu doze, na infância. Depois de minha avó, que foi a mais moça dos que vingaram, zangou-se-lhe a *mãe do corpo* e minha bisavó só teve desmancho após desmancho – o que levava minha tia-avó Marout, com o seu exagero, a dizer: “Minha mãe teve tanto filho que no fim, eles já vinham aos pedaços!” Aos braços, às tripas, às cabeças, às pernas, como naquela horrenda história do “Eu caio!” que espavoriu a infância de nós todos. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.46. Os grifos são nossos; o destaque em itálico, do autor.).

A tia-avó Marout, ao contar sobre os vários momentos em que Dona Maria de Barros Palácio esteve grávida, oferecia a Pedro Nava a possibilidade de conhecer as histórias de sua família, as quais se transformariam em matéria para seu texto memorialístico. O assunto, contudo, que, à primeira vista pareceria bastante peculiar à família do escritor, acaba por suscitar questões mais amplas sobre a época em que viveram suas ascendentes e a respeito de suas condições de vida. Afinal, quais seriam as outras possibilidades de vida, além de se ter filhos, cuidar da casa e do marido, que teriam algumas das mulheres brasileiras na segunda metade do século XIX?

Por meio do que Pedro Nava ouviu, é possível, para “o guardião da memória familiar” (SOUZA, 2004, p.18), tanto preservar costumes, hábitos, princípios e valores de sua família, que ele mesmo admirava e com os quais concordava, quanto desenhar, no espaço da escrita, com detalhes de quem parece ter vivido com os parentes que descreve, muitos de seus ancestrais com quem nem pôde conviver. Com precisão cirúrgica, o escritor, com o que lhe veio por meio da voz de membros de sua família, dá conta não apenas de características físicas, como também de traços da personalidade dos seus familiares:

O essencial é que os dois⁸⁶ se viram. Ao sol de ouro ou ao luar de prata da pequena cidade a um tempo mourisca e helênica (o cubo das casas de

⁸⁶ Referência ao encontro entre o avô paterno de Pedro Nava, Pedro da Silva Nava, e sua avó paterna, Dona Ana Cândida Pamplona.

Fortaleza imita o *beth* árabe e a curva do Mucuripe lembra a do cabo Sounion). Logo se distinguiram e a 1º de fevereiro de 1871 uniram-se em matrimônio, sendo testemunhas Severino Ribeiro Cunha, sua mulher, Joaquim Feijó de Melo e Dona Adelaide Cândida Pamplona Feijó de Melo – irmã mais velha da noiva. O casamento deve ter sido igual aos outros da época e pode se enquadrar na descrição que deles faz o meu preclaro primo Joãozinho Nogueira – para o público Dr. João Franklin de Alencar Nogueira, engenheiro e historiador eminente. Realizado de noite. O préstito lento dos noivos, parentes e amigos indo passo a passo até a Sé, “que era onde se consorciava a gente fina da terra”. A volta para casa em marcha ainda mais lenta e a *exposição* dos noivos no sofá da sala de visitas, cercados, no caso, dos amigos e do rancho numeroso dos parentes – Costa Barros, Nunes, Palácio, Abreu, Souto, Arruda, Barroso e Feijó de Melo. Era a hora dos risinhos, das insinuações, das alusões – de uso em todas as classes e que não terão faltado, bem como as bênçãos chorosas da mãe viúva Dona Maria Palácio Pamplona (viúva à moda do Ceará, com lágrimas eternas como as de minha tia-trisavó Dona Ana Triste) e bem como as ironias e os ditos ervados da crotálica Dona Irifila – cunhada da noiva, fera familiar, esposa-proprietária de Iclirérico Narbal Pamplona – político, comendador e mártir doméstico (NAVA, *BO*, 2002, p.20. O grifo é nosso; o destaque em itálico, do autor.).

O som, que se materializa na escrita, permite, ao lado de outras fontes que ofereceram para Pedro Nava elementos para a reconstrução da história de sua família, o retrato de suas personagens, o conhecimento de seu caráter, de seus encontros, de suas festas, de sua condição social.

Os casos e conversas dos parentes, muitas vezes, pelo que nos conta o sujeito-narrador das *Memórias*, chegavam a Pedro Nava por meio de diversos membros da família que haviam vivido as experiências narradas, ou as conheciam porque já as teriam escutado de um ou outro parente. Nesses casos, para a elaboração do texto, Nava contava não somente com a sua própria capacidade de memorização e de repetição do que fora ouvido, como também da memória do outro, da habilidade de outros para serem “fiéis” aos fatos que se lhes apresentavam oralmente. Outras vezes, como se disse antes, os casos e as experiências dos parentes chegavam a Nava, vindos de quem os havia vivido:

Minha avó era linda. Linda de pele, de dentes, de cabelos, de corpo e do airoso porte. Linda – do pescoço serpentino como o da Simonetta Vespuccia do quadro de Sandro Botticelli. Morena clara e de enormes olhos verdes. Os extraordinários olhos dos Pamplonas que, esmeraldinos como os dela, ou azuis, ou castanhos ou pretos, são sempre os mesmos – doces, rasgados, cheios das sugestões das coisas curvas e infinitas, lembrando a placidez das noites de lua e a distância de calmos mares. Esses olhos – de antropológica qualidade céltica, ibérica e lusíada, vieram da península com certo Hipólito Cassiano Pamplona. De geração em geração chegaram a seus bisnetos – minha avó e seus irmãos – e são os mesmos dos retratos dos primos de meu Pai: o belo Licurgo, a Zélia formosa, a Zaira altiva, a malfadada Zuleica e a tresloucada Zebina (Jocasta devolvida à vida pelo barão rompido); e das fisionomias que eu conheci vivas de outras parentas e suas filhas – as Bezerra de Menezes, as Cascão e as Castelo Branco, que vão multiplicando e já puseram na nona geração, depois do português, os olhos antigos que amei no rosto de minha avó e da sua única filha que os herdou: Alice (santa, santa, santa era minha tia Alice!). Os anos

engordaram, curvaram, deformaram minha avó, mas não prevaleceram contra seus olhos. Sexagenária, septuagenária, octogenária, ela os trazia cintilantes – não mais cabuchões inteiriços mas mosaicos poliédricos – que assim partidos, facetados e fissurados pelo Tempo, davam novas superfícies de reflexão à luz e mais faiscavam na fisionomia a que emprestavam a incorruptível beleza que impressionava a todos. Só que a vida longa e as mortes muitas tinham dado à sua expressão aquele travo e aquele desmoroamento sentido por Elyezer Magalhães, quando – a igual distância da gafe e do cumprimento – lhe disse um dia: “Dona Nanoca, a senhora é uma bela ruína...” Ela contava sempre esse caso, rindo e tão agradada que logo se via que só guardara da frase desastrada o que nela havia de intenção lisonjeira e galante (NAVA, *BO*, 2002, p.23. O grifo é nosso.).

Impregnado do vivido, o fato narrado a Pedro Nava passava a depender então de sua memória, de sua capacidade de repeti-lo, desta vez, não oralmente, mas pela escrita. A repetição, que seria característica forte da oralidade, aparece também como elemento importante da escrita. A transmissão do que se viveu ficaria condicionada, portanto, à fidelidade que Nava manteria (ou não) ao narrar o passado por meio da escrita. Em muitos casos, Pedro Nava não pôde recorrer a cadernos, retratos, objetos e móveis para erguer o passado monumental e grandioso de sua família paterna, tal qual ele nos é apresentado nas *Memórias*, especialmente em *Baú de Ossos*. O escritor tem apenas seu talento para escrever o que ouviu.

Por meio do que se verifica nas *Memórias*, os parentes de Pedro Nava pareciam apresentar uma maneira de falar que atraía os interlocutores. As conversas se encadeavam em uma narrativa, na perspectiva do memorialista, como se fossem um texto escrito, que prendiam a atenção do ouvinte e lhe davam prazer ao longo da interação entre os interlocutores:

Se meu tio-avô Itrício era cheio de rompantes, seu irmão mais velho, o Comendador Iclirício Narbal Pamplona era a figuração da medida, do discernimento, da ponderação e cerimônia. Gostava de conviver, de conversar e era um interlocutor perfeito e cheio de urbanidade. Tinha uma palestra viva, agradável e pintoresca. Dotado de talento para narrar – evocava com graça e facilidade. Era um prazer ouvi-lo, por exemplo sobre o Aracati natal. Revivia a história das imagens que choravam nos altares da Capela de Santo Antônio; das hóstias que sangravam nos cibórios da de São José; dos vinhos de missa virando água e sangue e novamente vinho nos cálices da de São Sebastião. Contava o caso do santuário que fora construído pelos charqueadores de 1714 e desabara duas vezes para mostrar o desejo da Virgem de ter uma grande igreja – o que se realizou com a ereção da de Nossa Senhora do Rosário. Referia as glórias cívicas de sua cidade o “Dezessete” o “Vinte e quatro”, os voluntários mortos no Paraguai, mas verberava, como monarquista, a vergonha da instalação, na mesma, do primeiro clube republicano do Ceará e que datava de 1870. Lembrava o nascimento de sua vida comercial com a indústria dos couros salgados, das vaquetas, das peles de cabra, das pelicas brancas; com a produção da mandioca, do algodão, da cana; com destilarias de cachaça e das moendas de farinha; com a exploração das salinas; com a invenção da carne-seca, ou de sol, ou de vento –

carne do Ceará – que na sua opinião bairrista devia ser chamada *carne do Aracati* – em lembrança do lugar onde surgira esse sistema de conservação. Enumerava a gente pioneira que tinha descoberto aqueles sertões que neles tinha deitado raízes, lutado, sofrido, labutado, enriquecido e subido para requintar-se na elite de onde tinham saído eles próprios Costa Barros e Pamplonas e mais os Liberato Barroso, os Nogueira Jaguaribe e Nogueira da Braveza, os Caminha, os Gurgel do Amaral, os Barbosa Lima, os Paula Nei, os Chaves, os Rodrigues, os Castro Menezes, os Castro Barbosa, os Castro e Silva, que eram nomes dos presidentes provinciais, dos prelados, políticos, jornalistas, desembargadores, letrados, bacharéis, médicos, poetas, escritores, professores – que faziam do Aracati centro que tinha o Ceará a mesma importância ateniense assumida por Campinas, em São Paulo ou Vila Rica, em Minas Gerais. Referia os filhos heróicos de sua terra. O agigantado Francisco José do Nascimento, o famoso *Dragão do Mar*, que acabara com o tráfico de escravos no Ceará [...]. Explicava os topônimos da terra e o porquê de Cajazeiras [...]. Contava do Jaguaribe [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.41-43. Os grifos são nossos; os destaques em itálico, do autor.).

Ao se basear na viva narrativa do tio-avô paterno, Pedro Nava também acaba por evidenciar a orientação religiosa da família. Ao costurar, em *Baú de Ossos*, os casos dos parentes que envolvem sua presença na Igreja, o sujeito-narrador nos faz pensar no contexto histórico do período em que viveram os membros de sua família.

Mas a conversa e os casos lembrados por Nava, que se apresentam como um dos fundamentos de sua narrativa, além de temas relacionados à religião e à presença da Igreja na vida das pessoas, contavam também com temas da história do país e da história regional. Fortaleza, tendo em vista a narrativa de Pedro Nava, na época em que viveu Iclirérico, já era um espaço urbano e caminhava para a industrialização, para a “modernização” pela qual outros estados e regiões do país ou já estavam passando, ou passariam anos mais tarde, conforme o que mostra Sevcenko (1998). Assim, embora a família de Nava fosse formada por grupos de parentes, espalhados por alguns estados, tais como Ceará, Maranhão, Rio de Janeiro, Minas Gerais, tratava-se de uma família que experimentou a urbanização do Brasil, ao que parece, desde o início desse processo no país.

Nota-se, por meio da análise das *Memórias*, que, ao mesmo tempo em que se refere ao processo de “modernização” e industrialização do país, a narrativa dos parentes sobre a situação de “desenvolvimento” a que se assistia estava também ligada ao cotidiano das atividades agropecuárias. Ao lado da industrialização, os casos contados pelos parentes de Nava referenciavam a agricultura, a pecuária, atividades produtivas fortes no Brasil ainda rural do período. Além disso, à medida que o Brasil mudava e “se desenvolvia”, na visão da família paterna do escritor (e na sua própria visão), também esse ramo da família

passava por uma transição, em que se evidencia melhoria nas condições de vida dos membros desse grupo. Mais do que isso, trata-se da “gente pioneira que tinha descoberto aqueles sertões que neles tinha deitado raízes, lutado, sofrido, labutado, enriquecido e subido para requintar-se na elite de onde tinham saído eles próprios Costa Barros e Pamplonas”. Na narrativa oral e no texto escrito, a família paterna de Pedro Nava ganha os contornos que a memória deseja e que tornam a história e a tradição dessa família ainda mais interessantes (e dignas) para se narrar, seja no plano oral, seja no plano da escrita. Nomes como *Costa Barros* e *Pamplonas* encontram-se, pois, junto de nomes da elite que se formou no Ceará e é assim que se apresentam na memória de Pedro Nava.

A família paterna, no imaginário do escritor, foi um grupo grandioso, exemplar, repleto de qualidades, dignas não apenas de serem admiradas, como também de serem aprendidas, adquiridas, conforme o que se verá no capítulo II. Essa crença de Nava na grandeza e no valor dos princípios de seus parentes paternos deve-se, em certa medida, ao que ele sempre ouviu falar sobre esse ramo de sua família. Entretanto, apesar de os casos da família tratarem quase sempre dos “grandes feitos” dos parentes paternos, havia, entre eles, uma mulher que destoava do restante dos membros do grupo:

Os irmãos, os cunhados, os sobrinhos ouviam sempre reverentes o respeitável Comendador da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e dentro do silêncio propício sua frase alongava-se alta, clara, elegante, oratória, as vogais bem abertas – para só abaixar-se, tornar-se confusa e sumir-se num gaguejado e num sussurro quando a mulher, deixando a roda das cunhadas e da sogra aproximava-se do grupo dos homens. Era hora de irem para a casa e Dona Irifila, em vez de simplesmente chamar o marido, gostava de perturbá-lo. [...] Foi assim numa noite em que o Comendador conversava com meu avô, recém-casado na família e seu cunhado de pouco. Justamente o Iclirérico e o Itrício enfronhavam-no na rede dos parentescos dos avós dos dois e na trama formada pelos Rodrigues, Pamplonas, Barros e Palácios, quando a Irifila veio se chegando em roscas moles que de repente enlaçaram o marido-Laocconte e estalaram-lhe os ossos com o arrocho da pergunta terrível: “Lequinho, você já explicou a Pedro Nava⁸⁷ de que quartel de sua família saiu o tio negreiro?” O Comendador tentou um sorriso que mais parecia a contração de um choro sem lágrimas, engasgou-se no meio da frase, ficou calado e todo trêmulo. O Itrício é que respondeu pálido e de voz rouca: “Ainda não, minha cunhada, mas vamos esclarecer o caso na sua presença porque ele toca a você também... Não se esqueça de que você é prima de seu marido e de que os parentes dele seus parentes são”. E esclareceu mesmo, aos urros, diante da consternação de todos e do irmão desnordeado (NAVA, *BO*, 2002, p.43. Os grifos são nossos.).

⁸⁷ Trata-se do avô do memorialista.

Vale notar que, para compor o retrato de Irifila na escrita das *Memórias*, Pedro Nava evidencia uma mudança no tipo de oralidade presente nas sociabilidades familiares quando a mulher de Iclirérico entrava em cena. Visto que ela se destacava, entre os membros da família paterna, justamente por ser a exceção entre eles, em termos de caráter e comportamento, também a narrativa (oral e escrita) apresenta-se diferentemente em relação ao modo pelo qual o texto vinha sendo construído, a fim de reforçar a figura dessa mulher como uma exceção na suposta grandiosidade da família paterna. Irifila, pelo seu temperamento, fazia mudar o tom das conversas e a organização social e familiar no que se refere a homens e mulheres, como se pode observar no trecho aqui citado.

Ora, estamos diante de uma estratégia discursiva que torna a narrativa memorialística de Pedro Nava ainda mais próxima da fração do real que o autor gostaria de apreender. É preciso, portanto, nesse caso, apresentar também aquelas personagens que destoam do restante dos parentes. Afinal, em todas as famílias, há parentes indesejáveis, aqueles considerados como os seus piores representantes...:

Não estou citando o celerado grandioso da família de minha avó ou o nômade humilde da de meu avô⁸⁸ por cinismo, nem por franqueza, tampouco por compromisso com a verdade. Apenas pela convicção de que não há família sem carneiro preto e que estes carneiros pretos são seus elementos de estabilidade. [...] O seu conjunto familiar jugulado por várias regras, mandamentos, cânones, convicções, tradições, preceitos, normações e complexos, para não rebentar também, precisa do antagonista. Do bode-expiatório que receba as misérias de todos, que assuma e transforme em atos as intenções e os desejos mal formulados de todos. Do bode-expiatório que peque por todos. Imundamente... Qual a floração de homens integérrimos, de cidadãos exemplaríssimos, de varões retíssimos, de mulheres fortíssimas, de virgens prudentíssimas que não sai de tronco cujas raízes mergulham na lama consangüínea de uma catraia, de um ladrão, de um bandalho, de um homicida ou de falsário? As famílias mais probas têm sempre seu gatuno, como face oposta, à que aparece, da moeda. As mais santas, sua vagabunda. As mais pias, seu blasfemador. As mais brandas, seu assassino. Quando se supõe que não têm, é que esconderam, escamotearam, exilaram ou suprimiram a testemunha do Senhor. E seu cadáver lá está – guardado e fedendo – no armário do fariseu... O meu está aberto, com suas prateleiras à vista. (NAVA, *BO*, 2002, p.45-46. Os grifos são nossos.).

⁸⁸ O autor se refere aqui a duas personagens da família paterna, que teriam envergonhado e escandalizado os parentes por causa de suas atitudes e de seus modos de vida. O primeiro, além de comportamentos ao longo da vida que teriam desmoralizado o ramo da família ligado à Dona Nanoca, avó paterna de Pedro Nava, teria se enriquecido com o tráfico negreiro. O segundo, “que havia de ser [...] irmão [de Pedro da Silva Nava, avô do escritor] e bastardo” (NAVA, 2002, *BO*, p.45) de Fernando, o bisavô paterno do memorialista, era conhecido na família por estar sempre sem trabalho e viver do dinheiro que os parentes lhe davam.

Dando visibilidade às imperfeições das personagens do ramo da família paterna (e também da família materna), Pedro Nava ganha mais credibilidade do leitor. Desse modo, o sujeito-narrador também não pode deixar de dar espaço, na sua escrita, para personagens como a Irifila e o ancestral que faria a história familiar menos digna por causa de suas atividades junto ao tráfico negreiro: “A história desse bandido familiar⁸⁹ era assunto de tabu. Tão tabu que eu que a ouvi, em 1922, de minha avó Nanoca, só pude colher o que ela adivinhara fragmentariamente do flibusteiro. Era certamente seu tio-avô [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.43).

Assim como há variações no texto escrito e oral de acordo com o que é tratado pelo autor, Pedro Nava também fala de diferenças nas conversas entre seus parentes, dependendo do espaço em que elas aconteciam:

A palestra havia de ser mais viva no gabinete do Feijó entre ele, seus cunhados [...]; seus concunhados José Pinto, Peregrino Arruda, Pedro da Silva Nava;⁹⁰ seus tios afins [...]. Tudo ia bem quando se cuidava de negócios, de genealogia, de velhos casos do Aracati, de lembranças da Guerra do Paraguai. Também todos estavam de acordo quanto ao problema dos escravos e eram, sem exceção, pela alforria e formavam na “Sociedade Abolicionista Cearense”, ao lado de Leonel Nogueira Jaguaribe, [...] Adolpho Herbster, Francisco Alves Vieira e Manuel Joaquim Pereira. Já a idéia de República causava discussões porque o Lequinho, o Feijó, o Zé Nunes, os dois Soutos, o Quincas Ferreira, o Flávio eram monarquistas enquanto o Candinho, o Itrício, o Durval, o Frederico, o Peregrino e meu avô eram republicanos. [...] Mas a conversa pegava fogo quando se discutia política da província. Aí nem os monarquistas se entendiam mais [...]. O Itrício chasqueava: “Ora o Feijó! Logo o Feijó! metido num grupo político que ostenta nome de mula-sem-cabeça! Juro que um dia ele se arrepende! Arrepen-de-é-dé, ou eu não sou mais Itrício Narbal nem me chamo Pamplona!” [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.48. Os grifos são nossos.).

Se as sociabilidades familiares aconteciam em um ambiente caracterizado pela presença de livros, como era o caso dos gabinetes das casas, então, a conversa, na perspectiva de Nava, era mais “viva”. É importante ressaltar que o ambiente letrado contava, no século XIX, no Brasil, com a presença de dois componentes tidos, conforme o que se vê em vários estudos, os quais serão referenciados no capítulo III, como diferentes e até opostos. Oralidade e escrita propiciavam a organização dos encontros entre parentes e amigos da família de Nava. Era nessa espécie de escritório que se deveria tratar de assuntos importantes para

⁸⁹ Trata-se de um tio dos tios-avós paternos de Pedro Nava, Iclirérico e Itrício; portanto, tio também de Dona Nanoca, sua avó.

⁹⁰ Avô paterno do memorialista.

esse ramo da família: negócios, genealogia, abolição da escravatura. Vale notar que, ao contrário de grandes representantes da família materna de Pedro Nava, tal como a avó Maria Luísa, na família paterna, exceto para um ou outro parente que faria a história familiar menos digna de ser narrada, havia consenso em relação à questão escravocrata; os parentes paternos, na sua grande maioria, bem como os frequentadores de suas casas “eram, sem exceção, pela alforria”. O escritório era, assim, um espaço austero para conversas também austeras.

O que se ouviu, ao se transformar em matéria escrita, também permitiu a Pedro Nava dar forma aos parentes da família materna. A mãe contava passagens de sua vida, e Pedro Nava procurava, no tecido textual, costurar os fatos, buscando, por meio da utilização de palavras que ele teria ouvido, produzir o mais possível efeitos de realidade na narrativa:

Minha Mãe contava essa viagem⁹¹ que ouvira da sua, que nela tomara parte menina-e-moça. A última olhada ao rio das Velhas e as suas barcaças que iam até o São Francisco. O Paraopeba, cujas águas pardacentas estranharam o tio Júlio e quiseram afogá-lo. O Chico Horta arrancando-o da correnteza e trazendo-o para a margem meio sufocado. A grandiosa surra de chicote ministrada por Luís da Cunha no imprudente assim que ele respirou e espertou. Peste, sem-vergonha! Assustando a gente. Toma, safado! Pensando que o *Propeba* é rio das Velhas... [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.117. Os grifos são nossos; o destaque em itálico é do autor.).

Efeitos de real são devidos, assim, como já mencionamos, ao que se teria pronunciado à época dos acontecimentos narrados por Pedro Nava. A palavra dita, e escrita nas *Memórias*, é forte o bastante para sobreviver à passagem dos anos. Os episódios do passado, constituídos também pelo que se disse, ressurgem nas páginas de *Baú de Ossos*:

[...] Meus tios-avós Luís, José Luís e Júlio, filhos do Luís da Cunha – todos tiveram seus bastardos. O último, tio Júlio, excedeu-se e, pelo recenseamento levantado pela má língua da prima Babinha (Dona Bárbara Coutinho Gouveia d’Orta), seus rebentos andavam aí pela conta dos cinqüenta e lá vai beirada... Tio Modesto José, irmão do Luís da Cunha, não desmerecia e, a propósito deste último, do avô, minha Mãe contava o vexame por que passara em Juiz de Fora quando, recém-casada, pelo braço de meu Pai, se amostrava, um dia, pela Rua Direita. Na esquina de Imperatriz pararam para falar com nosso primo José Alves da Cunha Horta (Juca Horta), que estava em companhia de um mulatão grisalho e de olhos d’água. Sinhá Pequena, que salvara o homem de cor como que do alto das nuvens, quase caiu das ditas ao ouvir o Juca mandar que ela

⁹¹ Trata-se da viagem de Luís da Cunha, bisavô materno de Pedro Nava, de Sabará para o lugar que mais tarde se tornaria Juiz de Fora, com a mulher e os filhos.

tomasse a bênção, ali, ao tio dela. Que tio? Este aqui, apontou o primo às gargalhadas – este aqui! que é filho do Padrinho e da Bárbara; irmãozinho da Inhá Luísa! *Padrinho* era o nome dado ao Luís da Cunha pelos netos, filhos de tia Regina. Bárbara era a inevitável mulata, sua escrava. E tal era o sentimento de respeito pelos parentes mais velhos, virtude dos Pinto Coelho, que diante de meu Pai estupefato e do Juca às bandeiras despregadas, minha Mãe beijou a mão do pardavasco. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.143-144. Os grifos são nossos; o destaque em itálico, do autor.).

Pedro Nava se vale, então, para reconstruir fatos e formas de agir no mundo, das palavras de suas personagens. Como se vê, nesse trecho em destaque, a oralidade, que aparece também sob a forma da voz de diversas personagens, agora transformada em escrita, juntamente com o trabalho do escritor, fornece-nos quadros, cenários de situações que se desenrolaram no passado, muitas das vezes, gerando constrangimentos e inversões de certas posições, como o que aconteceu no caso contado pela mãe do memorialista.

As evocações de lugares, casas e pessoas tornaram-se marcantes para Pedro Nava naturalmente porque se trata de sua história. Mas também o que se ouviu, como já se notou neste subtópico, traz outra marca forte, típica do que se costuma contar, a repetição:

[...] Muitas vezes ouvi minha Mãe evocar a chácara suburbana do avô. [...] A casa simples e enorme, cheia de primos, de primas, de gritos infantis, de cantigas de moça e marteladas de araponga. A mesa imensa e farta onde se sentavam com a família todos os cearenses protegidos por Jaguaribe. Ele dava-lhes o prato, a rede, a roupa, o fumo, o emprego. Encarreirou um sem-número de moços de sua província. Minha Mãe referia sempre um deles – o mais desmazelado, o mais urso, o mais áspero, o mais filósofo, o mais intonso: chamava-se Capistrano de Abreu (NAVA, *BO*, 2002, p.162. Os grifos são nossos.).

Repetindo-se, tem-se a garantia da preservação dos casos e dos fatos que compõem a história familiar. Há, dessa maneira, a possibilidade de se memorizar o que aconteceu por meio do que se conta e vai ser contado por vários membros da família, a fim de se conservar as histórias, que envolvem os ancestrais, ao longo de várias gerações, até que o material oral se torne material escrito.

Histórias menos confessáveis, no entanto, fazem parte das histórias de todas as famílias. Com o ramo materno da família de Pedro Nava, não seria diferente. Tendo isso em vista, o que poderia tornar mais frágil a tradição dessa parte de sua família, ao contrário do que se poderia esperar, não passa despercebido pelo escritor: “[...] As crias.⁹² De noite

⁹² Aqui Pedro Nava se refere às negras que viviam ainda, no início do século XX, como escravas na casa de sua avó materna e assim eram tratadas por ela.

tomavam a bênção. Isto eu vi e ouvi. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.247. O grifo é nosso). Assim, o tratamento dado por Maria Luísa a “suas escravas” quando o país já havia assistido ao 13 de maio é narrado por Nava em vários momentos das *Memórias*. No acerto de contas com o passado, o memorialista procurou colocar em primeiro plano as injustiças praticadas pela “Sinhá” e presenciadas pelo menino, futuro sujeito-narrador das histórias da família.

Para a reconstrução da Juiz de Fora de sua época de menino, a voz da mãe parece ter sido a mediadora fundamental. Além daquilo que o próprio memorialista pôde se recordar, a mãe trouxe os traços de figuras marcantes, de casos que encenam personalidades e o caráter de muitas das personagens que povoam as *Memórias* em relação à história da família materna. Sobre a cidade de nascimento de Pedro Nava e dos seus episódios políticos, foi Diva quem ofereceu ao filho matéria para a escrita memorialística:

[...] Várias vezes a Morte tem desviado os caminhos da política mineira. Tudo se mudou com a de Silviano Brandão e aí pelos vinte, com a de Raul Soares. As duas de 1908 e 1909 alteraram a vida de muita gente. Afonso Pena trazia no bolso do colete, para sucedê-lo na Presidência da República, o nome de João Pinheiro. Seria inevitável. João Pinheiro, idem, para o Palácio da Liberdade o do Dr. Duarte de Abreu. Isto é tão certo, segundo ouvi de minha Mãe, que o Dr. Duarte já convidara meu Pai para a Prefeitura de Belo Horizonte. Tudo combinado. Eis senão quando, a “indesejada das gentes”... Pode-se dizer que estas duas mortes acabaram com a carreira do Dr. Duarte, apesar da esticada que ele ainda teve como deputado federal. Daí ele sairia para um cartório no Rio de Janeiro e deixaria definitivamente a política. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.269. O grifo é nosso.).

Como se pode observar, as recordações de Nava são mediadas também pelo que o escritor ouviu da mãe. Parece natural, contudo, que a maior parte de suas reminiscências ligadas ao ramo materno da família e à cidade de Juiz de Fora se relacionem com a voz e as reminiscências de Diva. Pode-se interpretar a retomada de casos e de conversas como uma ação cotidiana na relação de Pedro Nava com a mãe. Assim, nada mais natural que as experiências do escritor em Juiz de Fora se liguem ao que Diva pôde lhe contar:

[...] Numa espécie de préstito improvisado em 1907, contava minha Mãe, havia um carro cheio de *Navas*, todos com máscaras imitando a cara de meu Pai e vestidos como ele. Gritavam: Eu sou o Diretor de Higiene! Eu sou o Diretor do Santa Helena! Eu sou o Presidente do Liceu! Eu sou o Professor do Granbery! Eu sou o Secretário da Sociedade de Medicina! Eu sou o redator do Boletim! Eu sou Médico! Eu Operador! Eu, Parteiro! Tinha mais essa, porque nesses tempos policlínicos, raro era o médico de Juiz de Fora que não fizesse de tudo e não fosse o que se chamava de “médico-operador-e-parteiro”. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.281. O grifo é nosso; o destaque em itálico, do autor.).

As atribuições do pai, quando Pedro Nava tinha apenas quatro anos de idade, em Juiz de Fora, foram retomadas pelo escritor graças à voz da mãe. Dessa maneira, os eventos que aconteceram na cidade e que se relacionam às ações de José Nava no lugar são narrados por Pedro Nava, em *Baú de Ossos*, valendo-se do que o memorialista, mais uma vez, ouviu de Diva e pôde contar na escrita de suas *Memórias*.

3.4. A lembrança (ou a não-lembrança): as pessoas, os objetos e o ato de recordar

Um apoio que sustenta o processo de produção das memórias, como se poderia esperar, é a capacidade de lembrar do escritor. Lembranças das vivências de sua infância junto da mãe (NAVA, *BO*, 2002, p.7-8); do que se ouviu na casa da avó materna sobre o pai e sua experiência na Maçonaria: “Para a cólera-que-espuma da sogra (‘Cachorrão! Coitada da minha filha...’), repugnância das cunhadas (‘Pobre de nossa irmã, casada com bode preto!’), consternação de minha Mãe (‘Nossa Senhora, que pecado!’) e escândalo da Cidade (‘Pobre moça! Também, casar com nortista...’)” (p.7); daquilo que ressurgiu devido ao contato com objetos deixados pelos parentes (p.17) vão sendo costuradas ao longo das *Memórias*. Às vezes, é necessário dar espaço a uma personagem incômoda para que, uma vez ressuscitada pela pena, ela saia da lembrança: “Já que se tratou de Dona Irifila, vamos logo a ela para que seu vulto ominoso se me espanque da lembrança. [...]” (p.20). Em outros momentos, ao contrário, mesmo tendo ganhado vida no espaço das *Memórias*, a lembrança de *um tempo perdido* permanece:

Se a batida do Ceará é uma rapadura diferente, a batida de minha avó Nanoca é para mim coisa à parte e funciona no meu sistema de paladar e evocação, talqualmente a *madeleine* da *tante* Leonie. Cheiro de mato, ar de chuva, ranger de porta, farfalhar de galhos ao vento noturno, chiar de resina na lenha dos fogões, gosto d’água de moringa nova – todos têm a sua *madeleine*. [...] Posso comer qualquer doce, na simplicidade do ato e de espírito imóvel. A batida, não. A batida é viagem no tempo. Libro-me na sua forma, no seu cheiro, no seu sabor. [...] Para mim, roçar os dentes num pedaço de batida é como esfregar a lâmpada de Aladim – abrir os batentes do maravilhoso. Reintegro imediatamente a Rua Aristides Lobo, no Rio; a Direita, em Juiz de Fora; a Januária, em Belo Horizonte – onde chegavam do Norte os caixotes mandados por Dona Nanoca com seus presentes para os netos. Docemente mastigo, enquanto uma longa fila de sombras vem dos cemitérios para tomar o seu lugar ao sol das ruas e à sombra das salas amigas: passam lá fora o Coronel Germano e Dona Adelina Corroti numa conversa de palavras sem som. Meu Pai entra sorrindo e seus pés não fazem barulho na escada. Minha Mãe chega em silêncio e tira duma jarra um molho de cravinas translúcidas para pôr no coque. A vida recomeça como a projeção (no vácuo!) de um filme do cinema mudo (NAVA, *BO*, 2002, p.26-27. O destaques em itálico são do autor.).

A *madeleine* tem o poder de disparar a memória, e, numa rede de interconexões, a cultura, os saberes da região em que viveu a família paterna de Pedro Nava aparecem. A tradição familiar também constitui as *Memórias* de Nava e se mescla com a cultura do narrador adulto. O escritor então, por meio de um jogo intertextual, característica fundamental da organização escrita de suas *Memórias*, (res)significa suas lembranças. No espaço memorialístico, literário, registra-se o conhecimento do escritor tanto da obra *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust, referência constante nas *Memórias*, como também das *Mil e uma noites*. Tanto Proust quanto sua obra foram grandes referências para Pedro Nava. Além da presente interlocução com o escritor francês, de características estéticas e estilísticas das *Memórias* que mostram a intertextualidade de Pedro Nava com o autor, como ele, Nava também elaborou uma “conjunção delicada entre autobiografia e ficção” (SOUZA, 2004, p.23).

Muitas vezes, para lembrar, é necessário que o escritor se apóie em objetos que marcaram a existência de certas personagens que povoam a sua narrativa. Porque as imagens e reminiscências não apresentam o contorno desejado pelo memorialista, são os registros da experiência que lançam luz sobre o que se deseja lembrar: “O proprietário de Santa Clara era o português Manuel da Silva Carneiro, íntimo de meu avô e padrinho de casamento de minha Mãe. A esfumada lembrança que tenho dele reaviva-se graças a velhas fotografias suas, tiradas em companhia de amigos, entre os quais meu tio Antônio Salles e meu Pai. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.263. Os grifos são nossos.).

Como parece evidente, a experiência é uma das grandes peças da narrativa de Pedro Nava. Em outras palavras, ter vivido o momento; ter participado de determinadas situações; ter ouvido conversas, comentários, casos, conforme o que já exploramos no subtópico anterior; ter visto, conhecido pessoas e lugares apresentam-se como fortes elementos para a composição da narrativa memorialística. Assim, o vivido, também porque agrega espaços, pessoas e objetos importantes do passado para o autor, permite a ele se lembrar:

[...] Não venho forçando tipo de meu tio-avô.⁹³ Conheci-o muito velho e estou a ver-lhe a cabeça chata de cearense, os cabelos e a barba de prata [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.38).

⁹³ Trata-se de Itrício, irmão de Dona Nanoca, avó paterna de Pedro Nava.

[...] A nossa sala de jantar era sempre alegre e cheia de sol. Dava, por duas janelas, para a horta de trás. Nunca me esqueço do café da manhã e do ar fixo e abstrato de minha mãe tomando-o em pequenos goles. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.224-225.).

[...] Outra lembrança que tenho de meu Pai, à Rua Direita 142, é a de sua figura cuidando da plantação de estramônio. [...] Quando nos mudamos para o Rio essa casa foi ocupada pelo poeta Belmiro Braga [...]. Várias vezes lá voltei com meu tio Antônio Salles, mas seus cantos já tinham comido os restos da sombra de meu pai. A casa, derrubada, persiste intacta dentro de mim [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.226).

[...] Todas essas lembranças são inseparáveis da vinda da prima do Stella Matutina.⁹⁴ Mas ela é que era a Estrela da Manhã e a mais linda figura de moça em que pus meus olhos. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.238).

[...] Lembro bem sua cara proustiana parecida com a de Boni de Castellane. [...] Lembro depois da casa desamparada quando lá nos hospedamos, a pedido do Paletta, para meu Pai assistir dia e noite uma de suas filhas com uma infecção puerperal. [...] Guardo da Creosotagem⁹⁵ a assustada lembrança da carreira que me deu um bezerro de que escapei cerca abaixo. Guardei também as gargalhadas divertidas do Paletta e do Antônio com a situação e do nenhum gesto esboçado em meu socorro. Eu tinha seis para sete anos [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.274).

As reminiscências do escritor são povoadas por vidas que se desenrolam no espaço da sua memória. Desse modo, povoam, sua narrativa, pessoas, objetos e lugares, os quais se associam no texto e ganham características sinalizadoras do tipo de experiência que o escritor viveu em cada momento e da maneira como ele as reconstrói no espaço das *Memórias*:

[...] o caderno. Era grosso, de folhas pautadas, de capa alaranjada. Presente de tio Salles que fora comprá-lo comigo à Rua Haddock Lobo – provavelmente para que eu deixasse de me associar aos papéis de sua escrivãzinha.⁹⁶ Pelo capricho da vida dos objetos, esse caderno ficou primeiro esquecido num caixote de livros de meu Pai. Quando ele reapareceu, fui aproveitando suas páginas em branco para novos desenhos que se superpuseram aos antigos como as camadas sucessivas de Tróia e onde só eu – Schliemann! – distingo o que é 1910, 1911, 1914 e 1918. Tornou a sumir sepultado numa dessas fundas canastras que só se abrem por acaso. Ressurgiu furado de traças, já tocado pelo tempo e começando a representar o passado. Foi sendo guardado e hoje eu o contemplo como coisa preciosa, “como um copo de veneno”, como bocado tangível de minha infância. Esse caderno traz nas suas páginas o pó de uma longa seqüência de casas cujo

⁹⁴ *O Pharol* publicou vários anúncios a respeito do Colégio para meninas em Juiz de Fora. Também o *Jornal do Commercio* apresenta anúncios do estabelecimento escolar em vários de seus números, na época em que Pedro Nava morou em Juiz de Fora (1903-1910, 1911-1913).

⁹⁵ “[...] sítio do Paletta [marido de Berta, tia materna de Pedro Nava], na estação da Creosotagem, logo adiante de Mariano Procópio. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.274).

⁹⁶ A compra do caderno ocorreu, segundo o que se verifica em *Baú de Ossos*, em 1910. Nessa época, Pedro Nava estava com sete anos.

ambiente tornou-se dele inseparável. Impregnou-se dos ares do Rio Comprido, do mofo de Juiz de Fora, da luminosidade de Belo Horizonte. Esteve na *Floresta*, na *Timbiras*, na *Serra* e *Padre Rolim...* Tem poeira carioca e poeira de Minas. Foi folheado por dezenas de mãos agora mortas, cujo suor vivo e cujas impressões digitais deixaram nele – para sempre! – seu traço. É desses objetos mágicos, embebidos de gente – gente falecida – cujo resto material é sentido pelos cães que uivam aos mortos ou pelos bruxos que os invocam. Esse caderno lembra sobretudo meu período de realeza em Aristides Lobo 106. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.340-341. Os grifos são nossos; os destaques em itálico, do autor.).

[...] Lembro-me dos postais que ele⁹⁷ mandava a meu Pai. Sobretudo de um, fantástico, representando crepúsculo no Tâmis e a silhueta da *Tower Bridge* recortando-se em céus de sangue. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.268. O grifo é nosso.).

[...] Lembro-me do escritório do Dr. Duarte, numa cena cuja data posso precisar: junho de 1909, porque eu folheava uma revista, parece que a *Careta*, com uma série de fotografias tiradas na câmara-ardente e no enterro do Presidente Afonso Pena, falecido no dia 14 daquele mês.⁹⁸ O corpo do velho político deitado no caixão. Os florões dos ornatos, as flores de pano, os tocheiros acesos. O Dr. Duarte sentado e calado, meu Pai muito agitado e andando dum lado para o outro a dizer sem cessar – o Pena foi traído! o Pena foi traído! traído! traído! – e o Dr. Duarte fazendo que sim. Guardei indelevelmente a cena, ajudado por esta palavra inédita – traído – que eu não conhecia e que liguei à idéia funerária do Presidente, de mistura com imagens fluviais na dependência da homofonia – traíra – e sugestões adejantes, nascidos do nome Pena. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.268-269. Os grifos são nossos; o destaque em itálico é do autor.).

Tal como revela nossa análise no subtópico anterior, a lembrança das palavras ouvidas por Pedro Nava, além da recordação de pessoas, dos objetos, nesse caso, a revista *Careta*, ligada ao mundo da escrita, e dos lugares guardados na memória do escritor, em muitos dos episódios das *Memórias*, aparece como material decisivo na composição da narrativa.

É importante notar ainda que, no processo da escrita das *Memórias*, também têm lugar, ao lado da lembrança, os vazios e lacunas: “[...] Foram meus padrinhos a mãe e o padrasto do meu Pai. Não guardei lembrança, mas devo ter conservado no recôndito de

⁹⁷ Trata-se de Sílvio Weguelin de Abreu, oficial da marinha que estagiava na Armada Inglesa na primeira década do século XX, filho do Dr. Duarte de Abreu, amigo do pai de Pedro Nava. Juntos, os dois (o Dr. Duarte e José Nava) aparecem em notícias nos jornais de Juiz de Fora (*O Pharol, Jornal do Commercio*), relacionadas a serviços prestados à população da cidade à época da enchente de 1906, a maior das inundações que a cidade sofrera na primeira década do século XX, segundo os jornais. *O Jornal do Commercio*, em 14 de janeiro de 1906, quando noticiava as conseqüências da enchente causada “pelo transbordo do Parahybuna, que transformou toda a parte baixa de Juiz de Fora numa cidade lacustre”, assim se referiu à atuação dos dois médicos em Juiz de Fora: “Em sua visita aos pontos que mais têm soffrido com a inundação, o dr. Duarte de Abreu tem sido acompanhado pelo Dr. Lustosa, engenheiro municipal e Nava, director de hygiene”.

⁹⁸ Os jornais de Juiz de Fora noticiaram, durante vários dias de junho, no ano de 1909, a morte do político. *O Jornal do Commercio* de 18/06/1909, por exemplo, trouxe, em sua primeira página, detalhes do funeral do “Conselheiro Affonso Penna”, das homenagens prestadas a ele pelos “chefes de Estado”.

minhas células a influência profunda das frutas da terra que, para terror da minha Mãe, minha avó me deixava comer até perder a respiração. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.35. O grifo é nosso.). Ainda que Pedro Nava afirme não ter guardado lembrança desse evento, fazer lembrar tal acontecimento, no momento da escrita do passado, é importante. Não se poderia deixar seu batismo no esquecimento, visto que nele estiveram envolvidos parentes por quem Nava nutria afetividade e respeito. Há também outros eventos em que o esquecimento está presente, e, nem por isso, tais eventos são excluídos do material que alimenta as *Memórias*:

Não me lembro da cara nem do nome de um só colega, de uma só colega do Andrès. Vejo-os, sem detalhe fisionômico ou contorno físico – esvanecidos no ar da *sala de jantar* ou no recreio, diluídos ao sol, como as figuras de confete da arquibancada do *Circo* de Seurat. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.256. Os destaques em itálico são do autor.).

[...] Também não tenho lembrança nítida da casa da Rua Direita, esquina de Imperador. Sei que nela morreu a “minha filha”. Sim, minha filha, pois de tanto o ouvir de minha tia, era assim que eu chamava minha prima Alice, Cecinha. Vulto indistinto e que é um dos fantasmas amáveis de minha infância. Mal o vou configurando na lembrança que logo some na distorção do fumo que se esvai ou nas ondulações do ectoplasma que não chega a se materializar. Alice. [...] apendicite supurada [...], a coisa terminou em septicemia e morte. Não tenho disso senão o conhecimento do que contava minha Mãe [...]. Cirurgia de 1905 (NAVA, *BO*, 2002, p.223. Os grifos são nossos.).

Embora o ato de recordar seja motivado por pessoas, objetos e espaços da experiência passada; ainda que a escrita de Pedro Nava esteja permeada por tais elementos, as *Memórias* se fazem, em grande medida, como se pôde observar, daquilo que o memorialista ouviu. Assim, no intuito de se conhecer, o que a memória o impede de lembrar, de refigurar, de dar corpo, ganha vida novamente pela lembrança do que o sujeito-narrador escutou quando menino, quando adulto, de quem pôde contar-lhe o que se passou. Logo, é aglutinando as falas de amigos e parentes, de seus mortos, que o escritor materializou na forma de palavras escritas outros elementos que também configuraram sua história, a história dos seus e de várias personagens que estiveram relacionadas a sua própria vida. Portanto, mais do que a imagem de pessoas, mais do que o contato com objetos, mais do que a (re)visita a lugares ou a sua (re)criação mental, é a voz de outros – rememoradas ou ouvidas no momento da escrita – que ajudou Pedro Nava a empreender sua aventura de saber de si. A voz de outrem o leva, enfim, à reconstrução do passado.

3.5. (As ciladas da) Memória: lembranças desencadeadas por sensações e impressões

Não só objetos e lugares fazem disparar a memória. Em busca do passado, e, por muitas vezes, mesmo sem se desejar o encontro com a vida de outro tempo, a memória é capaz de trazer de volta as sensações e impressões de antigamente. Nas *Memórias* de Pedro Nava, eventos e objetos, pessoas e espaços se tornam reais para o escritor graças também a seu contato diário com os cheiros da sua vida: “esse cheiro especial de drogas e de cânfora [...]: cada vez que o sinto recaio no gabinete médico de meu Pai [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.224).

Para o memorialista, os fatos passados não são apresentados a ele voluntariamente, ou de uma maneira sobre a qual ele pudesse ter controle. Lugares, acontecimentos, tempos se misturam numa cadeia de lembranças:

Não é bem como eu disse antes, que anoitecia aqui, para acordar ali. A memória é que suprimia os intervalos e permitia que eu passasse sem interrupção, da noite da Rua Direita aos terreiros ensolarados de secar café, em Santa Clara; da primavera da chácara do seu Carneiro ao verão do Rio Comprido e aos frios do Paraibuna. Na vida ubíqua da infância, as perspectivas do tempo variavam como as do espaço e tudo ficava simultâneo, coexistente, como que superposto, entretanto transparente e visível [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.227).

Na escrita, os fatos vão ganhando a ordem que a memória possibilita – e, por vezes, quer desviar. Logo, nas *Memórias*, podemos encontrar Pedro Nava em lugares muito distantes entre si, por causa do tempo e do espaço que os separam, juntos. No ato de recordar, o escritor transita com facilidade entre o espaço rural e o espaço citadino das Minas Gerais. No lugar do calor do Rio de Janeiro, passa a sentir repentinamente os ventos frios de Juiz de Fora.

Porém, apesar da superposição e da simultaneidade, a memória, na perspectiva do escritor, pode apresentar, em alguns momentos, os eventos claros e as águas de sua vida transparentes. Uma suposta (e desejada) nitidez dos fatos possibilitaria, portanto, sua narração. A lucidez, entretanto, parece presente mais no texto escrito, controlado pela pena, pelas reflexões, pelo trabalho de quem pensa para escrever, do que propriamente nos movimentos da memória, sempre envolta por uma névoa. É o texto lícido, pois, que permite ao memorialista iluminar o passado, as perdas:

Mal a família se separara, teve que se juntar outra vez para o funeral de tio *Chiquinhorta*. Morreu a 28 de maio de 1908, dois meses depois das bodas. Enterrou-se num adorável dia de sol, tanto quanto posso reconstruir, pelas quatro

da tarde. Os grandes tinham ido para o velório e ficáramos sob a guarda da Rosa e da Deolinda. De janela, esperando o saimento. Foi meu contato inicial com a Morte. [...] De repente estourou aquele mundo de homens de negro saindo pela porta estreita, logo se alargando e ocupando toda a rua. [...] No meio, e carregado à mão, o objeto horrendo que eu via pela primeira vez. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.251. O destaque em itálico é do autor.).

Revive-se a morte, que ganha significado no ato de reconstrução dos acontecimentos. Perde-se o parente, e o menino, na visão do adulto que narra a sua própria história, tem a vida modificada pela morte; vida perpassada e entremeada de alegrias e tristezas.

Muitos episódios das *Memórias* são (ou se tornam na escrita) marcantes para Pedro Nava por causa da tensão que trouxeram (ou trazem no ato de escrevê-los) para o sujeito-narrador. Ao lado da felicidade, graças a um jogo de antagonismos, de antíteses, sempre podemos encontrar episódios que fazem referência à morte, ao poder devastador do tempo, à decadência dos seres humanos. Se recordar é (re)viver, o impacto do momento vivido no passado é experimentado de novo, quando narrado no presente: “Uma das fortes impressões guardadas da minha infância era a de quando eu acordava e ficava calado, de minha cama, assistindo a meu Pai em luta com sua asma. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.261).

Se a morte e a ameaça das perdas trazem impressões fortes, também as experiências boas despertam, na memória de quem lembra, associações que traduzem a felicidade já experimentada: “[...] Na Rua Aristides Lobo, mesmo a noite guarda cintilações de alvorada. Só consigo evocá-la, dentro de massa luminosa e pontilhada como a dos quadros de Signac, Cross, Bonard e Seurat. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.299). Em relação a esse trecho, destaca-se o fato de ser essa a rua da casa em que Pedro Nava parece ter sido mais feliz durante a infância, mais feliz do que em Juiz de Fora, na casa da avó materna. Sendo assim, nada mais coerente do que evocar tal rua dentro de uma “massa luminosa”, de modo que a memória o leve à felicidade experimentada em Aristides Lobo, rua associada ao seu amor, de longa data, pela pintura. Nas *Memórias*, forma e conteúdo das palavras se entrelaçam e se reforçam no arranjo do texto na página. Aos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, como é o caso daqueles referentes às artes plásticas, associa-se aqui a rua em que o escritor viveu momentos felizes.

A memória, contudo, como se destacou anteriormente, costuma não obedecer aos desejos de quem recorda. Assim, novamente, ao lado das alegrias de menino, os momentos tristes também têm lugar nas lembranças (e no texto) do escritor:

Guardei ainda outras recordações do pátio cimentado de frente de nossa casa. Nele fazia correr meu prodigioso trem de ferro, sobre os trilhos que eu articulava em curvas caprichosas, juntando fim e princípio para que a viagem jamais se interrompesse. Vagão de passageiros, *tender* e a fabulosa máquina a vapor-locomotiva de verdade, funcionando com água que uma lâmparina de álcool fazia ferver. Corria, apitava, deitava fumaça e atravessava os desertos americanos quando foi atacado e destruído pelos índios *sioux*. Eram os moleques da casa-de-cômodos instalada no 104, que tanto o fizeram, instigados pelo esverdeado Valdemar [...]. Vizinho e inimigo, ele mandara apedrejar meu comboio na hora em que eu entrara para jantar [...]. Os restos de latão foram atirados no rio Comprido e eu tive, com esse atentado, minha primeira amostra da luta de classes. Também um símbolo: as pedradas que tenho levado pela vida afora sempre que ponho meus trens de ferro correndo mais depressa que os deles [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.303. Os grifos são nossos.).

O trem, símbolo da “modernização” pela qual passavam as sociedades do início do século XX em várias cidades brasileiras e também do exterior, brinquedo do menino, acaba por compor um cenário de perda para o escritor na infância. Ao relembrar o objeto da infância e as “pequenas” violências sofridas à época, o passado reconstruído ganha valor e sentidos diversos. Brinquedo e objeto passam, para o narrador adulto, a ocupar um espaço simbólico relacionado às competições e aos embates da vida presente, do mundo presente.⁹⁹

*

Procuramos neste capítulo refletir sobre as aproximações entre História e Literatura, bem como a respeito da potencialidade do uso de autobiografias e memórias na pesquisa histórica. A fim de explorar a fonte principal do ponto de vista de sua produção, escolhida para investigar os modos e as condições de participação nas culturas do escrito por Pedro Nava, elaboramos o tópico três do presente capítulo. Para a crítica da fonte, como é habitual em investigações do campo da História, destinamos nossa análise neste capítulo à compreensão da composição das *Memórias*. Para tanto, tomamos como base a análise de *Baú de Ossos*, visto que, na introdução deste trabalho, já havíamos tratado do sujeito da pesquisa, das condições de produção de suas memórias, do conteúdo do primeiro volume da obra memorialística, livro mais importante da série em relação aos nossos objetivos nesta dissertação. Uma vez cumpridas essas exigências metodológicas,

⁹⁹ *Galo-das-trevas*, *O Círio Perfeito* e *Cera das Almas* são muito significativos por apresentarem as violências sofridas pelo sujeito-narrador na sua vida profissional. O texto sugere um narrador (um escritor?) já descrente e sem esperança nas boas ações humanas e desinteressadas, tamanhas são suas decepções e frustrações no trato com os homens de seu tempo.

dedicamo-nos, a partir de agora, à investigação da família Pedro Nava e do espaço urbano em que viveu sua infância, a fim de analisar as condições que o permitiram participar das culturas do escrito e se estabelecer no mundo letrado.

**CAPÍTULO II – O PERCURSO DE FORMAÇÃO,
NA FAMÍLIA E NA CIDADE, DE UM MEMBRO DAS ELITES NO INÍCIO DO
SÉCULO XX**

No meu tempo, tudo era repressivo: a educação doméstica, escolar, social, religiosa, política, econômica, comportamental. A partir de uns vinte anos para cá, comecei a ver as pessoas liberando-se cada vez mais dessa camisa-de-força, em todos esses campos. Nem por isso o chão abriu aos pés delas ou o céu desabou sobre suas cabeças. Não houve o castigo ou a punição eterna com que minha geração foi oprimida, amaldiçoada. É por isso que insisto com os jovens: não renunciem a nada.

Pedro Nava. *Revista Visão*. Maio de 1984.

1. Primeiros contornos

Como o pai, ele se tornou médico. Em 1927,¹⁰⁰ Pedro Nava formou-se e iniciou sua carreira na Medicina, embora, na década de 1920, já tivesse estreado como escritor, no movimento modernista de Belo Horizonte. Antes, contudo, de se entregar ao ofício de escrever, produzir literatura mais propriamente, era necessário exercer a profissão que já se insinuara para o menino em Juiz de Fora, e no Rio de Janeiro, na convivência com o pai. Na formação desse membro das elites brasileiras, certamente teve papel fundamental sua família que, nas palavras de Drummond, constituía-se de “doutores, políticos, intelectuais, comerciantes, aventureiros, senhoras donas-de-casa”, cujas origens ligam-se “a raízes de clã no nordeste, em terra carioca, antes de aflorar em Minas como produto do entrelaçamento de famílias que são forças em movimentos no Brasil do século XIX” (2002, p.15).

Em busca de suas origens, é, nas primeiras páginas das *Memórias*, que Pedro Nava nos apresenta seus pais e avós:

[...] Foram meus pais o médico cearense Dr. José Pedro da Silva Nava e a mineira D. Diva Mariana Jaguaribe Nava, de nascimento, e apelido a Sinhá Pequena. Aquele, filho do negociante maranhense Pedro da Silva Nava e da cearense D. Ana Cândida Pamplona da Silva Nava. Esta, do Major da Briosa Joaquim José Nogueira Jaguaribe, também cearense, e da mineira da gema D. Maria Luísa da Cunha Pinto Coelho Jaguaribe (NAVA, *BO*, 2002, p.8).

De um lado, está o médico e cearense, o pai de Nava, de outro, a “Sinhá Pequena” e mineira, sua mãe; de um lado, o negociante, maranhense¹⁰¹ e a cearense,¹⁰² avós paternos,

¹⁰⁰ Conforme o que verificamos na narrativa de *Beira-mar*. Também a *Revista Visão*, em artigo sobre a morte e o velório de Pedro Nava, apresenta essa informação. A data de sua formatura na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte aparece ainda nos diversos estudos sobre o memorialista, como aqueles que foram escolhidos como referências para o presente trabalho.

¹⁰¹ Pedro da Silva Nava, o avô de quem o memorialista herdaria nome idêntico, tal como consta em seu cartão de matrícula na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte (SOUZA, 2004, p.124), sabia ler e escrever;

de outro, o “Major da Briosa”, cearense também, e a “mineira da gema”, seus avós maternos. Para apresentar seus ancestrais mais imediatos, Pedro Nava parece jogar com posições que se distanciam (se contrapõem?) tanto geograficamente, quanto por seus lugares sociais. Apesar dos possíveis antagonismos, o “destino” fez com que se encontrassem José Pedro e Diva: “[...] Pois foi nessa *belle époque* que doenças, necessidades, obrigações, compromissos, acaso, destino – o *fatum* – fizeram convergir para o Rio de Janeiro gente da família de meu Pai, da de minha Mãe. Os parentescos e amizades começaram a tecer a teia dos conhecimentos e dos amores. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.199). Assim, a 14 de junho de 1902, temos o casamento dos pais de Nava, em Juiz de Fora (p.220).

Do encontro, nasceriam, no entanto, desencontros. No jogo das oposições, já anunciadas nas primeiras páginas de *Baú de Ossos*, antagonismos marcariam a vida do jovem casal em Juiz de Fora. Esses embates marcariam também a vida e a formação de Pedro Nava na cidade, pois não seriam poucos os confrontos que o menino presenciaria. Embate de elites, confronto de idéias: “Descendente de uma família cidadina, filho de um comerciante liberal, meu Pai assim que conheceu melhor a sogra rural, escravocrata, dominadora e violenta, tomou-lhe horror. Protestou logo contra a pancadaria a palmatória e marmeleiro a que a Inhá Luísa submetia as numerosas crias que tinha dentro de casa e achou ruim esse *ersatz* da escravidão. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.247). Homem e mulher. Ele, jovem, médico, intelectual, originário da burguesia do norte, cearense, republicano e

“possuía uma instrução bem acima da que se podia exigir para seus bilhetes comerciais e para a escrituração do ‘deve e haver’ de suas faturas. [...] Como língua estrangeira, pelo menos a francesa lhe era familiar e ele a escrevia corretamente [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.17). Nasceu “na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de São Luís do Maranhão, a 19 de outubro de 1843” (p.10) e morreu antes de completar seus 37 anos de idade, em 31 de maio de 1880. Casou-se no Ceará e lá nasceram seus filhos. Na perspectiva do neto, “[...] Vindo de São Luís para Fortaleza, deve ter se apresentado bem, dado boa conta de si e boa informação de sua gente, pois foi aceito para casamento numa família antiga, bem aparentada na província e politicamente atuante nesta como noutras do Norte e Nordeste do Império. [...]” (p.18). Ele teria chegado em Fortaleza, entre 1868 e 1870, época em que a cidade começava a passar por mudanças sociais e culturais (p.19), trazidas pela urbanização.

¹⁰² Aos 17 anos de idade, Ana Cândida Pamplona casou-se com Pedro da Silva Nava, em 1º de fevereiro de 1871 (NAVA, *BO*, 2002, p.20). Ela nasceu no dia 06 de setembro de 1853, tendo como pais o tabelião José Pamplona e Dona Maria de Barros Palácio. Às origens incertas do marido, contrapunha-se a história genealógica da avó paterna de Pedro Nava; sua ascendência era portuguesa, “[...] contava várias gerações de antepassados luso-cearenses [...]” (p.18). Ana era a caçula de um grupo de 21 irmãos, pertencia a uma geração em que tanto seus irmãos quanto os seus ancestrais ocupavam posições políticas de domínio no Brasil do século XIX (p.18-19). Sabia ler e usava seus conhecimentos da língua escrita também para trocar

aboliconista; ela, a avó de Pedro Nava, mulher já vivida, enriquecida pelo casamento com o engenheiro alemão, proprietária de escravos, mãe de Diva, agora esposa do Dr. José Pedro: “[...] Meu Pai não concordava, falava, protestava e em pouco estava incompatível com a sogra. Assim, cada período que passava em seus reinos era de raivas e contenções que viravam acessos de asma mais freqüentes. [...]” (p.247).

Mas nem só de embates entre Maria Luísa e José Nava se constituíram as lembranças de Pedro Nava da infância no seio familiar. A convivência com o pai em Juiz de Fora também apresentou momentos menos tensos:

Da base do 142 ou do 179 da Rua Direita, era freqüente que eu saísse com meu Pai, para visitar seus amigos. Ele gostava de me mostrar ora de chapéu de palha e bengalinha; ora, para a indignação de minha Mãe, com um terno igual ao dele, corrente de relógio atravessando o colete; ora vestido de matamosquitos, de boné e dolmã cinzento igual ao da brigada da Diretoria de Higiene. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.266).

Acompanhando pai e filho nas ruas da cidade, logo percebemos as influências de José sobre Nava. Nos passeios com o filho, José o vestia como ele.

Apesar disso, o que parece mesmo ter marcado Pedro Nava, durante a infância em Juiz Fora, foi a convivência difícil com a avó materna. Grande parte de *Bau de Ossos*, bem como vários episódios de *Balão Cativo*, se não são compostos pelas ações de Maria Luísa, minimamente trazem referências a ela. Na perspectiva de Pedro Nava, a antipatia por Maria Luísa não era um problema apenas de seu pai. Esse sentimento era partilhado também por outros membros da família:

Quando minha avó entrava em erupção vulcânica, o Paletta lembrava sempre seu remédio. O Jaguaribe deve levar a Dona Maria nas suas viagens ao Norte de Minas e bom será que por lá se instale com ela. Você, seu Nava, devia mudar-se para o Rio com a família e o Meton para o Ceará. Assim isoladas da Inhá Luísa, as manas se neutralizariam e ele, Paletta, ficaria no seu bem-bom de Juiz de Fora com mulher submetida, com filhas carinhosas, longe das cunhadas impossíveis e livre daquele jararacuçu da sogra. O plano era magnífico mas foi denunciado pelo próprio Major, que preferia desfrutar as morenas do Norte de Minas sem trazer o estafermo a tiracolo. Foi delatado pelo próprio Meton, que não queria saber de encrencas. Mas reacendeu em meu Pai o desejo de mudar-se. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.282).

cartas com o marido, nos anos em que estiveram fora do Brasil. Enquanto Pedro viajava pela Itália, Ana se encontrava na Suíça (p.51).

A presença de Maria Luísa era de tal modo incômoda que os genros desejavam distância da sogra. Mesmo seu segundo marido, tal como percebemos em *Bau de Ossos*, vivia a viajar... Nas *Memórias*, contudo, não fica claro (e talvez fosse essa a intenção de Pedro Nava) se as viagens de Jaguaribe tinham como objetivo o distanciamento da mulher por causa do seu gênio feroz. No lugar disso, a narrativa de Pedro Nava sugere (propositadamente?) que parecem ter sido outros, os motivos que levavam o avô do memorialista ao norte do estado.

Tendo em vista essas primeiras características de alguns dos parentes mais próximos de Pedro Nava que destacamos na apresentação deste capítulo, como poderíamos delinear a configuração da família do escritor? Considerando-se as relações entre seus familiares, as quais começam a ganhar contornos aqui, que traços poderiam nos oferecer uma imagem mais próxima desse grupo? É sobre isso que passamos a refletir a partir de agora.

2. Uma família das *élites* brasileiras?

Não é tarefa fácil definir o que é um determinado grupo social, a princípio, devido mesmo à dificuldade de se estabelecer os critérios que, utilizados na análise dos indivíduos, das famílias, ofereceriam a possibilidade do agrupamento exato. Dessa forma, falar em classes sociais, *élites* no lugar de *elite*, camadas e meios populares forneceria, aos que se atrevem a pensar, a refletir sobre a sociedade, em certos momentos de sua história, um abrigo (não tão) seguro. Para Giovanni Busino (1999, p.250), “a parte do grupo ou da classe que tenta assegurar-se da hegemonia sobre o seu grupo ou sobre a sua classe, ou ainda sobre todos os outros grupos ou todas as classes da sociedade, é chamada elite”. Entretanto, a *distinção* concreta e real entre as pessoas, que sentimos cotidianamente, em nossas relações diárias, freqüentemente, relaciona-se com o poder aquisitivo, com o poder econômico que certos grupos detêm na sociedade brasileira. Apesar dessa constatação, se analisamos a palavra *elite*, por meio de sua etimologia, observamos a complexidade que pode envolver seu emprego:

Feminino de *élit*, antigo particípio passado de *élire*, “escolher”, usado já no século XII, assume ao longo do século XIV o significado de “eleito”, “escolhido”, “eminente”, “distinto”, em suma, o que de melhor existe num grupo social, numa comunidade, entre diversos indivíduos. Assim se fala de elite do exército, da cavalaria, da sociedade, de uma profissão ou de um ofício, etc. No plural, a palavra “elites” depressa assume um valor conotativo específico: indica,

de facto, as pessoas que, num dado sector, ocupam um posto superior, em virtude do nascimento, da inteligência, ou da riqueza (BUSINO, 1999, p.245).

Alguns dos estudos históricos, no caso do Brasil, parecem apontar um estreita relação entre o poder econômico e o pertencimento de indivíduos, famílias e grupos à elite da sociedade brasileira, respeitando-se sempre as circunstâncias de tempo, espaço e as particularidades de cada região do país. Para Eduardo Schnoor (2000, p.166), ao longo de sua história, as elites brasileiras vêm se apresentando aos nossos olhos como grupos sociais capazes de exercer diversas formas de poder (militar, político-social, ideológico-simbólico). Tanto as reflexões de Busino (1999) quanto as de Schnoor (2000) são retomadas aqui apenas com o fim de explicitar o campo de significação do termo com o qual procuramos trabalhar na caracterização da família de Pedro Nava, sem, contudo, tentar eliminar a complexidade que envolve a definição de *um* significado para a palavra. Não podemos deixar de salientar, nesse sentido, que, se, de um modo geral, o termo *elite* ou *elites* apresenta sua complexidade, convidando-nos ao questionamento e à verificação de seus alcances e limites, ao entrar no Brasil, mais especificamente nas Minas Gerais de fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, a discussão em torno do conceito (e dessa classe social) ganha ainda mais nuances e elementos. Para Pedro Nava,

Ninguém pode compreender nada da história social e política de Minas, se não entender um pouco de genealogia para estudar os troncos e os colaterais, por exemplo, dos descendentes de D. Joaquina do Pompéu – esses Pinto da Fonseca, Melo Franco, Gastão da Cunha, Laras, Álvares da Silva, Capanemas, Silva Campos, Melo Campos, Valadares, Guimarães, Abreus, Vasconcelos, Cordeiros e Caçadas – dominadores, proprietários, mandões, sobas, políticos, diplomatas e estadistas do Oeste. Como por exemplo, ainda, esses Felício dos Santos, Camargos, Pires, Rabelos, Lessas, Machados, Pimentas, Prates, Sás do Brejo, Sás da Diamantina, outros dominadores, caciques, coronelões, espadachins, poetas, políticos, embaixadores e estadistas do Norte. O grupo familiar dos Andradas de Minas não ficava nada a dever a esses outros dois clãs que tomamos como exemplo e teve, na Mata, significado idêntico. O Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada [...] tinha [...] simpatia e aquele encantamento que ele dividia com outros Lima Duarte – os seus primos Penido. Por estes ele se ligava aos Burniers, Monteiros, Teixeira Leites, Assis, Álvares da Silva (primeira ponte para o Oeste e para a gente do Pompéu), Ribeiros, Ribeiros de Oliveira, Batistas de Oliveira, Nunes Lima, Bandarós, Mascarenhas, Vidais Barbosa Lage e Valadares (ponte para o Oeste e para a gente do Pompéu). Pelo mano José Bonifácio, aos Lafaietes e aos Stoklers. Pela esposa, aos Olindas, Araújo Limas, Guimarães, Azevedos, Moreiras e Régis de Oliveira. Tudo isto representava uma família extremamente solidária e estendendo-se, em distância, da Borda do Campo a Petrópolis e ao Rio, passando por Juiz de Fora e zona mesopotâmica de Minas. Acresce que além de solidária, essa gente era a possuidora. Das fazendas, das companhias, das empresas, das indústrias, das fábricas, do prestígio nas profissões liberais, das santas-casas, das confrarias, das obras pias, das gotas-de-leite, das sopas-dos-pobres, das irmandades e dos apostolados. Uma piedade exemplar fazia chover sobre todos as bênçãos da

Igreja e os juro das apólices. Deste modo, tocar num só era logo por *en branle* e a favor, o executivo, o legislativo, o judiciário, os correligionários, os compadres, os afilhados, os primos de primos dos primos, os contraparentes, Guy de Fongaland, Santa Teresinha do Menino Jesus, o próprio Menino Jesus, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a dos Navegantes, a dos Aflitos, a de Lurdes, o Padre, o Filho e o Espírito Santo... *Desses degraus – não precisava esforço para dominar politicamente.* É o que aconteceu com essa elite durante uns cem anos da história de Minas e da Mata, e se agora ela começa a perder força, poder e cabedais – é em virtude daquela lei pendular que dá a pais fascistas, filhos comunistas, e às gerações poderosas, descendências demissionárias... Pois foi contra essa fortaleza que se desfizeram politicamente, meu Pai, o tio Paletta e o Dr. Duarte de Abreu [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.270-271. Os grifos são nossos.).

A tentativa é assim de dar um contorno o mais aproximado possível do que seria o grupo social ao qual Pedro Nava pertenceu, entendendo seus conflitos e contradições internas, para, desse modo, apreender as condições em que ele mesmo, menino em Juiz de Fora, viveu, como membro desse grupo social, e que possibilidades tal pertencimento ofereceram para sua formação.

Esse trecho, destacado das *Memórias*, sugere-nos que, em Minas Gerais, em boa parte do século XIX, a elite social era também a elite política no estado.¹⁰³ As “grandes” famílias, portanto, dominavam praticamente todos os campos sociais. Só mais tarde, com os sinais de ruína do Império, é possível perceber algumas fragmentações e rupturas dentro desse grupo social que, inicialmente, parece ter sido mais homogêneo.¹⁰⁴ Ao lado das elites

¹⁰³ GOODWIN JUNIOR (1996) evidenciou como, no caso de Juiz de Fora, entre os anos de 1850 e 1888, a elite política, representada pelos vereadores da câmara municipal, ligava-se diretamente à atividade agrícola. Essa elite era formada por senhores de escravos, e os que não estavam relacionados “à economia cafeeira, a esta ligavam-se por laços de parentesco, casamento, ou mesmo porque do café dependiam todas as demais atividades econômicas” (p.6).

¹⁰⁴ No cenário nacional, as elites liberais apresentavam sua insatisfação em relação ao Império Brasileiro. Entre 1850 e 1870, período marcado por uma série de revoltas, levantes e guerras regionais contra as interferências européias que procuravam mudar as sociedades de modo a adequá-las ao padrão econômico de base científico-tecnológica, exigido para a consolidação da unidade global do mercado capitalista (SEVCENKO, 1998a), iniciou-se no Brasil um processo de desestabilização institucional. A escala e o custo dos confrontos bélicos ocorridos na região do Rio da Prata, a guerra do Paraguai geraram um endividamento “galopante” que desestabilizou as bases do Império. Nesse contexto, o Partido Republicano foi fundado (1870), “propondo a abolição da monarquia, e entrou em cena uma nova elite de jovens intelectuais, artistas, políticos e militares, a chamada ‘geração de 70’, comprometida com uma plataforma de modernização e atualização das estruturas ‘ossificadas’ do Império baseando-se nas diretrizes científicas e técnicas emanadas da Europa e dos Estados Unidos” (SEVCENKO, 1998a, p.14). Também os grandes fazendeiros de café do Sudeste, que assistiam à expansão da cultura cafeeira nessa região do país, “em decorrência das crescentes demandas de substâncias estimulantes por parte das sociedades que experimentavam a intensificação do ritmo de vida e da cadência do trabalho”, desejavam o advento da República a fim de que pudessem não só controlar seus próprios rendimentos, como também “usar de seu poder econômico para decidir os destinos da futura ordem republicana” (p.14).

econômicas brasileiras do século XIX, constituída por cafeicultores do Sudeste e por “uma nova camada de arrivistas, enriquecidos no jogo especulativo e nas negociatas dos primeiros anos do novo regime” (SEVCENKO, 1998a, p.15), encontravam-se cientistas, médicos, engenheiros, arquitetos, urbanistas, administradores e técnicos. Para Sevcenko (1998a, p.17), “as decisões com maiores conseqüências sobre a vida das pessoas passavam ao controle dessa nova burocracia científico-tecnológica” que também passou a ocupar a cena, como uma nova elite, graças à “consagração da ciência positiva como o apanágio do progresso no século XIX” (p.17). Esses novos personagens, envolvidos na gestão do “progresso” do país, apresentavam pelo menos um objetivo em comum em relação às elites econômicas, que substituíram a elite econômica da era monárquica: “promover uma industrialização imediata e a modernização do país ‘a todo custo’” (p.15).

De acordo com Sevcenko (1998a, p.27), as elites republicanas levaram um longo tempo para compreender os “fenômenos do subdesenvolvimento e das desigualdades inerentes ao sistema de trocas no mercado internacional”; as repúblicas do século XIX, inclusive a república brasileira, “estavam impregnadas” pelo “pensamento individualista liberal” (VEIGA, 2002, p.23). Assim, por não ter ainda germinado entre elas “uma significativa substância crítica” (SEVCENKO, 1998a, p.27), as novas elites esforçavam-se para reduzir a complexidade própria da realidade brasileira, de modo a ajustá-la aos padrões de gestão social europeus ou norte-americanos. Para Sevcenko, ainda que fossem “esses modelos da missão civilizadora das culturas da Europa do Norte, do urbanismo científico, da opinião pública esclarecida e participativa ou da crença resignada na infalibilidade do progresso”, era “como se a instauração do novo regime implicasse pelo mesmo ato o cancelamento de toda a herança do passado histórico do país e pela mera reforma institucional ele tivesse fixado um nexos co-extensivo com a cultura e a sociedade das potências industrializadas” (1998a, p.27). Desse modo, enquanto a consciência crítica das elites brasileiras não amadurecia, “prevaleceu o sentimento de vergonha, desprezo e ojeriza em relação ao passado, aos grupos sociais e rituais da cultura que evocassem hábitos de um tempo que se julgava para sempre e felizmente superado” (p.27-28).

Conforme Sevcenko (1998a, p.35), entre os membros da nova elite, foram os artistas, escritores e intelectuais, que haviam se empenhado na propaganda republicana, aqueles que perceberam as “mazelas, compromissos e articulações fraudulentas mediante as quais o novo regime se implantou”. Segundo o autor, sua “decepção com a República os levaria a denunciar os esquemas de privilégio, as manipulações das instituições, a

distribuição dos cargos, as eleições espúrias e a ausência de garantias da cidadania. Apesar da fachada, a República não era liberal nem democrática”. Nesse sentido, vale destacar, abolicionistas e republicanos, como é o caso do pai de Pedro Nava e também de seu tio Antônio Salles, embora ligados à elite endinheirada, apresentavam-se como representantes de uma força burguesa mais intelectualizada e urbana do que propriamente de uma elite rica, rural, escravocrata e proprietária de terras, como seria o caso da avó materna do escritor, após o casamento com Halfeld.

Temos, retratados nas *Memórias* de Nava, indivíduos cujas posições sociais são mais voláteis do que fixas, porque sujeitas aos rumos que foram tomando suas vidas e o próprio país. Se, no Ceará, em fins do século XIX, José Pedro da Silva Nava pertencia a uma burguesia intelectual e cidadina, o exercício da profissão de médico em Minas Gerais, após o casamento com a “Sinhá Pequena” não o colocou, logo de início, em uma posição de prestígio. Porém, suas características intelectuais, sua posição social de médico, sua rede de relações possibilitaram-lhe uma carreira, reconhecidamente na época, de um membro da elite brasileira:

Meu Pai foi Diretor da Higiene Municipal em Juiz de Fora, nos períodos de administração dos Drs. João d’Avila e Duarte de Abreu: princípios de 1903 até dezembro de 1907. Coube-lhe, nesse cargo, apoiar e fiscalizar as feiras rurais que se realizavam nos arredores da cidade e socorrê-la durante o verdadeiro flagelo que foram as enchentes de 1906.¹⁰⁵ O Paraibuna furioso invadiu a parte baixa da zona urbana, transformando-a numa espécie de Veneza, em que se andava de barco quase até a Rua Santo Antônio. [...] Infelizmente houve desabrigo, fome, falta de gêneros, doenças. Tudo foi atendido por meu Pai, como Diretor de Higiene, e por minha Mãe que correu as ruas para angariar donativos, transformou sua casa em armazém [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.279-280).

Juiz de Fora não seria, contudo, o porto de um intelectual que já assistia ao desenvolvimento de sua carreira como médico:

[...] meu Pai [...] ele sempre considerou sua estada em Juiz de Fora como coisa provisória. Prova é que vivia viajando para o Rio, provavelmente vindo de que jeito poderia se instalar na Capital Federal [...]. Vinha ora com minha Mãe, ora só. Se se demorava um pouco, escrevia mandando me buscar e eu lá vinha, geralmente com o Dr. Duarte e a Dona Albertina. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.282).

¹⁰⁵ Noticiada intensamente nos jornais de Juiz de Fora, a enchente de janeiro de 1906 deixou a parte baixa da cidade alagada. José Nava colaborou trabalhando, juntamente com o Dr. Duarte de Abreu, seu amigo e autoridade política na cidade, e o Dr. Lustosa, engenheiro, conforme mostra o *Jornal do Commercio* (14/01/1906, 15/01/1906, 18/01/1906). Em 1907, ocorreria nova inundação, e, mais uma vez, José Nava e o Dr. Duarte de Abreu trabalharam juntos para tomar as providências necessárias nos pontos alagados da cidade, tal como mostram as notícias do *Jornal do Commercio* (21/02/1907).

Além dos desentendimentos do Dr. José Nava com a sogra, é preciso considerar também que o Rio de Janeiro, desde a segunda metade do século XIX, vinha oferecendo, cada vez mais, possibilidades de sucesso para o então médico, tendo em vista as mudanças¹⁰⁶ pelas quais a cidade passava, e o lugar social que médicos, engenheiros e advogados ocupavam¹⁰⁷ (ou poderiam ocupar) na escala social, especialmente na capital federal no início do século XX:

[...] Eu tinha feito com meu Pai e minha Mãe, passando pelo Sossego, em despedida ao seu Carneiro e tinha ganho o Rio pela Leopoldina e por Petrópolis. Foi quando mudamos para cá.¹⁰⁸ Farto da sogra, farto de fazer oposição, farto do Antônio Carlos, das picuinhas e perseguições miúdas da situação municipal, meu Pai resolvera afinal vir para o Rio com mulher grávida e três filhos. Para a Rua Aristides Lobo, n. 106. Vinha fazer concurso para legista e sanitarista (NAVA, *BO*, 2002, p.284. O grifo é nosso.).

No lugar de um ambiente em que prevaleciam a violência, as agressões e injustiças, com a decisão do pai de se mudar com a família para o Rio de Janeiro, em 1910, Pedro Nava passou a viver em um espaço mais acolhedor do que a casa da avó materna (NAVA, *BO*, 2002, p.307).

A casa em Aristides Lobo, no Rio de Janeiro, era compartilhada com outros parentes de José Pedro. Lá morava Pedro Nava com pais, irmãos e outros membros da família:

[...] Quando aqui chegamos, reunimo-nos, em Aristides Lobo 106, as minhas tias Cândida e Maria Euquéria, a minha prima-irmã Maria, filha da primeira, e a minha tia-avó Maria Pamplona de Arruda. Pouco depois da nossa vinda, foi a dos Salles, tornando a chegar do Ceará. A casa era propriedade da primeira que a comprara por vinte e cinco contos tirados de um seguro de vida de cinquenta, que lhe legara o marido, Júlio Augusto de Luna Freire [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.323).

Como na casa da avó materna Maria Luísa, a casa no Rio não era habitada apenas pelos pais, irmãos e o próprio memorialista, mas era, antes, dividida com tias, uma prima e o tio

¹⁰⁶ De acordo com Marcus Vinícius de Freitas, em sua pesquisa sobre o naturalista Charles Frederick Hartt, “personagem que dedicara treze dos seus trinta e oito anos de vida ao estudo do Brasil” (2002, p.18), entre os anos de 1865 e 1878, o Rio de Janeiro, cidade onde se estabeleceria Hartt, tinha um terço de sua população constituída por estrangeiros, o que tornava o ambiente mais cosmopolita. Apesar de alto, naquela época, o índice de analfabetismo havia melhorado muito devido aos investimentos em educação. A escravidão havia diminuído e se concentrava em áreas rurais. Do ponto de vista de sua infra-estrutura, a cidade já oferecia à sua população iluminação pública, ruas calçadas, água às casas.

¹⁰⁷ A esse respeito, ver Edmundo Coelho (1999) e José Murilo de Carvalho (2005).

¹⁰⁸ Mudança de Nava com a família, para o Rio de Janeiro, em 1910.

Antônio Salles. A diferença, todavia, estava no tipo de princípios de vida dos parentes paternos, os quais, no momento da escrita das *Memórias*, eram valorizados e admirados pelo sujeito-narrador:

[...] Tenho visto noutros, mas jamais ultrapassada, aquela distinção moral e intelectual que eram as tônicas do grupo familiar dentro do qual acordei para a vida e que davam à nossa gente (coincidente naquele tempo e naquele espaço) a consciência de um lugar certo, adequado e devido na sociedade da época – onde eram úteis – como peças de máquina – seus funcionários, comerciantes, médicos, notários, bacharéis formados, membros da nossa *intelligentsia* – para cujo *nível* seria tão extravagante ser bicheiro como ser eleito deputado. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.337. Os destaques em itálico são do autor.).

Além da *intelligentsia*, característica marcante dos membros de sua família paterna na perspectiva de Pedro Nava, esse ramo da família pertenceria, como já mencionamos, também a uma elite burguesa, com rendimentos suficientes para, inclusive, encomendar produtos de Paris:

Ainda desta *sala do meio* de nossa casa de Aristides Lobo, 106, guardo outras duas recordações. A das malas que chegavam da Europa, que nem subiam [...] na ânsia de ver. A de um caderno de desenhos que me deu tio Salles. As malas vinham atochadas de encomendas feitas *Au Bon Marché*, de Paris. Primeiro chegavam os catálogos cheios de figuras [...]. O catálogo era motivo de longos debates. Feitas as escolhas, mandado o dinheiro, dentro de mês, mês e meio, no máximo dois, o malão era entregue a domicílio.[...] Era só abrir e – que deslumbramento! Lembro bem da última, contendo um terno de casimira azul para meu Pai – que acabou recortado para mim e herdado depois por meu irmão José [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.338-339. Os destaques em itálico são do autor.).

Do mesmo modo que em outras cidades brasileiras, no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX, a referência de moda, costumes e hábitos era ainda, em alguma medida, a européia.¹⁰⁹ Especialmente a capital francesa era vista pela elite brasileira como a cidade cujos padrões deveriam ser seguidos por aqui. Logo, nada mais coerente que importar da Europa objetos e roupas (aliás nada adequadas para o clima tropical) para serem exibidas na “vitrine” brasileira que se tornou a capital federal, depois das reformas de urbanização por que passou a cidade entre o final do século XIX e o início do século

¹⁰⁹ Para CARVALHO (2005, p.110), também os Estados Unidos passaram a ter certa importância no imaginário coletivo dos brasileiros, a partir de 1870, tendo em vista a propaganda republicana, uma vez que se passou a associar a república à identidade americana. “República e América eram o novo, o progresso, o futuro”. Para os republicanos, os Estados Unidos representavam “o espírito de iniciativa, o liberalismo econômico, o federalismo, o industrialismo, o pragmatismo, em oposição ao paternalismo, ao protecionismo, ao centralismo, ao ruralismo, ao bacharelismo, da sociedade monárquica”.

XX:¹¹⁰ “[...] Às vezes saíamos todos nessa elegância de Europa, como Salomão na sua glória, para irmos nos mostrar na Avenida Central, na Rua do Ouvidor, no Alberto Amaral, no Zeca Moura, no Coelho” (NAVA, *BO*, 2002, p.339).

O deslumbramento do menino (e também do adulto, narrador de suas memórias) com as peças importadas não se reduzia ao encanto pelas roupas parisienses. Também os brinquedos, que a família paterna podia encomendar para o menino, enchiam Pedro Nava de entusiasmo:

Melhor que as roupas eram os brinquedos que chegavam nesses malões. O trem de ferro que já contei. Uma caixa de música com o marquês da sua tampa, o cabinho de louça branca da manivela de tocar a melodia e os primeiros compassos, sempre repetidos, das notas de ouro que anos depois eu reencontrei no Minueto de Beethoven. Uma esquadra inteira que eu comandava no nosso gigantesco banheiro de cimento, tão grande que um adulto ali podia boiar quando ele estava cheio de água. Era nas suas ondas que navegavam os couraçados de metal. [...] Uma lanterna mágica com lâmpada de querosene, cujo cheiro ainda sinto [...]. Nelas se passavam vistas e um filme sem fim de extremos colados, com um desenho-animado que me enchia de pânico pelo mistério da repetição, da retomada. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.339).

Como se pode observar, na infância, as condições materiais da família permitiam Pedro Nava divertir-se com brinquedos importados, até mesmo em “um gigantesco banheiro de cimento”. Por sua vez, no momento da escrita das *Memórias*, o narrador-adulto, já bem-sucedido como médico, munido de instrumentos culturais, tem a possibilidade de (re)significar o contato com esses objetos, valendo-se de seus conhecimentos sobre música e do campo da Psicanálise, por exemplo. Diante de constatações como essas, construídas a partir de nossa análise de dados colhidos da obra memorialística de Pedro

¹¹⁰ Segundo SEVCENKO (1998a, p.21-22), as transformações na cidade do Rio de Janeiro, no nível de sua infra-estrutura, foram implementadas sobretudo para que a cidade funcionasse como um atrativo para os estrangeiros, tendo em vista a demanda da nascente República “por capitais, técnicos e imigrantes europeus”. Assim, os investimentos das autoridades da capital foram direcionados para a modernização de suas instalações portuárias, o saneamento da cidade e a reforma urbana. No caso da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, os governantes da capital viam como “ameaças postas à saúde pública” a população negra e seus descendentes que constituíam a maior parte dos habitantes do Rio de Janeiro nesse período e se concentravam “em antigos casarões do início do século XIX, localizados no centro da cidade”. Uma vez que as condições de vida dessa população, extremamente pobre, eram muito precárias devido à ausência de recursos de infra-estrutura, por “sua convivência adensada” e também por sua “deprimente promiscuidade”, as autoridades do Rio de Janeiro iniciaram um forte movimento de transformação da cidade que incluía não apenas uma grande reforma do espaço físico, como também uma série de proibições, as quais afetavam diretamente as manifestações das tradições e da cultura negras. Isso porque, conforme o autor, para as autoridades, a comunidade negra significava “uma ameaça permanente à ordem, à segurança e à moralidade públicas”. Assim, com “a ‘Regeneração’ a capital é transformada na vitrine do regime republicano, os grupos populares e costumes tradicionais são reprimidos, e a cidade assume ares europeizados, uma Paris Tropical”.

Nava, perguntamo-nos: quais crianças, no Brasil das primeiras décadas do século XX, podiam brincar? Voltando-nos para o próprio Pedro Nava, que formação teria recebido (e construído) o memorialista e de que condições materiais de vida gozara para poder se dedicar à escrita do (seu) passado entre os fins da década de 1960 e durante a década de 1970, recheando páginas e páginas com referências a Beethoven, Freud e a outros grandes nomes da arte e da ciência?

No caso da família de Pedro Nava, a mesma elite feminina, que oferecia aos filhos produtos de Paris, era também aquela que executava trabalhos manuais em casa: “[...] Eu entrava na estreita passagem e olhava, pela janela, os quintais vizinhos e uma nuvem livre, livre! que voava na direção de São Cristóvão. Cansava. Olhava para dentro e acompanhava o trabalho de minha Mãe e minhas tias. Cosendo, cerzindo, cortando, dobando, fazendo crochê ou tricô. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.349). Porém, não se tratava de trabalhos domésticos como cozinhar, lavar, passar, varrer. Para esses trabalhos, havia as empregadas (negras?) da casa, não muito destacadas no texto por Pedro Nava,¹¹¹ tal como ocorre quando o foco do narrador se volta para os membros da família materna, na casa da “Inhá Luísa”. Além disso, mais especificamente no caso das tias paternas, o trabalho manual ligava-se a uma tradição familiar que levava o sujeito-narrador às origens (supostamente) nobres desses parentes:

[...] minha tia Marout fazendo renda. Ela contava os pontos, punha os espinhos, fazia os nós e da indústria de suas mãos nodosas ia saindo a trama que seguia os mesmos riscos que vinham de sua mãe, de sua avó, de mais longe ainda – de outras velhas mortas do Aracati, das ilhas, do Reino. Como sempre a pauta ondulada da teia fabricada sugeria o da cantiga da boca fechada que acompanhava a batida dos bilros. As amigas íntimas que chegavam durante o dia, ora a Santa Freire, ora a Maroquinhas Cruz, ora a prima Ritinha, ora a prima Cotinha Belchior – subiam para conversar, mas nunca o faziam de mãos vazias. Geralmente aderiam ao trabalho e iam ajudando a casear, a pregar colchetes, a embainhar saias brancas e cortar vestidos. A tarefa doméstica ia até as três, três e meia da tarde. Era a hora do mulherio se preparar para receber os maridos voltando da cidade. Era hora de providenciar a mesa do jantar (NAVA, *BO*, 2002, p.349).

¹¹¹ Nessa mesma direção, AGUIAR (1998, p.53), ao analisar a obra de Pedro Nava, tendo como eixo os “espaços da memória”, afirma: “Sabemos [...] que, na área em questão, armava-se um cenário de trabalho, embora seus atores não se apresentem na cena do texto, com exceção do copeiro, que, naturalmente, tinha acesso às dependências mais nobres da casa e que, mesmo assim, é citado de raspão. [...] A divisão do trabalho doméstico é [...] representada através do espaço: as mulheres provavelmente negras, na área inferior e escura, lavando, passando, engomando, cozinhando e limpando – ou seja, dando conta dos serviços ‘inferiores’ da casa; as outras, todas brancas, no andar superior, em área cheia de sol, ‘cozendo, cerzindo, cortando, dobando, fazendo crochê ou tricô’ (*BO*, p.362)”.

Fazer renda, mais do que um trabalho manual, significava para o memorialista a transmissão de costumes, hábitos, cultura, passados de geração para geração há muito tempo na família. Esse trabalho também parecia caracterizar as mulheres desse grupo. Elas trabalhavam, cantavam, conversavam. A costura não se interrompia com a presença de outras mulheres ou outras parentes que não moravam na casa. Também não era motivo, para interrupção dessa “tarefa doméstica”, a suposta necessidade de se executar outras tarefas, no que diz respeito à organização e limpeza da casa, ou à preparação das refeições. Como se vê, parava-se a costura do tecido e dos casos a fim de se providenciar os preparos para a recepção dos maridos. Não se tratava, no entanto, de se preparar a comida, mas, sim, a mesa, onde era servido o jantar.

Além de costurar e fazer renda, de se preparar para receber os maridos ou providenciar a mesa do jantar, a mãe e as tias paternas de Pedro Nava, enquanto moravam no Rio de Janeiro, também gostavam de freqüentar as lojas “finas” da cidade:

Se, com a de meu Pai, guardo a idéia dos passeios pela Avenida em flor e das idas à Rua da Quitanda para ver o Dr. Marinho (com os sorvetes e sessões cinematográficas delas decorrentes), associo minhas primeiras impressões das Ruas do Ouvidor, Gonçalves Dias e do Largo de São Francisco a minha Mãe e a minhas tias Bibi e Marout, que eu acompanhava em suas expedições à *Raunier*, à *Colombo*, à *Salgado Zenha* e, na correria final, até o *Parc-Royal*. Elas preferiam as três primeiras lojas e, quando podiam, bem que esnobavam a última – menos fina, muito menos chique que as outras. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.363).

Tal como podemos observar, com o pai, Pedro Nava ia ao encontro dos amigos de José (como já dito, médicos como ele), aos passeios para tomar sorvete, para assistir às “sessões cinematográficas”. Com a mãe e as tias paternas, o menino conhecia lojas e já aprendia, com essas mulheres, quais eram os estabelecimentos mais “chiques” e que, portanto, mereceriam ser frequentados no lugar de outros.

Enquanto as mulheres cuidavam de determinadas tarefas domésticas e visitavam as lojas da cidade, José Nava investia seu tempo no trabalho como médico, no Rio de Janeiro:

[...] Seus locais de trabalho eram a Delegacia de Saúde do Méier e o Serviço Médico-Legal da Polícia – onde exercia cargos conquistados por concursos e para que fora nomeado, apesar das tentativas da política dominante de Juiz de Fora para impedi-lo. Felizmente falhou essa manobra de campanário. Para chegar ao Méier, ele ia do Rio Comprido à Cidade onde, no Largo de São Francisco, tomava a condução para o subúrbio. Com os bombardeios da revolta

de João Cândido,¹¹² meu Pai, para evitar o centro onde caíam granadas, descobriu a estação de *Lauro Müller* e o trem da Central. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.370).

Graças à aprovação nos concursos realizados no Rio, uma vez ocupando os cargos conquistados, José Nava passou a se dedicar “exclusivamente à Clínica Médica”. Tendo abandonado a função de “policlínico do interior”, despidendo-se, desse modo, “da qualidade de *médico-operador-e-parteiro*” em Juiz de Fora, pretendia “abrir consultório à Rua da Quitanda 5, no mesmo prédio do de João Marinho, junto com seu querido amigo Alberto Amaral. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.371). Porém, como já destacamos na Introdução, os projetos de José Nava foram interrompidos em meados de 1911. Segundo Pedro Nava, seu pai falecera no dia 30 julho daquele ano (p.374).

Em Juiz de Fora, em janeiro de 2008, consultei dois dos jornais que circulavam na cidade no ano de 1911. Para minha surpresa, a página de falecimentos do jornal *O Pharol*, do dia 01/08/1911, ao que parece, havia sido arrancada, pois uma pequena parte da folha de papel antigo ainda estava presa à brochura, com as mesmas marcas que são deixadas quando se tenta arrancar uma folha de um conjunto, e essa folha se rasga. Minha primeira reflexão, ao me deparar com a ausência dessa parte do jornal, foi: “se esta página foi arrancada daqui, talvez ela contivesse a notícia da morte do pai de Pedro Nava. Mas, por que alguém aqui, em Juiz de Fora, faria isso? Quem poderia ter arrancado essa página? Um pesquisador? Um parente de Pedro Nava? O próprio escritor?”.

Sem poder conferir a coluna de falecimentos desse jornal, uma vez que a hemeroteca do Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte, encontrava-se fechada desde setembro de 2007, decidi conferir essa seção no *Jornal do Commercio*. Conforme o esperado, a primeira página do jornal trazia a coluna de falecimentos. Seu primeiro texto dizia:

¹¹² Segundo CARVALHO (2005), entre os dias 23 e 26 de novembro de 1910, a população da cidade do Rio de Janeiro vivenciou, tomada de “pânico e fascínio”, “a revolta dos Marinheiros contra o uso da chibata e outras práticas humilhantes vigentes na Marinha brasileira” (p.15). Como a grande maioria das praças era analfabeta, segundo o sargento Antônio Guerra, os marinheiros precisavam “de castigo físico para se enquadrar na disciplina militar” (p.19). Então, sob a liderança de João Cândido Felisberto, os marinheiros se revoltaram, e o movimento culminou com mortes e encarceramento na Ilha das Cobras, que incluiu a transferência de 18 presos na noite de Natal para “uma cela recém-lavada com água e cal” (p.21). Sobre esse movimento, ver também MOREL, Edmar. *A revolta da chibata*. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979; MARTINS, Hélio Leôncio. *A revolta dos marinheiros*. São Paulo: Cia. Editora Nacional / Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1988. Ambos os livros, entre outros, são citados no texto de José Murilo de Carvalho.

Falleceu no Rio de Janeiro, á rua Aristides Lobo n. 106, o sr. Dr. José Nava, inspector sanitario daquella capital.

Em consequencia de antigos padecimentos, rebeldes aos carinhos de sua familia e á solicitude de seus colegas, o dr. José Nava, ainda muito moço perdeu sua existencia, quando podia, pela intelligencia e preparo profissional de que era dotado, fazer-se um homem necessario numa sociedade adeantada.

Aqui, onde, logo que se formou, contraiu casamento com a exma. sra. d. Diva Jaguaribe, distincta filha do sr. major Joaquim Nogueira Jaguaribe e da exma. sra. d. Maria Luiza Jaguaribe, o dr. José Nava occupou com muito zelo e competencia o cargo de director de hygiene municipal.

Lamentamos o passamento do inditoso medico, e á sua desolada viuva, ás exmas. Familias do dr. Constantino Paletta, concunhado do extinto, ao major Nogueira Jaguaribe, seu sogro, bem como aos nossos colegas de imprensa Antonio Salles e Heitor Modesto levamos nossas condolencias (JORNAL DO COMMERCIO, 01/08/1911, p.1).

O *Jornal do Commercio* não apenas noticiou, na mesma edição de 01/08, o falecimento do pai de Pedro Nava um dia após sua morte, como também o convite de amigos de José para uma missa que haviam mandado celebrar em sua homenagem:

Luiz Creusol, Jeronymo Marques, Honorio Jose Sant'anna e João Joaquim, amigos do fallecido dr. **José Nava** convidam os demais amigos e parentes a assistirem á missa que por alma do mesmo mandam celebrar sabbado, 5 do corrente, ás 7H da manhã, na Igreja da Glória.

Por esse acto de religião e caridade se confessam agradecidos (JORNAL DO COMMERCIO, 01/08/1911, p.3).

Nada de casa nova no Rio de Janeiro, consultório ou continuidade na ascendência social da família, graças ao trabalho do pai. O destino quis mudar os rumos de Diva, de Pedro Nava e de seus irmãos:

[...] Juiz de Fora, Juiz de Fora. Duas e quarenta. Nenhum atraso. Tomamos o carro que subiu a Rua da Imperatriz e foi batendo ao encontro da sombra que vinha do morro do Imperador. Na Rua Direita 179 fomos recebidos pela Rosa. A Deolinda foi correndo chamar a *Sinhá* que estava em frente, em casa da mana Zina. Minha avó atravessou a rua e deu as notícias. A Berta não pôde esperar porque estava na Creosotagem. A Dedeta, porque tinha ido jogar *croquet* em casa das Raithe. Seu quarto está pronto. Vamos ver como é que se pode acomodar tanto menino. O Lafaiete estava achando tudo tão esquisito que nem aceitou o café. Muito obrigado, mas quero aproveitar o carro para ir para a casa de meu tio Júlio Modesto, onde vou me hospedar. Passou, cedo, no dia seguinte para despedir-se e voltar ao Rio. Dias depois, a 28 de agosto,¹¹³ nascia minha irmã Maria Luísa. A Maçonaria de Juiz de Fora resolveu adotá-la e pensioná-la até sua maioridade. Minha Mãe, industriada pelo Padre Leopoldo Pfad, recusou esse auxílio do *bode preto*. O Dr. Duarte de Abreu não conseguiu fazer passar na Câmara um projeto de benefício para a viúva e filhos de um funcionário morto no trabalho. Estávamos a nada, mão na frente e outra atrás (NAVA, *BO*, 2002, p.378. O grifo é nosso; os destaques em itálico são do autor.).

¹¹³ O ano era 1911.

De volta a Juiz de Fora, o menino de oito anos sente a indiferença das tias maternas em relação ao sofrimento de sua mãe com a perda do marido, em relação ao seu próprio sofrimento. Também não passa despercebido pelos seus olhos, pelo seu coração, o tipo de recepção oferecida pela “Sinhá” à filha e aos netos, agora quatro, sem contar a última, que já esperava Diva e que, apesar da postura da mãe em relação à sua vida naquele momento, daria à filha mais jovem o nome da avó materna. Mesmo tendo perdido, com a morte do marido, certo conforto econômico, Diva não aceitou a ajuda da instituição, da qual o marido morto sempre fez parte. Ainda que não tivesse recebido benefícios da Justiça, tendo em vista a posição profissional de José Nava, fazia sentido a filha da “Inhá Luísa”, que seguia os preceitos da Igreja Católica, receber dinheiro da Maçonaria?

2.1. A formação do pai e a consolidação de uma herança familiar

Ele nascera a 18 de setembro de 1876, em Fortaleza. Aos 20 anos, depois de ter passado parte da infância no Rio de Janeiro, na companhia dos pais, ter retornado ao estado de origem, depois da morte do pai, em 1880, José Pedro da Silva Nava mudou-se para a Bahia. Lá se matricularia nos cursos de Farmácia e Medicina, em 1896. Os dois cursos, entretanto, só seriam concluídos no Rio de Janeiro em 1901.

Os quatro primeiros anos de vida, José Nava viveu no Rio de Janeiro. Com a morte do pai, ele voltou, com a mãe e as irmãs, para o Ceará. Em Fortaleza, teve a companhia de sua tia-avó materna que, morando com Ana Cândida, ajudaria a “moça viúva [...] na criação dos filhos” (NAVA, *BO*, 2002, p.69-70). Dona Rosa Alexandrina de Barros Palácio exerceria sobre os sobrinhos-netos grande influência; “Loló” interferia na formação de José e de seus irmãos. Ao mesmo tempo em que era caracterizada pela “severidade inflexível” e pelo “rigor”, também se destacou entre os filhos de Pedro e Ana por ser justa e sábia. Na visão de Pedro Nava, ela “foi a sombra tutelar” de seu pai (p.70). Eles dormiam no mesmo quarto; com a tia-avó, José aprendera a tomar banho, “a lavar a alma benzendo-se em nome de Deus e persignando-se com a Cruz na testa, na boca, no peito. Decorou de seus lábios a Ave-Maria, o Padre-Nosso, o Credo, a Salve-Rainha – tudo que é preciso para qualquer um, a qualquer hora, entender-se com a Mãe dos Homens e com seu divino Filho” (p.70).

Além da formação religiosa, mediada pela oralidade, para aprender as rezas decorando textos, veio também da tia-avó a apresentação do menino ao mundo da escrita:

“[...] ela [...] lhe mostrou os números e as letras” (p.70). Dona Rosa Alexandrina ainda assumiria para si a educação de José em relação aos “bons” modos que o menino deveria aprender a ter: “[...] Coma com modos, Cazuzá! Feche as asas e mastigue de boca fechada, menino!” [...] (p.70). Ao final, “[...] dava-lhe com mão irresistível e de boca abaixo, na última garfada, tudo que os luxos infantis tinham separado na borda do prato: fiapos de cebola, casquinhas do alho, películas do tomate, *marinheiros* do arroz, pévides da pimenta e pelanca das carnes. [...]”. Junto com a garfada vinha o conselho “de raspar o prato, e de não deixar restos, de não desperdiçar a comida que a tantos faltava” (p.70).

À educação familiar, somava-se a formação oferecida pela escola:

Felizmente, para meu Pai, ele frequentou o grande centro de ensino de seu Estado na fase áurea de 1891 a 1895 – e ali foi duplamente *apertado* pelos seus mestres, tanto pelo natural vigor vigente na época, como porque o recomendava a *tratos de polé* – seu parentesco com o professor de Alemão e diretor do Liceu – José Carlos da Costa Ribeiro Júnior. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.75. Os destaques em itálico são do autor.).

A escola era assim quase que uma continuidade da casa; rigor, “vigor” estavam presentes nos dois espaços. Os ensinamentos aprendidos antes, em família, eram retomados e valorizados pela escola; contava-se ainda, como se observa, com a presença de parentes no espaço escolar:

Meu Pai só entrou para o Liceu em 1891, com 15 anos de idade. Ignoro em que colégio primário estudou, mas sei, por certas datas de seus compêndios, que aos 11 anos era aluno de português e latim do seu tio Peregrino Arruda e ia do *Clarorum virorum...* de Tácito, no panegírico do sogro Cnaeus Julius Agricola, ao *Tityre, tu patulae recubans...* da Écloga I de Virgílio – janela em que todos nos debruçamos sobre a paisagem do mundo latino, para uns clara, para outros brumosa... Para ele, clara, pois que a iluminava o tio, mestre particular e letrado modesto [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.73).

Além das influências recebidas na família e na escola, o espaço da cidade também contribuía com a formação de José. Em Fortaleza, desde a infância, ele teria vivido em meio a diversos eventos que lhe propiciariam, por exemplo, a escolha pelo repúdio à escravidão:

Meu Pai tinha 6 anos, em 1882, quando foi fundado no Ceará o Centro Abolicionista. [...] O movimento antiescravista da Província era antigo, tomara forma em 1880 com a Sociedade Libertadora Cearense e sua principal figura fora o jangadeiro Nascimento, que limpou o porto de Fortaleza do embarque e desembarque de cativos. [...] Toda a infância de meu Pai foi cheia da visão das passeatas, das luminárias, das bandeiras desfraldadas e das colchas coloridas nas varandas cada vez que havia uma vitória da Liberdade. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.88-89).

Estratégia discursiva ou não do memorialista, notamos que, ao dar forma à figura do pai, Pedro Nava procurou relacioná-la com a abolição da escravatura, o que não acontece em relação à figura da avó materna. Conforme o que será possível verificar a seguir, Maria Luísa, até mesmo porque é, no espaço da trama, a grande antagonista de José Nava, tem, definitivamente, sua imagem, na perspectiva do neto, ligada à escravidão e às atrocidades cometidas contra negros e escravos.

Explorando um pouco mais as experiências de José Nava no Liceu do Ceará, encontramos mais informações sobre suas práticas de escrita e as de seus colegas: “[...] Possuo cadernos de deveres de inglês, [...] trabalhos de tradução da *Estrela Suave* [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.74). Na época do Liceu, ora José escrevia usando o próprio nome, ora utilizava pseudônimos: Javany, Josy Norem, Gil Navarra. Produzira literatura em prosa, em verso. Para Pedro Nava, “[...] prosa bem aceitável, versos quase inaceitáveis – os últimos geralmente de circunstância e levando, indiscretamente, para a imprensa de Fortaleza, os nomes bem amados de Ana, Júlia, Cléa e Noemi. E não ficava só no nome. Punha também o sobrenome das deusas, com todas as letras. [...]” (p.75). Segundo os dados recolhidos de *Baú de Ossos*, José escrevera também contos, críticas, ensaios; fizera traduções para jornais: “[...] da terra Catulle Mendès, Pierre Loti, Alphonse Daudet e Théodore de Banville. Mas seu período literário, final e mais intenso, começa em 1894, quando, aos 18 anos, ingressa na Padaria Espiritual¹¹⁴ e termina em 1896, data do início de seus estudos médicos” (p.75-76).

Outros documentos, fonte para a escrita de Pedro Nava, revelam que seu pai apresentava uma tendência de se associar em grupos com pares, colegas de adolescência, para escrever:

¹¹⁴ Segundo Pedro Nava, a Padaria Espiritual foi uma associação literária que existiu em Fortaleza, em fins do século XIX. Como mencionamos na Introdução, participaram ativamente dessa Sociedade José Nava e Antônio Salles. De acordo com as *Memórias*, “Padaria Espiritual foi o nome dado por Antônio Salles a uma sociedade cearense de letras, cujo aspecto irreverente, revolucionário e iconoclasta só encontra símile no movimento que sairia, trinta anos depois, da Semana de Arte Moderna. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.76). Antônio Salles atuou na Padaria, assumindo o “[...] papel de principal fundador e animador daquele grupo de intelectuais [...]” (p.76). No dia 10 de junho de 1892, surge o primeiro exemplar de *O Pão*. O periódico, produzido pela associação, teria publicados 31 números; o último, data de 15 de agosto de 1896 (p.79-80). Os *padeiros* escreviam intensamente. Produziam textos para *O Pão* e para serem lidos nos encontros da Padaria. Antônio Salles teve o seu segundo livro, *Trovas do Norte*, publicado pela sociedade. Os encontros na sede da associação aconteciam semanalmente “[...] e enchiam-se com o recitativo e a leitura das grandes peças clássicas do que era amassado em casa pelos *padeiros* [...]. A última *formada* deu-se a 20 de dezembro de 1898 [...]. Estava terminada a mais viva aventura literária do Ceará, só ficando dela, em cada *padeiro* restante, sua marca intelectual, moral e social” (p.81-82. Os destaques em itálico são do autor.).

[...] Além do Távora, do Rossas, do Coelho, do Otto, do Meton, aparecem nos meus velhos papéis as sombras de Alencar Matos, Frota Pessoa, Antônio Fernandes e Manfredo Afonso que integravam, como meu pai, o corpo redatorial do *José de Alencar*, “periódico científico e literário”, com redação à Rua Tristão Gonçalves 116 e que saía nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. Possuo seus recortes do dia 20 de janeiro de 1893, número 1, do ano II. Nele, meu Pai publica um ensaio intitulado “Philosophia da Historia” – realmente muito bom para os seus 17 anos já recheados da leitura de Schopenhauer, Hebert, Spencer, Buckle, do inevitável Augusto Comte e do nacional Sílvio Romero. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.74.).

A associação de José com os colegas em torno da produção de um material impresso, um “periódico”, em fins do século XIX, em Fortaleza, que levava o nome de um dos grandes escritores do norte do país, tinha como objetivo a escrita de gêneros textuais bem definidos na visão de Pedro Nava; tratava-se da produção de textos científicos e literários. Tal como a Padaria Espiritual, sociedade da qual José também era integrante, a “redação” de “José de Alencar” tinha endereço, e os trabalhos do seu “corpo redatorial” eram produzidos para circular. Mesmo que a circulação desses textos fosse restrita, a escrita objetivava leitores, além daqueles que compunham o círculo de colegas, uma vez que eram publicados em uma espécie de “jornal”. Na visão de Pedro Nava, o ensaio publicado pelo pai no primeiro número do periódico era “realmente muito bom”. Munido da experiência de leitor (e escritor) adulto, Pedro Nava, à época da produção das *Memórias*, podia julgar a escrita do pai como muito boa porque o texto de José deixava entrever os autores lidos até os 17 anos de idade: Schopenhauer, Hebert, Spencer, Buckle, Augusto Comte e Sílvio Romero; clássicos lidos por pai e filho.

Depois de ter se mudado para a Bahia, com 20 anos, José muda-se novamente; desta vez, para o Rio de Janeiro a fim de dar continuidade aos cursos de Farmácia e Medicina iniciados naquele estado. Na Capital Federal, ele viveria com as irmãs e os cunhados. Alice e Antônio Salles tinham deixado o Ceará a 31 de dezembro de 1896; Júlio Augusto de Luna Freire, marido de Cândida, também chegaria à cidade entre o final de 1896 e o início de 1897. “[...] Juiz em Pernambuco, é demitido por ter lavrado sentença contrária aos interesses da soba dominante. [...] decidira-se afinal a ficar no Sul e aceitar a porca compensação que lhe ofereciam – um lugar de Delegado de Polícia na Capital. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.200-201). Mais tarde, o pai de Pedro Nava teria ainda a companhia de uma das suas tias, “[...] Maria Pamplona de Arruda (Marout). Além da família, havia os amigos aqui encontrados [...]” (p.201).

Amigos e pares ocuparam, na trajetória de José Nava, posição muito importante. Foram eles que, inicialmente, abriram caminho no trabalho, para José. Em 1898, quando cursava o terceiro ano de Farmácia e de Medicina, “[...] seu amigo *Zeca Moura* levou-o para trabalhar na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, já então feudo da família Moura Brasil. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.205). No entanto, as “boas” relações relacionavam-se também com o crescimento profissional que se poderia ter. Assim, mas não de uma maneira deliberada, graças às socializações e aprendizados construídos ao longo da vida, de um forma que *simplesmente* aconteceria no dia-a-dia, não somente pares, mas também determinados professores eram admirados e recebiam a atenção de José: “Seu chefe, nessa instituição, foi o Professor Pedro Severino de Magalhães – o famoso *Flechão*. [...] Meu Pai o tinha em alta conta, trabalhou com ele até formar-se e dedicou-lhe sua tese com palavras repassadas de respeito, consideração e estima. [...]” (p.205-206).

Meton da Franca Alencar Filho foi o melhor amigo de José na visão de Pedro Nava. Ele era companhia do pai do escritor em práticas culturais diferentes daquelas vivenciadas no espaço limitado pelas paredes da sala de aula, no curso de Medicina: “[...] Um e outro eram exímios no violão, compunham modinhas, glosavam motes, cantavam desafios. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.217-218). Publicavam versos seus em jornais, como *O País* e *Tribuna* (p.218). No final do século XIX, Meton também eram companhia de José na expressão de gostos e preferências sofisticados para a época:

“[...] Vestiam-se como parisienses, geralmente sobrecasaca ou fraque e cartola; mais raramente croasê e chapéu-coco; excepcionalmente, e isto só no desalinho dum ‘comício rural’, num piquenique, dum passeio ao Corcovado ou ao Jardim Botânico, terno de cheviote claro, colete de fantasia, plastron branco e palheta ‘XPTO London’ [...]”. Além disso, “[...] cultivavam, em Gonçalves Dias e Ouvidor, a companhia de Artur Azevedo, Pardal Mallet e Olavo Bilac – que tinham conhecido por intermédio de Antônio Salles. Com isto viviam nas festinhas familiares de Botafogo, Laranjeiras, Catumbi, Rio Comprido. De festa em festa e de bairro em bairro, caíram nas festas do Andaraí” (NAVA, *BO*, 2002, p.218).

Nas festas do Andaraí, José Nava continuaria a cultivar seus hábitos e práticas culturais da época da Padaria Espiritual. Ele não deixou de cultivar “boas” relações; o contato e o convívio com intelectuais faziam parte do seu cotidiano. No Rio de Janeiro, na ocasião dessas festas, José Nava encontrava-se com “Castro Alves, Fagundes Varela, Casimiro, Gonçalves Crespo, Guimarães Passo... Mas o carro-chefe na casa azul do Andaraí, cercada de trepadeiras, *entre as esbeltas palmeiras*, era quando soava a Dalila e ora meu Pai, ora o Mocó, ora o primo Otto declamavam a *Doida de Albano* e o *Palhaço*.

[...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.219). Nas práticas culturais de José, observamos os entrelaçamentos entre oralidade e escrita. No exemplo citado, a presença do escrito se verifica por intermédio da voz; declamava-se o texto lido e memorizado anteriormente.

Formando-se em Farmácia em 1898, José Nava teve condições de se sustentar no curso de Medicina “sem ser pesado à mãe e ao padrao” (NAVA, *BO*, 2002, p.206). A família havia se empobrecido na época em que Pedro da Silva Nava, seu pai, adoecera, pois com a saúde debilitada não percebia que era roubado pouco a pouco por um de seus empregados.¹¹⁵ Quando morreu, o que sobrara de toda a vida dedicada ao trabalho em casas comissárias foi distribuído entre os filhos. A parte dada a José ofereceu-lhe “a possibilidade de se manter uns três a quatro anos na Faculdade” (p.206). Desse modo, seria a profissão de *boticário* que lhe permitiria continuar os estudos:

[...] Logo que obtive o título de boticário, instalou-se no Méier, à Rua Goiás 32-F, com a *Farmácia Nava*. Além de vender os produtos industriais que faziam furor na época, meu Pai adquiriu enorme prática da arte de formular, de tanto manipular os símplices e coadjuvantes das receitas que lhe chegavam às mãos. [...] Ele manteve a botica e por ela foi mantido até formar-se e só a passou adiante quando se atirou à clínica do interior (NAVA, *BO*, 2002, p.206-207).

A análise da trajetória de José Nava como estudante permite-nos afirmar que sua formação foi marcada pelo trabalho e pela participação em associações, tal como fora a juventude no Ceará, participando da Padaria Espiritual, tal como seria, anos depois, a vida madura como médico em Juiz de Fora. Em 1901, “[...] Além da farmácia, da Policlínica e da Santa Casa, ele arranja mais trabalho. É da diretoria do Grêmio dos Internos dos Hospitais do Rio de Janeiro e interno da Casa de Saúde Dr. Eiras, onde conquista a amizade de seu Diretor, o psiquiatra Carlos Eiras, inspirador e orientador de sua tese. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.208).

O ano de 1901 foi o ano de defesa da tese de doutoramento de José. Na perspectiva de Pedro Nava, “*Responsabilidade jurídica dos afásicos*” era “um trabalho notável,

¹¹⁵ O avô paterno de Nava era comerciante e foi proprietário de casas comissárias, importadoras, em Fortaleza e no Rio de Janeiro, na década de 1870. De acordo com Pedro Nava, “[...] certamente seus negócios deviam correr muito bem, pois em fevereiro ou março de 1872, ele fez uma viagem de negócios à Europa. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.50). As boas condições materiais de vida de que usufruía o avô de Pedro Nava não se deviam a uma herança deixada por seus pais. Pedro da Silva Nava foi menino pobre no Maranhão e só pôde ter uma vida tranqüila do ponto de vista econômico porque contou com a solidariedade da avó de Ennes de Souza, que seria sua tia-avó. Já crescido, era o trabalho que lhe possibilitava conforto financeiro: “Dentro de sua casa de comércio, meu avô trabalhava como um mouro. [...]” (p.62).

admiravelmente fundamentado, elegantemente escrito e que foi posto por Juliano Moreira entre os clássicos da nossa psiquiatria” (NAVA, *BO*, 2002, p.210). Apesar das boas relações de José com alguns de seus mestres, “[...] Sustentar uma tese na Faculdade era trânsito pela *porta estreita*. Todos passavam, geralmente com distinção – mas levando para casa as ironias, o gozo, as setas ervadas, os ditos de duplo sentido, a esculhambação em regra dos professores – que aproveitavam a ocasião mais para brilhar do que para argüir. [...]” (p.211-212). Sendo assim, o Dr. Nuno de Andrade não perdeu a oportunidade, na ocasião da defesa, de apontar certas falhas na escrita do futuro médico:

[...] Vejam o que o doutorando escreveu neste papelucho. Página 2:

Desde Epicuro, que ensinava ser a linguagem um dom natural do homem como é o latir dos cães e o relinchar dos cavalos...

Agora a folha 32:

Hanot cita caso de um doente que, querendo referir-se ao cavalo, imitava o seu relinchar.

O doutorando, pelo ver, parece que gosta e entende desta linguagem...
[...] (NAVA, *BO*, 2002, p.212).

Ainda que José apresentasse a tendência em ser amigável com pares e mestres, dessa vez, escolheu responder ao Dr. Nuno e formar-se, não com uma aprovação distinta, mas com uma nota “medíocre” em seu ensaio:

[...] Gosto, Professor, gosto da linguagem dos quadrúpedes apesar de compreendê-la pouco. A que eu entendo melhor é a dos pássaros. A do sabiá, por exemplo. A sala retumbou numa gargalhada unânime e Nuno enfiou porque – outra inferioridade de grande homem! – ficava uma fera com o apelido de *Sabiá xarope* que tinha entre os estudantes. Na hora do veredito, já se sabe: plenamente. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p. 212. Os destaques em itálico são do autor.).

Apesar do Dr. Nuno de Andrade e do “plenamente”, José Nava formou-se em Medicina: “A turma de meu Pai, a primeira do século XX pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, colou grau a 16 de dezembro de 1901, perante o Diretor Feijó Júnior, que recebeu o Juramento, impôs o anel e deu o Ite a quarenta e seis doutorandos virados, assim, doutores. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.215).

Uma vez formado também em Medicina e tendo conhecido Diva Jaguaribe no Rio de Janeiro, José decidiu se casar. Logo depois de suas núpcias, ele foi morar com a esposa, não ainda no centro de Juiz de Fora, mas na zona rural, em uma região próxima da cidade:

[...] Meu Pai morava numa bela casa quadrada de seis janelas e porta abrindo na varanda fronteira [...]. Quando era noite de lua e não tinha ninguém parindo ou morrendo, cavalgava com a mulher para a Fazenda de Santa Clara, para conversar com seu Carneiro e D. Elisa que tinham sempre abertas a casa e a pipa do vinho recém-vindo de Portugal. Durou essa vida menos dum ano, pois minha Mãe, no fim da gravidez, levou-me para nascer na Rua Direita 179, casa de Inhá Luísa (NAVA, *BO*, 2002, p.221).

José iniciava, naquele momento, entre os anos de 1902 e 1903, a carreira de médico. Com a decisão de Diva de ir para a cidade, a fim de ter o filho perto de Maria Luísa, o que ocorreria a 05 de junho de 1903, a vida de José também se modificou. Enquanto viveu em Juiz de Fora, com a esposa e os filhos, José Nava exerceu a profissão de médico e ocupou, como mencionamos no início deste capítulo, a função de Diretor de Higiene da cidade.¹¹⁶ O pai de Pedro Nava acumulou ainda outras funções: “Diretor do Santa Helena”; “Presidente do Liceu”; “Professor do Granbery”; “Secretário da Sociedade de Medicina”; “redator do Boletim”.¹¹⁷ José era “médico-operador-e-parteiro”, “porque nesses tempos policlínicos, raro era o médico de Juiz de Fora que não fizesse de tudo”. Assim, ele exerceria a profissão “ativamente em Juiz de Fora e seus arredores” (NAVA, *BO*, 2002, p.281-282). O trabalho árduo de José permitia à família uma vida razoavelmente confortável. É preciso dizer, nesse sentido, que, na cidade de Juiz de Fora, além de uma boa casa, a família contava ainda com pelo menos três empregados: “A cozinheira, a arrumadeira e Osório” (p.226). “O Osório era copeiro em casa de meu Pai e sua irmã Emilieta, cria de minha avó materna. [...]” (p.98).

Além disso, como membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, José não somente participava das reuniões, exercendo a função de secretário, mas também colaborava com as pesquisas desenvolvidas pelos membros da Sociedade: “[...] Outro freqüentador das reuniões da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, também

¹¹⁶ Apenas a título de exemplificação, o *Jornal do Commercio* de 14/01/1905 publicou uma nota em sua primeira página a respeito das ações de José Nava em Juiz de Fora, exercendo a função de “director de hygiene”.

¹¹⁷ Sobre as atividades de José Nava, como redator dos boletins da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, Pedro Nava escreveu: “Não consegui Boletins da Sociedade entre 1891 e 1905. Parece que não vieram à luz pois a Sociedade esteve inativa e fechada algum tempo, mas reaparecem em 1905, tendo como redatores meu Pai e o farmacêutico José Rangel. É a fase de ouro desses boletins, onde as reuniões eram praticamente taquigrafadas, dado a eficiência dos dois redatores das atas e publicações onde elas surgiam. Foram, sob essa direção, os designados 2º *Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora* (1904), 3º *Volume dos Boletins da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora* (1905) e 4º *Volume dos Boletins da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora* (1906). Meu Pai secretariou com Cristóvão Malta, a Sociedade, entre 1904 e 1907. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.278).

de Manguinhos, era Rocha Lima. Numa delas, apresentando suas pesquisas sobre a peste manqueira, salienta a colaboração recebida localmente, de Duarte de Abreu, Hermenegildo Vilaça e meu Pai” (NAVA, *BO*, 2002, p.279). José Nava teria sido também “um dos pioneiros da discussão da idéia da criação de uma Faculdade de Medicina em Juiz de Fora”, assim como foi o responsável por propor à Sociedade a recepção solene de Carlos Chagas que, depois disso, passou “a freqüentá-la todas as vezes que ia a Juiz de Fora em visita a seus parentes e aos da mulher [...]” (p.279).

As contribuições de José Nava, como membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, não pararam:

“[...] Meu Pai aparece em suas atas, apresentando casos ou discutindo os de seus pares e dando suas opiniões sobre medidas higiênicas para admissão de crianças nas escolas com atestado de saúde; discussão da mudança e escolha de novo local de instalação para o Cemitério Municipal; profilaxia do paludismo e febre-amarela, por extinção do mosquito; organização e verbas da Santa Casa; estudo sobre a Maternidade de Laranjeiras, resultado de um estágio de viagem; higiene de gêneros alimentares; segredo médico, etc., etc. [...]”. Por isso mesmo, “[...] a Sociedade resolveu apresentar ao Governo de Minas um plano de defesa contra a febre-amarela e nomeia para traçá-lo comissão composta pelos Doutores Duarte de Abreu, Cristóvão Malta e José Nava. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.279-281).

Em relação à interferência do pai de Pedro Nava nos assuntos relativos à escola, o *Jornal do Commercio*, de 15/02/1907, registrou a participação de José Nava na solenidade que ocorreu “no salão nobre da Escola Normal” de Juiz de Fora, para oficializar a instalação, na cidade, do “Grupo Escolar [...] recentemente criado” (p.1). No ano seguinte, o mesmo jornal publicou, em sua primeira página, uma notícia a respeito da assistência médica aos alunos dos grupos escolares de Juiz de Fora. Novamente, encontramos o pai de Nava envolvido nas questões relativas à escola:

O director dos Grupos Escolares, [...] José Rangel, [...] acaba de instituir a assistencia medica gratuita para os alumnos pobres desse estabelecimento de ensino, os quaes terão, além de visitas medicas a domicilio, quando enfermos, fornecimento de medicamentos pela caixa escolar.

Já se declararam promptos para esse serviço os srs. Drs. Eduardo de Menezes, Penido Filho, José Nava, José Dutra, Sebastião Mascarenhas, Martinho da Rocha, Christovam Malta e Almada Horta (JORNAL DO COMMERCIO, 26/01/1908, p.1).

Saindo do contexto mais específico de exercício de sua profissão e voltando nosso foco para a casa em que José Nava viveu com a família, em Juiz de Fora, que também acabava sendo seu espaço de trabalho, percebemos como as tendências letradas de José

estiveram presentes na organização do espaço doméstico, como também nas recordações do filho:

[...] Guardei, nítido, o prédio da Rua Direita 142. Ficava vizinho à Farmácia Halfeld e perto da redação de *O Farol*. O térreo era comercial; morávamos no sobrado. [...] O escritório de meu Pai era separado do corredor por um tabique envernizado. É dessa peça e da de jantar que mais me lembro. Por dentro, encostada ao tabique, a escrivaninha e a mesa de examinar doentes, toda de palhinha e estilo austríaco. À esquerda, duas estantes de livros e à direita, os armários com os ferros e os remédios. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.224. Os grifos são nossos).

Evidentemente, não podemos afirmar que José Nava teria escolhido, propositadamente, um sobrado para abrigar a família, próximo à redação de um dos jornais mais influentes na cidade de Juiz de Fora à época. No entanto, não podemos também nos isentar de, pelo menos, notar esse fato. Coincidência ou não, acaso, tendência do Dr. José Nava relacionada à sua formação, a localização da casa aparece “nítida” nas reminiscências de Pedro Nava. É importante ressaltar também as peças das quais o autor mais se lembra. São elas que trazem para Nava a lembrança do “escritório” de seu pai, da “escrivaninha”, das “duas estantes de livros”, móveis e objetos que evidenciam a posse de capital cultural.

A escrivaninha, os livros, materiais ligados ao campo da leitura e da escrita estiveram de tal modo incorporados à vida de José Nava que, mesmo quando passou a viver com as irmãs, a mulher e os filhos, no Rio de Janeiro, e não gozando, dessa forma, do espaço que possuía na sua casa, em Juiz de Fora, ele preservou, ainda assim, o móvel em que estudava:

Com nossa mudança para o Rio e a moradia comum com minhas tias, vivíamos, no 106, como sardinha em lata. Os meninos tinham sido distribuídos cada um no quarto de um adulto. Coubera a mim e a minha irmã recém-nascida ficarmos no quarto da frente com meus pais. [...] Para a direita de quem entrava, uma parede cega com a oleografia representando Nossa Senhora da Conceição, de que minha Mãe não se separava e sob a qual morreu [...]. Num canto da frente, à direita, a escrivaninha de meu Pai, por cima da qual, à noite, ele amarrava o longo fio de lâmpada elétrica para ler e estudar. Lembro-me do seu jeito, curvo e sentado nesse canto, desunhando seus livros e preparando-se para os dois concursos que venceu muito pouco tempo antes de morrer. Para os cargos de médico legista da Polícia e médico da Saúde Pública. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.355).

Essa escrivaninha está relacionada, nas *Memórias*, às práticas de leitura e de escrita de José Nava. Ele lia e escrevia todos os dias, provavelmente depois do trabalho como médico durante o dia. À noite, já à luz da “lâmpada elétrica”, era hora do trabalho sobre os livros. Não se tratava, portanto, de uma leitura descompromissada, para relaxar e descansar, mas

de ler e escrever para “desunhar os livros”, para estudar para concursos regularmente, com disciplina e sacrifício. O estudo aliado aos bons resultados alcançados nas provas que garantiriam a conquista dos cargos que desejava podem ter propiciado um lugar bastante positivo para as práticas sociais da leitura e da escrita na perspectiva de Pedro Nava, que a tudo ia acompanhando. Desse modo, a escrivania e o trabalho sobre os livros, para o menino que assiste às práticas letradas do pai, foram ganhando sentidos que se relacionam com o sucesso, com aquilo que é bom.

Como se verifica nas *Memórias*, José Nava desfrutou de leituras diversas, do mundo que os livros, a associação literária, a convivência entre os pares lhe proporcionavam. Lendo, cotidianamente, textos diferentes em espaços de sociabilidade diferentes, ele também escrevia. José Nava produzia textos não apenas para serem socializados na Padaria Espiritual, mas também para o jornal, tanto quando era jovem, quanto na sua idade adulta, em Juiz de Fora: “As verrinhas de imprensa contra o Antônio Carlos [...] eram escritas por meu Pai, mas geralmente inspiradas pelo Bicanca.¹¹⁸ [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.271). Além disso, como já destacamos, José escrevia textos próprios do campo da Medicina.

O Dr. Nava possuía capital cultural. Sendo assim, nada seria mais “natural” do que disponibilizar tal herança para o filho. A análise empreendida do texto memorialístico de Pedro Nava nos permite afirmar também isto: o capital cultural do pai foi transmitido ao filho com sucesso. Conforme o que será tratado no capítulo III, Pedro Nava apropriou-se, cultivou e tornou rentável, ao longo da vida, os três estados do capital cultural que lhe legou o pai.

2.2. A casa do Rio de Janeiro e seus (outros) moradores

Antônio Salles casou-se com Alice, irmã de José, a 16 de junho de 1894. Ela nascera em Zurique,¹¹⁹ no dia 30 de agosto de 1875. Sabia ler e escrevia sobretudo cartas. Tendo marido e irmão como membros da Padaria Espiritual, ela também participava da

¹¹⁸ Constantino Paletta, concunhado do pai de Pedro Nava, casado com Berta, uma das tias maternas do escritor.

¹¹⁹ De acordo com as *Memórias*, Pedro e Ana viajavam pela Europa desde 1874 (NAVA, *BO*, 2002, p.51). Por causa dessa viagem de passeio dos pais, Alice teria nascido na Suíça, “em casa de Madame Butte” (p.52),

associação literária. Entretanto, apesar de sua inteligência, como ressalta o sobrinho em suas *Memórias*, Alice jamais teve o brilho literário que teve o marido “e os literatos seus amigos”. “Clotilde de Vaux”. Mostrando “o gênero secretário, arquivista”, Alice e outras duas “clotildes”¹²⁰ participavam da Associação, “não com frases de sabichonas, mas com feminil moderação, com simplicidade, reserva, dignidade, conveniência, decência e modéstia” (NAVA, *BO*, 2002, p.85). Em contrapartida, Antônio Salles, quando entrou para a família de José, “[...] já vinha consagrado, pela publicação, em 1890 dos seus *Versos Diversos*. [...]” (p.74). De qualquer modo, ainda que como coadjuvantes, vale notar a presença dessas mulheres nas reuniões da Padaria Espiritual. Enquanto na época do primeiro casamento de Ana Cândida, avó paterna de Pedro Nava, as mulheres se reuniam para rezar, costurar e fazer renda, na geração do pai do memorialista, verificamos a presença delas em eventos de uma associação literária, relacionada aos usos sociais da leitura e da escrita.

A força da experiência da Padaria Espiritual na formação de José Nava, como salientamos no tópico anterior, e na vida de Antônio Salles é perceptível. A rotina que construíram em Fortaleza, ligada ao cotidiano da sociedade de letras, de certo modo, teve continuidade quando José e Salles se mudaram, junto com outros parentes, para o Rio de Janeiro. A vida cultural na cidade, em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, possibilitava-lhes isso. Assim, as conversas e os debates sobre os rumos da política brasileira, o envolvimento com intelectuais, as leituras literárias, a escrita, inclusive de textos para publicação, permaneceram no dia-a-dia, na vida desses dois antigos “padeiros”. Nesse sentido, vale destacar a publicação de *O Babaquara*, livro de Antônio Salles, entendido por Pedro Nava como a desforra de Salles contra as perseguições que ele sofrera no Ceará, chefiadas pelo Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly.

O cotidiano de Antônio Salles parecia mesmo ser organizado pela escrita. Suas atividades diárias, sua participação em movimentos políticos ligavam-se ao exercício e ao domínio de habilidades letradas em usos sociais da leitura e da escrita:

uma amiga de Pedro. A viagem internacional dos avós paternos de Pedro Nava aconteceu depois da primeira viagem do avô do escritor à Europa, no início de 1872, para tratar de negócios (p.50-51).

¹²⁰ Trata-se de “Dona Raimundinha Teófilo, mulher de Rodolfo” e a “prima Maria Feijó da Costa Ribeiro, mulher de José Carlos” (NAVA, *BO*, 2002, p.85).

[...] Quanto a Antônio Salles, esse já veio para a Padaria com uma tradição de rebelde. Abolicionista de ação. Autor de manifestações de desacato ao Conde d'Eu. Um dos proclamadores da República no Ceará [...]. No fim do século passado,¹²¹ ele define a classe a que pertencia como a dos “proletários intelectuais” e, pela mesma ocasião, mostra-se fortemente simpatizante do movimento, no artigo “Socialismo no Brasil”, que escreveu a propósito do aparecimento de *A nação* – primeira folha socialista impressa no Rio de Janeiro. Seu romance *Aves de Arribação*, antes de ser bela história regionalista, é a sátira social que o põe na mesma posição de Anatole France [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.87).

A escrita do tio, na perspectiva de Pedro Nava, mostrava também um pouco de seu temperamento, de seus posicionamentos, contraventores para a época. Autor de desacatos a homens nobres, a escrita era útil a esse proletário intelectual. Apesar de ferramenta com fins bastante pragmáticos como se verifica no trecho citado anteriormente, de *Baú de Ossos*, sua sátira social, para o sobrinho que o admira, estaria no mesmo patamar dos textos de um escritor da literatura universal. Escrever para os outros e escrever para si mesmo, Antônio Salles transitava entre essas possibilidades. Como Marout, tia-avó de Pedro Nava, José, o pai de Nava, e Diva, a mãe do escritor, Salles organizava, em cadernos ou “livros de colagem”, recortes de textos, retratos: “[...] entre os livros de colagem de recortes de Antônio Salles, hoje em meu poder, está um retrato do anarquista Vaillant, cuja execução deve ter sido para a sua geração o que foi para a minha a de Sacco e Vanzetti. Pode ser que ele não concordasse com os métodos do retratado da sua miscelânea. Mas, pelo menos, mostra por ele preocupação simpática” (NAVA, *BO*, 2002, p.87-88).

Livros e jornais eram os suportes em que Antônio Salles publicava seus textos. Como já se destacou, Salles não escrevia textos visando apenas aos objetivos de socialização literária; sua escrita atrelava-se também ao jogo político, à sátira, à crítica social:

[...] Antônio Salles [...] iniciou sua famosa campanha do “Tudo passa... e o Nuno fica” nos “Pingos e Respingos” de *O Correio da Manhã*. A cidade gozou e as quadrinhas corriam de boca em boca.

Passa o bonde do Catete,
Passa a preta da canjica,
Passa a lata do sorvete...
Tudo passa, e o Nuno fica.

A planta medra, floresce
Se dá frutos, frutifica,

¹²¹ Século XIX.

Depois a fronde emurchece
Tudo passa... e o Nuno fica. (NAVA, *BO*, 2002, p.212-213).

Assim como a casa de Pedro Nava em Juiz de Fora, o lar em que vivia no Rio de Janeiro também era um espaço com muitos materiais do mundo da escrita. As descrições que o memorialista nos oferece, em *Bau de Ossos*, de seus móveis e dos livros, das revistas que lá existiam nos permitem fazer tal afirmação. Todavia, haveria nessa casa livros e revistas reunidos pelo “tio Júlio Augusto Luna de Freire, que estavam em caixotes, no porão”; “livraria reunida pelo tio, durante sua vida. Com sacrifício de bacharel pobre, com paciência de bibliófilo e com bom gosto de letrado”, que se perderam na ocasião em que a casa de Aristides Lobo fora invadida pela “pororoca”, pelas águas do Rio Comprido:

[...] Mais de dois mil volumes de que escaparam um exemplar da edição ilustrada de *O Ateneu*, de Raul Pompéia [...]; um antigo volume traduzido de *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe; vários fascículos da *Revista do Instituto Histórico de Pernambuco* e tomos desemparelhados de Tácito, Zola, Plutarco e Latino Coelho, que foram depois para Juiz de Fora com os livros de meu Pai e que lá se perderam. Era o que restava [...]. Só ficou o que eu disse... Que o resto foi inutilizado pelas águas (NAVA, *BO*, 2002, p.306).

Se se tratava de livros reunidos de acordo com “o bom gosto de letrado” do tio, “com sacrifício de bacharel pobre”, por que eles estavam no porão da casa? Por que um volume tão grande de livros estaria encaixotado em um cômodo da casa que praticamente não é visitado e utilizado pelos moradores? Seria por causa de seu volume? Afinal, onde se poderia organizar “mais de dois mil volumes” de material impresso? Seria porque os livros pertenciam ao tio já morto? Ao que parece, tanto na casa do Rio, como na casa da avó materna muitos livros se perderam... Se o quadro que nos é pintado de Maria Luísa nos fornece elementos para pensar uma explicação para o descaso da “Sinhá” em relação aos pertences do marido falecido da filha Diva, não há nas *Memórias*, de modo tão claro, razões para que a tia paterna de Pedro Nava, tia Cândida, tivesse deixado os livros do marido em um porão, que mais tarde seria atingido pela chuva.

A casa do Rio de Janeiro, de propriedade de “Dona Candidinha”, pelo que se observa nas *Memórias*, era bastante ampla. Composta por dois andares, que pareciam se

contrapor segundo as atividades realizadas em cada um dos pavimentos,¹²² a casa comportava, inclusive, um cômodo em que tia Candoca guardava seus livros, o piano, seus materiais de música: “Àquela lembrança da Morte que era estímulo para o aproveitamento do Tempo, subiam todas para o andar do alto. O ponto de reunião era a área cheia de sol que correspondia à escura, de baixo. Era larga, dava no banheiro de cima, no quarto de *Dona Candidinha* e numa saleta onde ficavam o piano, as estantes de música e as de livros desta minha querida tia. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.349).

Os livros têm, certamente, extrema importância para Pedro Nava. Por isso mesmo, muitas páginas de suas *Memórias* são recheadas de referências a eles, elaboradas de diversas maneiras, pelo escritor. Porém, os parentes por quem nutria afeto e respeito têm também grande espaço em sua obra. Graças à admiração de Nava por esses parentes, é que podemos analisar suas características quanto ao capital cultural que detinham:

[...] minha tia Cândida – tia Candoca, *Dona Candidinha* – [...] vivia completamente para sua filha restante, Maria, interna, então no Colégio Sacré-Coeur, ao Alto da Boa Vista. Sustentava-se com os juros do que sobrara na compra da casa e de dar lições de piano no colégio em que estudava a filha. Ela preferia o que ganhava pelo trabalho ao que usufruía por preço da morte do marido. Esse dinheiro queima! dizia ela, referindo-se ao último. Minha tia era alta, magra, espigada, naturalmente elegante e, sem ser bonita, impressionava pela doçura do olhar, pela doçura da voz e pela suprema distinção que irradiava de toda a sua pessoa e de todas as suas atitudes. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.323).

Em Aristides Lobo, portanto, não era só o pai de Pedro Nava quem possuía capital cultural. Também sua irmã era uma mulher de posses culturais. Como professora de piano do *Sacré-Coeur*, Cândida tinha, por exemplo, conhecimento o bastante para saber que esse era o Colégio adequado para a filha. Ao lado das características culturais e físicas de “tia Candoca”, Pedro Nava apresenta outras, as quais se associariam às anteriores, relativas ao comportamento, à personalidade de Cândida e que o faziam admirá-la. O escritor destaca uma “suprema distinção”, uma das virtudes que se manifestava nas atitudes da tia. Por meio do que sugere o texto de Nava, a herança disponibilizada pelo ramo da família paterna ultrapassava elementos materiais, próprios da cultura da escrita, como livros; também formas de se comportar integrariam essa herança que, pelas palavras do sujeito-

¹²² Conforme o que ressaltamos anteriormente em relação às atividades das mulheres, na parte superior da casa, as moradoras realizariam atividades domésticas “mais dignas” do que aquelas realizadas pelas empregadas no pavimento inferior. A respeito disso, como destacamos, ver AGUIAR (1998).

narrador, eram bem-vistas por ele. Essa aprovação de certos elementos dessa herança seria o primeiro passo para sua apropriação? Mais do que isso, práticas de familiares queridos e disposições letradas presentes em parentes merecedores de admiração, por sua bondade, solidariedade, “doçura”, não seriam também elementos “dignos” de ser repetidos pelos membros mais novos da família?

Nesse sentido, o hábito da leitura e o título que recebe quem o tem aparecem nas *Memórias*, no caso dos parentes paternos de Pedro Nava, como fatores não somente bons, como também associados a certas características de personalidade e a determinadas maneiras de lidar com o mundo: “[...] Nenhum desses grandes leitores que eram meu Pai, tio Salles, tio Júlio, minhas tias Alice e Candoca se permitiam pedantismo ou brilho. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.337. Os grifos são nossos). Nesse tipo de associação, podemos afirmar que o adjetivo “grandes” assim como caracteriza de uma maneira positiva o substantivo “leitores”, o qual se refere aos membros da família paterna de Nava, também age na mesma direção, do ponto de vista semântico das relações textuais, estabelecidas entre as palavras na frase, sobre as outras características desses parentes. Logo, do mesmo modo que é grandioso ler muito, ler todos os dias, é também grandioso não ser pedante, não se exhibir. Na perspectiva do memorialista, embora seus parentes paternos tivessem uma “grande” característica, exatamente aquela de ter a leitura como hábito, que poderia dar a eles motivos para se permitirem “pedantismo ou brilho”, na verdade e ao contrário, fazia com que esses familiares fossem antes, para o escritor, humildes e discretos.

Já se destacou que as mulheres em Aristides Lobo tinham sempre suas horas preenchidas. Cultivando uma prática que constituía a tradição da família, em seu ramo paterno, elas costumavam costurar e fazer renda. Mas, além dessa atividade doméstica, como a denomina Pedro Nava, além dos preparos para a espera dos homens da casa para o jantar, as horas na casa do Rio de Janeiro eram também dedicadas à leitura: “[...] Não havia nada mais regular que as horas da velha tia.¹²³ [...] Quando não saía, cerzia ou fazia renda. Perguntava a um por um se já tinha acabado com o jornal. Se era sim, ela cortava o folhetim, lia e guardava para costurar em cadernos. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.330-331).

No caso da tia-avó paterna de Nava, a distribuição regular de suas horas incluía também tempo para a leitura. Marout lia o jornal depois de todos os moradores da casa – o

¹²³ Dona Maria Pamplona de Arruda.

que nos faz pensar que a leitura desse tipo de impresso era uma prática cotidiana no lar dos parentes paternos de Pedro Nava. Além disso, Marout tinha uma maneira bem peculiar de ler o jornal. Interessava-lhe o folhetim¹²⁴ (gênero preferido pelas mulheres?¹²⁵) que, uma vez lido, era recortado, retirado de seu suporte original, para ser guardado e costurado por Marout em cadernos.¹²⁶

Somados ao hábito da leitura, os moradores da casa do Rio de Janeiro cultivavam também outros costumes. Aos sábados, os pais de Pedro Nava costumavam sair para assistir a espetáculos:

[...] aquele costume de veludo preto de minha Mãe, realçado por *soutaches* negros, mais o chapéu e os sapatos para serem usados com ele. O chapéu era enorme, feito de uma trama dura, meio transparente e com cascatas de *pleureuses* descendo da aba. Tudo verde – verde o chapéu e verdes as plumas e os veludos da copa. Os sapatos, de bicos compridos e *talons bottier* eram de cor *marron-mordorée* e tinham cintilações profundas como as das barrigas das moscas varejeiras. Era com esse traje fabuloso que minha Mãe saía airosa, aos sábados, com meu Pai, para as *matinées* do Lírico, para a *Viúva Alegre*, para o *Conde de Luxemburgo*, para a *Princesa dos Dólares*. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.339. O grifo é nosso; os destaques em itálico, do autor.).

Para esse momento de lazer, nas tardes de sábado, na companhia do marido, Diva se vestia com requinte: elegância na escolha da roupa, sapatos finos, chapéu sofisticado. Por quê?

¹²⁴ Para uma história do folhetim, ver Marlyse Meyer (1996). Em linhas gerais, o folhetim apresentava-se como um gênero textual, publicado nos jornais e que se aproxima do que hoje seria a crônica (MEYER, 1996, p.57). O gênero nasceu na França, no início do século XIX, e ocupava o rodapé da primeira página do jornal. Preenchia o lugar destinado ao entretenimento; era o espaço onde se podia treinar a narrativa, onde se aceitavam mestres e estreates no gênero, histórias curtas ou menos curtas. Adotava-se “a moda inglesa de publicações em série” caso houvesse “mais textos e menos colunas” (p.58). No Brasil, a novidade começou a circular no *Jornal do Commercio* na primeira metade do século XIX. Conforme Meyer (1996, p.283), “Entre 1839 e 1842 os folhetins-romance são praticamente cotidianos no *Jornal do Commercio*”. Obras francesas e textos de brasileiros foram publicados na forma de folhetim não só no *Jornal do Commercio*, mas também em outros jornais do país, como a *Gazeta das Notícias* (p.294). *O guarani*, de José de Alencar; *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo; *O Ateneu*, de Raul Pompéia; *A mão e a luva*, *Quincas Borba*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas; *Crime castigo*, de Fiódor Dostoiévski são algumas das obras publicadas por meio de folhetins, nos jornais que circulavam no Brasil, no século XIX.

¹²⁵ Para MEYER (1996, p.298), o romance e o folhetim estiveram “sempre associados à contumaz frivolidade da ‘gentil leitora’”. Quem lia romances (ou a quem se proibia a leitura) era a mulher, destinatária “natural” (p.379) do gênero textual, literário.

¹²⁶ Em pesquisa recente, em que utilizou o acervo de sua família como fonte da investigação, mais especificamente, fotografias, partituras, documentos, papéis, LOPES (2007) analisou também um caderno de recortes de seu avô. Como a tia-avó paterna de Pedro Nava, que tal e qual o avô da pesquisadora nascera no século XIX, Auxíbio Lopes colava nesse caderno poemas que recortava dos jornais que lia.

2.3. As boas relações da família

Grupos sociais dominantes, em geral, seriam detentores de diferentes formas de capital. Não basta somente ler os grandes nomes da literatura, apreciar a música clássica e as artes plásticas, ouvir os melhores concertistas ou frequentar museus, é necessário também possuir boas condições materiais de vida, ter um sobrenome “respeitável” e cultivar relações com indivíduos que gozem de prestígio social ou que, em outras palavras, tornem o seu próprio capital social¹²⁷ e o de sua família rentável. Assim, do mesmo modo que investem em capital cultural, os indivíduos que ocupam as posições mais elevadas na hierarquia social, não necessariamente de uma maneira consciente, também tenderiam a cultivar “boas” relações sociais.

Nessa direção, notamos que, nas *Memórias*, não são poucas as menções de Pedro Nava a pessoas que estiveram ligadas à sua família de diferentes maneiras. Em muitas das ocasiões da escrita, o memorialista procurou, por meio de diversas características e propriedades, dar forma às personagens apresentando seu o nome completo. Com minúcia e grande riqueza de detalhes, em outros momentos, as personagens aparecem, nas páginas das *Memórias*, a partir de outro tipo de caracterização: “[...] Possuo uma fotografia feita pelo seu Lemos, outro português amigo de meu Pai, tirada em Santa Clara a 12 de janeiro de 1903, na festa de comemoração, parece que dos vinte e cinco anos, do afazendamento de seu Carneiro¹²⁸ na região, e que vinha, pois, de 1878. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.264).

¹²⁷ De acordo com BOURDIEU (1998, p.67-68), capital social é o conjunto de propriedades, recursos (atuais ou potenciais) ligados à posse de uma rede durável de relações “mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento”. Os integrantes dessa rede de relações apresentam características comuns (do ponto de vista econômico, cultural, simbólico) e se unem por meio de “ligações permanentes e úteis [...] fundadas em trocas materiais e simbólicas”. Operando com a noção de capital social, pode-se apreender efeitos produzidos pela ação das relações sociais, “visíveis em todos os casos em que diferentes indivíduos obtêm um rendimento muito desigual de um capital (econômico ou cultural) mais ou menos equivalente, segundo o grau em que eles podem mobilizar, por procuração, o capital de um grupo (família, antigos alunos de escolas de ‘elite’, clube seletivo, nobreza, etc.) mais ou menos constituído como tal e mais ou menos provido de capital”. Vale ressaltar ainda que uma rede de relações sociais, a partir da qual se poderia obter lucros materiais e simbólicos, não é um dado natural, social. Conforme o sociólogo, produto de estratégias de investimento orientadas consciente ou inconscientemente, ela é resultado de um trabalho de instauração e manutenção para (re)produzir relações duráveis e úteis; constitui-se “por um ato social de instituição (representado, no caso do grupo familiar, pela definição genealógica das relações de parentesco que é característica de uma formação social)”.

¹²⁸ “O proprietário de Santa Clara era o português Manuel da Silva Carneiro, íntimo de meu avô e padrinho de casamento de minha Mãe [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.236). “[...] Manuel da Silva Carneiro. Foi esse lusíada, dono da Fazenda de Santa Clara, que levou meu Pai para clinicar no povoado do Sossego, distrito de Santana do Deserto. Caminho Novo” (p.220).

Se, em alguns momentos, as personagens de Nava não são apresentadas por meio de seus nomes completos, os quais em geral evidenciam de imediato sua “alta” posição social, outros elementos caracterizadores, que igualmente cumprem tal função, são utilizados pelo escritor. Esse é o caso, por exemplo, de um dos amigos de seu pai, morador de uma região próxima de Juiz de Fora. Apesar da aparente simplicidade que seria conferida aos homens com quem José Nava construiu relações sociais em Santa Clara, tendo em vista o emprego da expressão coloquial “seu”, o sujeito-narrador não se furta de caracterizar o “seu Lemos” como “português” e “amigo” de seu pai. José Nava e “seu Lemos” estão juntos, em uma “festa”, como bem mostra a fotografia que o escritor utiliza para desencadear a recordação do evento. Trata-se da festa de aniversário “dos vinte e cinco anos” do “afazendamento de seu Carneiro” em Santa Clara, outro português que dispensaria, nesse momento das *Memórias*, apresentações, visto que, páginas antes, o “íntimo” de Luís da Cunha,¹²⁹ avô materno de Nava e “padrinho de casamento” de sua mãe, já fora apresentado. Como passaram um tempo morando na Fazenda de Santa Clara, nada seria mais natural que Diva e José comemorassem, junto com Manuel da Silva Carneiro, a ocupação daquelas terras desde a segunda metade do século XIX.

As relações sociais entre José Nava e “seu Carneiro”, inicialmente, haviam sido motivadas pelo exercício da profissão de médico pelo pai de Pedro Nava. José, recém-casado e ainda no início de sua carreira, tinha um percurso a seguir:

Esse era o processo do médico se fixar no interior. Apadrinhado por um fazendeiro que lhe dava o partido de sua fazenda e mais o da dos amigos da redondeza. Dessa forma já se chegava com clínica feita e área de atividade demarcada. Era só esperar o dinheiro. Meu Pai, tão logo terminou a lua-de-mel, recebeu os clientes da mão do seu Carneiro e transferiu-se para o Sossego. O seu, dito, é que acabou, pois via doentes dia e noite e tinha sempre arreado o cavalo ou atrelada a carruagem pra atender os chamados. Esses vinham a qualquer hora, com chuva ou bom tempo e lá saía o moço para as urgências do vasto círculo em que ficavam Cotegipe, Ericeira, Chiador, Pequeri, Matias e mais lugarejos, fazendas e sítios de entre os trilhos da Central e da Leopoldina e mesmo, à direita dos últimos, numa fatia do Mar de Espanha. Todo esse chão meu Pai

¹²⁹ Ele nascera a 31 de agosto de 1806 e morrera no dia 25 de outubro de 1885. Pai de Maria Luísa, Luís da Cunha teria vindo ao mundo em Pitangui ou em Catas Altas, no “centro de Minas onde vivia sua gente” (NAVA, *BO*, 2002, p.103). Ele tinha 29 anos quando lhe nascera o primeiro filho em Santa Bárbara e vivera no lugar entre os anos de 1835 e 1850. De acordo com a narrativa de Pedro Nava, o bisavô teria em Santa Bárbara uma situação “[...] remediada ou mesmo folgada já que morava numa das melhores casas da cidade [...]” (p.103). De Santa Bárbara, Luís da Cunha foi morar em Sabará, levando consigo a mulher e os filhos. Lá permaneceu entre 1855 e 1858 (p.106), antes de se mudar para o lugar que seria mais tarde a cidade de Juiz de Fora.

bateu a burro, besta, cavalo, trole e *velocípede de linha*. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.220. O destaque em itálico é do autor.).

Não apenas fazendeiros, mas também políticos compunham a rede de relações do pai de Pedro Nava, a qual se estendia ao restante da família:

Outra casa acolhedora era a do Dr. Duarte de Abreu. Meu Pai tinha fascinação por ele e acompanhava-o na política municipal. Ele respondia com aquela amizade que foi uma das heranças que minha Mãe, meus irmãos e eu tivemos de meu Pai. Morto este e quando o Dr. Duarte mudou-se para o Rio, nunca vim a esta cidade que não fosse visitá-lo a seu cartório na Rua do Rosário. Foi nesse cartório, que, rapazola, vim a conhecer Afrânio de Melo Franco – sem que ele ou eu percebêssemos a trama do destino que nos levaria a um último encontro, à hora de sua morte, quando o assistimos Agenor Porto e eu. [...] Mas... voltamos a Juiz de Fora e ao tempo de meu Pai diarista da casa do Dr. Duarte. [...] Este era Presidente da Câmara Municipal desde 1905 e meu Pai era seu Diretor de Higiene. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.268).

Dr. Duarte de Abreu, político em Juiz de Fora e amigo de José Nava, manteve os laços de amizade com Diva e seus filhos depois da morte do pai do memorialista. Essa amizade rendeu a Pedro Nava o encontro com Afrânio de Melo Franco. Tal e qual o pai, Pedro Nava soube manter seus bons relacionamentos.

Conforme o que se pode observar nas *Memórias*, posições políticas aproximavam o Dr. Duarte e José Nava, que, na família, tinha parentes ligados à vida política de Juiz de Fora. Constantino Paletta, marido de Berta, tia materna de Pedro Nava, era advogado e visava a horizontes mais amplos na cidade: “[...] mesmo sem morte de Presidente, cedo ou tarde o Andrada estava destinado a tomar conta da posição. Praticamente não tinha adversário senão o Dr. Duarte e o meu tio Constantino Paletta.¹³⁰ [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.269).

Pedro Nava, em sua infância em Juiz de Fora, antes da mudança para o Rio de Janeiro, convivía com a “boa gente do lugar” graças também às escolhas que Diva fazia no seu cotidiano. A opção cuidadosa da mãe em relação ao lado da rua em que se deveria caminhar, o lugar das compras do dia-a-dia, as pessoas com quem se conversaria eram

¹³⁰ A respeito de Constantino Paletta, Pedro Nava ainda escreveu “Hábil causídico, homem afetando uma honradez exemplar, extremamente zeloso no interesse de seus constituintes, bom amigo quando era amigo, o Paletta foi um cidadão prestante a quem muito ficou devendo Juiz de Fora e que mereceu a placa com seu nome que figura num dos logradouros. Filho admirável, irmão carinhoso, pai como os melhores – esse seu contraditório foi genro detestável e detestado, cunhado odioso e odiado. Além de forreta, ele era, como aquele Conde de Gouvarinho, do Eça, ‘maçador e muito pequinheiro [e] quando começava a repisar, a remoer, não se podia aturar’” (NAVA, *BO*, 2002, p.272).

determinados por Diva de acordo com as suas próprias convicções e as imagens que a mãe de Nava tinha de lugares e pessoas da cidade:

O caminho para a casa de minha avó – do nosso 142 ao 179 – eu o fazia de mãos dadas com minha prima e minha Mãe. Essa dirigia nossos passos com cautela de navegadora. Vínhamos pelo lado par, até a casa do Dr. Beauclair [...]. Desse ponto enviesávamos para o lado ímpar, diretos ao armazém do seu Cristóvão de Andrade, que minha Mãe, feitas as encomendas do que queria, deixava para alcançar novamente a numeração par. Porque tirante essa venda e a casa do Dr. José de Mendonça, o resto do quarteirão era ominoso. Primeiro era o Colégio Mineiro, onde professoras huguenotes desencaminhavam moças católicas, do mesmo jeito que os mestres do Granbery os rapazes do seu Rangel e do Dr. Martinho. Minha Mãe achava aquilo um desaforo. Vinha depois a casa do Barão, cujas calçadas eram evitadas por todas as pessoas que temiam remoques, injúrias e até águas sujas na cabeça. [...] E logo adiante ficava, misteriosa e muda, a infame Maçonaria. Outro desaforo, na opinião de minha Mãe. [...] ela tornava a demandar o quarteirão fronteiro para deter-se um pouco na esquina de Imperador e tomar a bênção a sua madrinha Mariquinhas Santos, prosear com a filha desta, Matildinha, sua grande amiga, mulher do Almada Horta. [...] parada na casa das Rosa da Costa. [...] era um cochichar sem fim das amigas. Dona Oldina, Dona Julina, Dona Duília, Dona Irene – incorruptíveis e exigentes em honra – sua amizade era um atestado de boa conduta e sua indiferença ou inimizade – a colocação no pelourinho. Santas Senhoras! [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.239).

As “más” influências do Colégio Mineiro, onde as professoras (de)formariam “moças católicas” eram evitadas por Diva. O afastamento da mãe de Pedro Nava do espaço do Colégio representaria, ao mesmo tempo, sua crença nos princípios da Igreja Católica e a repulsa por instituições bem diferentes da Igreja como é o caso da Maçonaria, da qual fazia parte seu marido. As atenções de Diva voltavam-se, desse modo, para as mulheres que julgava de “bom” caráter, “exigentes em honra”. Sendo assim, o contato com as “santas senhoras” de Juiz de Fora representaria para a sociedade juizforense (e para a própria Diva) o reconhecimento de que a amizade ali mantida erguia-se apenas entre pessoas de “boa conduta”. Nesse sentido, vale notar que Diva está, como personagem do ramo materno da família, entre os membros que simbolizam o lado conservador e tradicional do grupo.

Como em Juiz de Fora, também a vida no Rio de Janeiro, entre os anos de 1910 e 1911, era cercada de pessoas influentes: “[...] para mim, a figura mais impressionante era a do agigantado Dr. Belisário Fernandes Távora. Vinha por causa de tio Salles. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.308). José Nava e Antônio Salles, personagens marcantes na formação de Pedro Nava, não apenas mostrariam ao menino, por meio de suas próprias práticas, como e para que ler e escrever diferentes tipos de texto, em diversas ocasiões, mas

também o ensinariam, no dia-a-dia das conversas de uma casa “bem” freqüentada, como manter “boas” amizades:

[...] o Dr. Belisário, agindo junto ao Marechal Hermes (de quem foi Chefe de Polícia) e sendo elemento decisivo na fofoca que levou a Presidência da República a estimular e apoiar o movimento popular que deu com o Accioly em terra. Ao tempo dessas conspirações em Aristides Lobo, ele devia ir pelos seus quarenta e fumaça, pois nascera a 25 de maio de 1868, no Jaguaribe. Era bacharel formado no Recife, em 1892, e advogara no Amazonas antes de vir para o Rio. Vi-o várias vezes, depois, no seu cartório, que era uma espécie de clube de cearenses, como mais tarde o foi de mineiros, outro cartório, o do Dr. Duarte de Abreu. Esse também não faltava em nossa casa e quando ele entrava só ou com a Dona Albertina, em vez de falar mal do velho Accioly, metia-se a catana no Antônio Carlos, no João Penido, no Valadares e no Vidalzinho. Era a vez de Juiz de Fora. O Dr. Duarte, quando vinha para a Câmara, era nosso vizinho, pois sempre se hospedava com seu parente, o Major Mendes, à Rua do Bispo. Mais se mantinha o tom político da conversa, quando aparecia o Coronel Benjamim Liberato Barroso, nosso parente, secarrão mas preciso, ouvindo muito e falando pouco. Geralmente ficava fechado em copas, por trás de suas lentes de míope. [...] quando resolvia contar, era um manancial inesgotável da história política do Ceará que ele governara em 1892, como vice em exercício, e que o destino reservava para novo mandato, em 1914. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.309).

Chefes de Polícia, major, coronel, gente influente capaz de modificar os trâmites da política nacional entre fins do século XIX e os primeiros anos do século XX, bacharel, advogado, amigos do Norte do Brasil e de Minas, donos de cartório, políticos, essas eram as personagens que freqüentavam a casa de Aristides Lobo. O círculo familiar de Pedro Nava oferecia-lhe, entre seus sete e oito anos de idade, a convivência com intelectuais e políticos. Se não era no espaço do lar que o menino acompanhava as conversas dos adultos, era no cartório dos bacharéis que Nava podia ir formando a imagem da política nacional, que apareceria, mais tarde, em suas *Memórias*, na forma de conversas que ele ouviu quando criança.

No Rio de Janeiro, Pedro Nava, como observamos, por um ano apenas, pôde conviver intensamente com pessoas ligadas ao norte do país, ao Ceará, estado de onde vinha grande parte de seus parentes paternos:

Outro assíduo ao 106, também parente, primo-irmão de minha avó paterna, era o Dr. João da Cruz Abreu. Médico, formado pela Faculdade da Bahia em 1892. Clinicava no bairro e dobrava o ser bom profissional com a personalidade de historiador e colaborador da *Revista do Instituto do Ceará*. Era perseguido pela mesma asma tirana dos Costa Barros que cortava o fôlego de meu Pai e de minhas tias Dinorá e Alice. [...] Tinha a voz retumbante dos enfisematosos, era um conversador infatigável e cheio de verve. Impunha-se pelo critério, pela seriedade e por aquela austeridade simples que vim a tornar a admirar quando, mais tarde, encontrei nos caminhos da vida seus filhos Sílvio e Mário Froes de Abreu (NAVA, *BO*, 2002, p.310).

O “clube de cearenses” integrava também médicos, componentes da família paterna do memorialista, profissionais que, como José Nava, depois de trabalharem em outros estados, acabavam por optar pelo Rio de Janeiro para exercer a profissão. A formação de médico ou de advogado não impedia, conforme nos mostra a análise das *Memórias*, os parentes de Pedro Nava ou os amigos da família de se dedicarem a outras atividades, caminho também escolhido pelo próprio memorialista, que, médico, foi professor universitário, pesquisador, escritor. O parente João da Cruz, por exemplo, além da medicina, entregava-se também aos estudos históricos – mais uma influência sobre Pedro Nava na sua infância?

É importante notar como Pedro Nava, “cientista-médico”,¹³¹ observa as características de suas personagens. Muito frequentemente, o escritor liga certos traços de homens e mulheres que vai (re)construindo nas páginas do texto com características biológicas (e de personalidade) de ancestrais, com membros de gerações diferentes de uma mesma família. O Dr. João da Cruz Abreu sofria de asma como os demais parentes do ramo da família paterna do memorialista. “Critério, seriedade, austeridade simples” eram traços da personalidade do médico, repetidas, mais tarde, segundo Pedro Nava, nos filhos desse seu parente, com os quais o escritor pôde conviver. Esse tipo de herança, admirada por Nava, é bastante comum em seus parentes. Tais traços de personalidade, assim como outros, não apenas caracterizavam “a boa gente” da família com quem conviveu Pedro Nava pela vida afora, mas também se transformaram em um legado de que o escritor se apropriou:

[...] Duas vezes esnobei ou recusei desses cargos que são gulosamente cavados. Três vezes pedi demissão de outros que são disputados de unhas e dentes. Porque nessas horas eu estava envultado pelo 106 de Aristides Lobo. Por meu tio Antônio Salles, quando este recusou, porque recusou, a presidência da Padaria Espiritual; o lugar entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras, que lhe oferecia Machado de Assis; o cargo de Adido Comercial em Londres e o de secretário particular do Embaixador, que lhe queria dar Nabuco; quando ele renunciou às funções de Secretário de Estado, no Ceará, no governo Bezerril, e quando desdenhou ser Deputado Federal por sua terra. Estava envultado por meu tio Modesto (no nome e no feitio) que duas vezes declinou ser Deputado Federal, pelo Espírito Santo e por Sergipe, ao tempo em que Bernardes fazia eleger Heitor de Sousa e Efigênio Salles por Estados colonizados pelo imperialismo mineiro. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.337-338).

¹³¹ Francisco Iglésias, no prefácio do livro de Antônio Sérgio Bueno, em que o pesquisador faz “uma leitura da obra de Pedro Nava”, assim caracterizou o memorialista. Em seu estudo, BUENO (1997) explora as *Memórias* privilegiando não apenas o espaço, como o faria também, de maneira ainda mais focalizada, AGUIAR (1998), mas também o corpo e a figuração. *Visceras da memória* tem, portanto, como eixo teórico, a visualidade (IGLÉSIAS, 1997, p.14).

Tanto em casa, como no espaço do trabalho, nas rodas de amigos, José cultivava a amizade com seus pares, colegas, médicos como ele:

Conquistados seus dois empregos, sem nenhuma proteção, devidos só ao seu esforço e capacidade mostrada em concurso público, meu Pai reaproximou-se dos colegas de quem se tinha distanciado durante o período de Juiz de Fora. Seus mestres, como Cipriano de Freitas, Carlos Eiras, Pedro Severiano, Antônio Rodrigues Lima e Miguel Couto, que fora paraninfo de sua turma. Velhos amigos, como Moura Brasil, Queiroz de Barros, Adolfo Luna Freire e João Marinho. Antigos companheiros de Faculdade, como Aloysio de Castro, Moura Brasil Filho, Bruno Lobo, Adelino Pinto e Alberto Farani. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.371).

Não podemos deixar de notar, portanto, que a Medicina no Brasil, assim como o Direito e a Engenharia, tal como as *Memórias* nos permitem perceber essas profissões em nosso país, apresenta-se como um campo profissional valorizado pela sociedade, de prestígio, que, ainda hoje, diferentemente de muitos espaços profissionais, confere *status* e reconhecimento aos sujeitos que dele fazem parte. Em geral, muitos médicos originam-se de famílias que gozam de poder e prestígio na sociedade, que têm “um nome”, tal como nos mostra Pedro Nava ao citar nomes e sobrenomes dos amigos-médicos de seu pai. Capital social adquirido também pelo exercício da profissão, José Nava, que já se apresentava na memória do filho como intelectual, seria um exemplo de alguém que conquistou espaço e prestígio na profissão graças ao seu próprio esforço “e capacidade mostrada em concurso público, sem nenhuma proteção”. Aí estaria o diferencial dessa família em relação às outras que compunham as elites brasileiras nas primeiras décadas do século XX?

2.4. A família materna

Os espaços costumam funcionar como disparadores da memória. Como um mapa que nos guia por caminhos que nos parecem familiares, mas ainda pouco conhecidos e explorados, o lugar em sua materialidade pode nos fazer lembrar do passado. No caso das *Memórias*, em grande medida de uma maneira cronológica, os espaços em que Pedro Nava e sua gente viveram, ao mesmo tempo em que funcionam como uma possibilidade de organização da obra, como um elemento que localiza os lugares onde as histórias que compõem a narrativa vão se desenrolando, são também figurativos. Eles funcionam como metáforas que representam os sentimentos do sujeito-narrador em relação a pessoas e fatos que constituíram sua vida.

Em *Baú de Ossos*, as descrições da geografia dos lugares em que os parentes de Nava viveram, as informações que caracterizam esses espaços funcionam como protocolos de leitura. Elas preparam o leitor para o que será narrado sobre a família do memorialista. Assim, como já se destacou em outros momentos desta dissertação, se a viagem empreendida tem como destino o Maranhão, o Ceará ou o Rio de Janeiro, as cidades, as ruas, as casas ganham, na maior parte das vezes, colorações leves e associações alegres, pois o que será tratado a seguir é o passado dos parentes paternos do escritor, familiares por quem Pedro Nava nutria grande afeto. Em contrapartida, quando temos como destino o *Caminho Novo* e a infância de Pedro Nava em Juiz de Fora, o mapeamento da cidade, a descrição de sua geografia e de sua cultura tornam-se pesados. O escritor guia a construção de sentido que será realizada pelo leitor; ele “prepara o terreno” para que o leitor aceite o pacto ficcional que ele está a propor nas linhas do texto.

Ao chegar nos arredores do Paraibuna, não encontramos a leveza e as alegrias as quais caracterizariam os espaços onde seus parentes paternos deitaram raízes. Somos antes surpreendidos por um “[...] Solo imantado, metálico, pulverulento e pegajoso, que segurou firmemente o pé errante dos paulistas, desmanchou-lhes a prosápia, triturou-os no sofrimento, na fome, no crime, na pestilência, na cobiça, no medo, no pagode, no homízio. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.96). É nesse ambiente, nesse espaço geográfico, que “foram – fomos! – ficando mineiros” (p.96).

As origens da família de sua mãe (sociais, econômicas, culturais) ligam-se a uma terra de sofrimento – para o sujeito-narrador das *Memórias* e para os que aqui estavam antes e no momento da chegada dos bandeirantes:

[...] E tome coito com índia. E mistura e mais mistura com emboaba, padre, levantino, fidalgo, circuncizado, escravo da Costa, e sequaz de Mafoma – apesar de cada um dos nossos maiores se declarar documentalmente cristão puro – sem liga com negro, mouro, judeu ou quaisquer outras “infectas naçoens”. Nem tanto porque elas estão todas representadas no sangue aristocrático da gente do Centro. O que admira é a rapidez com que a predominância lusíada fez desse barro o módulo fabuloso e único do mineiro. Duas gerações, três no máximo, e estava constituída uma sociedade cheia de hierarquia, de polidez, de religião, cerimônia, inteligência, latim e polícia. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.96).

Estamos sendo levados pelas mãos do narrador ao lugar em que encontraremos a “gente do Centro”, que se diz *pura*, de ascendência portuguesa. Pedro Nava traça o caminho e segue conosco pelos espaços dos mineiros, de seus familiares maternos, os quais vão constituindo

suas hierarquias, sua “boa” educação, sua religião com o passar dos anos, negando qualquer ligação com qualquer “nação infecta”.

A gente Pinto Coelho, como gostava Pedro Nava de se referir ao ramo materno de sua família, ligado à avó Maria Luísa, apesar de se encontrar entre os mineiros “legítimos”, “de sangue aristocrático” e predominantemente “lusíada”, foi um grupo marcado por movimentos de ascendência e queda na hierarquia social. À época da escrita das *Memórias*, os “descendentes dos cresos da colônia” (NAVA, *BO*, 2002, p.142), de acordo com o olhar irônico que lhes dirigia o sujeito-narrador de *Bau de Ossos*, eram “[...] apenas uma boa e tradicional família mineira, cujos representantes mais altos [estavam] na mediania da política provinciana ou retomando a subida pelos degraus das finanças e das profissões liberais. [...]” (p.143). Subida menos suave, ao que parece, do que aquela experimentada por Maria Luísa; que, aos 19 anos, casou-se com o engenheiro Halfeld, tornando-se, assim, uma mulher rica e poderosa na cidade de Juiz de Fora.

Os burburinhos que cercam os estudiosos de Pedro Nava na Biblioteca Municipal Murilo Mendes, em Juiz de Fora, informam que a queda dos Pinto Coelho, mais especificamente a descida (social) de Maria Luísa, viria durante os anos de seu casamento com o Major da Briosa Joaquim José Nogueira Jaguaribe.¹³² De acordo com os boatos que povoam o setor de memória da biblioteca, o cearense, segundo marido da avó materna de

¹³² O avô materno de Pedro Nava nasceu no Ceará, em 11 de maio de 1850. Jaguaribe conheceu Maria Luísa em Barbacena, quando era “agrimensor prático”. Para a decepção de Luís da Cunha, Maria Luísa “disse que casava mesmo”. “[...] O moço era limpo, livre, [...] filho legítimo do Senador do Império Domingos José Nogueira Jaguaribe e de [...] Dona Clodes Alexandrina Santiago de Alencar Jaguaribe. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.158). Assim, Luís da Cunha “[...] Teve de meter o rabo entre as pernas e no primeiro 15 de agosto a Inhá Luísa deixava o nome de Halfeld e passava a assinar Maria Luísa da Cunha Jaguaribe. [...]” (p.158). Para esclarecer o título de “Major” do avô, Pedro Nava escreveu: “[...] O sogro era capitão de nascença [...] e um belo dia decidiu promover-se a Coronel, pagando patente na Briosa. Toda a família aderiu e depois de [...] combinações sem fim [...], cada um teve o posto que devia ter, levando em conta a hierarquia familiar [...]. O Luís da Cunha é que [...] distribuiu os galões. O genro Chico Horta seria Coronel [...]. O filho Luís e o Jaguaribe, Tenentes-Coronéis. O Júlio, Major. Os netos [...], que estavam estudando para doutores, não seriam coisa alguma [...]. Procedido ao rateio, o Júlio foi deputado para a Corte [...] para cuidar dos documentos, pagar as patentes, comprar os uniformes, os canutilhos, [...] as esporas, pistolas [...]. Tudo legalizado, o safardana do Júlio voltou [...]. Só que contra todo o espírito de família [...] e desobedecendo aos arestos do Luís da Cunha, vinha ele, Júlio, de Tenente-Coronel e meu avô rebaixado para Major [...]. Isto jamais seria esquecido e envenenaria para sempre as relações dos cunhados. [...] O jantar, [...] foi na casa [...] do Coronel Chico Horta. Foi estragado pela ausência de minha avó que, tendo ódio de farda, como boa mineira que era, ficou fora de si quando viu o marido de grande gala” (p.180-181). Embora tivesse trazido “umas letras e um pouco de latim do seminário em que estudara, [...] não possuía, propriamente, um título. [...]” (p.180). Tornou-se Presidente da Câmara de Juiz de Fora para o período de 1887 a 1889 (p.190-191). Depois de ter sido “agrimensor, construtor, empreiteiro, ferroviário, político, jornalista, funcionário e educador”, escolheu nova profissão “e compra, na Estação Cotegipe, a Fazenda do Bom Jesus. [...]” (p.192-193).

Pedro Nava, viajava com frequência para o Norte e se valia, de certa forma, do dinheiro da mulher, riqueza herdada por ela com a morte do velho Halfeld.¹³³ Sobre os parentes maternos, o memorialista afirma ainda que:

[...] Alguns desceram completamente ao proletariado do campo, como os que eu vi numa fazenda de Caeté, em 1928, casarão vazio de passados esplendores, onde os Pinto Coelho que o habitavam comiam numa mesa sem toalha, dormiam em catres sem lençol e iam para a roça de pés descalços. Lembro-me bem desses parentes, muito brancos, olhos azuis e a cara atávica em bico de pássaro. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.143).

É com ironias e metáforas que Pedro Nava recheia seu texto para falar de onde teriam vindo os parentes maternos:

Salvo um ou outro parente fixado em Pitangui e São João del Rei, a família de minha Mãe deitou raízes principalmente naquela zona que está para Minas e para o Brasil, como a Toscana para a Itália. Essa Etrúria nacional, sua parte mais alta (eu não falo só das montanhas!) e mais nobre (ah! solo imperial e patricio!) fica contida num círculo que passa seus arcos por Queluz, Bandeirantes, Cláudio Manoel, Fonseca, Bom Jesus do Amparo, União de Caeté, Lagoa Santa, Confins, Ribeirão das Neves, o meio das Léguas entre Jatuba e a Contagem, a Cruculândia, o Bituri e para fechar a rosca, outra vez Queluz... Uns saíram destas fronteiras, desceram nosso Caminho Novo, foram pingando na Barbacena, no Chapéu d'Uvas, no Santo Antônio da Boiada, no Registro de Matias Barbosa, no Simão Pereira, na Serraria. A maioria, entretanto, não se passou para estas línguas do *oc* nem do *oil* porque ficou mesmo naquele círculo mágico onde se fala a língua do *uai*. [...] Terras pesadas de espantos e metais. Noruegas cheias de avencas e assombrações. Montanhas inteiras de ferro. Valados e sovações atulhados de ouro. Ouro de todo jeito. Preto, branco, fino, podre... (NAVA, *BO*, 2002, p.95-96. Os destaques em itálico são do autor.).

Diferentemente do tratamento conferido às origens dos parentes paternos, no caso da família de sua mãe, as palavras que representariam grandeza do ramo familiar quanto às suas origens, podem ser lidas como uma grandeza que transforma grande parte dos parentes em seres pequenos e mesquinhos. Os termos que engrandeceriam os parentes maternos, dadas suas origens geográficas, por exemplo, não são utilizados pelo autor como as construções textuais que caracterizam os parentes de seu pai. No caso materno, ao contrário, temos uma grandeza às avessas, que indica, na verdade, pequenez, peso, o ferro

¹³³ Esses boatos, burburinhos aos quais nos referimos aqui, foram registrados em notas, enquanto eu trabalhava em Juiz de Fora na coleta de dados de alguns números dos jornais *O Pharol* e *Jornal do Commercio*, que circularam na cidade entre os anos de 1903 e 1913.

do chão de Minas que também estaria no coração e nas almas dos mineiros, dos parentes maternos de Pedro Nava.

A ironia, que diminui a suposta grandeza da família materna, quando Pedro Nava trata da região de Minas, onde teriam deitado raízes os parentes ligados à sua mãe, por meio de uma analogia que se constrói na referência à Toscana, na Itália, pode ser confirmada com as metáforas por meio das quais Nava encerra o parágrafo ao descrever as terras de seus parentes. São terras “pesadas, montanhas inteiras de ferro”, solo rico por causa da variedade mesma do seu ouro: “Ouro de todo jeito. Preto, branco, fino, podre...”. São essas metáforas (representando a mentalidade dos indivíduos dessa região, incluída aí grande parte dos parentes maternos de Pedro Nava) que nos permitem perceber o tom meio amargo das palavras do memorialista.

Nota-se que o momento da narrativa dedicado à família materna é marcado pela presença da morte, pelas histórias de fantasmas e assombração, pela crítica às elites mineiras, pelas farpas dirigidas à Igreja Católica, aos costumes provinciais (NAVA, *BO*, 2002, p.100). Desse modo, Pedro Nava segue narrando suas origens maternas, contando de Minas Gerais em suas *Memórias*, não por amor a essa terra, mas porque não há como apagá-la de sua história; não há como negar que Minas o constitui:

[...] Rios que pela vida subterrânea dos lençóis d’água drenam do solo das igrejas e da terra dos cemitérios a substância calcária de meus parentes – porque deles há sempre um esqueleto em cada cripta ou cada campo-santo – contido naquele círculo que começa e acaba em Queluz, tendo Rio Acima como centro de seu raio. Não contando os que estão deitados nos dois lados do Caminho Novo – da Borda do Campo à Serra do Mar – “dormindo profundamente...” Essas áreas, não posso chamar de pátria, porque as não amo civicamente. O meu sentimento é mais inevitável, mais profundo e mais alto porque vem da inseparabilidade, do entranhamento, da unidade e da consubstanciação. Sobretudo, da poesia... Assim, onde é que já se viu um pouco d’água amar o resto da água? Se tudo é água... Essa é minha terra. Também ela me tem e a ela pertence sem possibilidade de alforria. Do seu solo, eu como. Da sua água, bebo. Por ela serei comido. Esta é simplesmente a terra de nascimento, vida, paixão e morte do mineiro. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.102-103).

Não por amor, mas por obrigação. A escrita liga-se à impossibilidade do não-dizer, escravo que se é do “pertencimento”, do “entranhamento”.

2.4.1. A Sinhá

A “mineira da gema D. Maria Luísa da Cunha Pinto Coelho Jaguaribe” (NAVA, *BO*, 2002, p.8) nasceu em Santa Bárbara, a 14 de dezembro de 1847, e faleceu em Juiz de

Fora, a 4 de setembro de 1913 (p.110). A morte de Maria Luísa, bastante noticiada nos jornais de Juiz de Fora, faz-nos pensar na importância que essa mulher teria para a cidade. Afinal, tratava-se da viúva do engenheiro responsável pelas obras mais relevantes realizadas na cidade, desde sua fundação.

Em Juiz de Fora, consultando um exemplar do *Jornal do Commercio*, do dia 05/09/1913, encontramos, na primeira página, a coluna de falecimentos. Como no caso do genro, o primeiro texto da coluna anunciava:

Falleceu hontem, nesta cidade, ás 9,45 da manhã, depois de curta enfermidade, a exma. sra. d. Maria Luiza Jaguaribe, respeitabilissima senhora pertencente á nossa melhor sociedade.

Residindo há longos annos em Juiz de Fóra, sendo viúva do engenheiro Halfeld, fundador da cidade, d. Maria Luiza possuia vastissimo circulo de relações e era uma figura querida e respeitada por todos.

Sua falta vae ser sentida, porque pouca gente em Juiz de Fóra a desconhecia, affavel sempre e sempre prestativa e querida.

Deixa numerosa prole de seus segundo consorcio com o dr. Joaquim Nogueira Jaguaribe, inspector do telegrapho: d. Hortencia J. de Alencar, esposa do dr. Meton de Alencar, especialista em molestia de olhos; d. Diva J. Nava, viuva do dr. José Nava, senhorita Risoleta Jaguaribe e muitos netos e bisnetos.

De seu primeiro consorcio com Henrique Guilherme Fernando Halfeld, engenheiro, deixa uma filha d. Bertha Paletta, esposa do sr. dr. Constantino Paletta, advogado nesta cidade.

A finada era irmã do sr. coronel Julio Pinto, residente em Bello Horizonte e da exma. sra. d. Regina Horta, viuva do saudoso coronel Francisco Horta.

Seu enterro se realizará hoje ás 10 horas da manhã, sahindo o feretro da residencia da finada, á rua Direita, para a igreja Matriz e dahí para o cemiterio municipal.

O acompanhamento será a pé.

Pesames á sua exma. familia (JORNAL DO COMMERCIO, 05/09/1913, p.1).

O mesmo jornal, na mesma edição do dia 05/09/1913, em sua segunda página, publicou também, na coluna “A PEDIDOS”, o seguinte texto:

O major Joaquim Nogueira Jaguaribe (ausente), dr. Constantino Luiz Paletta, dr. Meton de Alencar, d. Risoleta Jaguaribe, coronel Julio Pinto Coelho (ausente), d. Regina Horta (ausente), A. Meton de Alencar, d. Anna Jaguaribe Maldonado, d. Clotilde Jaguaribe Nogueira, d. Geraldina de Rezende Jaguaribe (ausentes), dr. Domingos Jaguaribe (ausente), dr. Antonio Jaguaribe (ausente), dr. José Nogueira Jaguaribe, capitão Antonio Carlos Horta, tenente Mario Horta, dr. Francisco Horta Junior (ausente), dr. Alberto Horta (ausente), dr. Clovis Jaguaribe, d. Maria José Horta Pereira, d. Maria Adelaide Coelho Horta e suas familias convidam os seus parentes e amigos para acompanharem hoje, á ultima morada, os restos mortaes de d. MARIA LUIZA JAGUARIBE, sua mulher, sogra, mãe, irmã, avó e cunhada, fallecida hontem nesta cidade.

Por este acto de caridade antecipam seus agradecimentos.

O feretro sahirá da rua Direita, 179, ás 10 horas da manhã, sendo o acompanhamento a pé (JORNAL DO COMMERCIO, 05/09/1913, p.2).

No dia seguinte ao enterro de Maria Luísa, o *Jornal do Commercio* publicou ainda, em sua primeira página, na coluna “Fallecimento”, um texto de mais de cinco parágrafos sobre o enterro da avó materna de Pedro Nava. A notícia trazia detalhes sobre o dia anterior relacionado à morte de Maria Luísa. Além de elogios à mulher que teria pertencido ao que de “melhor” havia na sociedade juizforana, o texto tratava ainda das flores oferecidas a ela, dos dizeres das coroas, de parentes e das pessoas que estiveram presentes em seu enterro (JORNAL DO COMMERCIO, 06/09/1913, p.1).

Maria Luísa era, entre os cinco descendentes de Luís da Cunha e de Dona Mariana Carolina Pereira da Silva, a quarta filha; tinha três irmãos e uma irmã. Luís, o primogênito, nascera no dia 18 de outubro de 1835 e falecera em Belo Horizonte, no dia 31 de maio de 1903, aos 67 anos de idade. José Luís nascera a 7 de novembro de 1838 e morrera, ainda jovem, com apenas 28 anos, na cidade de Juiz de Fora, em uma epidemia de cólera, no dia 14 de fevereiro de 1867. Nessa época, a cidade, como outros centros urbanos brasileiros, necessitava ainda de obras que objetivassem a sanitização.¹³⁴

Nascida em 11 de maio de 1840 e falecida em 1915, em São Paulo, aos 75 anos de idade, no dia do seu aniversário, Regina Virgilina era a única irmã de Maria Luísa; foi casada com seu primo Francisco Alves da Cunha Horta. (NAVA, *BO*, 2002, p.111). Regina, nas lembranças de Pedro Nava, destacava-se entre os irmãos por ser agradável, simpática e pelo seu extraordinário “talento à flauta” que se juntava à “prodigiosa habilidade ao violão” de seu marido (p.111). Maria Luísa tinha também como irmão Júlio César. O caçula entre os filhos, ele viria ao mundo no último dia do ano de 1849. Juntamente com Teodoro Coelho, o tio-avô de Pedro Nava, mesmo sem ter títulos ou diplomas escolares, assim como não os tinham seus outros irmãos, dirigiu o Colégio Providência (p.253). Júlio morreria no dia 06 de março de 1916, aos 66 anos de idade, “numa alegre segunda-feira de carnaval. O enterro foi na Terça-feira Gorda” (p.110). Um homem que, durante boa parte da vida, só fez sofrer escravos e negros, para não citar

¹³⁴ Segundo OLIVEIRA (1966), Juiz de Fora necessitava, cada vez mais, de uma infraestrutura propriamente urbana não só devido aos investimentos de particulares em sua indústria, mas também devido ao crescimento de sua população, o qual implicava também investimentos, pela administração do Município, que garantissem a saúde e o bem estar dos seus cidadãos. Portanto, o calçamento das ruas; a construção de um hospital, de cemitérios; a instalação de fontes, bicas, chafarizes, a fim de oferecer água potável para os habitantes, são algumas das demandas que a cidade já apresentava e que já haviam sido verificadas por sua administração local nesse período.

outras personagens que teriam experimentado a crueldade de Júlio, morreu em um grande dia de carnaval, em um dia repleto de alegria... Na construção de sua narrativa, Pedro Nava vai sugerindo suas intencionalidades. A escrita permite a elaboração de associações conscientes e não arbitrárias a partir dos acasos da realidade, rememorada para o texto que se tece, para o passado que se (re)constrói.

A suposta grandiosidade de Maria Luísa e o poder que ela exerceria sobre muitas pessoas na Juiz de Fora de fins do século XIX e princípios do século XX poderiam ser verificados, de início, nas denominações mesmas que ela recebera ao longo da vida, na perspectiva de Pedro Nava: “[...] Minha avó materna, menina, era Inhazinha. Esta Inhazinha virou Inhá Luísa, depois Sinhá, Maria Luísa da Cunha, Dona Maria Luísa da Cunha Halfeld e Dona Maria Luísa da Cunha Jaguaribe. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.110). Mas as denominações de Maria Luísa que parecem prevalecer mesmo para o neto são: “Inhá Luísa” e “Sinhá”, que, no corpo textual, ligam-se à sua intransigência, à sua agressividade:

[...] A *casa velha* tinha várias serventias. Às vezes, era emprestada pela Inhá Luísa para moradia provisória de suas protegidas [...]. De outras era alugada, mas a Inhá Luísa, arbitrariamente, pedia as chaves e punha para fora o inquilino, quando queria hospedar parentes como o primo Vaz e a prima Laurinda ou as filhas, com mais os genros e os netos. Lembro-me de certa chegada de tio Meton, do Ceará, trazendo toda a família, o moleque, empregados [...] – por conta do que foram *pedidas as chaves* aos moradores. Ora, acontece que estes eram gente da nossa parenta Ernestina [...]. Ela saiu, mas antes veio a nossa casa e disse a minha avó o que Mafoma não diria à carne de porco. Disse e ouviu. Merda, muita merda e berdamerda foi o pau que rolou no combate das duas feras do mesmo sangue que só não se os beberam e não passaram as vias de fato por intervenção do tio *Ciquinhorta*. Mas quinze dias depois a Ernestina já estava de portas adentro, tomando café com a Inhá Luísa, íntimas, como se nada tivesse havido. [...] Dava o abraço, falavam de corda em casa de enforcado e continuava tudo como dantes no quartel de Abrantes. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.246. Os destaques em itálico são do autor.).

Interessante notar o tom de Pedro Nava para ir construindo o quadro em que se desenrolam os episódios os quais nos oferecem os traços de Maria Luísa. Por meio de uma espécie de eufemismo que denuncia a personalidade difícil da avó, o autor vai se valendo de palavras e construções sintáticas capazes de mostrar, com um peso negativo, o caráter da “Inhá Luísa”. Ela, conforme o que se pode verificar no trecho anterior, era uma mulher que tinha “suas protegidas”. O eufemismo empregado na frase em que Maria Luísa pede as chaves aos moradores da casa de sua propriedade, marcado pelo escritor *com itálico*, sugere a maneira pela qual a avó materna de Nava teria solicitado a desocupação da “*casa velha*”. A hipótese de que esse pedido não tenha sido muito delicado é então confirmada

pelas frases que se seguem ao eufemismo e que nos mostram os acontecimentos seguintes ao tal pedido. Briga, troca de insultos entre Maria Luísa e uma sua parente (parente também dos inquilinos da *casa velha*). Tendo “preparado o terreno”, Maria Luísa ganha o tratamento que mereceria, na visão do neto. “Inhá Luísa” vai se desenhando, assim, nas *Memórias* de Pedro Nava, como uma fera capaz de atacar e conviver, posteriormente ao embate, com o alvo de sua ira, amistosamente.

Se voltarmos um pouco no tempo, encontramos Maria Luísa aos 19 anos, anunciando seu primeiro casamento. O pretendente tinha todas as qualidades valorizadas pela família: era homem rico, amigo do pai da “Sinhá”, um “velho simpático” (NAVA, *BO*, 2002, p.117), influente na cidade e apaixonado por ela:

[...] chegou, de carruagem, [...] o próprio Comendador Henrique Guilherme Fernando Halfeld. Foi direto ao assunto. Queria que seu amigo Luís da Cunha perguntasse à filha, na frente dele, se era verdade que ela estava disposta a ser sua esposa. Luís da Cunha chamou e perguntou. A Inhá Luísa confirmou e, antes que ela acabasse de falar, estava nos ares, suspensa pelas manoplas do alemão, que ao recoloca-la em terra, beijou-lhe paternalmente a testa. Ah! Minha Maria Luísa! Minha Maria Luísa! Minha Maria Luísa! – não parava ele de falar, embargado, olhos azuis boiando dentro de duas lágrimas avermelhadas de velho amoroso. Estavam noivos. [...] Isso foi em fins de 1866... (NAVA, *BO*, 2002, p.122).

Havia afinidade de objetivos. Maria Luísa queria se casar; o Comendador Henrique Guilherme Fernando Halfeld desejava “encurtar a viuvez” (NAVA, *BO*, 2002, p.135). Com uma noiva linda,

[...] O alemão, vidrado, queria casar imediatamente. [...] as núpcias, a 13 de julho de 1867. Que triunfo para a Inhazinha. E que triunfo para Dona Mariana e para o Luís da Cunha. Principalmente para este, quando viu ali, curvados e adulando a filha milionária recém, toda a cambada de parentes que olhava sua gente e ele próprio como a um bando de primos pobres. [...] Tudo rente como pão quente e ele, Luís da Cunha, ali, quebrando-lhes a castanha no dente... Filhos da puta! Começou para minha avó uma vida de novela. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.135-136).

Ela tinha 19 para 20 anos, e Halfeld, 70; “[...] Nem tão velho era o marido, nem tão menina a desposada. Faziam um casal mais ou menos na proporção de Charles Chaplin e Oona O’Neil. E, ao contrário do que faz supor a reticência do bife, foram tão felizes quanto. [...]” (p.135). A sorte estava lançada.

De acordo com o que nos narra Pedro Nava em *Baú de Ossos*, a aposta foi um sucesso. A boa vida que Maria Luísa teria fora anunciada já no dia seguinte ao do noivado. Voltando à casa do sogro, Henrique Halfeld levou para a futura esposa “um brilhante azul

quase do tamanho de uma avelã” (NAVA, *BO*, 2002, p.135). Para o prazer e a alegria da noiva, que já recusara casar-se com o “miliardário” por cinco vezes (p.119), os ricos presentes de Halfeld não parariam por aí:

[...] Atrás do brilhante azul, viera uma esmeralda enorme, presente recebido por Halfeld do Príncipe de Joinville quando o mesmo veio ao Brasil para se apaixonar pela nossa Chica. Depois os adereços completos. De brilhantes, de pérolas, de safiras, de rubis, de esmeraldas, de turquesas. Os camafeus antigos onde os perfis e os motivos se recortavam no ônix como espuma num mar noturno. E as jóias de ouro cinzelado [...] sob a chuva dos brilhantes miúdos. Os vestidos, de que faço idéia porque minha avó tinha a mania sentimental de guardar um pedacinho de cada gorgurão, tafetá, pelúcia, veludo, seda ou brocado que tivesse feito sua felicidade, concorrendo para a sua vaidade. De brocado, o mais famoso, lhe viera da Europa, por intermédio das francesas da Rua do Ouvidor, para servir num baile do Palácio Isabel. [...] Que noite! para a menina de Santa Bárbara. [...] Achatara com suas jóias e o rangido de sua roupa as primas da Corte e tivera o momento mais alto de sua vida ao romper numa valsa com o Conde d’Eu... [...] No Paraibuna o casal morava na Fazenda Velha, ou Fazenda da Outra-Banda, ou Fazenda do Juiz de Fora. Era a casa histórica dos fundadores e povoadores da região [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.135-136).

A “casa-grande” do casal Halfeld, de vastas dependências, era bela e “digna”, mesmo com a presença próxima de seus novilhos e porcos. O “gado, o mugido, o ronco e o cheiro de bosta” ficavam perto do dono. “[...] Aquela porcaria era porcaria opulenta, porcaria de boiardo, porcaria de quem tem e gosta de ouvir e cheirar a sua posse. Porcaria de mineiro rico. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.137).

A “casa histórica” foi lugar de felicidades para o casal, mas também se caracterizava pela ainda “comum” crueldade praticada contra os escravos:

[...] o silêncio do quarto vibrava aos sons de ouro e prata das gavotas e dos minuetos de uma caixa de música que ele acionava, para tirar a esposa do sono, dentro de uma onda de acordes. [...] Ah! antes a caixa de música que o que a Inhazinha tinha ouvido logo que fora para a *Outra-Banda*, recém-casada. Acordava cedo com a gritaria que subia do porão ao amanhecer. Era a hora em que o feitor aplicava os castigos marcados de véspera pelo sinhô. Hora da chibata, da palmatória, do tronco, do vira-mundo. Para a gritaria não acordar a sinhá, o Halfeld *tirou o sofá do lugar* e determinou que as surras fossem dadas mais longe. Algum gemido, se chegava, era recoberto pelos ritmos argentinos da caixa de música. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.138. Os destaques em itálico são do autor.).

Foi nessa casa que nasceu, no dia 03 de janeiro de 1870, Maria Berta Halfeld. “O velho estava... Só que essa felicidade durou pouco. Era demais... A 22 de novembro de 1873, o Comendador Henrique Guilherme Fernando Halfeld passou-se desta para melhor. [...] Sua viúva, [...] era bela, tinha vinte e seis anos e ficava riquíssima” (NAVA, *BO*, 2002,

p.138). Berta, a futura esposa de Constantino Luís Paletta, foi a primeira filha de Maria Luísa e a última de Halfeld.

Assim que Maria Luísa enviuvou, começaram os boatos em torno do casamento entre a moça e o homem já maduro e rico (para desgosto de um Luís da Cunha, envenenado pela própria raiva):

[...] Quem uivava de ódio com os falatórios (com a morte do velho as línguas forras tinham redobrado de atividade) era o Luís da Cunha. Principalmente quando se falava em mesaliança. Tinha vontade de descer o vergalho de boi no Pedro Maria, no Francisco Mariano, no Guilherme Justino e no resto daquela cambada dos irmãos da neta para saber se eles e mais o pai, aquele alemão de cacaracá, agiota, judeu, soldado mercenário e aventureiro saído não se sabia de onde – podiam sequer limpar-lhes as botas. E com razão porque, afinal, o Luís da Cunha não era tão Luís da Cunha assim e podia jogar-se nos Halfeld do alto do seu nome de filho d’algo reinol: Luís da Cunha Pinto Coelho Vieira Taveira do Souto Maior e Felgueiras. Tomem, seus merdas! E quase destroncava o braço com a força da banana... (NAVA, *BO*, 2002, p.138).

Apesar das mortes muitas, dos horrores da realidade, por vezes menos verossímil que a própria ficção, a vida continuou seguindo seu curso na família dos Pinto Coelho. Maria Luísa, que enviudara ainda jovem, voltou a se apaixonar, trazendo para a família gente que equilibraria um pouco o espaço, há muito preenchido pelo gênio difícil (e já conhecido) dos parentes maternos de Pedro Nava:

Não vou dizer que eram só demônios os Pinto Coelho da gente de minha avó Maria Luísa e anjos os Alencar da de meu avô Quincas. Cá e lá más fadas há. Gente boa e gente ruim havia dos dois lados, mas manda a justiça que se reconheça que a percentagem favorecia o segundo grupo. Qualidades parecidas mostravam-se de modo diverso. O orgulho, a vaidade, a arrogância, a severidade dos primeiros apareciam como brio, amor-próprio, compostura e seriedade nos últimos. Onde havia imparticipação, presunção, secura, carranca, tirania e opressão dos aristocráticos Horta e Pinto Coelho havia a solidariedade, a modéstia, a afabilidade, a alegria, a doçura e o espírito revolucionário dos democráticos Alencar e Jaguaribe. Aqueles eram árvores a esgalhar-se pelo mar, pelas ilhas, pela península. Transoceanismo de fidalgos portugueses. Estes, tronco a meter raízes no chão. Nativismo de sertanejos rente ao povo – trocando os nomes lusíadas pelos de Sucupira, Araripe e Jaguaribe. Ou com tendência a se designar cada um pelo prenome do seu patriarca, distinguindo-se assim os Leonéis, os Tristões, os Martinianos, os *Franquilins*... Minha prima Raquel de Queiroz, por exemplo, que é três vezes Alencar, pode se dizer Leonel por sua tataravó Florinda, Franquilina por seu bisavô Cícero e Tristão por sua outra tataravó, Maria Dorgival. Gênio forte, isso havia dos dois lados. Talvez cólera fria, cólera de gente crua entre os Horta e os Pinto Coelho. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.159. O destaque em itálico é do autor.).

A presença de Joaquim José Nogueira Jaguaribe aplacaria um pouco a amargura de Pedro Nava, ao escrever suas *Memórias*, em relação à família materna. O avô Quincas teria

amansado um pouco o coração do sujeito-narrador que tanto teve para dizer sobre o Luís da Cunha e seus descendentes, especialmente sobre a “Sinhá”. Nesse sentido, as características dos Jaguaribe, compreendidas por Nava como virtudes e qualidades, tornam mais complexa a sua configuração como um “herdeiro”. Se até aqui parecia clara a recepção pelo memorialista da herança familiar paterna e a recusa dos princípios que guiavam os modos de vida de seus parentes maternos, a presença de “bons” atributos (assim considerados pelo sujeito-narrador) também na família materna nos faz perceber sua apropriação de valores, comportamentos, atitudes que integravam a vida dos dois ramos familiares: o materno (na linha dos parentes ligados aos Jaguaribe) e o paterno. Contudo, a apropriação de Pedro Nava da herança materna disponibilizada pelos Jaguaribe aproxima-se do que Nava escolheu herdar e cultivar da família do pai.¹³⁵ Desse modo, para o escritor, foram bem-vindos da família da mãe (como também da família do pai) o “brio”, o “amor-próprio”, a “compostura”, a “seriedade”, “a solidariedade, a modéstia, a afabilidade, a alegria, a doçura e o espírito revolucionário”, ao passo que ele nega, na mesma proporção em que recebe as virtudes, o que considera maldito na família materna ligada à avó Maria Luísa: o “orgulho, a vaidade, a arrogância, a severidade”, a “imparticipação”, a “presunção”, a “secura”, a “carranca”, a “tirania” e a “opressão dos aristocráticos Horta e Pinto Coelho”.

A presença de Joaquim Jaguaribe, homem de muitas qualidades, na vida de Maria Luísa não a faria mudar a sua posição cruel e escravocrata.¹³⁶ A “Sinhá” era dona de escravos e, mesmo depois da abolição da escravatura, continuou a manter em sua casa suas

¹³⁵ Nesse sentido, vale destacar aqui um trecho em que Pedro Nava apresenta mais um de seus parentes maternos que ele admirou; trata-se de seu tio-avô materno. “[...] tio Leonel era irmão de meu avô, o quinto filho de seus pais. Talvez o mais inteligente da família. Nasceu no Crato, a 24 de fevereiro de 1857, fizera seus estudos primários e secundários no Ceará, orientado pelo tio e padrinho de batismo, o Cônego Braveza. Em 1878 matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo seu curso decorrido na fase áurea da Reforma Sabóia. [...] Como estudante foi interno na Casa de Saúde São Sebastião, Tesoureiro e Sócio Benemérito da Sociedade Ginásio Acadêmico, mas, principalmente, foi o associado e Presidente entusiasta da Sociedade Abolicionista Cearense e no Rio, da Sociedade Libertadora Acadêmica, onde desenvolveu ação intensa em favor da abolição da escravatura. Conviveu nessa época com Araripe Júnior, Ernesto do Nascimento Silva, Padre Constantino de Matos, seus primos, e com Fausto Barreto e Olavo Bilac, seus grandes amigos. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.186-187). Tal como a maior parte dos parentes paternos, por quem Pedro Nava nutria imenso respeito e admiração, Leonel, que pertencia ao ramo da família materna, era um homem virtuoso, na perspectiva do sobrinho-neto, e possuía características bem semelhantes daquelas de seus familiares paternos: era inteligente; era médico, abolicionista; convivera com intelectuais e escritores de sua época.

¹³⁶ Conforme GOODWIN JUNIOR (1996, p.2), Joaquim José Nogueira Jaguaribe, um dos últimos Presidentes da Câmara Municipal de Juiz de Fora, era, também ele, fazendeiro e senhor de escravos.

negras, suas “crias”, suas empregadas. Todas elas, “quando necessário”, recebiam sua dose de bofetadas em sessões de maus tratos, regadas a bolos de palmatória: “[...] era na despensa que a Inhá Luísa guardava sua palmatória de cabiúna e lá é que ela passava as rodadas de bolo nas crias da casa. Como se não tivesse havido Princesa Isabel nem Treze de Maio. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.244). Mesmo entre os empregados que não seriam escravos, havia aqueles que não recebiam salário. Eles comiam, vestiam e apanhavam “de graça” (p.185).

Além desses atributos, Maria Luísa ostentava outro, transmitido a uma de suas filhas:

Mulher de avarento, minha avó também o era. Sua filha e de Halfeld, minha tia Berta, idem, apesar de ter passado a vida tendo ímpetos de dar os presentes que prometia, prometia, prometia... Esta ainda apurou mais a raça casando-se com o Dr. Constantino Luís Paletta – o mesmo que foi “republicano histórico” de profissão, bacharel formado, juriconsulto e harpagão conspícuo. Negócios são negócios (NAVA, *BO*, 2002, p.134).

Apesar de toda a avareza de Maria Luísa, o “cuidado” com suas riquezas, suas jóias, suas propriedades, suas casas (NAVA, *BO*, 2002, p.245), o casamento com Joaquim Jaguaribe lhe traria um gradual empobrecimento, pois o segundo marido da “Sinhá” gastava, presenteava, ajudava seus conhecidos usando, para isso, a herança que Halfeld deixara para Maria Luísa. O declínio econômico da família era visível na casa em que moravam os parentes maternos de Pedro Nava. A sala de visitas “era a única peça arrumada da casa”, que, aliás, “nunca se abria”; na sala de jantar, ficavam um “armário fechado, o guardalouças com as porcelanas e as pratas da grandeza antiga” (p.242-243). Suas paredes eram forradas; havia móveis, tanto de um grupo austríaco, quanto outros, mais modernos, *belle époque*. A sala contava também com peças requintadas, retratos, dois quadros: “representando, um, o interrogatório da Princesa de Lamballe [...]; outro, Charlotte Corday agarrada pela malta de furiosos irrompida no quarto em que se via Marat sangrando na banheira. Vários óleos de minhas tias e primas [...]. O porta-postais. Muito usado nesse tempo, como os álbuns para colecionar as vistas e os cartões oleográficos [...]” (p.242).

Quanto às suas práticas de leitura e de escrita, temos algumas pistas em *Baú de Ossos* que nos permitem, senão descrevê-las em detalhes, pelo menos supor como a avó materna de Pedro Nava usava suas habilidades letradas. Sabemos que é provável que, em sua casa, Maria Luísa tivesse a “Folhinha Mariana”. Tendo em vista a frequência com que esse material escrito é citado no primeiro volume das *Memórias*, nos episódios em que o

escritor trata do ramo materno de sua família; dada a formação católica de Maria Luísa e de sua família, é provável que, entre os materiais escritos que havia em sua casa, esse calendário fosse um deles. Também sabemos que Halfeld ensinava francês à mulher usando, para isso, um livro, um romance de Eugène Sue. Além de saber ler e escrever, Maria Luísa aprendeu a permitir que a sua sensibilidade fosse tocada pelo que lia. Prova disso foi o nome dado a uma de suas filhas do segundo casamento: Matilde, nome da “heroína” do romance de Sue (NAVA, *BO*, 2002, p.127-128).

Maria Luísa lia e também escrevia. Suas notas, a que Pedro Nava teve acesso, mostram que sua avó fora mais feliz com o velho Halfeld do que com seu avô, “o moço bonito que ela desposaria mais tarde. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.135). Seriam essas anotações partes de um diário? Estariam escritas em um caderno? Disso não sabemos; o que podemos supor, de acordo com a narrativa de Pedro Nava, é que essas notas registravam, provavelmente, a vida de Maria Luísa com os seus dois maridos, o sentimento que nutriu por cada um deles, o seu cotidiano nos dois casamentos. Trata-se, possivelmente, de uma escrita de si mesma, de suas experiências... Existiria alguma semelhança entre as intenções da avó (detestada pelo neto) e a escolha posterior de Nava por escrever, também ele, sua vida?

Utilizando a escrita, Maria Luísa também procurava controlar outras questões do cotidiano: “Minha avó [...] insistia muito com a Senhorinha para saber se os filhos e netos das amigas tinham nascido de *jenipapo* ou limpos de pele. Assentava num caderno explicando que era para não deixar moleques de bundinha verde casarem, mais tarde, com suas netas. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.240). Além das impressões de seu dia-a-dia, Maria Luísa “escuritava”. Ela possuía um “livro” em que registrava os nomes de “suas crias, das criadas, dos camaradas e até das vacas” (p.194). Mesmo que fizesse esse registro, ao que parece, de controle do que era seu, Maria Luísa foi empobrecendo ao longo da vida, como já destacamos. A escrita de suas posses não impediu que o segundo marido gastasse, sem limites, o que ela herdara de Halfeld.

2.4.2. A mãe

A “mineira D. Diva Mariana Jaguaribe Nava, de nascimento, e apelido a Sinhá Pequena” (NAVA, *BO*, 2002, p.8) nasceu a 17 de julho de 1883 (p.184) e era a mais nova entre suas quatro irmãs: Maria Berta, Hortência, Risoleta e Matilde Luísa. Embora tenha

sido mulher muito importante para Pedro Nava, que nutria por ela admiração e respeito, conforme nos mostram as considerações de Souza (2004), Diva é praticamente uma personagem secundária em *Baú de Ossos*. Sua imagem, nesse primeiro volume das *Memórias*, é quase que apagada pelo brilho conferido pelo autor ao pai, ao tio Salles, por um lado, e pelo holofote que se acende com força sobre a personalidade de tons perversos e cruéis da avó materna.

É verdade que, após a morte de José Nava, Diva Mariana ganha mais espaço nas lembranças do filho, especialmente quando se mobiliza na escolha do Colégio em que Pedro Nava deveria estudar em Belo Horizonte, tal como vemos em um dos episódios de *Balão Cativo*;¹³⁷ quando se torna funcionária pública dos telégrafos, de acordo com o que podemos conferir na narrativa de *Beira-mar*. Sua luta diária para criar os filhos acaba por ressaltar suas características que, antes da morte de José, não apareciam tanto nas recordações de Pedro Nava, tamanha sua paixão pelo pai. É somente na página 251 do quarto volume das *Memórias* que Nava finalmente atribui à mãe traços que não eram o centro de sua atenção nos primeiros três volumes de sua obra memorialística:

[...] Minha Mãe tinha fisicamente de sua avó materna e, pelo que ouço, herdara dela a bondade, a modéstia, a simplicidade dos Pereira da Silva – sem nada do avô Pinto Coelho. Da avó paterna lhe vinha a força de vontade, a inteligência e a obstinação dos Alencar. Do avô Jaguaribe novamente a modéstia, a dignidade, o profundo senso de honradez, da retidão e da correção que punha em tudo que dizia e praticava. De todos uma tolerância completa para os erros dos outros. Isso é que a fazia tão diferente das irmãs: era como se fosse filha de outro pai e de outra mãe. [...] (NAVA, *BM*, 2003, p.251).

Diva, a mulher-mãe, fora apagada pela figura do marido e pai do escritor, apagada pelo desconforto causado pela avó materna no menino que foi Pedro Nava. Assim, é só depois da morte de José e de Maria Luísa que Diva ganha espaço na memória do filho-escritor.

¹³⁷ Nesse sentido, vale destacar aqui o trecho de *Balão Cativo* que trata da matrícula de Pedro Nava no Colégio Anglo-Mineiro: “[...] Minha Mãe resolvera aconselhar-se com a D. Mariquinhas Ferreira e Costa Baeta Neves, sua amiga de solteira, irmã de sua tia afim Alice Julieta Ferreira e Costa Jaguaribe, mãe de meninos regulando comigo, sobre o colégio de Belo Horizonte que me convinha. Tinha ouvido falar no duns ingleses, que estava para se abrir e queria saber, de pessoa de confiança, se valia a pena o sacrifício de matricular-me nele. [...] Vamos ver o que diz a Mariquinhas. Fomos e logo a D. Mariquinhas foi esculachando minha Mãe. Nada disso, Diva. Você está doida? Enfiar seus filhos no meio de metodistas? Os meus vão para o Claret e é lá que você vai pôr os seus. Eu que estava doido pelo Anglo, quase ajoelhei para pedir a D. Mariquinhas que calasse a boca e afastasse de minha vida a sobra sebenta da batina dos padres que ela inculcava. [...]” (NAVA, *BC*, 2000, p.124).

Tal espaço vem negar as características da linhagem ligada aos Pinto Coelho, herança também recusada por Pedro Nava.

Ao analisarmos o episódio da matrícula de Pedro Nava no Colégio Anglo-Mineiro, em Belo Horizonte, em 1914, notamos características de Diva que aqui valem ser ressaltadas. Preocupada com o futuro do filho, com a escolha do estabelecimento escolar, Diva Mariana procura D. Mariquinhas a fim de se aconselhar com “pessoa de confiança” a respeito da possibilidade de matricular Nava no Colégio Anglo. Tendo sido desaconselhada pela “amiga” a matricular o menino de 11 anos na Instituição, Pedro Nava e a mãe saem da casa de D. Mariquinhas. No caminho nos deparamos com uma Diva que ainda não conhecíamos:

[...] Saímos da visita meio enfiados e fomos andando pelo passeio. Na esquina, quem aparece? O próprio marido da D. Mariquinhas, o Dr. Lourenço Baeta Neves, com aquele seu riso franco [...]. Por aqui? D. Diva. E vindo lá de casa? Que pena eu não ter chegado mais cedo. Não vê? fui longe da cidade, dos lados do Cruzeiro, ao Ginásio Anglo-Mineiro. É. Fui matricular o Cecinho e o Roberto. Ah! a Mariquinhas fizera questão... Estou voltando entusiasmado com o colégio e com o diretor. Um cavalheiro admirável. É o Dr. Sadler, *master of arts* oxoniano. Nada, absolutamente nada! melhor para a mocidade que a educação que eles estão pretendendo dar. *Mens sana in corpore sano*. Minha Mãe não entendeu nem o inglês do Dr. Lourenço, nem o latim, tampouco que negócio era aquele de oxoniano. Mas o que ela bispou imediatamente é que a D. Mariquinhas, na sua posição de esposa de engenheiro ilustre, estava indignada de ver a amiga viúva e pobretona, pretender educar seus filhos sudros nas mesmas condições dos pequenos brâmanes dela, Mariquinhas. Minha Mãe chorando de raiva tomou o bonde Cruzeiro, recém-inaugurado para servir ao novo colégio, foi recebida pelo secretário-tesoureiro, Mr. Rose, pediu os estatutos, as instruções para o enxoval e matriculou-me imediatamente. Fui dos primeiros e recebi o número 22. Era caríssimo! 90\$000 por mês, mas minha Mãe decidira. No outro ano ela ajeitaria o José. Agora ia eu, mais velho, para quebrar a castanha na boca daquela impostora da Mariquinhas. Eu ia interno e lá conviveria com outros sudros das casas B de Belo Horizonte. E – não sem curtir humilhações e tomar lanhos fundos no meu orgulho – com os vaicias das C, os sástrias das D e com os inacessíveis brâmanes das F. Porque as castas da Cidade de Minas tinham sido demarcadas duramente! pelo número de janelas das fachadas das casas dos funcionários. Dos intocáveis dos pardieiros A, aos desembargadores dos palacetes F de inúmeras janelas. Sem mistura, cada um no seu lugar, lé com lé e cré com cré. E tendo a quota de ar e sol que lhe cabia por uma janela, duas janelas, três, quatro, cinco janelas. Janelas, janelas, janelas... (NAVA, BC, 2000, p.124-125).

A D. Diva que aparece nessas linhas não é a Diva Mariana que gostava de freqüentar as lojas mais requintadas do Rio de Janeiro há pouco mais de três anos, entre os anos de 1910 e 1911, quando morava naquela cidade junto do marido e dos parentes de José Nava. Tampouco é a adolescente que viveu essa fase de sua vida na Fazenda do Bom Jesus, sem trabalhar, em um lindo casarão, característico do século XIX. Ela não era mais a moça que

teve em casa mobília austríaca na sala de visitas, “[...] Quartos de boas camas – lençóis cheirando a baunilha e lavanda. Cozinha de bons jantares, de bons almoços [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.193).

Dessa época, em que Diva viveu em uma fazenda, com os pais e suas irmãs, não temos notícias relacionadas a suas práticas de leitura e de escrita. Segundo Pedro Nava, a vida na Fazenda do Bom Jesus era alegre. Quando recebia visitas, hóspedes e amigos, Jaguaribe gostava de “brilhar com seus casos intermináveis” (NAVA, *BO*, 2002, p.194).

Na fazenda, excetuando-se as anotações de Maria Luísa, a escrita não parecia tão presente, nem mesmo para contabilizar o que era vendido (ou doado). “[...] Vendiam-se crias, bezerros, cabritos, leite, milho, fubá, café, cachaça, queijos, rapadura e davam-se, de presente, a todo mundo, crias, bezerros, cabritos, leite, milho, fubá, café, cachaça, queijos, rapadura. Havia um prejuízo cada ano. Que importava? A herança do Halfeld não estava ali pra encobrir tudo? [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.194). Visto que o dinheiro era muito, parecia não ser necessário registrar os gastos, e, assim, a herança que Maria Luísa recebera ia sendo “torrada” pelas “grandiosidades do Major”. Presentes, festas e o “[...] Major, descuidado, divertia-se, folgava, pescava e caçava em suas terras. Rimava seus versinhos, compunha modinhas ao violão. [...]” (p.194). O resultado de tal descuido é previsível. O dinheiro que o pai de Diva gastara fartamente enquanto ela era ainda uma menina lhe faltaria quando lhe morresse o marido.

Da vida na cidade, quanto à formação escolar de Diva, Pedro Nava apenas se refere rapidamente ao “Externato das professoras Onofrina Silva e Olímpia Hungria” (NAVA, *BO*, 2002, p.189), onde teria estudado sua mãe. Não há mais informações sobre o externato ou sobre o que lia, o que escrevia, o que estudava Diva na escola. Diferentemente de José Nava, para quem o escritor apresenta descrições de suas práticas letradas, do que escrevia, do que lia, de seu material, das relações de sua mãe com o mundo das culturas do escrito pouco sabemos.

Viúva, Diva se tornou uma mulher que precisava criar cinco filhos sozinha, que viu seu nível social degrading com a morte, talvez prematura, do marido. Ela era, em 1914, alguém que sofria discriminação por levar uma vida mais dura e difícil do que aquela que experimentara ao lado do marido médico ou no seu tempo de “Sinhá Pequena” em Juiz de Fora. Percebendo, na perspectiva do filho, as violências silenciosas que advêm do

preconceito, no lugar de fraquejar e se submeter às exclusões, Diva não aceitou as ações de um mundo social já bastante demarcado na ainda jovem Belo Horizonte.¹³⁸

Mesmo sem ter o capital cultural que a permitisse entender a posição do Dr. Sadler, mestre das artes, vindo da Inglaterra, ou a frase em latim que traduziria a educação oferecida pelo Colégio Anglo-Mineiro – *Mente sã, corpo sã* –, D. Diva compreendeu a importância de matricular os filhos – não apenas Pedro, o primogênito, mas também José, o segundo na fratria – no Ginásio, sobretudo depois do encontro com o Dr. Lourenço, “engenheiro ilustre”, que, “ao contrário” da esposa, recomendava o Colégio para a educação da “mocidade”. Esse episódio marca, na narrativa de Pedro Nava, um trabalho do autor sobre a dimensão psicológica da mãe. É a primeira vez que Diva sente, bem de perto, “na própria pele” a separação social “do joio do trigo”; e não será a última vez. Pedro Nava que, aos 11 anos de idade, não entenderia de perto a atitude de D. Mariquinhas, (re)traduz, em *Balão Cativo*, a sensação de se ver separado dos meninos da mesma faixa etária de acordo com um critério social. “Cada macaco no seu galho”. “Sem mistura, cada um no seu lugar, lé com lé e cré com cré”.

*

Depois de apresentar, de uma maneira mais ou menos hierárquica, os parentes que mais marcaram Pedro Nava em sua formação, seja por que o escritor com eles conviveu, seja por que suas histórias fizeram parte de sua própria formação, vamos agora buscar compreender como os espaços da cidade em que viveu Nava grande parte de sua infância puderam influenciar seus processos formativos.

*

3. Os espaços da cidade

3.1. Industrialização, urbanização

A historiografia local de Juiz de Fora, da segunda metade do século XX, exhibe uma cidade “famosa” entre as personalidades ilustres que a visitaram nesse período, devido ao seu “magnífico” desenvolvimento industrial. Para Oliveira (1966), nenhum dos títulos

¹³⁸ A esse respeito, ver o já citado estudo de VEIGA (2002).

conferidos à cidade por tais personalidades, que admiraram seu “progresso”, desde os primeiros anos de sua existência, foi tão apropriado como o de “Manchester Mineira”, a ela atribuído em virtude do “extraordinário desenvolvimento”, sobretudo, de sua indústria têxtil (p.201). Com efeito, a história de Juiz de Fora, narrada pelo autor, revela um espaço que, mesmo antes de se tornar, de fato, uma cidade, o que ocorreu na década de 1850, já apresentava características que indicavam as fortes mudanças, próprias da “modernidade”,¹³⁹ pelas quais passaria Juiz de Fora.

A história de Juiz de Fora teria se iniciado no princípio do século XVIII, por volta de 1703, quando Rodrigues Garcia Pais haveria se proposto construir uma picada, uma pequena estrada, um atalho estreito, aberto no mato a golpes de facão, partindo da Borda do Campo até a Raiz da Serra, que ligasse aquela região das Minas Gerais ao Rio de Janeiro. A partir dos documentos encontrados, sobretudo no Arquivo Municipal da cidade, no século XVIII, Juiz de Fora teria sido um sítio ou uma fazenda de um juiz (do juiz de fora); em 1850, Vila de Santo Antônio do Paraibuna; Cidade do Paraibuna em 1856 e, em 1865, a localidade e toda região da qual se tornou o centro voltaram a ter a primeira denominação: Cidade do Juiz de Fora. De acordo com o autor, o barão de São Marcelino “defendeu na Assembléia Legislativa Provincial essa mudança de denominação, sem, no entanto, lamentavelmente, ter cogitado de saber e indicar o nome do magistrado que, passando pela localidade ou aí residindo muitos anos antes, legara tal nome à futura cidade, deixando em mistério seu próprio nome” (OLIVEIRA, 1966, p.63). Entre os nomes “ilustres” que figuram nas primeiras páginas da história de Juiz de Fora, encontra-se o nome do primeiro marido da avó materna de Pedro Nava: Henrique Guilherme Fernando Halfeld que, de acordo com Oliveira (1966, p.10), construiu, em 1836, a estrada do Paraibuna, obra bastante importante para o “desenvolvimento” da cidade. Também teria

¹³⁹ Como se pode observar ao longo da dissertação, optamos por utilizar, entre aspas, a palavra *modernidade* e outros termos pertencentes ao mesmo campo semântico desse vocábulo, tais como *progresso*, *desenvolvimento*, de acordo com a perspectiva com a qual trabalhamos aqui, relacionada ao processo de urbanização pelo qual passaram as cidades brasileiras entre fins do século XIX e princípios do século XX, pois desejamos chamar a atenção do leitor para o lado obscuro, porque injusto e violento, que “a modernização ‘a qualquer custo’” (SEVCENKO, 1998a, p.27) do país também apresentou. Assim, visto que a historiografia tradicional de Juiz de Fora, nesta dissertação, representada pela narrativa de OLIVEIRA (1966), tende mostrar “a vitória inelutável do progresso” (SEVCENKO, 1998a, p.27), sem destacar também as suas misérias, escolhemos usar as aspas a fim de destacar as contradições e incoerências que caracterizam, em diferentes momentos, os processos de mudanças econômicas, políticas, culturais por que passam as sociedades, vistos, geralmente, como processos “bons” em si mesmos, representativos sempre e apenas de “desenvolvimento”, “modernidade” e “progresso”.

sido o engenheiro alemão Henrique Halfeld, um dos “primeiros fundadores do arraial e depois vila de Juiz de Fora” (OLIVEIRA, 1966, p.17).

Luís da Cunha, bisavô materno de Pedro Nava, chegou, juntamente com a mulher, os filhos, as filhas, o restante dos membros de sua família e escravos, ao lugar que seria, poucos anos depois, a cidade de Juiz de Fora, na década de 1860. Na perspectiva do memorialista, sua gente “[...] pensou no Caminho Novo desde o primeiro dia em que ele foi pensado. Nele pisou, ao primeiro mato arrancado, descobrindo chão para ser andado. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.114). Passados alguns anos, depois de muitas transformações no cenário do que fora antes apenas um arraial, na década de 1880, Maria Luísa, a avó materna de Pedro Nava, já incomodada com a urbanização de Juiz de Fora, resolveu se afastar um pouco do centro da cidade:

[...] Minha avó resolvera deixar a Rua Direita, fugindo à barulhada dos bondes inaugurados em 1881 com as duas linhas Alto dos Passos até a Estação e Rua Espírito Santo até Mariano Procópio. Santo Antônio era logradouro mais quieto e ela voltava assim para a vizinhança do pai. Porque o Luís da Cunha continuava na chamada “casa do meio” – com sua chácara, com suas frutas e com sua mulata. Como sempre, seu almoço era em casa da filha que tinha uma escrava, Ana, cujo único ofício era cozinhar para o pai. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.184).

Maria Luísa pertencia à uma geração escravocrata e rural e que assistia, no final do século XIX, às intensas mudanças por que passava Juiz de Fora, as quais transformariam a cidade no “principal pólo urbano” da “Zona da Mata mineira, adentrando o século XX como um dos florescentes centros industriais do país” (GOODWIN JUNIOR, 1996, p.4). Tratava-se de uma cidade “contraditória”; ao mesmo tempo em que se pretendia “cultura, moderna, civilizada”, enriquecia-se às custas do “trabalho forçado de negros escravos, dilacerada pela violência” e por problemas relacionados à saúde da população (p.4-5).

Em consonância com o crescimento do setor econômico de Juiz de Fora, garantido pelo funcionamento de seus estabelecimentos industriais e comerciais, a década de 1880, na cidade, foi marcada por eventos importantes para o seu “desenvolvimento”: a inauguração da luz elétrica, que teria colocado a cidade na vanguarda das cidades brasileiras (OLIVEIRA, 1966, p.113); o crescimento do número de bancos na região; a execução de obras, sobretudo para abastecimento de água; a instalação dos primeiros bondes na cidade. Também a década de 1890 teria trazido benefícios para a cidade de Juiz

de Fora. Sob o Novo Regime, o Município viveu um período de grandes empreendimentos, além de ter, durante os anos de 1890, 1891, 1892, sua receita superado sua despesas.¹⁴⁰ Somado a isso, no período entre 1890 e 1900, Juiz de Fora passou a ter seu estabelecimento de ensino secundário oficial: a Escola Normal começou a funcionar em 1894. Entre os acontecimentos relevantes desse momento para sociedade de Juiz de Fora, destacam-se ainda a criação e o funcionamento da Biblioteca Municipal.

Em Juiz de Fora, o “desenvolvimento” em direção à urbanização da cidade não cessaria. Em *O Pharol* de 12/11/1912, está registrada a chegada de “cinco bondes novos”, destinados “ao serviço da Companhia Mineira de Electricidade, [...] sendo ainda esperados outros” que já teriam sido “despachados” (p.1). Como podemos perceber, as primeiras décadas do século XX também se caracterizariam por fortes mudanças no espaço urbano. Esse foi um período de intensa industrialização de diversas cidades do país, como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, a própria Juiz de Fora.¹⁴¹ Se observarmos algumas fotografias dessa cidade, cuja reserva técnica encontra-se no Museu Mariano Procópio,¹⁴² é possível imaginar, em certa medida, o espaço da cidade no início do século passado. Por meio dessas imagens, chegamos à Rua Direita, onde hoje se localiza a

¹⁴⁰ É importante ressaltar, entretanto, que, embora, na perspectiva de Oliveira (1966), a cidade de Juiz de Fora só tenha se beneficiado tanto das transformações pelas quais passava o Brasil a partir do movimento de industrialização e urbanização que ocorria em escala mundial, desde meados do século XIX, quanto das mudanças que ocorreram no cenário nacional com a proclamação da República, promover uma industrialização imediata e a modernização do país a qualquer custo apresentava-se como objetivo das novas elites brasileiras. Na perspectiva de GOODWIN JUNIOR (1996, p.9), “A opção por uma modernização conservadora, calcada em argumentos e práticas tecnocráticas, e sem a preocupação de ampliar democraticamente o acesso a seus benefícios, antes pautando-se pela exclusão social, é uma característica ainda marcante nos projetos das elites nacionais”. Para verificar os resultados desastrosos para o país, advindos da execução dos projetos desse grupo social, ver SEVCENKO (1998a).

¹⁴¹ Para SEVCENKO (1998a), o tempo republicano foi um “tempo mais acelerado, impulsionado por novos potenciais energéticos e tecnológicos”, marcado pela “exigência de acertar os ponteiros brasileiros com o relógio global” (p.27).

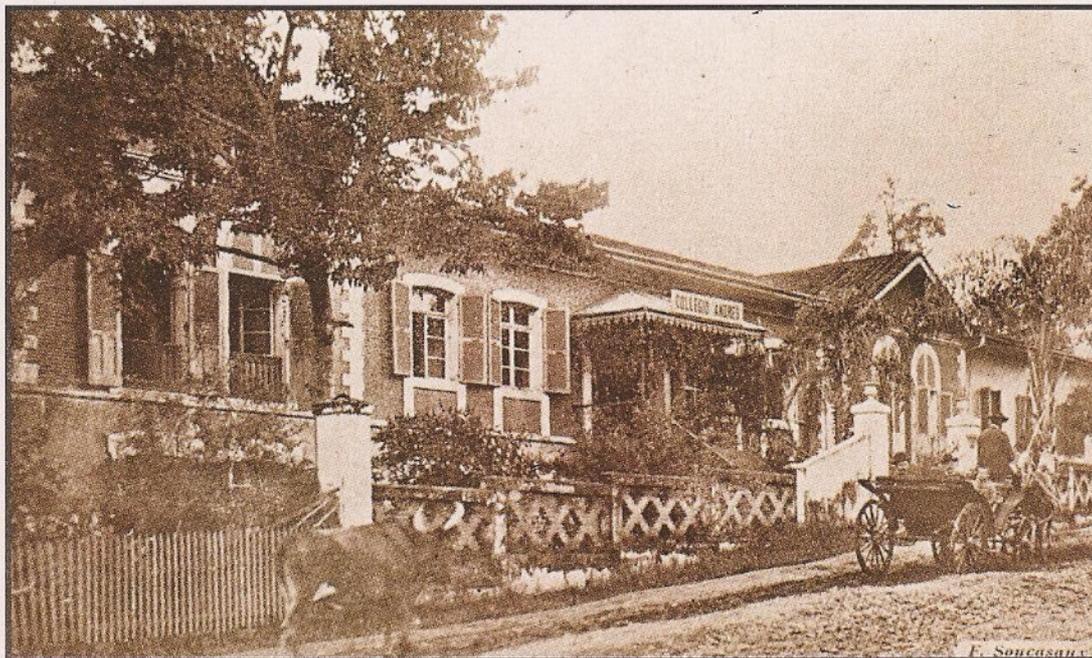
¹⁴² Em julho de 2007, estive trabalhando, na pesquisa, em Juiz de Fora, no levantamento, seleção e organização das fontes para a continuidade da investigação, já iniciada no ano anterior. Naquela ocasião, estive no Museu Mariano Procópio à procura de fotografias da cidade no início do século XX. Soube, então que as imagens existiam, mas estavam fechadas no arquivo do Museu e não se podia, naquele momento, ter acesso a elas, porque não havia um funcionário responsável que pudesse mostrar o acervo. Quando voltei à Juiz de Fora, em janeiro deste ano, Heliana Casarim, a historiadora responsável pelo Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, presenteou-me com uma coleção de cartões-postais, produzidos em 2001, nos quais se encontram fotos da cidade de Juiz de Fora no início do século XX, sobretudo no ano de 1903, feitas por F. Soucasaux. Esse material foi produzido por meio da iniciativa do jornal Tribuna de Minas em parceria com o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, para comemorar os 151 anos da cidade de Juiz de Fora. A coleção de postais recebeu o seguinte título: “Lembranças de Juiz de Fora (1903-2001)”.

movimentada Avenida Rio Branco, no centro da cidade. Nessa rua, onde morou Pedro Nava durante a maior parte da infância, com a mãe, irmãos, bem como suas tias e sua avó materna, foi uma das primeiras ruas da cidade e, no ano de 1903, já se destacava pelos sobrados que compunham o cenário:



À medida que vamos observando as fotos de Juiz de Fora em 1903, vamos também entrando em suas ruas – Marechal Deodoro, Halfeld, Rua do Comercio, Rua do Espirito Santo – e percebemos a quantidade de sobrados, casas grandes e edificações que se espalhavam pela cidade. Entre essas construções, estão a Alfândega, o Banco de Crédito Real de Minas Gerais, o Foro de Juiz de Fora, a Real Sociedade Auxiliadora Portuguesa, a Sociedade Italiana Umberto I, o Theatro. “Andando” um pouco mais pelas fotografias, logo encontramos uma construção requintada onde funcionou o Colégio Andrés, “internato católico”, segundo a informação do postal que exploramos, em que teria estudado Pedro Nava entre os anos de 1909 e 1910:

LEMBRANÇA DE JUIZ DE FORA



Colégio Andrés

Alguns dos habitantes de Juiz de Fora ao mesmo tempo em que se indignavam com a falta ou o pouco apoio do governo ao processo de urbanização da cidade, encantavam-se com as mudanças.¹⁴³ Na coluna “Opiniões alheias” do jornal *O Pharol*, de 28/04/1912, encontramos um longo artigo, escrito em primeira pessoa, que trata do “progresso”, do “avanço” de Juiz de Fora, apesar, segundo o autor do artigo, da falta de apoio dos governos federal, estadual e municipal a esse processo pelo qual a cidade passava: “[...] tudo isso é fructo da iniciativa particular, do espirito emprehendedor e *yankee* deste povo laborioso e amante do progresso. Nada devemos aos governos federal e estadual. Quanto ao municipal, nem falemos” (p.1).

¹⁴³ Nota-se, na narrativa de OLIVEIRA (1966), certo deslumbramento, e até um *frenesi*, diante das transformações pelas quais a cidade de Juiz de Fora passava desde meados do século XIX. Isso pode ser comprovado, por exemplo, pela ausência, em sua narrativa, de qualquer comparação entre o “progresso” e a “modernidade” experimentados por Juiz de Fora e o “desenvolvimento” que outros centros urbanos também experimentaram no mesmo período. As referências a outras cidades mineiras, como Ouro Preto ou São João del Rei, aparecem no texto de Oliveira mais para evidenciar a suposta superioridade de Juiz de Fora, em termos industriais, econômicos, em relação a essas cidades do que, propriamente, para mostrar que a corrida pelo “progresso” e pela “modernidade” era um fenômeno que vinha ocorrendo em várias cidades do mundo. A esse respeito, ver os já citados estudos de SEVCENKO (1998a) e VEIGA (2002).

O autor do artigo usa as opiniões que seriam de um amigo seu a respeito do “progresso” de Juiz de Fora para reforçar sua própria posição em relação à cidade:

E que queres [que] faça o governo do municipio, com a indiferença do governo da União e a evidente má vontade do Estadual, que não perdoa a Juiz de Fôra sua audacia de progresso, [...] sua independencia nas iniciativas? Isso vem de longe, desde que os creadores desta cidade, num arrojo audacioso, lançaram os fundamentos da futura Manchester mineira. Não nos perdoam sermos os primeiros em tudo (O PHAROL, 28/04/1912, p.1).

Também a edição do jornal de 12/11/1912 noticia a melhoria do espaço urbano ligada ao desenvolvimento da infraestrutura para distribuição de água, com apoio do capital privado. Comenta-se, na edição de número 268 de *O Pharol*, a transferência do contrato de arrendamento “das fontes de Cambuquira” feita pelo “coronel Azarias Brito a Estevão Silva e outros capitalistas residentes em São Paulo”. “Os arrendatários vão formar uma companhia de poderosos recursos afim de introduzir grandes melhoramentos naquella estação hydro-mineral, dotando-a de installações iguaes ás suas congeneres na Europa” (p.1). Aqui, destaca-se a influência dos coronéis nos rumos administrativos da cidade, bem como dos “capitalistas” externos que se interessavam pelos recursos naturais de Juiz de Fora.

Quando se tratava, na perspectiva dos redatores do jornal, da interferência exterior e de padrões europeus que poderiam contribuir para o “desenvolvimento” de Juiz de Fora, *O Pharol* não apenas noticiava os acontecimentos, como também mostrava posição favorável em relação às direções que as transformações do espaço urbano iam tomando. Em contrapartida, quando o jornal julgava que a interferência externa era prejudicial à soberania brasileira, *O Pharol* também não deixava de se posicionar. Ao referenciar uma revista francesa, “Reveu des Deux Mou des”, o jornal denunciou a venda de “60 mil” quilômetros quadrados na Amazônia e a venda de “400 léguas de terra” no “Matto Grosso” para “companhias commerciaes, que installando-se dentro de paizes, comprando largas extensões territoriaes, preparavam um caminho facil de intervenção ás potencias que em summa representavam” (12/11/1912, p.1). O artigo apresenta ainda a opinião de algumas pessoas que debatiam o assunto. Para o Sr. Mauricio de Lacerda, havia a possibilidade de desmembramento nacional, ao passo que, para Caetano Albuquerque, a venda das terras era constitucional. No fim do artigo, o jornal assumiu posição contrária à venda dessas terras ao capital privado estrangeiro, e esse seria “[...] um facto de excepcional gravidade” (p.1).

Embora o jornal demonstrasse sua preocupação com a soberania do país, nas notícias sobre Portugal, os textos tendem a valorizar a antiga Metrópole. Na coluna “Cartas Portuguesas”, verifica-se certa exaltação de Portugal, apesar de o Brasil, na época, já ser uma República. Observa-se também nessas notícias que Portugal ainda tinha como objetivo intervir nos processos judiciais brasileiros (O PHAROL, 19/06/1912, p.1).

Notícias de obras públicas, como a construção de pontes e o custo desse tipo de empreendimento (O PHAROL, 12/11/1912, p.1), a construção de estradas de ferro (O PHAROL, 06/06/1912, p.1), preenchiam as páginas do jornal. Isso pode ser interpretado como uma evidência de que se investia constantemente na urbanização da cidade. Também notícias de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro, cidade para a qual muitos desejavam se mudar, como foi o caso do pai de Pedro Nava, de parentes seus e do próprio memorialista, tinham lugar nas páginas de *O Pharol*. Os anúncios sobre os serviços oferecidos no Rio pareciam nutrir ainda mais esse desejo de alguns habitantes de Juiz de Fora pela outra cidade. Nessa direção, *O Pharol* de 12/11/1912, por exemplo, trazia o seguinte anúncio: “Restaurant Paris – o primeiro salão no Rio de Janeiro – cozinha de primeira ordem” (p.1). Desse modo, o jornal não só reforçava a valorização do Rio de Janeiro (a qual já parecia existir no imaginário de alguns membros das elites juizforanas), mas também evidenciava a forte presença de Paris como uma capital modelo na mentalidade de determinados grupos sociais, do início do século XX.

3.2. Possibilidades de formação

Juiz de Fora tornou-se uma cidade industrializada e urbanizada. Contava com escolas, colégios, jornais,¹⁴⁴ cinemas, bibliotecas,¹⁴⁵ cafés, restaurantes, bem como com

¹⁴⁴ De acordo com GOODWIN JUNIOR (1996, p.7), a imprensa de Juiz de Fora pode ser compreendida como um dos espaços de construção de uma identidade pelas elites da cidade na segunda metade do século XIX. Para o autor, diferentemente dos jornais surgidos no período, em Juiz de Fora, que tiveram vida curta, *O Pharol*, por exemplo, “por sua longevidade, e pelos contatos pessoais dos seus diferentes proprietários, logrou tornar-se um verdadeiro ponto de referência para a cidade”.

¹⁴⁵ Segundo *O Pharol* (19/06/1912, p.2), a cidade deveria contar, em 1912, com pelo menos três bibliotecas. Em Minas Gerais, em 1907, havia 49 bibliotecas com 108.967 volumes disponíveis para seus usuários. 53 era o número de bibliotecas no ano seguinte agora com um acervo de 119.457 volumes. Em 1909, havia 54 bibliotecas no estado, número que se manterá até o ano de 1912. A variação está no número de volumes disponíveis no acervo para seus usuários. Em 1909, eram 129.737 volumes; em 1910, 132.824; em 1911, 137.230; em 1912, 135.763 volumes. Devemos considerar que a população em Minas, em 1912, era de 4.628.553 habitantes. No Distrito Federal, em 1910, existiam 60 bibliotecas com 749.751 volumes disponíveis em seu acervo, para uma população de 870.475 habitantes. Em 1911, o número de bibliotecas na

espetáculos e eventos que aconteciam em praça pública. O espaço mesmo da cidade, os acontecimentos do dia-a-dia propiciavam a seus habitantes possibilidades de formação. No entanto, como se destacou no item anterior, Juiz de Fora era uma cidade que vivia a sua “revolução industrial” e, com esse processo, também viriam o que se assistiu em outros espaços urbanos: jornadas de trabalho exaustivas, salários baixos, precárias condições de trabalho nas fábricas, exploração do trabalho infantil, como evidencia o estudo de Dutra (1988).¹⁴⁶ Isso, contudo, não parecia ser considerado por alguns dos meios de comunicação da época. Deslumbrado por todo o “progresso” que a indústria e o capital privado poderiam trazer para Juiz de Fora, o jornal *O Pharol* registrou em suas páginas, no dia 28/04/1912: “[...] Falta-nos o auxilio official, mas temos a força procdutora da iniciativa particular” (p.1).

Mas, além das fábricas, das indústrias, tais como o Estabelecimento Industrial de fundição de ferro, a Fábrica de Tecidos e Aniagens Ornstein & C., fábrica de sacaria para café; além da Nova Usina de Eletricidade; da Distribuidora de Electricidade,¹⁴⁷ havia mais:

[...] Mas pior, muito pior que as fábricas onde os descontentes queriam ganhar mais do que precisavam; pior que o Cinema Farol e o Politeama onde se tentavam timidamente os ensaios precusores da bolina (o Politeama viu o primeiro mártir dessa arte nacional desmaiar de dor na sua platéia: marido furibundo lhe empolgara com um alicate dedo da mão audaciosa que se insinuara nas anáguas da mulher, para apertá-lo tão duramente e em tão demorado silêncio que ficaram esmagadas as carnes e quebrados os ossos do moço advogado), pior que os bordéis, pior que os colégios leigos e que o desaforo do colégio metodista

cidade do Rio de Janeiro se manteve, e o número de volumes do seu acervo era 762.311, para uma população de 921.987 habitantes (ANUARIO ESTATISTICO DO BRAZIL 1908-1912. Rio de Janeiro: Directoria Geral de Estatistica, v.1-3, 1916-1927).

¹⁴⁶ De acordo com a autora (1988), os operários, empregados das fábricas de Juiz de Fora, em sua maioria, eram analfabetos (p.82) e trabalhavam sob condições precárias. Segundo Dutra, os patrões, membros da burguesia industrial de Juiz de Fora, além de pagarem baixos salários, exigiam, de seus operários, dez a doze horas de trabalho diário, trabalho aos domingos e serões semanais. “Tudo isso dentro de rigorosa disciplina” (p.189). Diante desse quadro, os operários não demoraram a se organizar, a fim de alcançar condições dignas de trabalho. Para a pesquisadora, “o número alto de menores e mulheres não dificultou a mobilização operária em Juiz de Fora onde o conjunto das condições da estrutura industrial, afetado pela conjuntura econômica, criaram condições para o protesto e a ação coletiva” (p.199). Conforme Dutra, também a presença de imigrantes no operariado fabril de Juiz de Fora apresentou-se como um fator importante na organização do movimento operário, visto que os trabalhadores de países como a Itália, Espanha, Alemanha, de onde se originavam os estrangeiros empregados pelas indústrias da cidade, “já possuíam longa tradição de luta” (p.82). Mesmo assim, a classe dirigente – e clientelista – de Juiz de Fora, durante as ações do movimento operário na cidade, sempre fazia suas tentativas de cooptação de alguns membros da associação para frustrar os protestos e greves do proletariado juizforense (p.201).

¹⁴⁷ Estamos nos referindo aos estabelecimentos retratados nas fotografias de Juiz de Fora em 1903, reproduzidas nos cartões postais, os quais mencionamos anteriormente.

para meninas, pior que a Cervejaria Weiss animada por Brant Horta, Amanajós de Araújo e Celso d'Ávila com guitarras, descantes, declamação de versalhada e as chegadas dos tálburis carregados de “mulheres damas” – era a Maçonaria. Sua loja ficava em plena Rua Direita, entre as do Imperador e da Imperatriz, como desafio permanente ao clero diocesano e aos cristãos novos e velhos do Alto dos Passos (NAVA, *BO*, 2002, p.7).

A cidade se “modernizava”, urbanizava-se, “evoluía”. Os valores mudavam.¹⁴⁸ Apesar do acelerado ritmo das transformações, muitos dos habitantes de Juiz de Fora permaneciam ligados à tradição. Do ponto de vista econômico, Juiz de Fora tinha ainda a maior parte das suas finanças dependentes da agricultura, do cultivo e da venda do café. Mesmo que se assistisse ao crescimento da indústria na cidade, sobretudo das fábricas de tecido, o antigo arraial do Paraibuna tinha raízes rurais. No início do século XX, a cidade tinha aproximadamente 50 anos. A ligação com a tradição, representada pelos fazendeiros, pelas autoridades, era de tal modo presente em Juiz de Fora que até mesmo o *Cinema Pharol*, espaço que se poderia compreender como um dos símbolos da “modernidade”, do espaço urbano, fora fundado por um Coronel, “o Coronel João Evangelista” (O PHAROL, 28/04/1912, p.1).¹⁴⁹ A propósito da fundação desse cinema, o jornal publicou o seguinte comentário:

Ai daquele que apenas trabalha ou unicamente se diverte! O primeiro revolta-se, o segundo cae na depravação e de decadencia em decadencia, desaparece. Todo homem que trabalha quer distrahir-se. Os socialistas reclamam os tres ditos: oito horas de trabalho, oito horas de descanso e oito de distrações. Os antigos romanos pediam *panem et circenses* – pão e divertimentos. O circo era o divertimento dos antigos latinos. Os modernos preferem o cinemat graph, que é um theatro barato. O coronel João Evangelista deu lhes, aos de Juiz de Fora, o divertimento favorito hoje, não só dos neo-latinos, como dos povos de outras raças. Fez mais: adicionou ao cinema o genero leve do theatro parisiense, do café cantante, do *music-hall*, a preços baratos (O PHAROL, 28/04/1912, p.1).

¹⁴⁸ De acordo com SEVCENKO (1998a, p.7-8), uma vez que a economia capitalista tornava-se internacional durante o século XIX (conforme Eric Hobsbawn, citado por SEVCENKO, 1998a, p.8), não somente no Brasil, mas também em vários países, “nunca em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos” (p.7-8). Isso porque, segundo o autor, “era necessário transformar o modo de vida das sociedades tradicionais, de modo a instilar-lhes os hábitos e práticas de produção e consumo conformes ao novo padrão da economia de base científico-tecnológica” (p.12-13).

¹⁴⁹ Não localizamos informações que nos sugerissem uma provável ligação entre o *Cinema Pharol* e o jornal *O Pharol*. A hipótese da relação entre o espaço e o jornal foi construída por nós tendo em vista a coincidência entre seus nomes. Também nas *Memórias*, não há qualquer referência sobre essa suposta relação.

Nessa citação, percebemos a convivência entre a tradição e a “modernidade”. Foi um coronel quem ofereceu a sua cidade um espaço “moderno”, que seguia o modelo francês. Naquele momento, a Europa e sobretudo Paris figuravam, em diversas dimensões, como exemplos a serem seguidos no Brasil: “em Paris, onde mais se cultua a arte dramatica, os cinemas, os cafés concertos, cafés cantantes, *cabarets* e *musi-halls* pululam aos melhores em todos os *quartiers!*” (O PHAROL, 28/04/1912, p.1). O *Cinema Pharol*, com ares parisienses, caracterizado por aquilo que existiria de mais “moderno”, cobrava preços baixos para quem o quisesse freqüentar. Oferecia-se arte ao povo por “quinhentos réis e dez tostões por cabeça!” (p.1).

No *Cinema Pharol*, era possível assistir a “cançonetistas, bailarinas e artistas execentricos”; visitar exposições de quadros; assistir a filmes de “grande efeito”, dos mais diversos fabricantes, dramas “primorosos”, tais como os filmes da “fabrica dinamarqueza”. Para “os fetichistas da Arte intangível”, que poderiam afirmar que isso não é arte, *Punch*, autor do artigo publicado no jornal prevenia: “[...] O povo quer divertir-se, pouco se importando com a Arte maiúscula ou minúscula. Demais em que ponto do Brasil se cultua a arte theatral?” (O PHAROL, 28/04/1912, p.1). Para “o povo” juizforano, ou melhor dizendo, para uma parcela da população de Juiz de Fora, importava mostrar que a cidade “avançava”, “modernizava-se” e não, uma discussão em torno da qualidade dos produtos culturais que lhe eram oferecidos, agora diariamente. Tanto no jornal *O Pharol*, quanto no *Jornal do Commercio*, entre os anos de 1903 e 1913, todos os dias, era anunciada a programação do Cinema.

O *Polytheama*, espaço que aparece registrado nas *Memórias* de Pedro Nava (NAVA, BO, 2002, p.6), tinha seu espaço no jornal *O Pharol*. Na coluna “Diversões”, juntamente com as programações previstas para o *Cinema Pharol*, aparecia a agenda das atividades que aconteceriam no *Polytheama*. No caso da edição de número 100 de *O Pharol*, a programação para esse espaço incluía a exibição de “*films*” acompanhada da “bella orchestra” (O PHAROL, 28/04/1912, p.1). Lá também se podia assistir às fitas que seriam passadas; “ao panno de projeção primorosos trabalhos de uma concepção cinematographica”. Nesse sentido, segundo a redação do jornal *O Pharol*, “Destacar do programma algum dos *films* é cousa difficil, pois, são todos tão bellos e tão lindos, que destacar é tirar o effeito dos demais” (12/11/1912, p.1).

Programação para as crianças também integrava o planejamento de eventos do *Polytheama*. *O Pharol*, de 12/11/1912, época em que Pedro Nava estava com nove anos de

idade, trouxe uma longa notícia sobre um festival realizado no espaço. A concorrência para se assistir aos eventos do festival teria sido de tal modo grande que não teria ficado “um único lugar vazio na vasta platéia”. A programação começara com o discurso do colaborador “Lindolpho Gomes”, texto considerado, pela redação do jornal, como “uma peça oratoria cheia de grandes bellezas literarias”. A seguir, houve “varios monologos e recitativos por gentis creanças e senhorinhas”. Como se vê, as crianças não apenas assistiam às apresentações do *Polytheama*, mas também podiam participar delas. Dilermando Cruz e Belmiro Braga fizeram “duas pequenas palestras literarias”. Nos intervalos, apresentaram-se para o público “tanto a orchestra do Polytheama como a banda de musica do segundo batalhão policial”. “Houve, logo após o discurso de Lindolpho Gomes, uma sessão cinematographica, com *films phantasticos*, para a creançaada, que muito se divertiu com a sua exhibição” (p.2).

Se retomamos nossas reflexões a respeito da presença de elementos da tradição e da “modernidade” em Juiz de Fora, encontramos mais pistas que nos ajudam a compreender o processo de mudança pelo qual a cidade passava nas primeiras décadas do século XX. Os retratos que apareciam em *O Pharol*, entre as colunas, sugerem, por exemplo, que a cidade, como notamos anteriormente, ainda era envolvida por raízes rurais. A edição de número 100 do jornal, por exemplo, apresenta a figura do “Coronel Manoel Vidal Barbosa Lage”, acompanhada pelo seguinte texto em sua legenda: “adeantado agricultor, proprietario da Quinta da Lage estimada influencia politica no municipio” (28/04/1912, p.1).

Do ponto de vista religioso, como seria o restante do estado de Minas Gerais, a maior parte da sociedade juizforense era cristã e católica. Presente no jornal *O Pharol*, em que publicava suas atividades e programação, a Igreja Católica exerceria uma forte influência sobre as pessoas e, por meio do que se verifica nas memórias de Pedro Nava, a presença de uma entidade como a Maçonaria, na cidade, não era tolerada. A entidade era quase uma afronta e se mantinha, ainda que “entalada na garganta” dos conservadores católicos da cidade.

A partir do século XIX, a escola passou a ocupar um importante papel no contexto da cidade e ainda mais após a proclamação da República.¹⁵⁰ Tornava-se cada vez mais

¹⁵⁰ A preocupação dos grupos dominantes com a criação de instituições que fossem capazes de educar e civilizar os sujeitos foi um fenômeno que ocorreu em várias das cidades brasileiras entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Segundo VEIGA (2002), em seu estudo sobre a cidade de Belo

urgente educar e civilizar os indivíduos para o novo mundo que se construía especialmente entre os fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, no Brasil. Juiz de Fora, como uma cidade que se transformava em ritmo acelerado, ofereceria à sua população educação de qualidade:

Excelentes famílias de Juiz de Fora – Montreuil, Jouvét, Creuzol – descendem de súditos franceses que se radicaram na margem do Paraibuna na segunda metade do século passado. Entre eles merece ser destacada, pelo seu papel na educação e no ensino, a figura do Dr. Luís Andrès. Parece que sua vida de mestre começou no Colégio Santa Cruz, dirigido por ele, por José Freire, Narciso Batista de Oliveira e pelo grande latinista Monsenhor João Sabino de Las Casas. O Colégio Santa Cruz fundiu-se ao Colégio Providência, dirigido por Teodoro Coelho e por meu tio-avô Júlio César Pinto Coelho [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.253).

O Pharol, jornal cuja “Redacção e administração” localizavam-se na Rua Direita, 144 (Esquina com Marechal Deodoro), próximo à casa da avó materna de Pedro Nava, bem como à casa em que morou com seus pais, ambas situadas na mesma rua, trouxe, em sua edição do dia 28/04/1912, uma foto da “Academia de Commercio”. Abaixo da foto, há o seguinte comentário: “E’ um estabelecimento de ensino superior que honra a nossa cidade e o Estado de Minas, dotado de magnifico corpo docente” (p.1). A cidade, já no início do século XX, contava não apenas com os colégios de primeiras letras, conforme o que nos narra Pedro Nava em suas memórias, mas também com uma instituição de ensino superior.

O mesmo número do jornal apresenta ainda uma coluna sobre a Academia Mineira de Letras, também referenciada por Oliveira (1966). Ao lado da Academia de Letras, a cidade tinha cada vez mais espaços que convidavam as pessoas para diversificar seus momentos de sociabilidade, em geral, concentrados no espaço da casa: “[...] ha dez annos a rua Halfeld não tinha este movimento á noite. Hoje, os cafés, confeitarias, restaurantes e

Horizonte, entre os séculos XVI e XVII, a escola não havia sido pensada para atender a toda população e, sim, “às necessidades do desenvolvimento da vida urbana e às experiências das categorias sociais a ela diretamente relacionada, ou seja, negociantes, funcionários do Estado e profissionais liberais” (p.31). A escola, desse modo, deveria atender aos “representantes da cidade”, tanto no plano político quanto “na esfera da produção, ávidos por aquisição de novas habilidades urbanas e da demarcação de espaços culturais mais delimitados” (p.32). Contudo, segundo a autora, “ao final do século XVIII e durante o século XIX, a partir das revoluções políticas e econômicas e da radicalização dos movimentos sociais aprofundam-se as necessidades de escolarização voltadas para a sua extensão aos não-proprietários, em torno da necessidade não apenas da moralização dos pobres, mas de sua socialização para novas relações de trabalho e para as novas regras da vida urbana. Dessa forma, a escola surge como um espaço institucional, com novas funções sociais – a construção do perfil de um novo homem regenerado para o trabalho e para a cidade num momento onde, para as elites, as revoluções não são mais necessárias” (p.32).

casas de diversões estão repletos [...]. [O] movimento estende-se pela rua Direita, esta formosa avenida, que há de ser dentro de pouco tempo a preferida pelos passantes, devido a seus parques, seus jardins e ás casas de diversões que já começam a surgir também aqui” (O PHAROL, 28/04/1912, p.1).

É bom notar que Pedro Nava e os parentes maternos não apenas moravam na cidade que se transformava a cada dia, mas estavam no centro dessa transformação. Como já se destacou, a casa de Maria Luísa, sua avó materna, bem como a casa em que morou com os pais e irmãos ficavam localizadas na Rua Direita. Trata-se, portanto, de um grupo que pôde assistir às mudanças trazidas pela “modernidade” não da periferia, à margem do “desenvolvimento” e do “progresso” por que passava Juiz de Fora, mas de dentro, mergulhado, participando e sentindo todas as mudanças do espaço urbano.

Os leitores dos jornais que circulavam na Juiz de Fora do início do século XX tinham notícias, como mencionamos, não apenas de sua cidade, como também de outras cidades do Brasil e do Mundo. Os textos dos jornais tratavam dos andamentos políticos e econômicos locais e do restante do país; de questões educacionais. A maior parte das páginas era composta por anúncios de produtos diversos (enxadas, lâmpadas, artigos “electricos” e para “photographia”, máquinas gráficas, arados, cigarros, jóias, “dentifricios”, sabão, coalho, requeijão, camarão, doces, azeite de dendê, laranja, etc.), entre os quais se destacavam, os inúmeros textos que anunciavam remédios e desinfetantes, os quais ensinavam receitas para determinadas doenças. Lendo o jornal, sabia-se da existência dos estabelecimentos comerciais da cidade, dos serviços oferecidos à população, como também dos espaços para se divertir na própria cidade ou fora dela. Os jornais traziam, assim, anúncios de restaurantes, as programações dos cinemas, as apresentações que aconteceriam na cidade. O próprio jornal propiciava aos seus leitores a possibilidade de contato com textos literários e de escritores ligados à esfera literária. Encontramos, nas páginas de *O Pharol*, poemas (06/06/1912, p.1); anúncios sobre o “ALMANACH DE JUIZ DE FORA” – “Publicação commercial, artistica, industrial, agricola e literaria, sob a direção de ALBINO ESTEVES (Lucio d’Alva), da Academia Mineira de Letras” (p.4); resenha de livros, como a que referencia a obra de Emile Faguet (12/11/1912, p.1).

Portanto, viver em uma cidade, no início do século XX, possibilitou a Pedro Nava uma imersão, graças também às práticas cotidianas de sua família, em contextos culturais diversificados, fossem eles organizados pela escrita, fossem eles espaços em que materiais impressos estavam presentes. Apesar das “misérias” da industrialização, o espaço urbano

de Juiz de Fora oferecia a seus habitantes condições de infraestrutura que facilitavam o contato com as diversas culturas do escrito. A cidade contava, assim, tal como procuramos mostrar, com escolas, vários colégios, bibliotecas, cinemas, entre outros espaços onde circularia material escrito: a Academia Mineira de Letras, os cafés, a Igreja, a Maçonaria. Por fim, Juiz de Fora tinha ainda jornais diários que circulavam na cidade e informavam a população também sobre as opções culturais, eventos que aconteceriam cotidianamente na cidade.

*

Se ao tratar da família paterna, notamos uma clara tendência, por parte de Pedro Nava, para erguê-la como um grupo social grandioso, seja por suas origens européias, seja pelo modo escolhido pelos parentes para conquistar seus espaços (sociais, políticos, profissionais) na sociedade da época, um movimento na direção contrária acontece quando o alvo da escrita de suas memórias é a família materna. Com ironias, críticas e construções metafóricas que mais denigrem do que engrandecem, a configuração das personagens no ramo da família materna de Pedro Nava é elaborada por meio de origens – tanto geográficas quanto sociais – que teriam elementos grandiosos, caso não tivessem recebido um tratamento textual que não lhes retirasse aquilo que elas apresentariam de “bom”. Tendo seu valor simbólico virado pelo avesso, a maior parte da história da família de sua mãe traz, na forma e no conteúdo, as marcas de uma história que se conta não por amor, não porque há identificação do sujeito-narrador com os valores, princípios e práticas de seus protagonistas (como é o caso dos momentos da narrativa dedicados à história dos parentes paternos), mas porque não há saída, não há como deixar de se narrar o que é considerado menor e miserável pelo memorialista.

A maior parte de *Bau de Ossos* organiza-se em torno do trabalho de genealogia, empreendido por Pedro Nava. Tanto no caso da família paterna, quanto no caso da família materna, a configuração das personagens é elaborada por meio da busca do memorialista por suas origens, pelos entrelaçamentos parentais. O trabalho de Nava, em sua busca obstinada pelas raízes de sua família, pode ser interpretado como uma maneira de enaltecer a maior parte de seus parentes, reforçando uma suposta grandiosidade que estaria presente na formação sobretudo da família paterna. Nesse sentido, uma pergunta se apresenta a nós: a prática da reconstrução da história e da tradição familiar não se apresentaria como uma característica própria das elites brasileiras? Uma vez que se ocupa o lugar de domínio no

campo intelectual, político, econômico, é necessário reforçar tal posição, mostrando a origem e a importância de determinados grupos para certas regiões do país. Assim, nomes e sobrenomes, modos de vida, costumes e comportamentos são apresentados em *Baú de Ossos* pela via da (re)construção histórica. Tal maneira de escrever a própria vida na sua relação com a trajetória de parentes e amigos da família vai deixando claro os pertencimentos que já seriam nobres desde o berço, a pelo menos cinco gerações (ou se tornaram nobres pela união da suposta importância do nascimento em determinado grupo parental e as conquistas que os membros da família alcançaram ao longo de suas vidas). Trata-se, portanto, de personagens poucos conhecidos pela história que sempre se contou, mas que são (ou se tornam, no espaço da escrita de Pedro Nava) “dignos” de serem conhecidos, lembrados, enfim, registrados na história do país. Visto que a historiografia não se encarregou de trabalhar devidamente as trajetórias de vida dessas personagens, é um de seus membros que toma para si a tarefa de fazer lembrar sujeitos sociais apagados na história que se escreveu. O guardião da história familiar escolhe, então, o espaço memorialístico para dar vida a quem ele julga merecer.

Se na família paterna há parentes que merecem ser lembrados por sua inteligência, por seu brilhantismo, por sua educação e sensibilidade “refinadas”, na família materna, muitos sujeitos sociais vão assumir seu lugar nas *Memórias* porque é necessário então, aos 65 anos de idade, acertar contas com o passado. Nos dois casos, a narrativa esclarece e faz justiça, pois dá a cada um o que é seu. Tanto em um lado da família quanto no outro, as personagens são ressuscitadas porque interessa ao narrador falar de si por meio delas, de suas ações, das características admiradas e apropriadas por ele e também de suas misérias.

A leitura e a escrita aparecem no cotidiano da família de Pedro Nava como elementos que compunham, em maior ou menor grau, a rotina de seus parentes. Estabelecidos no mundo da escrita, pelo que sugere a narrativa de *Baú de Ossos*, desde meados do século XIX, os parentes paternos valiam-se de suas habilidades e competências relacionadas ao ler-escrever-contar sem tensões. Por uma demanda no trabalho ou porque se tinha a curiosidade de ler algum texto do jornal, ler e escrever era tão natural para seus familiares como preparar o jantar ou reunir parentes e amigos para conversar. Nota-se, no entanto, diferenças nas práticas de leitura e escrita entre homens e mulheres e também entre as gerações.

Para a família paterna de Pedro Nava, encontramos dados bastante consideráveis em se tratando de suas práticas, gostos e preferências culturais, de seus usos sociais da

leitura e da escrita. Entretanto, para a família materna, não há muitos dados que nos permitiriam descrever, com maior profundidade, suas predisposições, seus hábitos e costumes culturais. Os comportamentos e atitudes dos parentes renegados pelo memorialista parecem o impedir de falar de suas práticas culturais. O foco do narrador está, diferentemente dos episódios que compõem a história de sua família paterna, sobre as ações violentas de seus parentes maternos.

No caso da família materna de Pedro Nava, percebemos a presença da escrita (e da oralidade) com maior força no cotidiano de seus parentes desde a primeira metade do século XIX. Diferentemente da família paterna, que se apresenta, nas *Memórias*, como um grupo com características mais regulares, com poucas variações e quase sem tensões no que se refere à leitura e à escrita, o ramo materno da família de Pedro Nava apresenta variações tanto em relação aos modos de vida, aos princípios e valores que guiam seus comportamentos, quanto no que diz respeito às suas práticas letradas. Embora a maioria dos familiares maternos do escritor não se apresentem como indivíduos que usavam frequente e intensamente a leitura e a escrita em seu cotidiano, no ramo da família ligado ao avô materno, encontramos homens que se tornaram bacharéis, advogados, juizes, professores, médicos, políticos, padres, o que pressupõe domínio e uso frequente da leitura e da escrita. No caso das mulheres, o sujeito-narrador faz poucas referências às habilidades letradas de suas parentes.

Na cidade de Juiz de Fora, Pedro Nava experimentou o contato diário com o que o espaço urbano lhe disponibilizava cada vez mais. Em Juiz Fora, o *Cinema Pharol* e o *Polytheama* ofereciam diariamente uma programação diversa e também havia na praça apresentações regulares da orquestra da cidade. Jornais diários circulavam em Juiz de Fora e propiciavam a seus leitores contato frequente com gêneros textuais diversificados. O *Pharol*, por exemplo, trazia em suas páginas, não apenas artigos que tratavam dos andamentos políticos e econômicos na cidade, no Brasil, no mundo, mas também colunas cujos textos nos lembram folhetins, contos ou crônicas; alguns de seus números traziam alguns poemas. Entre as notícias, figuravam também muitos anúncios de remédios e desinfetantes (o que nos sugere que a cidade ainda passava por um processo de sanitização e higienização), de estabelecimento comerciais, sobretudo de alimentos, de colégios.

Uma vez compreendida a família de Pedro Nava e tendo apreendido as características do espaço urbano em que viveu a maior parte de sua infância, exploraremos,

no próximo capítulo, as práticas culturais do memorialista nos seus primeiros anos de vida, considerando o papel que a família exerceu em seus modos de participação nas culturas do escrito.

**CAPÍTULO III – LER E ESCREVER, VER, OUVIR
E CONTAR HISTÓRIAS: MODOS E CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO NAS
CULTURAS DO ESCRITO**

Esta é a mocidade forte que vos sauda pela minha voz. Esta é a mocidade que guarda em si a seiva creadora daquella que varou o claro dia americano com o brado do Ypiranga, da mocidade que encharcou sua terra de seu sangue nas ansias libertarias de 17 e 24, da que nacionalizou o paiz, da que reivindicou direitos e creou liberdades: – esta é a mocidade que vos cerca neste momento, e que pela minha palavra agradece a realidade em que tornaes as suas aspirações, o governo fecundo que vamos tendo, e mais do que isto, o exemplo inspirador que nos vem da elegancia atheniense de vossas attitudes, das vossas virtudes de raça, e das qualidades excepcionaes do homem publico que sois.

Pedro Nava. A manifestação da mocidade academica ao sr. presidente Antonio Carlos. Jornal Minas Geraes, agosto de 1927.

No capítulo II, construímos “retratos” de alguns dos parentes com quem Pedro Nava mais conviveu nos primeiros dez anos de sua vida, no espaço da cidade. Nesse momento, delineamos não apenas comportamentos e atitudes cotidianas de familiares seus, seja do ramo paterno, seja do ramo materno, mas procuramos também, a partir das *Memórias*, descrever e analisar quais eram também suas práticas, seus gostos e preferências culturais. Assim, evidenciamos qual era a proximidade (e de que tipo era o contato) de alguns membros da família do memorialista com as artes, os livros, com o mundo das culturas do escrito. Verificamos, nesse sentido, o que uma parte de seus familiares liam e o que escreviam; como, quando e onde realizavam suas leituras; em que contextos escreviam e por que escreviam; em que ambientes e sobre o que conversavam.

Procedendo dessa maneira, tivemos um quadro mais ou menos aproximado da relação existente entre urbanização, industrialização, modos de vida, princípios e valores, gostos e preferências e as formas de participação nas culturas do escrito. Uma vez que nosso objetivo é reconstruir o percurso de formação de Pedro Nava na família, no que diz respeito aos modos e condições de sua participação nas culturas do escrito, neste capítulo, vamos analisar, em um primeiro momento, a herança disponibilizada (e transmitida) ao memorialista, relacionada à oralidade, à leitura, à escrita, como também a outras práticas culturais de familiares das quais Pedro Nava teria participado. Em um segundo momento, analisaremos de que maneira o escritor apropriou-se dos elementos da herança cultural familiar. Assim, nossa atenção se voltará para as práticas culturais de Pedro Nava, especialmente para aquelas que dizem respeito a seus usos sociais da leitura e da escrita.

1. Modos e condições de transmissão e apropriação da herança cultural disponibilizada pela família a Pedro Nava

1.1. A oralidade na organização das sociabilidades

Para quem recebe, pela oralidade, valores tradicionais da família parece natural que certos temas sejam favorecidos nas conversas cotidianas: “[...] A conversa geral era cheia de preferências pelas idéias, pelas coisas e causas nobres, pelos assuntos intelectuais – estes versados simplesmente, como moeda de todo dia. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.337). Se a preferência por determinados assuntos nos encontros entre familiares parece espontânea aos olhos de um de seus membros que se comportaria como um “herdeiro” de elementos da tradição de sua família, também lhe parece coerente e apropriado o silêncio de seus parentes em relação a assuntos que não reforçam aquilo em que a família acredita: “[...] Jamais ouvi maledicência veiculada por meus pais e meus tios, como nunca ouvi palavras azedas de disputa na minha gente paterna. [...]” (p.337).

A oralidade foi, no ramo mais erudito e intelectualizado da família de Pedro Nava, o instrumento privilegiado pelos parentes para transmitir a ele, como também para fazer sobreviver ao tempo, um conjunto bastante diversificado de elementos que compunham a herança cultural desse ramo da família. Seja para transmitir e cultivar elementos morais, éticos, valores e princípios de vida, seja para transmitir capital cultural, a oralidade freqüentemente engendrava esse processo. Assim, também as práticas de leitura e de escrita de familiares paternos de Nava ligavam-se aos usos da palavra em sua manifestação oral.

Os parentes por quem o memorialista nutria admiração geralmente encantavam Pedro Nava não só por seus traços de caráter, mas também pelo domínio de habilidades ligadas à oralidade. O Comendador Iclirérico Narbal Pamplona, um dos tios-avós paternos do escritor, era, para o sobrinho-neto, a representação da medida, do discernimento, da ponderação, da cerimônia. Além disso, chamava a atenção de Nava sua capacidade para narrar. Em direção ao Rio Comprido, encontramos outras personagens, amigos da família paterna de Nava, entre os anos de 1910 e 1911, de quem o escritor guardou também a habilidade para contar casos:

[...] Modesto, Manuel Almeida dos Guimarães Modesto, *seu* Maneco [...]. Quando contava da Rua Bela de São João, abundava em minúcias sobre seu vizinho, o Major Sukow, sua paixão pelas corridas de cavalos, sobre os

casamentos em que estivera, de suas filhas Vera e Glika, que tinham convolado com os poetas Augusto de Lima e Luís Carlos da Fonseca. A abolição, ele tinha visto em Cataguases e o êxodo da negrada largando a lavoura, metendo o pé na estrada e gritando que agora era tão bom como tão bom. A República e a deportação do *Banana*, gozara-a no Rio. Assistira, depois, à Revolta da Armada, batera-se como uma fe-fe-fe-fera na ponta da Armação e era Deus no céu e o Marechal na terra. Repetira seu nome em dois filhos – Floriano, morto menino de febre amarela, e Floriana Peixoto, que se casaria mais tarde com seu primo Julinho Modesto. Eu também gostava dos casos do velho, através dos quais ia me impregnando do *humour* meio amargo e meio resignado, daquele sentido carioca, subúrbio e Zona Norte – melancolia e entrega – que eram a sua tônica e que mais tarde fui encontrar em Lima Barreto, de quem o seu Modesto era vero personagem. De traços tão veementes como Policarpo Quaresma, era um velho forte e espadaúdo, cabelos brancos *en brosse carrée*, barba e bigodes de idêntica prata. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.311-312. Os destaques em itálico são do autor.).

Os casos contados por *seu Maneco* chamavam a atenção de Pedro Nava. As conversas incluíam desde experiências pessoais de Modesto até fatos que englobavam personagens das letras brasileiras, fatos da política nacional, mudanças na sociedade do país, os quais iam fazendo parte também da vida de *seu Maneco*, do cotidiano de pessoas comuns como eram os parentes de Nava. Assim, temas como a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República, a Revolta da Armada chegavam ao menino Pedro Nava não ainda pela leitura desses acontecimentos nos jornais ou em livros de História, de Literatura, mas por meio da voz de Modesto, temperados com ingredientes próprios da oralidade (tais como: a variação na entonação e no ritmo da fala; as ênfases; a performance¹⁵¹ de quem conta os casos ou narra uma história, um acontecimento, seus gestos, sua fisionomia, etc.), (re)criados pelo memorialista em seu texto. É a narrativa de Pedro Nava que nos transporta para a situação em que a conversa de *seu Maneco* com parentes do escritor se desenrolava. Então, é possível imaginar, por exemplo, a entonação de Modesto ao falar sobre “a deportação do *Banana*” com a proclamação da República; a sua excitação “como uma fe-fe-fe-fera” para se referir ao Marechal Floriano Peixoto na ocasião da Revolta da Armada. O contato de Pedro Nava com *seu Maneco*, com sua performance quase teatral para narrar os acontecimentos de seu país, preparava, podemos imaginar, o menino que Nava era na época, para o contato com a escrita. Posteriormente, ao ler um texto, Pedro Nava

¹⁵¹ Empregamos essa noção aqui para abordar a teatralidade (ZUMTHOR, 2007, p.18) que envolveria o comportamento de *seu Maneco* ao contar suas histórias na casa dos parentes de Pedro Nava, no Rio de Janeiro. Destacamos, portanto, nesse sentido, o “engajamento do corpo” (p.18) de quem conta histórias ou casos no momento em que faz isso para um público que ouve as narrativas e constrói sentido para elas por meio de suas percepções sensoriais. O ouvinte não apenas escuta as histórias, mas também vê as reações do corpo de seu interlocutor à medida que ele narra oralmente essas histórias.

encontraria elementos de uma fração da realidade, já conhecidos por ele por meio da oralidade.

A voz de outros, desse modo, não apenas aproximava Pedro Nava, quando menino, de assuntos e temas que apareceriam em textos escritos, mas funcionava também como um “catalisador”, se pensamos em uma analogia com as reações químicas. A oralidade, por assim dizer, teria levado o desenvolvimento de Pedro Nava, em relação às temáticas das culturas do escrito, ao seu ponto “ótimo”, potencializando, o mais possível, o aproveitamento do menino no que se refere à leitura, à compreensão do texto escrito. Uma vez que Nava já se familiarizara com temas que seriam tratados em textos escritos, ouvindo casos e participando de um contexto que envolvia sujeitos sociais e elementos característicos de uma narrativa oral, a leitura, realizada depois, ganhava mais sentido para ele. É assim que o escritor, considerando a interpretação que ele mesmo atribuiu às suas leituras nas *Memórias*, criou intimidade, foi se “impregnando do *humour* meio amargo e meio resignado, daquele sentido carioca, subúrbio e Zona Norte” com que se encontraria, mais tarde, em Lima Barreto, no clássico *Policarpo Quaresma*. A participação de Pedro Nava dos encontros da família com “*seu Maneco*”, nos eventos orais, havia preparado, de certa forma, o escritor para a leitura literária, de acordo com a sua interpretação do passado. Antes de mergulhar no texto escrito, Nava já conhecia o estilo da narrativa de *Policarpo Quaresma* e a personagem principal da trama.

Debates em torno de assuntos, sobretudo, políticos ocorriam com frequência, na casa dos parentes paternos de Pedro Nava, no Rio de Janeiro. Assistindo ao embate de opiniões entre seus familiares e amigos de seus parentes, Nava, desde menino, ia compreendendo não somente o cenário brasileiro nos primeiros anos do século XX, mas também as estratégias que os interlocutores usavam para opor argumentos, criticar e satirizar personalidades da política nacional:

Outro assunto que dava pano para mangas era *hermismo* e *civilismo*. Já se sabe que o hermista único era meu futuro tio Heitor Modesto, por causa da Escola Militar, mais sua amizade com o Mário Hermes e com o *Jangote*. Dentro do 106 todos, até as crianças usavam o distintivo civilista – o retrato do Conselheiro Rui Barbosa numa espécie de broche celulóide, redondo e cor de sépia. O Modesto também ostentava o do *hermismo*, exatamente igual ao dos adversários, só que em vez da face de Rui mostrava a cara do marechal. [...] Com aquele sorriso descuidado de militar feliz de que a caricatura se apossaria para [...] transformar naquela fisionomia lorpa e alvar que as revistas ilustradas divulgariam largamente, num país desmandibulado de gargalhadas. Meu Pai e tio Salles malhavam a uma no adversário e reproduziam as anedotas que ocorriam

sobre o futuro presidente. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.335. Os destaques em itálico são do autor.).

Ouvindo os argumentos do futuro tio de um lado e, de outro, as gozações de seu pai e de Antônio Salles, Pedro Nava ia também aprendendo quais são as maneiras que se tem (ou se constrói) para participar de uma discussão, de um confronto de idéias. Possivelmente, a munição do memorialista sagaz e demolidor de personalidades (e também de personagens mais comuns, da sua história) que se tornou tenha vindo de um longo processo de captação e acumulação de capitais, disponibilizados também e em grande medida por sua família.

1.2. Contando histórias... Na família materna, uma exceção

Rosa de Lima Benta, uma das “crias”¹⁵² de Maria Luísa, era negra. Fora entregue à “Sinhá” porque seu pai, também negro, de Bom Jesus, matara e cumpria pena (NAVA, *BO*, 2002, p.227). Rosa, entre as mulheres ligadas ao ramo materno da família Pedro Nava, apresenta-se, nas *Memórias* do escritor, como uma exceção. Em primeiro lugar, ela tinha a admiração e o carinho de Nava; em segundo, caracterizava-se por possuir alguns traços que aparecem, com maior força e mais freqüentemente, nos parentes paternos do escritor.

Por meio da análise das *Memórias*, não é possível afirmar que Rosa soubesse ler. Ela, contudo, assim como José e Antônio Salles, pai e tio de Pedro Nava, conhecia muitas histórias.¹⁵³ Era Rosa quem contava para Nava, menino, os contos de fada que sabia:

Mas o melhor é que Rosa, além de ser um canhenho vivo, sabia, ouvidas não sei onde nem de quem, todas as histórias de Andersen, Perrault e dos Irmãos Grimm. Devo a ela as da Sereia Menina, do Rouxinol, do Patinho Feio e dos Cisnes Bravos... Do Gato de Botas, do Barba Azul e do Chapeuzinho Vermelho... Da Borracheira, do Pequeno Polegar e da Branca de Neve... Todas as

¹⁵² A respeito das “crias”, Pedro Nava assim escreveu: “[...] Abolida esta [a escravidão] e não se podendo mais comprar negro, as senhoras de Minas tomavam para criar negrinhas e mulatinhas sem pai nem mãe ou dadas pelos pais e pelas mães. Começava para as desgraçadas o dormir vestidas em esteiras postas em qualquer canto da casa, as noites de frio, a roupa velha, o nenhum direito, o pixaim rapado, o pé descalço, o tapa na boca, o bolo, a férula, o correão, a vara, a solidão. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.247).

¹⁵³ Segundo GALVÃO (1998), em análise do cotidiano da escola, entre os anos de 1890 e 1920, a partir da obra de José Lins do Rego, “os contadores populares”, “adultos que concentravam a atenção e fascinavam os meninos” (p.103), marcavam sua infância. De acordo com a autora, em *Menino de engenho*, é a “velha Totonha” quem “encarna [...] esses personagens, [...] mágicos para os olhos de hoje, bastante familiares naquele momento” (p.104). Totonha narrava as histórias e também as dramatizava. Nas *Memórias* de Pedro Nava, bem como no poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira, Rosa é a personagem que ocupa esse espaço de encantamento dos meninos ao contar-lhes histórias.

noites, na hora de deitar... Rosa! Agora a Pele de Burro. Agora a Bela e a Fera. E vinham as histórias. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.228).

A descrição que Pedro Nava fez de Rosa nesse trecho de seu *Baú de Ossos* nos faz pensar que ela talvez não soubesse ler, pois conhecia as histórias maravilhosas que tanto agradava a Pedro Nava “de ouvido”. Fato é que, pelo que se vê nesse exemplo, entre os anos de 1903 e 1910, período em que viveu o escritor em Juiz de Fora, antes de se mudar pela primeira vez para o Rio de Janeiro, às vezes, morando na casa de Maria Luísa, outras vezes, longe dela, Nava pôde ouvir de Rosa os clássicos infantis. As histórias de Rosa, ao mesmo tempo em que familiarizava Pedro Nava com o mundo dos contos de fada e das histórias infantis, instigava o menino a construir sentido para os textos que ouvia. Na perspectiva do escritor, ele experimentava, “de verdade”, as histórias de Rosa porque as personagens do reino da fantasia viviam também em personagens da vida real: “[...] Além de ouvir a onda de poesia das histórias de Rosa eu as vivia porque alguns personagens de suas sagas andavam envultados em conhecidas de Juiz de Fora. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.228-229).

Temos aqui um exemplo de um dos modos de apropriação de Pedro Nava das histórias que escutava durante a infância e também dos livros que leu ao longo da vida. Tal como os sentidos que o escritor atribuiu ao romance de Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, e ao texto *As Minas de Salomão*, conforme se verá mais adiante neste capítulo, as histórias contadas a Nava por Rosa eram utilizadas na compreensão da vida de todo dia: “Gênio bom era o Doutor Beauclair. Diziam que era médico e era mesmo, por sinal que médico de meu irmão Paulo. Instruído pelas histórias da Rosa, eu sabia, apesar de sua estatura, que ele era um dos sete anões da Branca de Neve. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.230). Temos aqui relações de apropriação que aproximam o texto oral do texto escrito. Vive-se na vida real o mundo literário, o que costumaria acontecer com “leitores éticos”,¹⁵⁴ independentemente se as histórias são conhecidas por meio da narração oral e em grupo, ou por meio da leitura individual e solitária.

Também a história de um alfaiate de Juiz de Fora é mais um exemplo de como a ficção oferecia uma possibilidade ao menino Pedro Nava para compreender a realidade:

¹⁵⁴ Ver as problematizações elaboradas por LAHIRE (2002) a respeito das formulações de BAKHTIN (1992a) e BOURDIEU (1976).

[...] O pior de todos foi um alfaiate que despedaçou a mulher com o tesourão do ofício. Não havia de ser a primeira. Ele noivara depois dos sete dias de folgedos e caçadas que meu tio Chico Horta oferecera por ocasião de suas bodas de ouro. Quando eu passava pela casa do malvado, via sempre a janela fechada do quarto onde estavam penduradas pelos pescoços abertos suas sete mulheres e seus sete manequins sem cabeça – e sentia um cheiro de sangue e carniça empestando a Rua de São Sebastião. Quando ele foi preso, quis virar urso, mas meu Pai, chamado como perito, demonstrou que tudo era farsa e que ele era mesmo Gilles de Rays, o Barbazul. O Duque de Bretanha, que era então Juiz de Direito, deu-lhe trinta anos e ainda foi pouco (NAVA, *BO*, 2002, p.230).

A história do “Barbazul”, contada a Nava por Rosa, misturava-se às *personas* da vida (real?). Trata-se, pois, de mais um exemplo que nos mostra como Pedro Nava, na infância, apropriava-se das narrativas que ouvia.

A maneira como Rosa contava as histórias a Pedro Nava fazia com que o menino se prendesse tanto ao conteúdo da narrativa que, posteriormente, esse conteúdo seria utilizado para dar sentido aos acontecimentos do mundo em que ele vivia, como também a outros elementos que constituíam a apresentação mesma da história por parte de quem as contava (ou recitava):

Entretanto, história que deixava longe a da Mimi Canuto era a da perversa Juliana. [...] A voz da Rosa alteava-se no final como a de uma *prima dona*. Sincera no papel duplo que representava, sincera a ponto de chorar de Dom Jorge agonizando, gargalhar de Juliana e chorar novamente com todos os meninos que choravam, indiferentes à barbárie das rimas, aos pés quebrados e aos versos ora hepta ora octossilábicos. O talento cênico da negra era fantástico e ela interpretava genialmente, à mineira, cantiga portuguesa ou coisa erudita tornada canto popular. Ah! Rosa [...]. Agora a Juliana. Ela encenou, contracenou e cantou [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.231-233. Os destaques em itálico são do autor.).

O significado das palavras ganhavam mais vigor com a performance de Rosa. A variação na voz levava Pedro Nava a perceber a tensão que surgia no interior da trama narrada por causa das ações da anti-heroína. No seu papel representativo das personagens da história que ia contando ao menino, Rosa prendia-lhe a atenção porque, ao contar a história, era como se encarnasse os sentimentos e o caráter das personagens. Rosa interpretava de tal modo a história que contava a Pedro Nava, que ele não pôde se esquecer nem do conteúdo da narrativa que ouvira, nem da forma que o texto teria: “versos ora hepta ora octossilábicos” de “pés quebrados”. A habilidade cênica de Rosa encantava o menino que pedia que ela lhe contasse uma e outras vezes as histórias já contadas. Repetia-se o mundo maravilhoso da fantasia, e o gosto do menino pela ficção ia se consolidando. Para os dias mais difíceis, histórias que amenizassem o sofrimento: “[...] Os dias de doença, passava-os

ouvindo histórias da Rosa ou na janela vendo o dia amarelo. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.262).¹⁵⁵

Vale notar que quem contava a Pedro Nava as histórias não eram as mulheres da família, suas parentes biológicas por assim dizer, mas, sim, Rosa, uma mulher que se agregava à família materna do memorialista. Atualmente, são os pais e especialmente as mães, as tias, as mulheres das famílias de crianças pequenas que, em geral, contam-lhes histórias. Alfabetizadas e participando das culturas do escrito, reconhecem o valor (seja afetivo, seja em termos de letramento¹⁵⁶) de se contar ou ler histórias para as crianças. No caso de Pedro Nava, diferentemente desse comportamento contemporâneo, comum entre membros de famílias de classe média, quem se mobilizava, na primeira infância, para lhe apresentar os contos de fada e as histórias infantis, era Rosa, uma espécie de empregada da casa de sua avó materna, que, provavelmente, não sabia ler e escrever.

1.3. Oralidade, leitura e escrita

Quando menino, Pedro Nava, como destacamos anteriormente, ouvia de sua família casos, histórias, conversas. Em um ambiente com livros, revistas, jornais; estantes, escrivaninhas; instrumentos musicais, como pianos e flautas; partituras e o convite, sobretudo por parte de seus parentes paternos, para que, também ele se envolvesse em práticas de leitura e escrita, a oralidade estava sempre presente. A voz, no ramo paterno da família do escritor, era não só um instrumento para transmitir às gerações mais novas princípios valorizados pelo grupo e que caracterizavam seus ancestrais, mas também o meio pelo qual seus familiares comentavam fatos cotidianos ou suas leituras.

Ao longo da análise do processo de formação de Pedro Nava, especialmente na família, em seus primeiros dez anos de vida, destaca-se a importância da oralidade como

¹⁵⁵ Para ZUMTHOR (1993), o efeito exercido pela oralidade sobre o sentido e o alcance social dos textos é diferente do efeito produzido no contato com o texto escrito pela leitura individual e solitária. Segundo o autor, “na economia interna e na gramática de um texto não importa que ele tenha ou não sido composto por escrito. No entanto, o fato de ele ser recebido pela leitura individual direta ou pela audição e espetáculo modifica profundamente seu efeito sobre o receptor e, portanto, sobre sua significância” (p.23-24). Ouvir a voz e captar a performance possibilitaria perceber o texto concretamente realizado em uma produção sonora em que fala e expressão estão juntas, “no bojo de uma situação transitória e única” (p.219). Retomar a experiência da infância em que se ouviu de outrem as histórias significa buscar o prazer do contato saboroso com a vibração do textos no corpo (de quem os interpreta por meio da performance no ato da enunciação; de quem os escuta na voz do intérprete).

¹⁵⁶ Utilizamos o termo em nosso trabalho de acordo com o estudo de SOARES (1998).

organizadora dos encontros entre Nava, os parentes e amigos da família do escritor. Diferentemente do que talvez se pudesse esperar,¹⁵⁷ as conversas que constituíam as sociabilidades da família de Pedro Nava organizavam-se, comumente, em torno de textos escritos. Muitas das conversas que aconteciam nos serões, nas casas de diversos parentes de Nava, eram suscitadas pela leitura de textos de diferentes gêneros. Literários ou não, históricos, publicados em jornais e revistas, esses textos (lidos ou que seriam lidos após os encontros entre familiares e amigos) apresentavam-se como o eixo das conversas. Os espaços de sociabilidade dos parentes de Pedro Nava e do próprio escritor, quando menino, caracterizavam-se, portanto, por serem ambientes em que oralidade e escrita, duas instâncias da cultura letrada,¹⁵⁸ estavam intrincadas, uma engendrando a outra. Conversas que aconteciam em gabinetes, escritórios; encontros em que se debatiam política, abolição da escravatura, literatura, o que se deveria publicar nos jornais, como destacamos no capítulo II, não eram raros nas casas dos parentes de Nava.

¹⁵⁷ Segundo GINZBURG (2006, p.13), “a cultura das classes subalternas é (e muito mais, se pensarmos nos séculos passados) predominantemente oral”. Mas em qual medida a oralidade não se apresenta, de maneira complexa e intrincada, como constituinte também da cultura das elites? Muitos estudos, sobretudo a partir da década de 1960, tenderam mostrar como sociedades orais e sociedades letradas, essas últimas, caracterizadas pela presença da cultura escrita, se contrapõem tanto do ponto de vista das atitudes e comportamentos dos indivíduos em seu cotidiano, quanto do ponto de vista do funcionamento de suas estruturas cognitivas. Em geral, esses estudos, que exploraram a temática acerca da cultura escrita, tenderam dicotomizar o mundo letrado, separando e opondo culturas orais e cultura escrita. Os estudiosos procuravam demonstrar que teria havido uma evolução na história da humanidade na medida em que muitas sociedades teriam passado, linearmente, de sociedades de cultura oral para sociedades de cultura letrada e grafocêntrica. Com isso, tais estudos tentaram evidenciar, ainda, que o mundo da cultura escrita não envolveria práticas e modos de pensamento tipicamente orais; mas, sim, práticas e maneiras de pensar próprias de uma cultura da escrita, de uma cultura que já teria “superado” o seu estágio oral e que, por isso mesmo, seria constituída de saberes, práticas e raciocínios “mais avançados”, “mais evoluídos” e, portanto, muito diferenciados dos saberes, das práticas e dos raciocínios do mundo oral. Sobre estudos que tenderam destacar possíveis dicotomias entre culturas orais e a cultura escrita, bem como uma suposta evolução, à medida que as sociedades tiveram suas culturas, antes tipicamente orais, transformadas pela entrada da escrita e de seus recursos, ver ONG (1986, 1998), HAVELOCK (1988), COOK-GUMPERZ e GUMPERZ (1981).

¹⁵⁸ A partir da década de 1970, alguns pesquisadores, como Jack Goody (1988), passaram a reformular suas teorias a respeito das relações entre oralidade e escrita, a respeito das características e do funcionamento de sociedades tipicamente orais e de sociedades letradas, grafocêntricas. Esses pesquisadores, a partir desse momento, observaram que há complexas relações entre o oral e o escrito, bem como a impossibilidade de analisar as sociedades, a partir de um viés etnocêntrico, dividindo-as (e, ao mesmo tempo, classificando-as como “primitivas” ou “mais avançadas”) em termos antagônicos, segundo um maior ou menor grau de presença da escrita. Para um prolongamento dessa discussão, ver os estudos de EISENSTEIN (1985), GRAFF (1987, 1994), STREET (1995) e OLSON (1994), os quais evidenciaram as intrincadas relações entre oralidade e escrita. Nesta dissertação, utilizamos também a revisão crítica dos estudos dedicados à análise das relações entre oralidade e escrita e às supostas conseqüências da introdução ou difusão da escrita e da imprensa em sociedades, em grupos sociais, realizada por GALVÃO e BATISTA (2006). Há também uma revisão crítica desses estudos elaborada por RIBEIRO (1999).

Pedro Nava viveu considerável parte da infância envolvido pelos livros. Se no início de sua vida, passara algum tempo na casa da avó materna, espaço que não seria rico em material escrito, Nava contava com a presença do pai, médico, leitor de diversificados textos, homem que desde a juventude entregava-se à escrita, também ela diversificada. Em Juiz de Fora, Pedro Nava, conforme o que apresentamos no capítulo II, morou com seus pais em casas onde assistia à leitura cotidiana de jornais por José, onde havia os livros do pai. Também em Juiz de Fora, Nava já manuseava as revistas enviadas por suas tias paternas a ele para folhear e recortar. No Rio de Janeiro, o contato com as culturas do escrito só se intensificou, pois, nessa cidade, além do pai, moravam outros parentes leitores, letrados.

Mas não somente (d)o contato com a escrita Pedro Nava (se) aproveitou. Juntamente com a imersão em ambientes onde circulavam impressos, livros, jornais, cadernos de colagens e anotações, revistas, Nava viveu também envolvido pela conversa a respeito dos livros. Sua intimidade com a cultura escrita foi se tornando, ao longo da vida, de tal modo forte que, na sua memória (ou em suas *Memórias*), ficaram impressas as histórias ouvidas de seus parentes como se elas tivessem sido lidas por ele na infância: “Era sempre nessa dependência – meio sala, meio escritório – que nossa família se reunia para conversar. A Marout gostava de evocar a história de Carleto, Roca e dos mancebos esganados. Foi meu primeiro folhetim de sangue... [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.332).

Na interpretação de Pedro Nava, escritor adulto, a história contada pela tia-avó paterna ganha contornos de um gênero textual escrito: o folhetim. Oralidade e escrita misturam-se no mundo letrado. As evidências desse fenômeno estão não apenas no tecido textual das *Memórias*, no vocabulário que o escritor usou para (res)significar as experiências de contato com as narrativas, como também, no evento do passado, na escolha dos parentes por determinados espaços em que a família de Nava reunia-se para conversar. Portanto, para contar, ou melhor, para “evocar” histórias, opta-se pelo cômodo da casa que se aproxima de um escritório. Esse cômodo costuma ser o espaço onde os moradores da casa (ou pelo menos, alguns deles) guardam seus livros, seus papéis, os objetos que utilizam ao lidar com a escrita; onde estudam e trabalham quando o ofício relaciona-se de alguma forma com a leitura e com a escrita.

Outro exemplo que reforça a hipótese de que Pedro Nava se recordou das histórias ouvidas como se tivessem sido lidas, especialmente devido às palavras que o autor escolheu usar para significar a experiência vivida no passado, encontra-se neste episódio

em que Nava classifica como “folhetim”, tal qual no caso da história contada por Marout, o tipo de história, desta vez, contada por seu pai:

Segundo folhetim – tim-tim por tim-tim. Mais sangue! A história de Euclides da Cunha contada por meu Pai. Tinha criado duas serpentes no seio. No princípio eram mofinas como fios de linha e frias. Ao calor daquele coração de fogo cresceram, puseram roscas, engrossaram, ficaram como torres – cheias de escamas de aço e anéis de ferro. No princípio, foi só a desconfiança. Isso é ovo de pardal em ninho de tico-tico, seu Coelho Neto! Depois aquele flagrante do Largo da Carioca. A certeza e o desforço. A casa da Piedade. Ainda teve tempo de acertar uma das cobras, quebrar-lhe espinha e trem posterior, mas a outra veio vomitando fogo e acabou com ele. “Toma cachorro!” Meu Pai terminava contando os lances da autópsia praticada por um Afrânio Peixoto lavado em lágrimas. No mármore do necrotério, aquele cérebro... *Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do gênio e da paixão que tinham abrasado aquele mestiço neurastênico do litoral...* (NAVA, BO, 2002, p.333. O destaque em itálico é do autor.).

Sabemos ser o folhetim um gênero textual publicado em jornais, durante o século XIX.¹⁵⁹ Publicavam-se, no jornal, capítulos de uma história; em geral, de romances. Desse modo, a reunião de todos os folhetins publicados no impresso configuraria o enredo completo de uma trama. No caso das histórias ouvidas por Pedro Nava, as histórias “de sangue” chegavam a ele por meio de seções em que os parentes narravam pedaços de uma trama, capítulo por capítulo, como se estivessem impressas e publicadas em jornais, na forma de um folhetim.

Com efeito, muitos escritores usavam o jornal para fazer circular seus textos que depois eram reunidos na forma de um livro, outro modo de publicação do romance.¹⁶⁰ Elaborando uma analogia com os textos assim publicados nos jornais e com a expectativa que essa maneira de fazer circular os textos causava nos leitores, Pedro Nava retoma as histórias ouvidas por ele na sua casa. O memorialista usa, desse modo, um termo próprio do mundo da escrita, do impresso, para significar a sua experiência: o contato com a clássica história de Euclides da Cunha. Certamente, seu pai teria lido antes para contar ao filho (e a quem mais estivesse presente no momento da “palestra”) a história de *Os sertões*. Em outras palavras, Pedro Nava se vale de um conceito próprio da cultura escrita para falar de sua experiência *como ouvinte* da narrativa de Euclides da Cunha, narrativa que ele só

¹⁵⁹ Conforme o trabalho de MEYER (1996), já referido no capítulo II desta dissertação.

¹⁶⁰ Destacam-se, nesse sentido, algumas das produções de José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis (MEYER, 1996, p.63).

conheceria por meio do impresso, pela leitura, mais tarde. Na infância, o pai contava-lhe um pedaço da história que havia lido antes, como se fosse um folhetim; podia-se conhecer apenas um capítulo do romance histórico por dia. Trata-se, nesse caso, de uma narrativa oral que tem como base a escrita, que seguiria a organização do texto escrito e, em alguma medida, os modos de se ter acesso a esse tipo de texto.

As histórias de Napoleão Bonaparte e *Dom Quixote* também chegariam a Pedro Nava, na sua infância, por meio da oralidade. Apoiando-se no livro, Antônio Salles contava para o sobrinho as histórias que ele mesmo já conhecia, que ele mesmo já teria lido:

Quando voltei para casa corri à sala de visitas. Não havia [...] sala de visitas. Tinham tirado vários móveis, posto uma cama larga, um armário e improvisado dormitório; tio Salles e tia Alice tinham chegado do Ceará. Ia ser tempo de figura em livro e de uma história saindo de cada estampa. Foi quando conheci Napoleão Bonaparte, Dom Quixote e Sancho Pança. Tio Salles apresentou-me os três no mesmo dia. O primeiro, de bandeira na mão, passando a Ponte de Arcole. O segundo, recebendo a pranchada de cavaleiro, tendo para pôr à cabeça a bacia de barbeiro que era o elmo de Mambrino. O último, tal qual balão, sendo levantado pelas cobertas brandidas pela canalha hílare do pátio da estalagem (NAVA, *BO*, 2002, p.317).

As imagens, as figuras, as ilustrações que já encantavam Pedro Nava quando menino serviam como base para a memória do tio, que usava as estampas dos livros para contar histórias ao sobrinho. Narrativa oral cruzava-se, desse modo, com elementos da cultura escrita,¹⁶¹ e o gosto de Nava pela descoberta de histórias ia se construindo graças ao que

¹⁶¹ Por meio de uma analogia, podemos aproximar a relação que Pedro Nava estabelecia com as histórias narradas a ele por Antônio Salles, a partir do que sugeria os livros presentes nessa interação entre tio e sobrinho, da análise proposta por Irene Machado (1995). Jerusa Pires Ferreira, ao prefaciar o trabalho da autora, afirma: “o que Irene pôde ver na proposta de Bakhtin é que o *romance*, ‘gênero’ escrito-impresso da chamada literatura, tem sua natureza mista – escrita por suporte e por condição, mas contendo os princípios da oralidade por origem e transmissão” (1995, p.14). No caso das histórias que Nava ia conhecendo na infância e pelas quais ia ganhando gosto, encontramos não uma natureza “mista”, que se caracterizaria por uma influência “externa, parcial” do escrito (ZUMTHOR, 1993, p.18) na oralidade, mas, sim, uma natureza que se relaciona com a oralidade segunda. Se considerarmos as formas de transmissão das histórias por Salles a Pedro Nava e a apropriação pelo menino dessas histórias, percebemos que elas se “recompõem com base na escritura” (p.18). Elas são escritas e impressas devido à existência do suporte livro em que há figuras (que sugerem a narrativa já lida por Antônio Salles), mas também são constituídas pela oralidade tendo em vista seus modos de transmissão na família do memorialista, bem como sua (re)criação na voz do tio. Não temos, assim, a oralidade mista, pois ela não procede a “existência de uma cultura ‘escrita’ (no sentido de ‘possuidora de uma escritura’)”; temos a oralidade segunda, tal qual ela se apresenta em muitos momentos de sociabilidade na família de Pedro Nava. Trata-se “de uma ‘cultura’ letrada (na qual toda expressão é marcada mais ou menos pela presença da escrita)” (p.18).

ele ouvia. Logo, a oralidade o familiarizava tanto com objetos da cultura escrita, quanto com modos de organização de um texto escrito (oralizado).

Quando a conversa não era organizada em torno da leitura prévia de um livro, cuja história seria contada durante o encontro entre familiares e amigos, o tema era, freqüentemente, a política:

[...] Tio Salles contava estas histórias tremendo de indignação e elas levavam-no a seu assunto favorito – o velho Accioly. Ia logo buscar as laudas do livro que estava escrevendo e que devia ser o complemento e a continuação do libelo Frota Pessoa. Lia alto. Era a crônica das violências, das pancadas, das mortes, dos exílios, das perseguições e das patotas que se desenrolavam no seu estado natal. Eu de tanto ouvir falar em Accioly e nas maldades de Accioly, acabei dando dimensões sobre-humanas ao oligarca. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.335).

Elemento comum nas narrativas orais, a performance de quem conta a história acaba por ser um elemento que contribui com a memorização da história por parte de quem a ouviu.¹⁶² Vendo o tio tremer de indignação, ao contar os casos relacionados ao quadro político brasileiro, ou mais especificamente, do Ceará, Pedro Nava teve mais chance de não se esquecer do que era discutido nos encontros entre seus parentes, nem tão pouco do que acontecia nesses encontros. A análise de sua narrativa mostra-nos como fatores que caracterizam eventos orais misturam-se com fatores característicos do mundo da escrita. No exemplo citado anteriormente, percebemos o tio de Pedro Nava envolto nos casos a respeito dos quais falava, que o fazem trazer, para o contexto da conversa, as páginas do livro que ele estava escrevendo. Para apresentar seus escritos aos participantes da conversa, no lugar de dar a cada um uma página para a leitura individual, lê, ele mesmo, em voz alta o que já havia produzido.¹⁶³ Valendo-se de sua voz, Antônio Salles oferece aos ouvintes

¹⁶² Para ZUMTHOR (1993, p.139), a voz assumiria “uma função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo não poderia sobreviver”. Ela está em toda parte, é conhecida de cada um, está integrada nos discursos comuns, é referência permanente, segura. Quando as pessoas contam histórias a outras, quem ouve passa a ter uma imagem que não se apaga, mesmo que o tempo e os interlocutores, aqueles que contam histórias e casos, tenham passado. Isso ocorre porque ela reúne narradores e ouvintes, os interlocutores “num instante único – o da performance –, tão cedo desvanecido que se cala; ao menos, produz-se essa maravilha de uma presença fugidia mas total” (p.18).

¹⁶³ Estaríamos diante de situações, no caso das interações comunicativas no espaço da família de Pedro Nava, em que a voz aparece como mediadora da relação na qual os indivíduos entram em contato com o texto escrito, que seriam representativas de um contexto cultural mais amplo? Em outras palavras, os modos de interação dos parentes de Pedro Nava e do próprio escritor com as culturas do escrito estariam sinalizando maneiras construídas (também) pelas elites brasileiras, no início do século XX, para interagir com a leitura e a escrita? Fala e escritura constituiriam os modos de participação nas culturas do escrito pelas elites nas primeiras décadas do século XX, no Brasil?

(incluindo-se aí Pedro Nava) o contato com a sua escrita, o relato (e a sua interpretação) do governo Accioly.

Temos, nos exemplos analisados, uma relação estreita entre oralidade e escrita, entre voz e material impresso e manuscrito que, paulatinamente, foi familiarizando Pedro Nava com as culturas do escrito. Ouvindo histórias e casos, vendo seus familiares em diferentes atividades que exigiam a utilização da escrita e de materiais do mundo letrado, vivendo em ambientes com a presença desses materiais, de livros, jornais, revistas, podendo ele mesmo manusear esses materiais Nava foi adquirindo já, durante a infância, intimidade com o mundo da escrita. Esse mundo, inúmeras vezes, foi se apresentando ao menino por meio da oralidade que potencializava o aprendizado de Nava e o aproximava de um mundo que ele ainda não decifrava, não decodificava, mas já conhecia graças à familiaridade propiciada pela voz do outro.¹⁶⁴

1.4. Vivendo em contextos marcados pela presença de materiais escritos, impressos e práticas letradas

Os familiares com quem Pedro Nava convivia nas primeiras décadas do século XX, período em que ele ainda era um menino com menos de dez anos de idade, possuíam uma rotina em que o material escrito estava sempre presente. Sendo a presença desses materiais tão frequente, comum e natural na vida dos adultos nada seria mais “normal” que oferecer às crianças da família material impresso, revistas para folhear e cortar. Dessa maneira, com menos de cinco anos de idade, Pedro Nava estava não somente mergulhado em espaços letrados,¹⁶⁵ com pessoas que liam e escreviam cotidianamente, mas também tinha, ele mesmo, a possibilidade de conhecer os materiais que circulavam em sua casa, na sociedade de sua época. Mesmo sem ser alfabetizado ainda, folheava e cortava revistas que ganhava de presente de suas tias:

¹⁶⁴ GALVÃO (2002), em seu estudo sobre os ouvintes de cordel em Pernambuco, entre as décadas de 1930 e 1950, mostra como analfabetos participavam da cultura escrita mesmo sem saber ler e escrever. Também SOARES (1998, 2003) mostra como pessoas que ainda não dominam a tecnologia da escrita envolvem-se em eventos de letramento.

¹⁶⁵ Como mostramos anteriormente, no capítulo II, as casas onde Pedro Nava viveu a maior parte de sua infância tinham um cômodo destinado aos livros, às partituras, às estantes, à escrivaninha. Em geral, nesse gabinete, o escritório da casa, muitas vezes, com também já mencionamos, aconteciam as conversas e os debates entre os parentes de Nava e amigos da família. Em geral, ele, menino que era, ouvia com frequência a essas conversas.

[...] Eu tinha diante dos olhos o exemplo de meu Pai, de suas irmãs, de seus cunhados, permanentemente atracados num volume da coisa impressa. Não possuía noção de leitura e já minhas tias mandavam para Juiz de Fora revista infantil que eu folheava e cortava. Vejo isto numa carta escrita por meu Pai a 22 de fevereiro de 1908, agradecendo a remessa de publicação chamada *Fafasinho*.¹⁶⁶ Viveu só dois anos, 1907 a 1908. Não conheceu o destino de *O Tico-Tico*,¹⁶⁷ que durou mais de meio século, 1905 a 1959. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.353-354).

Ainda que não dominasse a tecnologia do ler e do escrever,¹⁶⁸ Pedro Nava convivia quase que espontaneamente com materiais escritos em sua casa e com os usos que deles faziam seus parentes. As revistas, Nava ganhava de presente. Os livros estavam nas estantes. Seus parentes comentavam o que liam; alguns deles, recortavam textos dos jornais para colar em cadernos. A leitura e a escrita compunham o cotidiano de seus familiares e engendravam muitas de suas relações.

O trabalho de escrever unia-se tanto às necessidades dos familiares de Pedro Nava (como, por exemplo, as anotações que resultavam dos estudos de seu pai para os concursos de médico legista que fazia no Rio de Janeiro), quanto a seus sentimentos. Enquanto viveu

¹⁶⁶ Em recente levantamento bibliográfico, não encontramos uma revista denominada *Fafasinho*, nem estudos nos quais esse impresso se configurasse como objeto ou fonte de investigação. Localizamos, no entanto, um artigo de Andréa Leão (2004) em que a autora, ao se debruçar sobre as relações entre Francisco Alves e a formação da literatura infantil no Brasil, em fins do século XIX, analisa as histórias e os personagens do livro *Era uma vez*, editado em novembro de 1909, comparativamente com o personagem *Fafasinho*. Segundo Leão, a criação de Viriato Correia assinava a “coluna literária *Gazeta das Crianças*, no jornal *Gazeta de Notícias*” (2004, p.10). Muitos dos contos do livro *Era uma vez*, de acordo com a pesquisadora, já teriam sido lidos pelas crianças no jornal, na época em que Viriato Correia, escritor maranhense que desembarcara no Rio de Janeiro, em 1903, “na pele” de *Fafasinho*, publicava suas histórias na *Gazeta*.

¹⁶⁷ Semanário que circularia, no Brasil, a partir de 1905 (LEÃO, 2004, p.9), a revista almejava o mesmo prestígio gozado pelos livros destinados às crianças uma vez que publicava contos e poesias de autores consagrados, bem como anunciava novidades da literatura infantil. Tal qual os livros que constituiriam uma “Biblioteca Infantil” (p.9), publicados por Francisco Alves, *O Tico-tico* seria um dos componentes de uma coleção dirigida às crianças, para leitura realizada fora da escola. Primeira revista de quadrinhos do Brasil (VERGUEIRO; SANTOS, 2005), fundada por Bartolomeu de Souza e Silva (SILVA, 2005, p.37), o impresso carioca teria sido inspirado em publicações infantis européias de grande sucesso desde fins do século XIX, tal como a *Petit Français Illustré* de 1889 (CHINEN, 2005, p.104). Ao lado das histórias em quadrinhos, *O Tico-tico* reunia, em suas páginas, histórias ilustradas e grande diversidade de gêneros textuais: “charadas, adivinhações, lições de história, ciências, boas maneiras e civismo, curiosidades” (AUGUSTO, 2005, p.6), “partituras e letras de músicas, peças teatrais [...], textos sobre cinema” (SANTOS, 2005, p.122), “notícias esportivas, entrevistas e anúncios publicitários” (MERLO, 2005, p.126). Teve como leitores, entre as gerações de brasileiros que divertiria e educaria, além de Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Nelson Rodrigues, Lygia Fagundes Telles, Ana Maria Machado, Moacyr Scliar, Ziraldo, Assis Chateaubriand, Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, José Midlin, etc. (VERGUEIRO; SANTOS, 2005), embora fosse uma revista originalmente “feita para meninos” (VERGUEIRO, 2005, p.176).

¹⁶⁸ Para SOARES (1998, p.39), “*aprender a ler e escrever* significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita [...]” (O destaque em itálico é da autora.).

com os pais, os irmãos, com tio Salles e as tias paternas no Rio, entre os anos de 1910 e 1911, Nava presenciava todo o processo de escrita do tio. O trabalho de Antônio Salles sobre um poema que ofereceria à Alice, sua mulher, envolvia a escrita, a leitura, a oralidade:

[...] Todas as manhãs ele sentava-se cedo a essa mesa e escrevia até as dez, onze horas. Riscava, corrigia, lia baixo, rasgava, recomeçava; relia, rasgava outra vez, tornava a principiar, lia alto, retomava, até engastar o fecho de ouro na ourivesaria difícil do soneto ou do poema. Aí ele respirava aliviado, deixava cair a lima, o camartelo, o cinzel e acendia meio charuto. Em torno dele, a musa adejava com gestos precisos e silenciosos, nítidos e inaudíveis como o bater de asas de borboleta. Vem ver se está bonito, minha filha... Estava. E ela pagava com um beijo.

Tu és a companheira estremecida,
Que enfrentando, animosa, o fado rudo,
Me tens servido de piedoso escudo
Contra os golpes mortíferos da vida.

.....

Este livro em que uma alma se retrata,
Como se num espelho ela se visse,
É uma pequena e comovida oblata
Que deponho a teus pés, oh! minha Alice. (NAVA, *BO*, 2002, p.318).

Praticamente um turno do dia de Antônio Salles era dedicado a produzir um texto. A produção não envolvia apenas processos que seriam característicos da produção de um texto escrito, a qual se constituiria apenas dos atos de ler e escrever, tais como riscar, corrigir, ler baixo, descartar aquilo que não lhe parece bom suficientemente, escrever de novo, reler. A escrita, no caso do tio de Pedro Nava, incluía também a revisão das versões do texto utilizando, para isso, a mediação da voz. Não bastava ler silenciosamente o que se havia escrito, era necessário ler alto, em voz alta (ainda mais no caso de um poema) para encontrar “o fio da meada”, a maneira mais adequada de produzir o texto que se desejava escrever. De todo esse processo era permitido que Pedro Nava participasse.

Para ler e escrever, havia, na casa de Aristides Lobo, um espaço destinado a essas atividades, bem como móveis e objetos característicos do lugar e dos processos que envolvem o trabalho da leitura e da escrita:

[...] A mesa que tio Salles, onde chegava, arranjava sempre igual, para trabalhar e onde ele colocava seus apetrechos de modo invariável.¹⁶⁹ A pasta confeccionada por ele. O renque dos dicionários. A espátula, o pote de goma, a tesoura, o porta-lápis barato, de metal dourado a purpurina e onde ficavam, em situação idêntica, a caneta de pena fina de tia Alice, a de pena grossa do próprio tio Salles, o bicolor azul e vermelho, a raspadeira para apontar os lápis e apagar a escrita feita a tinta. Numa caixinha ao lado, os prendedores, os percevejos, as borrachas. Outra caixa, a dos charutos, que ele fumava cortados ao meio. O porta-caixa-de-fósforos de metal amarelo. As resmas de almanaque e os dois pesos de papel que me encantavam. Um, velha ferradura. Outro, a secção de um trilho de estrada de ferro. Também dourados a purpurina pelo poeta. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.318).

O cômodo da casa onde Antônio Salles produzia seus textos, onde também escrevia Alice, tia paterna de Pedro Nava, era frequentado pelo sobrinho. Nava conhecia tão bem essa parte da casa (provavelmente porque iria até lá sempre) que a reconstruiu com detalhes, em seu *Baú de Ossos*. O memorialista recordou o que existia nesse espaço em que os tios realizavam suas atividades letradas; lembrou-se dos dicionários (que não eram poucos), da maneira como Salles organizava os objetos na mesa destinada à escrita. Entre as reminiscências desse espaço da casa, vemos o fascínio e o olhar atento de Nava para cada um dos objetos que permaneciam sobre a mesa do tio.

Também o cotidiano de sua tia Cândida, outra das irmãs de José Nava, era acompanhado de perto por Pedro Nava na casa de Aristides Lobo. Durante parte do dia, Cândida dava lições de piano no colégio em que estudava a filha, e, o restante das horas de seus dias, ela passava lendo ou absorvida pela música:

[...] Minha tia voltava do Sacré-Coeur pelas quatro horas e passava o resto do dia ao piano ou agarrada aos livros. Eu gostava de admirá-la entregue a esses misteres e fascinava-me a capa de uma de suas coleções de romances, parece-me que chamada *Horas de Leitura*, onde havia uma dorida figura de senhora lendo e destacando seu perfil agudo e o luto de sua roupa contra a claridade de uma janela ao fundo. Parecia minha tia e comecei a amar os livros. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.323-324).

Pedro Nava, que, na época em que morou pela primeira vez no Rio de Janeiro, estava com aproximadamente oito anos, já gostava, de acordo com a sua reconstrução do passado, de observar a tia tocando piano ou entregue a suas leituras. O que encantava o menino era, especialmente, a materialidade de uma das coleções de romances de Cândida. Pedro Nava,

¹⁶⁹ Esse é o momento em que o casal Antônio Salles e Alice chegavam do Ceará à casa de Aristides Lobo, no Rio de Janeiro, enquanto lá também vivia Pedro Nava com seus pais e irmãos. Trata-se do período entre 1910 e 1911.

pelo que se verifica nas *Memórias*, ainda menino, deixava-se fascinar pela capa dos livros de sua tia, imerso que estava em um mundo em que eles eram muitos. A narrativa do escritor permite-nos perceber que a casa do Rio de Janeiro era bastante rica em termos de livros, por exemplo, visto que, no trecho aqui destacado, o sujeito-narrador não se refere a *uma* coleção de romances de sua tia, mas a *uma das* coleções de romances de Cândida. Tal construção textual nos sugere que haveria na casa não somente vários livros, como também, senão muitas, pelos menos algumas coleções de livros literários, de romances.

Outro ponto do trecho citado anteriormente que nos chama a atenção é a “naturalidade” com que Pedro Nava fala da origem de seu amor pelos livros. Em sua reconstrução do passado, no tecido mesmo da narrativa, parece não haver modo de ele não gostar dos livros. Em uma espécie de transferência de amor (a mesma afetividade que Nava nutria por sua tia Candoca, ele teria passado a nutrir pelos livros), ao ver, na capa de um romance, a figura que o faz reconhecer a tia admirada por ele, Pedro Nava teria passado simplesmente a amar os livros. Para o escritor, que, nesse sentido, comporta-se como um “herdeiro”, amar os livros fazia parte do curso natural dos acontecimentos de sua vida e não se apresenta a ele como um aprendizado contínuo, de longa data. Logo, para o memorialista, o mundo da leitura lhe chega como mais um elemento comum, natural e não como o resultado de suas vivências em um ambiente propício para a construção desse gosto.

1.5. Outros elementos da herança familiar

A herança familiar constitui-se também de valores, comportamentos, atitudes que em geral têm os indivíduos em sua vida. Como se observou no capítulo II, muitos dos componentes da herança disponibilizada a Pedro Nava pelos parentes, conforme o que a narrativa do escritor permite verificar, apresentavam-se sob forma de características pessoais dos membros de sua família. Uma vez observados os traços de seus parentes, o memorialista afirma que, desde menino, podia perceber (e valorizar) certas virtudes de familiares:

[...] Cedo meu avô terá ficado órfão, pois foi ser criado por sua tia-avó que era também a avó de seu primo, irmão adotivo, compadre e melhor amigo – Antônio Ennes de Souza, homem por todos os títulos admirável que tive a vantagem de ter como influência na infância e mestre na adolescência. E tive outra prerrogativa: a de, menino, perceber a qualidade do homem com quem lidava (NAVA, *BO*, 2002, p.10).

Pedro Nava parece ter desenvolvido a habilidade de não apenas detectar os traços de personalidade de seus parentes, mas também de proceder à escolha de determinadas características dos membros de sua família para valorizar e até para permitir que elas o influenciassem durante seu processo de formação. Sendo assim, o “herdeiro” reconheceria, ao longo da vida, a “influência” que os parentes exerceriam sobre ele. Dessa maneira, Nava teria a possibilidade de escolher o que herdar entre os elementos de uma herança familiar cultural bastante diversificada.

Ennes de Souza, personagem recorrente em *Baú de Ossos*, era, como já se mencionou nesta dissertação, primo-irmão de Pedro, avô paterno do memorialista. Ele figura nas *Memórias* como “um homem de qualidade”, digno não apenas de ser lembrado por suas virtudes, mas também para servir como um exemplo. Entre suas virtudes, Ennes era abolicionista e republicano (NAVA, *BO*, 2002, p.327), como o foram José, o pai do escritor, e tio Salles, protagonistas nos processos formativos de Pedro Nava. Somado a isso, como José Nava e Antônio Salles, Ennes de Souza cultivava “boas” relações, como é o caso da amizade que mantinha com Artur Azevedo (p.327), e tinha, por causa de sua cultura e experiência, o que contar para os membros mais jovens de sua família: “[...] Londres vibrou com a vitória de Vitória. Que euforia! Ennes de Souza, que lá estava, assistiu, num teatro, a um quadro apoteótico. [...]” (p.196).

Mesmo os “vícios” da maior parte dos parentes paternos de Pedro Nava são tratados, diferentemente dos “defeitos” da maioria dos familiares maternos, com leveza e aparecem aliados às qualidades dessas personagens. Na engrenagem narrativa de Nava, para a família paterna, os vícios fazem de seus parentes “personagens reais”, humanas. Entretanto, há sempre o cuidado na utilização da pena para que os possíveis vícios dessas personagens sejam contrabalançados com virtudes:

Quando Ennes de Souza exagerava no espírito fantasista, desmandava-se em linguagem excessiva contra as instituições, gastava mais do que podia auxiliando parentes, amigos e até simples conhecidos; quando descomedia-se na cerveja e no vinho branco e apesar de bom marido mostrava ternura exorbitante pelas louras, morenas, altas, baixas, claras, mulatas, magras, gordas, ricas e humildes com quem cruzava – era meu avô, com sua autoridade de primo mais velho, de irmão adotivo e de compadre que o repreendia docemente. Grande admirador de sua inteligência, terminava sempre seus conselhos dizendo: “Totó, Totó, quem me dera seu talento mas... com meu juízo...” Porque o critério, o julgamento, a medida e o equilíbrio eram outras qualidades de meu avô reconhecidas por todos, ele mesmo, inclusive. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.66).

Por ser inteligente, não haveria problemas em criticar excessivamente (e de maneira fantasiosa) as instituições. Interessar-se por outras mulheres mesmo sendo casado também não era grande problema, pois tal interesse só afluía quando Ennes bebia um pouco mais. Na mesma direção, se seu avô paterno sabia e reconhecia suas próprias qualidades, isso não seria sinal de pedantismo ou arrogância, até porque “o critério, o julgamento, a medida e o equilíbrio” eram qualidades suas.

No caso do avô paterno de Pedro Nava, suas virtudes eram destacadas com frequência entre seus descendentes. A herança deixada por Pedro da Silva Nava ia aparecendo a cada geração “no fim de certos risos, no remate de dados gestos, na possibilidade das mesmas doenças, na probabilidade de morte idêntica” [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.13). O avô, com quem Pedro Nava não chegou a conviver, teria marcado a trajetória do memorialista porque Nava esteve durante a vida sempre envolvido pela lembrança do avô, ouvindo as histórias que dele se contava, conhecendo, por meio de outros parentes, suas características. Desse modo, a herança do avô paterno tornou-se para o escritor, nas malhas da narrativa, não apenas um conjunto de elementos que vai aparecendo na personalidade e no comportamento dos descendentes desse parente, mas também um fator que identifica os Nava:

[...] Só não sabia tudo dos negócios e da vida de meu avô¹⁷⁰ porque este era bem do nosso temperamento Nava – falando quando solicitado, falando até bastante, às vezes parecendo demais, e, na realidade, dizendo pouco. Dava entrada, dava, como as estações dão entrada e até muita plataforma aos que vão chegando, mas que esbarram nas portas fechadas da *administração* (“É proibida a entrada às pessoas estranhas!”). E no fundo, para nós (pelo que sei de meu Pai, pelo que vi de suas irmãs), todos são estranhos, mesmo os mais íntimos, devido a certa desconfiança, quase certeza de que ninguém gosta de ninguém e devido ao aprendizado do berço de que pessoa alguma tem nada com o que sentimos. Essas convicções ancestrais é que faziam o equilíbrio de meu Pai e das suas irmãs. A cara de pau assumida invariavelmente por todos, mostrando indiferença na ocasião de chorar. Ninguém se dando em espetáculo fosse em que hora fosse dos mistérios dessa vida – gozosos, dolorosos, gloriosos... Essa falta de afagos, de beijo pra aqui, beijo pra acolá. E a nostra deliberada, assumida, madura e decidida sem-graceira. Por dentro, sim, é outra coisa. Mas isso é com cada um e assunto particular para ser deixado em maceração dentro dos nossos restos de sangue lombardo. Pois com essas defesas e tudo, meu avô se afeiçoou ao Vaz Júnior, bom empregado, bom associado e que acabou bom amigo da Rua

¹⁷⁰ Aqui, Pedro Nava se refere a Vaz Júnior, “braço-direito e homem indispensável” (NAVA, *BO*, 2002, p.63) para seu avô paterno. Vaz Júnior trabalhava na casa comissária do avô do escritor. Esse seria o homem que, mais tarde, trataria, segundo o memorialista, de roubar grande parte dos ganhos que o avô de Nava teria obtido por meio do trabalho em sua casa de comércio, no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX.

Ipiranga (NAVA, *BO*, 2002, p.63. Os grifos são nossos; o destaque em itálico, do autor.).

A herança que legou Pedro da Silva Nava aos seus tornou-se uma espécie de tradição familiar necessária para o escritor porque fazia com que ele mesmo se identificasse¹⁷¹ com e no pertencimento ao “clã” dos Nava.

Gravidade, severidade, compostura, características da personalidade de Pedro da Silva Nava, iam sendo a cada dia destacadas nos encontros da família como virtudes. Também o trabalho diário em sua casa comissária, sua dignidade, sua reserva, benevolência, seu modo afável e ao mesmo tempo distante, para lidar com os empregados, foram sendo cultivados pela família ao longo dos anos. A esses elementos de seu caráter, somavam-se outros:

Como espelho de vários lados, outras faces ele deixou: a da inteligência e bom convívio, a que se referiam seus cunhados; a da bondade e doçura, que impregnam mulher e filhos; a de sua pilhéria rabelaisiana e do seu gosto pela farsa, onde não figurava mais como um grave Rembrandt, mas em que aparecia, junto a seu cúmplice Totó Ennes, nas cabriolas das quermesses de Breughel ou das sarabandas tragicômicas de Hieronymus Bosch. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.57-58).

Entre os elementos da herança deixada pelo avô paterno, está a sua relação com a cultura. Pedro Nava (por meio de uma estratégia discursiva para engrandecer o ramo paterno da família? Por meio de uma suposta “simplicidade”?) se pergunta sobre a erudição do avô. O sujeito-narrador não o considerava um letrado, apesar de possuir, na sua perspectiva, uma instrução bem acima daquela que lhe exigiria seu trabalho. Correspondia-se por meio de cartas em um “estilo epistolar correntio e decente – que não escamba um instante, em frase enfeitada ou veleidade literária. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.17); conhecia a Europa; falava e escrevia em língua francesa; possuía “sensibilidade artística, acuidade crítica e bom gosto espontâneo. [...]” (p.17).

Se do avô paterno Pedro, o memorialista vivenciou sua presença por meio de lembranças; admirou, em seu pai, nos tios, as características dele herdadas, no caso de sua avó Nanoca, o contato foi direto, sem intermediações. D. Ana Cândida Pamplona e suas

¹⁷¹ O escritor, ao conceber sua obra memorialística procede a um trabalho de (re)arrumação da memória, nos termos de POLLAK (1992), e evidencia, dessa maneira, a ligação da memória com uma identidade coletiva, no caso, a identidade de sua família. Escrevendo o passado em suas *Memórias*, Pedro Nava mostra os investimentos de seus parentes, sobretudo no ramo paterno, (e os dele mesmo) para dar a cada membro do grupo “o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência” (POLLAK, 1992, p.206).

filhas mostraram a Pedro Nava, por exemplo, como se pode ter os dias cheios. “[...] Essa virtude pelo horário é disciplina meio moçárabe, meio portuguesa, fixada nos costumes da boa burguesia do Norte. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.24). A maior parte das mulheres da família de Pedro Nava preenchiam suas horas com atividades domésticas e com rezas. Desse modo, elas iam ensinando ao menino a não ficar parado, a ter com que encher o tempo.

Dos Pamplona, também se disponibilizaram para Pedro Nava o “temperamento sensível, vibrante, imaginoso” e outras características que os distinguiam: “[...] a invariável boa educação, a cortesia exemplar e a bondade imensa, infantil absurda – tocando as raias da ingenuidade. Além disso, certa morbidez, certo gosto espanhol escurialesco pela morte, pelo sepulcro, pelo cadáver e pelas lágrimas. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.41). Assim, nas casas dos parentes paternos,

Tudo concorria para a cordialidade, a boa convivência e a palestra deleitável. A cortesia. O bom nível intelectual da família. Principalmente o temperamento Pamplona – susceptível, emotivo, fantasista, imaginoso e exaltado. Quase todos viviam na permanência de uma situação superlativa. Só se referiam à mais leve brisa como a um vendaval. Dois ou três degraus eram sempre escadaria. Não havia chuvisco que não fosse dilúvio. [...] Viver nesse exagero perene fazia refletir no microcosmo o que se atribuía ao macrocosmo – donde certo estado de pânico que era a constante da família. [...] Essa idéia do cataclisma trazia consigo uma espécie de hábito a ele que se sublimava em resignação antecipada à desgraça. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.37).

Além do que se ouvia na família, disponibilizavam-se ainda, para Pedro Nava, os objetos que compunham a casa. Esse objetos, telas e quadros, por exemplo, iam despertando a atenção de Nava:

[...] Essa tela de Nossa Senhora com o Menino [...] pertenceu a minha avó que explicou, vendo meu interesse pela pintura: “Essa é Nossa Senhora da Divina Providência. Foi de minha tia Loló. Está na família há bem trezentos anos...” Um quadro conservado três séculos e o fato de se saber disto, depois das nove gerações comportadas por esse prazo, mostram uma estabilidade de posição social (mesmo modesta!), um espírito tradicionalista, um respeito pelo passado e pelo antepassado que podem ser atestados, jurados e historiados. Sobretudo porque eu vi a contraprova dessas categorias na polidez, na cerimônia, no decoro, na reserva, no apuro e na decantação da elegância moral de minha gente paterna. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.33).

Na sua interação com os objetos da casa de seus familiares, Pedro Nava teve a possibilidade de não apenas conhecer esses objetos (representantes – ou não – da cultura considerada legítima), mas também, já adulto, dar significado a eles e ao comportamento de seus parentes em relação a esses objetos.

Quando menino, Pedro Nava viveu no Rio de Janeiro mergulhado em um ambiente em que não só se falava sobre literatura e cinema, mas também se via, na prática, o que significava conhecer a arte. A música, por exemplo, como já destacamos, era estudada por algumas das mulheres da família de Nava. Assim, elas tocavam piano frequentemente em casa (para praticar, para estudar, para se distrair) e nos encontros festivos de seus parentes:

[...] no Rio, [...] Formou-se uma espécie de gueto Gomes de Matos-Jaguaribe-Alencar, onde havia dez primas casaduras. [...] Era muita prima, senhores! para tão poucos primos... [...] Fazia-se música. As primas no piano e os primos sussurrando e virando as páginas das partituras [...]. Luar e o rancho todo no jardim, com violões e bandolins e as vozes se alteando em cavatinas apaixonadas. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.218-219).

Além do capital cultural incorporado, a maior parte dos parentes (especialmente os parentes paternos) de Pedro Nava tinham esse capital em sua forma objetivada. A análise dos dados das *Memórias*, permitiu-nos observar que, na casa de Aristides Lobo, havia o piano de Cândida Nava, tia paterna do escritor, e suas partituras. Desse modo, Nava circulava em ambientes em que não apenas percebia a existência de instrumentos musicais, partituras, livros, telas, quadros, mas também via seus parentes e amigos da família utilizarem seus conhecimentos ligados à cultura para manusear esses objetos.

Quanto à família materna, a análise dos dados das *Memórias* e da própria composição da narrativa por Pedro Nava evidencia que, de um modo geral, não havia por parte dos parentes maternos do escritor uma transmissão de valores e princípios a ele, como também não haveria uma preocupação ou um incentivo para que Nava, quando menino, desenvolvesse habilidades e competências letradas. Com exceção da mãe, cuja mobilização em relação ao estabelecimento escolar aparece com grande força nas reminiscências (re)construídas em *Balão Cativo*, o ramo materno da família de Pedro Nava não é visto por ele como um grupo cuja tradição mereceria ser mantida, nem tão pouco como um grupo de parentes por cuja herança ele demonstra, em sua narrativa, muito entusiasmo ou o desejo por recebê-la. Com efeito, entre os poucos parentes maternos que receberam dele, nas *Memórias*, elogios, por quem Pedro Nava mostrou nutrir afetividade, estão, além de Diva, alguns parentes ligados a seu avô materno Joaquim Jaguaribe.

Entre os Jaguaribe admirados por Pedro Nava, estão o avô materno, alguns de seus tios-avôs e o bisavô Domingos José Nogueira dos Santos, o pai de Joaquim Jaguaribe. Na defesa pela qualidade de Domingos, Diva também é ressaltada pelo filho, o que acontece poucas vezes em *Baú de Ossos*:

[...] Não direi que fosse gênio, mas também não concordo com a mediocridade que lhe atribuíra Ennes de Souza. [...] E engraçado é que era a meu propósito que vinham essas opiniões desfavoráveis. Sempre que o menino saliente que eu era dava alguma opinião que parecia acima de sua idade, lá vinha o tio Ennes puxando a brasa para a sardinha de sua família. Meu filho, você herdou a inteligência de Pedro Nava... Ainda bem, ainda bem... Porque a gente do visconde, começando por ele, sempre teve serragem na cabeça... Não, tio Ennes, você só pensava em meu avô, em meu Pai. Você esquecia minha Mãe, uma das mulheres mais inteligentes que eu conheci. Se eu herdei, foi dos dois (NAVA, *BO*, 2002, p.163).

Participando ativamente das conversas entre os adultos, Pedro Nava, quando criança, recebia elogios dos parentes, que sempre procuravam ressaltar sua inteligência, relacionando essa virtude à ascendência do ramo paterno da família. Nesse caso, a inteligência viria não do bisavô materno, mas do avô paterno, Pedro da Silva Nava. Desse modo, identificadas as qualidades que permaneceriam entre as gerações, Pedro Nava ia crescendo em um meio familiar em que os parentes (paternos, sobretudo) o cercavam de elogios, destacavam suas habilidades, qualidades, iam criando nele, ao mesmo tempo, a certeza do lugar de um “herdeiro” especialmente das virtudes e das características paternas. No exemplo citado, um entre os raros exemplos que aparecem no primeiro volume das *Memórias*, Pedro Nava reconhece o importante lugar ocupado por sua mãe na linha de transmissão da herança familiar a ele.

2. Formas de apropriação por Pedro Nava da herança cultural familiar

Em relação ao pai, talvez seja possível ver Pedro Nava como um “herdeiro”; afinal, como José, ele se tornou médico e viu tal processo com naturalidade:

[...] Não há nada demais nisso. É natural que os filhos queiram repetir a vocação paterna e que recebam dos pais sua bênção. Está nas letras do nosso Juramento:

Farei participar dos preceitos [...] e do resto do ensino, meus filhos, os de meus mestres [...] mas a nenhum outro... (NAVA, *BO*, 2002, p.173-174).

Sua recusa inicial, na década de 1920, em se tornar escritor como os amigos intelectuais da jovem Belo Horizonte pode nos sugerir, a princípio, um comportamento um tanto estranho para quem herda e cultiva de sua família diversos capitais. Contudo, não devemos esquecer que a família de Pedro Nava (entendendo-se aí como família o grupo parental formado por sua mãe e seus irmãos) sofreu uma queda econômica com a morte do pai. Em 1911, ano do falecimento de José, Diva, como já destacamos ao longo desta

dissertação, precisou se mudar do Rio de Janeiro para Juiz de Fora, onde viveu como viúva de médico na casa de sua mãe, com mais cinco filhos.

Apesar de ter recebido da família paterna, do pai, dos tios, capital cultural, ter cultivado esse capital ao longo da vida, ter recebido um capital escolar que reforçava a herança familiar, Pedro Nava precisou, na década de 1920, trabalhar para ajudar a mãe que há nove anos sustentava a família sozinha e que até começara a trabalhar como funcionária pública na época. Assim, como o jovem estudante de medicina abandonaria a carreira que lhe despontava para se aventurar, junto com os amigos, pelos tortuosos caminhos da literatura, da vida de escritor? Suas condições financeiras o permitiriam, naquele momento, fazer essa escolha? O exemplo do pai lhe seria mais forte do que as disposições culturais para enfrentar a vida de escritor? A carreira na Medicina se lhe apresentava com mais força do que a efervescência cultural dos anos 1920? Ou seriam as condições materiais de vida junto da mãe que lhe pesavam, que o obrigavam a renunciar, ou melhor dizendo, a adiar o intenso encontro com a escrita literária?

O encontro com a literatura já havia se dado desde a sua época de menino, na família. Provavelmente sem saber ler e escrever, Pedro Nava já ouvia de seus parentes paternos ou de Rosa, a “cria” de sua avó materna, histórias que iam, a cada dia, apresentando-lhe o mundo literário. Incorporando, ao longo da vida, o capital cultural adquirido desde a infância, Nava adiaría seu estabelecimento nas letras para a velhice, quando já teria percorrido o longo caminho da profissão escolhida na juventude. Para escrever memórias, é preciso ter o que contar, é preciso tempo, elementos que Nava teria aos 65 anos de idade.

No esforço de (auto)conhecimento que emerge do trabalho com as genealogias e com a memória, certas características adquiridas com a convivência com os parentes, sobretudo os paternos, ressurgem nas lembranças de Pedro Nava como se fossem um “dom”:

[...] Guardo da Creosotagem¹⁷² a assustada lembrança da carreira que me deu um bezerro de que escapei cerca abaixo. Guardei também as gargalhadas divertidas do Paletta e do Antônio com a situação e do nenhum gesto esboçado em meu socorro. Eu tinha seis para sete anos mas nascera com o dom de observar e guardar. Como adulto, bastante tenho desculpado as bordoadas e safanões que

¹⁷² “[...] sítio do Paletta [marido de Berta, tia materna de Pedro Nava], na estação da Creosotagem, logo adiante de Mariano Procópio. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.274).

tenho levado e vou levando. Às vezes reajo e ataco também. De outras, não, por nojo das canalhices e dos canalhas, por “tédio à controvérsia...” Vou perdoando, vou. Já os agravos feitos ao menino desarmado que eu fui... (NAVA, *BO*, 2002, p.274-275).

O “dom de observar e guardar” não seria uma capacidade inata de Pedro Nava, mas faria parte de um aprendizado entre os Nava, cujo “temperamento” (NAVA, *BO*, 2002, p.63) caracterizava-se por saber que as pessoas não deveriam ter conhecimento de seus sentimentos. Logo, não por causa de um “dom”, mas devido a um longo aprendizado entre os familiares paternos, Pedro Nava demonstraria indiferença quando deveria chorar (p.63). Apesar da tendência à reserva, à “defesa” que caracterizaria os Nava, o escritor aguardou o momento certo de responder aos “agravos feitos ao menino” que fora. Transformando a herança recebida na infância do ramo paterno de sua família, no lugar de sufocar suas paixões e raivas, acertou contas com os colegas de trabalho, com parentes que o feriram, na ocasião da escrita de suas *Memórias*.¹⁷³

Nessa direção, no caso da família materna, a fustigação física, a que as escravas, as empregadas, “as crias” de Maria Luísa, a avó materna de Pedro Nava, eram submetidas, ou mesmo a crueldade mental, que caracterizava, por exemplo, a relação de Berta, tia materna de Nava, com Constantino Paletta, seu marido (NAVA, *BO*, 2002, p.272-273), não eram vistas por Pedro Nava como elementos de uma história familiar que deveriam ser cultivados. O escritor, quando retoma os comportamentos da maioria de seus parentes maternos, parece ter como objetivo narrar os episódios da história de sua família de modo que as personagens dessa trama ganhem corpo no enredo. A descrição detalhada do temperamento da maior parte desses seus familiares, sua profundidade psicológica nas *Memórias* vão demonstrando, ao longo do tecido autobiográfico, a insatisfação do sujeito-narrador com os modos pelos quais esses parentes tratavam as pessoas. A análise da narrativa de Pedro Nava demonstra, mais do que isso, a sua vontade por não herdar a maior parte dos valores e princípios disponibilizados a ele por esse ramo de sua família.

A análise dos dados de *Baú de Ossos* evidencia que, mesmo na infância, de acordo com a (re)criação que Pedro Nava faz das histórias ouvidas, descobertas quando ele era

¹⁷³ *Baú de Ossos* e *Balão Cativo* sobretudo se caracterizam também por ser a parte das *Memórias* dedicada ao desabafo de Pedro Nava em relação aos desagregos recebidos na infância de seus parentes maternos, enquanto *Galo-das-Trevas* e *O Círio Perfeito* seriam os volumes em que o autor, numa espécie de confissão, narra suas frustrações com os companheiros de trabalho do campo médico.

ainda um menino, os parentes que não o tratavam com carinho já eram alvo naquela época de sua desconfiança:

[...] Pior ainda era o Paletta. Cresmólogo, cabalista, necromante, ele conseguia levantar em torno de sua casa da Rua de Santo Antônio uma floresta toda de aço onde pastavam dragões verdes vomitando chamas. Dois cães infernais montavam guarda sobre as pilastras do portão. Só minha Mãe tinha o poder de petrificar os dois cachorros que viravam cimento à sua passagem, enquanto as urzes de metal se abriam numa aléia de espinheiro bastardo e ela, com seu guarda-chuva mágico, lanceava os dragões ardentes que, a esse toque, caíam mortos na forma de simples taturanas. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.229-230).

Constantino Paletta, marido da tia materna mais velha de Pedro Nava, descuidava-se no trato com o sobrinho. Com medo e vendo o tio com reservas, nas suas representações de criança, Nava enxergava Paletta como um bruxo que se protegia na sua casa entre “os cães”, que nos fazem pensar em Cérbero, fera guardiã do portão do Hades. Para o escritor adulto que (re)constrói o passado em suas memórias, que (re)cria até mesmo suas representações da época de menino, somente a mãe livrava-o dos “cães e dragões” que rondavam Paletta. Somente Diva era capaz de abrir caminho entre os espinhos que tanto ameaçavam Pedro Nava. Por meio de um jogo de metáforas, o narrador vai mostrando tanto a apropriação dos textos que conhecera (quando adulto?), quanto o perfil de muitos dos parentes maternos tal como ele os perceberia quando criança.

A narrativa das *Memórias* também dá provas de que Pedro Nava herdara da família paterna valores e princípios que ele observou em seus parentes ao longo da vida, enquanto com eles convivia. A distinção moral e intelectual dos Nava, por exemplo, seria um dos elementos que uniam os parentes no grupo familiar. Dessa maneira, ser inteligente, útil na sua profissão, no seu papel social apresentava-se como uma marca da família; isso dizia respeito à identidade do grupo. Apropriar-se de determinadas características era fundamental, portanto, na perspectiva de Pedro Nava, porque eram essas as características que diziam que tipo de pessoa ele era ou quem ele gostaria de ser. Por isso, para pertencer ao “clã” dos Nava (e se afastar na mesma medida dos Pinto Coelho) era necessário se apropriar não apenas de práticas letradas, de gostos e preferências culturais de determinados parentes, importantes na família, representativos no grupo, mas também de propensões para agir no mundo coerentemente com o que a família paterna, admirada por Nava, acreditava e valorizava.

Ter alma de *pavernu*, por exemplo, seria inadmissível entre os Nava. Diferentemente disso, eles valorizariam e cultivariam tudo aquilo que constituísse a base

da independência e da liberdade da família: “[...] sentimentos que nos dão o que tantos desconhecem – este luxo e esta elegância de não pedir, de não querer, de deixar, de abandonar, de mandar à berdamerda os ricos, os importantes e os governos. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.337). Nesse sentido, a narrativa de *Beira-mar* traz alguns exemplos de ofertas que Nava teria recusado. Ainda estudante de Medicina em Belo Horizonte não teria aceitado propostas de trabalho ligadas ao governo mineiro porque tais propostas contrariariam os princípios que aprendera na infância. Como um autêntico “herdeiro” dos valores da família paterna, também durante a vida como médico, Pedro Nava teria recusado cargos importantes ainda que tal atitude afrontasse autoridades do campo da Medicina, da política e pudessem até mesmo ameaçar seu crescimento profissional, tal como nos sugerem alguns dos episódios narrados em *Galo-das-trevas*, *O Círio Perfeito* e *Cera das Almas*.

Os parentes por quem Pedro Nava alimentava sentimentos, nutria afetividade foram decisivos na sua formação. Uma vez que Nava amava certos parentes e sentia que também eles gostavam dele, o escritor desde a infância não resistiu à herança que lhe foi disponibilizada por esses familiares:

Meu tio Antônio Salles, que se comprazia tanto com a companhia de crianças como com a de adultos, era amigo adorado pelos sobrinhos. Entre estes, ele me preferia e é por isto que eu saía freqüentemente com ele. Aos passeios que fizemos juntos, devo aquisições progressivas nos limites de minha geografia urbana que estendi a Santa Teresa, ao Flamengo, a Botafogo e à Copacabana das pitangueiras. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.364-365).

Sentir-se querido (e até preferido) seduzia Pedro Nava. A atenção que o tio lhe dava despertava em Nava o desejo de aprender com Antônio Salles, de permitir que ele influenciasse seu aprendizado. Os processos formativos de Pedro Nava a partir e na convivência com Salles englobavam desde princípios para agir no mundo até o conhecimento do espaço da cidade do Rio de Janeiro;¹⁷⁴ incluíam desde valores que carregou consigo pela vida afora até o gosto pela leitura e pela escrita.

¹⁷⁴ A respeito do aprendizado sobre o espaço geográfico, mas também político e social, do Rio de Janeiro com Antônio Salles, e também com o pai, Pedro Nava escreveu: “[...] Devo a meu Pai e a meu tio Antônio Salles, com quem fazia esses trajetos, as primeiras informações que me chegaram sobre a toponímia carioca e assim o conhecimento de pessoas e fatos perpetuados nas placas das ruas – uns apontados à admiração e outros à execração a que tenho sido fiel a vida inteira. Era assim que eu tinha partido, antes de ter conhecimento. Não sabia quem era o Marechal Floriano e já aprendera a ser antiflorianista. Ignorava tudo de

Junto com os sentimentos, os valores afetivos, encontramos as atitudes dos parentes paternos em relação a Pedro Nava. Considerado um “gênio” pela família paterna, Nava tinha à sua disposição escrivaninha, lápis, caderno, materiais e objetos da cultura escrita, e ainda o incentivo contínuo dos parentes: “[...] Esse caderno lembra sobretudo meu período de realeza em Aristides Lobo 106. Eu, sentado à escrivaninha de tio Salles, desenhando e enchendo de admiração meus pais e a roda deslumbrada de tias e tios. Esse menino é um gênio. Esse menino vai ser um Miguel Ângelo. Não fui, ai! de mim. Mas era bom ser vedete, centralizar, ter segurança. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.341).

O caderno que serve como fonte para a escrita das *Memórias* é também suporte para desencadear o processo de rememoração, para suscitar lembranças e emoções da infância. Ele traz, à realidade do texto memorialístico, os bons momentos que Pedro Nava viveu no Rio de Janeiro. Na lógica textual, as boas emoções do tempo de criança do escritor relacionam-se também e diretamente com o mundo da escrita, com a cultura considerada legítima. Dessa maneira, seus desenhos configuram contornos que, na memória afetiva do escritor e de sua família, lembram o pintor italiano. No decorrer dos anos, Nava foi adquirindo o que precisava para se envolver com a cultura sem medo, sem tensões: segurança.

2.1. Ler e escrever

Em Juiz de Fora, como já se destacou, Pedro Nava assistia permanentemente aos estudos de seu pai, via como ele se envolvia com a escrita; tinha livros em casa. Nessa cidade, aprendera não somente vendo o pai ler e escrever, mas também participando de práticas letradas quando folheava e recortava revistas, por exemplo. Também o espaço da casa, os objetos e materiais que lá existiam convidavam o menino para o envolvimento com o mundo em que a escrita estava permanentemente presente:

tudo e já era setembrista, saldanhista e melista como aquele menino do *Vitozemé*, de Artur Azevedo. Não sabia nada de nada, mas era por Prudente, Rui, Afonso Pena e contra Deodoro, Campos Sales, o Nilo, o Pinheiro, o *Dudu* e o *Cara-de-Bronze*” (NAVA, *BO*, 2002, p.360. Os destaques em itálico são do autor.). Mesmo sem compreender a política brasileira e sem ter ainda se aprofundado nos estudos de Geografia por exemplo, com a leitura das placas das ruas do Rio de Janeiro e com os comentários que se seguiam à decifração dos nomes de ruas e de personalidades, Pedro Nava não apenas aprendia a ler essas placas, mas também aprendia como dar sentido ao que lia no interior de um quadro histórico que ia lhe sendo apresentado pelo pai e pelo tio durante os passeios pela cidade carioca.

O escritório de meu Pai era separado do corredor por um tabique envernizado. É dessa peça e da de jantar que mais me lembro. Por dentro, encostada ao tabique, a escrivaninha e a mesa de examinar doentes, toda de palhinha e estilo austríaco. À esquerda, duas estantes de livros e à direita, os armários com os ferros e os remédios. Vinha daí esse cheiro especial de drogas e de cânfora que tem sido o cheiro de minha vida: cada vez que o sinto recaio no gabinete médico de meu Pai e vejo nos seus lugares o retrato de Francisco de Castro¹⁷⁵ e os painéis de anúncio das *Tabletas de Antikamnia* que eram o “oposto à dor”, que não induziam ao “hábito das drogas”. Não se esqueçam, pastilhas Antikamnia de 30 centigramas – Analgésico, anódino, da Companhia Química de Antikamnia, 1622 Pine Street, St. Louis, Mo., E.U.A. Canalhas de americanos! já naquela época... Estes anúncios eram os calendários de 1906, 1907 e 1908. Representavam uma criança esvanescendo e convalescente, um menino picado das bexigas e duas freirinhas oferecendo cada uma sua tableta de Antikamnia, “para dor de cabeça, nevralgia, febre e malária” [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.224. O destaque em itálico é do autor.).

Trabalhando em casa, José propiciava ao filho a visita constante ao seu gabinete médico. Nesse cômodo (que ia se tornando cada vez mais um espaço especial para Pedro Nava), tanto os móveis e os objetos ligados à Medicina prendiam a atenção de Nava, quanto os materiais escritos: livros, anúncios, calendários. No escritório de José, dois campos comuns nos espaços de convivência de Pedro Nava (pelos quais Nava ia ganhando amor) se cruzavam e se entrelaçavam: o campo da Medicina e o campo da cultura escrita.

Além do ambiente familiar, também os espaços de convivência de José reforçavam os aprendizados que Pedro Nava tinha em casa. A rede de sociabilidades do pai de Nava propiciava-lhe a convivência com os pares de José, com o ambiente médico, com a cultura escrita: “[...] Lembro-me do escritório do Dr. Duarte, numa cena cuja data posso precisar: junho de 1909, porque eu folheava uma revista, parece que a *Careta*, com uma série de fotografias tiradas na câmara-ardente e no enterro do Presidente Afonso Pena, falecido no dia 14 daquele mês. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.268-269). Em 14 de junho de 1909, Nava acabara de fazer seis anos e tinha a seu alcance, seja em casa, seja no consultório médico (de seu pai ou dos amigos de seu pai), revistas que podia folhear, ver as fotografias que lhe despertavam a atenção, ver, inclusive, as imagens de fatos políticos a respeito dos quais o menino ouvia o pai comentar, como foi o caso da morte de Afonso Pena.

No Rio de Janeiro, como também já se destacou, Pedro Nava vivia cercado de livros. O ambiente em que ficavam os livros de Cândida Nava, bem como os próprios livros, em sua materialidade, convidavam-no ao contato com o mundo da escrita:

¹⁷⁵ Professor do pai de Pedro Nava, figura muito importante na formação médica de José.

A mesma gravidade de seu quarto, minha tia levava consigo para a saleta onde tinha seus livros e seu piano. [...] Tudo ali era simétrico e arrumado. Duas estantes de livros, uma de cada lado da porta, com os romances de Dona *Candidinha*. Suas *Horas de Leitura*. Livros encadernados. Brochuras de capa branca e outras, de capa cinzenta, de que não me esqueci, pois eram os volumes que eu folheava para ver as figuras. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.351. Os destaques em itálico são do autor.).

Pedro Nava podia a todo tempo usufruir do contato com os livros. E ele fazia isso, seus parentes faziam isso também. Nava observava a sala de livros de sua tia, sua arrumação, sua organização. Os livros nas estantes prendiam sua atenção. Parecia-lhe agradável percorrer os romances de *Cândida*, observando suas encadernações, brochuras, capas. Como em *Juiz de Fora*, Pedro Nava folheava os volumes para ver as figuras. No Rio de Janeiro, pequenas mudanças: no lugar de revistas apenas, livros e revistas; e os recortes foram sendo substituídos pela observação atenta das figuras estampadas no papel.

Nesse processo em que se ganha, pouco a pouco e cada vez mais, intimidade com os livros, Pedro Nava ia construindo seus gostos: “Mas o mais importante desse quarto de minhas tias é que nele, além dessa marca médica, eu tive outra. Ali se me desabrochou amor que nunca me deixou. O amor dos livros, o amor da leitura. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.353). Em outras palavras, Nava ia incorporando a herança familiar que lhe era disponibilizada, seja em relação ao campo profissional,¹⁷⁶ seja em relação a determinadas práticas culturais que caracterizavam, em grande medida, o ramo paterno de sua família.

As figuras que Pedro Nava conheceu, entre os seus sete e oito anos de idade, na saleta de *Cândida*, prepararam-no para o contato com os clássicos, que viria mais tarde:

[...] Anos depois identifiquei as mesmas ilustrações, lendo Maupassant, Daudet, Mirbeau. Foi como um encontro de sombras da infância quando deparei com os desenhos de Vallet e Jeannot em *Mademoiselle Fifi* e *Boule de Suif*; os de Rossi

¹⁷⁶ Sobre a herança médica que Pedro Nava ia incorporando desde menino, relacionada ao espaço da casa de seus parentes paternos em Aristides Lobo, o memorialista escreveu: “Tanto tinha a saleta de música de solene e severa, como de alegre e ensolarado o quarto que se comunicava com ela e que era partilhado por minhas tias Marout e Bibi. [...] Ainda desse quarto uma impressão que concorreu obscuramente para minha vocação médica. Ali assisti a meu Pai, Adolfo de Luna Freire, João marinho e Antônio Austregésilo fazerem injeções venosas de 606 em minha prima Maria. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.352). É o próprio Nava que aponta outros elementos que o levariam à carreira médica: “[...] Desde cedo acordei para esse ambiente de doença e prestei atenção nos vidros dos remédios, nos rótulos, nas coberturas do papel plissado e amarrado em torno às rolas, nas empolas [...]. Brincava com os calendários, agendas, bulas e com as figuras coloridas, brindes do *Laboratoire Deschiens*. [...] Prestei sempre a maior atenção ao meu próprio sofrimento, assistindo-o e estudando-o nas minhas moléstias infantis [...]” (p.261-262). Como se vê, o ambiente médico era constituído por elementos característicos do campo de trabalho de seu pai, os quais, ao mesmo tempo, pertenciam também a outro mundo: o mundo das culturas do escrito.

e Myrbach em *Jack e Sapho*; outra vez os de Jeannot e os de Carrey no *Le Calvaire* e em *Sébatien Roch*. Eles me deram as chaves da literatura da tia – de sua boas leituras, do seu bom gosto. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.351. Os destaques em itálico são do autor.).

Na infância, Nava não sabia que as figuras das *Horas de Leitura* de sua tia ilustravam os escritos de Maupassant, Daudet, Mirbeau. Entretanto, o contato frequente com os romances de Cândia, com os livros de sua pequena sala familiarizava o menino com a literatura que ele leria mais tarde. Apesar do espanto do leitor já adulto com o encontro com os desenhos, as “sombras da infância”, a intimidade de Nava era tamanha com os textos que ele “apenas” entendia, no momento da leitura de *Mademoiselle Fifi*, *Boule de Suif*, *Jack*, *Sapho*, *Le Calvaire*, as opções de sua tia, “naturalmente”, “boas leituras”, leituras de “bom gosto”.

O quarto que se ligava à sala de livros de Cândia, além de ser o espaço da casa em que Pedro Nava assistira às intervenções médicas de seu pai quando José cuidara da sobrinha, era também o lugar que ele escolhera para ler e se divertir com o *Malho*¹⁷⁷ e a *Careta*:¹⁷⁸

¹⁷⁷ Conforme HALLEWELL (2005, p.439), *O Malho* era uma revista publicada por Adolfo Aizen que, juntamente com S. O. Hersen, fundou a firma Adersen Editores na década de 1930. No entanto, Aizen logo se afastaria de Hersen para voltar a editar a revista *O Malho*. Mônica Velloso (2006), ao analisar entre outras fontes, exemplares de *O Malho* editados entre 1902 e 1920, afirma tratar-se de uma revista semanal ilustrada, destinada ao grande público. Assim como *Fon-Fon*, outra das revistas analisadas pela autora, *O Malho* foi uma revista de grande circulação, de longa vida editorial e teve ampla receptividade do público-leitor. Suas personagens, de acordo com Velloso, transitavam em espaços como o Senado e a Câmara, aos quais, geralmente, seus leitores não teriam acesso. Do ponto de vista da forma, a pesquisadora ressalta “os fortes traços de oralidade contidos no discurso textual e iconográfico dessas publicações”. Para a autora, revistas como *O Malho* realizariam um “movimento decodificador de culturas, atraindo, com as suas tiradas de humor e picardia, tanto os leitores das classes médias como os das camadas populares [...]”. Estruturando seu texto com base nos escritos impressos, gravuras, ilustrações e caricaturas, tais publicações” cativariam “definitivamente o grande público” (VELLOSO, 2006). *O Malho* tinha, como *O Tico-tico*, publicação cujo intuito era “recrear, informar e formar” (SANTOS, 2005, p.169), objetivos não apenas recreativos, mas também pedagógicos (VERGUEIRO, 2005, p.132).

¹⁷⁸ Publicação carioca, a *Careta* foi uma revista ilustrada, editada na primeira metade do século XX. Ana Maria Mauad (2005, p.152-153), ao analisar as imagens fotográficas desse impresso e de outros, tais como *O Malho*, *Fon-Fon* e outras revistas ilustradas que circularam no Brasil entre os anos de 1900 e 1960, concluiu que esses suportes seriam veículos os quais criariam “modas” e imporiam “comportamentos, assumindo a estética burguesa como a forma fiel do mundo que representavam”. Segundo a autora, essas revistas, em suas crônicas e notas sociais, transformariam a cidade em um cenário onde “frações da classe dominante, associadas às agências do Estado e às atividades urbanas, tais como setor de serviços, comércio de exportação e capital financeiro”, seriam “seus atores principais”. No caso específico da *Careta*, para Mauad, embora a revista tivesse sofrido transformações ao longo dos anos, “adaptando-se às mudanças políticas, às influências internacionais e ao mercado consumidor”, o leitor de um exemplar de 1908 encontraria, em 1950, um discurso cujas intenções perpassariam o desejo pela “coesão interna do grupo em ascensão social”, e, por isso mesmo, seus textos veiculariam “comportamentos tidos como necessários para se tornar um bom

[...] Ignoro as razões obscuras que me fizeram erigir o quarto lateral do nosso sobrado em sala de leitura. O silêncio? a claridade? sua janela aberta para as nuvens que passavam? Sei que para lá eu carregava exemplares do *Malho* e da *Careta*, onde me deleitava com os desenhos, as fotografias e ia soletrando, na última, penosamente, as *Cartas de um Matuto*, onde eram contadas, em verso, as bestidades do Tibúrcio da Anunciação. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.354).

O quarto que lhe despertava o gosto pela Medicina era também o espaço em que Nava ia construindo seu gosto pela leitura. Vivendo sua fase de alfabetização, Pedro Nava se divertia com as revistas. Muito provavelmente, a claridade, o silêncio, a vista para o céu, cujas nuvens com frequência encantam as crianças, somados ao prazer que o menino tinha ao ver os desenhos e as fotografias que ilustravam esses suportes contrabalançavam sua dificuldade com o texto escrito em versos. Em outras palavras, no lugar de a leitura representar para Nava, quando menino, um sofrimento, já que ele ainda soletrava “penosamente” as palavras, mergulhar nas “*Cartas de um Matuto*” era antes um desafio, apesar de tudo, agradável para o menino.

A imagem parece sempre ter sido centro da atenção de Pedro Nava quando menino. Desenhos, figuras, fotografias, telas, quadros e suas reproduções o fascinavam. Desse modo, o material escrito que existia em sua casa e que trazia ilustrações era alvo do interesse de Nava, de seu olhar observador. Esse tipo de material fascinava-o de tal modo que os postais com a história de Paulo e Virgínia, bem como os que representavam a história de Joana d’Arc, todos eles, propriedade de Maria Luísa Paletta, a filha do casal Maria Berta e Constantino Paletta, foram roubados por Nava, quando ele era ainda um menino:

[...] Eram duas coleções de postais pertencentes a minha prima Maria Luísa Paletta. Numa, toda a vida de Paulo e Virgínia – do idílio infantil ao navio desmantelado na procela. Pobre Virgínia, dos cabelos esvoaçantes! Noutra, a de Joana d’Arc, desde os tempos de pastora e das vozes, ao das cavalgadas com suas hostes e à morte sobre a fogueira de Ruão. Pobre Joana, dos cabelos em chama! Não resisti. Furtei, escondi e depois de longos êxtases, com medo, joguei tudo fora. Terceiro roubo, terceira coleção de postais – a que um carcamano, chamado Adriano Merlo, escrevia a uma de minhas tias. Eu era contra o namoro e alcovitava outro pretendente, cujas cartas eu trazia, peitado por moedinhas de duzentos réis. Os cartões eram fabulosos e, reunindo o útil ao agradável, abafei-os também. Novas contemplações solitárias, novos pânicos e piquei tudo de latrina abaixo. Minha tia deu por falta, reclamou, desconfiou da Clarinda e

cidadão, atuando como modelos a serem copiados e exemplos a serem seguidos”. Além disso, de acordo com a pesquisadora, a *Careta* apresentaria editoriais de tendência crítica e cômica, cujo tom de pilhéria seria comum à revista *O Malho*, especializada “em crítica política e caricaturas”.

Imilieta, deu parte a minha avó. A palmatória comeu nas inocentes. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.260).

A paixão da infância pelos postais da prima materna continuou com o memorialista na sua fase adulta. Em uma de suas recordações ligadas aos cartões postais de Maria Luísa Paletta, Nava escreveu: “[...] devo dizer que em 1949, visitando o Pantheón, em Paris, tive a emoção de reencontrar meus postais de Joana d’Arc no *croisillon* esquerdo: os painéis em tamanho sobrenatural de Lenepveu, representando a vida da Santa. Se eu pudesse [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.261).

Da mesma maneira que os cartões postais da prima materna encantavam Pedro Nava durante a infância, em Juiz de Fora, também os postais de seu pai o seduziam: “[...] Lembro-me dos postais que ele¹⁷⁹ mandava a meu Pai. Sobretudo de um, fantástico, representando crepúsculo no Tâmis e a silhueta da *Tower Bridge* recortando-se em céus de sangue. Quando fui a Londres, fiz questão de me colocar em ponto certo e hora adequada para assistir ao vivo àquele postal, num dia de outono. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.268). A imagem do crepúsculo, que constituía um dos postais de José, fascinava Pedro Nava. Na época em que o escritor admirava os cartões postais do pai, entre os anos de 1910 e 1911, é bem provável que Nava não soubesse o que era de fato “Tâmis” e “*Tower Bridge*”. Porém, uma vez que sua educação o permitiu conhecer Londres e a beleza dos dias de outono da cidade, ao reconstruir a sua interação de menino com os postais do pai, Nava relaciona o prazer de criança, quando manuseava esse tipo de material da cultura escrita, com o prazer de se deleitar com alguns dos símbolos da paisagem londrina. Os postais, um dos elementos da herança disponibilizada pelo pai; a viagem internacional também com o intuito de recuperar um dos prazeres da infância, bem como suas frequentes visitas a museus, uma pista do cultivo do capital cultural familiar apropriado pelo memorialista.

A casa de Aristides Lobo seria palco de outras experiências de Pedro Nava com as culturas do escrito: “[...] Sim, Genoveva Brabant cuja história eu li em Aristides Lobo, num pequeno volume vermelho onde ela e Golo vinham com outra novela chamada *Ovos de Páscoa*. Dela tenho recordações pessoais e não as recordações de Proust.

¹⁷⁹ Como notamos no capítulo II, trata-se de Sílvio Weguelin de Abreu, oficial da marinha que estagiava na Armada Inglesa, na primeira década do século XX, filho do Dr. Duarte de Abreu, amigo de José Nava.

Recordações que não posso sacrificar porque o último também as teve. Não as roubei. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.294). Com idade entre sete e oito anos, Pedro Nava, que já frequentara a escola em Juiz de Fora, não apenas se divertia com cartões postais e revistas, mas também já se dedicava à leitura de livros. Ao escrever suas memórias, Pedro Nava, agora, já um leitor experiente e conhecedor da obra de Marcel Proust, ao retomar uma das leituras da infância, demarca o espaço de suas interpretações. Reconhecendo suas recordações como semelhantes às impressões de Proust, escritor consagrado na literatura universal, o memorialista esclarece a impossibilidade de plágio. Ainda que haja coincidência entre o que ele sentiu ao ler a história de “Genoveva Brabant” e o que Proust sentiu com a leitura da mesma história, Pedro Nava escolhe não sacrificar suas lembranças, mesmo sabendo da publicação das reminiscências de Proust em relação à história antes da publicação de seu *Baú de Ossos*.

Não apenas a rua em que morava Pedro Nava, mas também a cidade do Rio de Janeiro era um espaço em que Nava viveu muitas experiências relacionadas às culturas do escrito. A convivência de Pedro Nava com os parentes paternos, nessa cidade, era tão amistosa que ele se sentia à vontade para participar das conversas dos adultos, circular pela casa (que pertencia à sua tia Cândida), mexer nos livros dos tios. Entusiasmado com a descoberta do mundo da leitura, Pedro Nava queria mostrar aos parentes, os quais tanto se orgulhavam dele e por quem o escritor nutria admiração, que já aprendera a decodificar as palavras:

[...] Guardei, como se fosse ainda hoje, o dia magno em que o 106 veio à Cidade incorporado, para deleitar-se com as perspectivas francesas da nova artéria; seus palácios em construção ou já prontos, na audácia de seus quatro, cinco, seis andares; os lampiões *artnouveau* [...] iguais aos dos *boulevards* de Paris; o Palácio Monroe branco [...]; o Obelisco, rente ao mar, tal e qual o Louqsor da Praça da Concórdia; o conforto da fila de tálburis estacionada no centro do logradouro [...]; por fim, a consternação da família quando eu, saliente, querendo mostrar que já lia, berrei alto o que estava no cartaz enorme que sobrepujava tapume de construção: O SANDALO MIDY CURA A GONORRHEA! Disse, rolando bem nas campainhas aqueles dois RR molhados no H, que davam a impressão de um corrimento ainda maior, corrimento daqueles bons, dos de *gancho*... (NAVA, *BO*, 2002, p.363. Os destaques são do autor.).

Pedro Nava foi se transformando, pouco a pouco, em um leitor bem estabelecido nas culturas do escrito. Ele adquiriu e desenvolveu competências e habilidades que o permitiam ler intensamente e materiais diversificados, o que pode ser comprovado pelas inumeráveis e diferentes referências a que Nava recorreu na produção das *Memórias*. Além da vasta intertextualidade com os escritores clássicos da literatura universal e com os

autores de textos médicos, encontramos, em sua obra memorialística, referências a vários jornais, revistas, livros que tratam de estudos, mais ou menos localizados, do campo da História e da Geografia.

Na casa de seu tio Salles, Pedro Nava folheou “várias vezes” o jornal que o tio, juntamente com seus colegas “padeiros”, produziam. “O Pão” (NAVA, *BO*, 2002, p.79-80), um dos suportes que ajudara Nava a se familiarizar com o mundo do escrito, tornava-se, para o homem adulto e maduro, uma fonte para a escrita de suas memórias. Também outras leituras possibilitadas a Pedro Nava por Antônio Salles, quando Nava era ainda um menino, contribuíram com a sua (re)leitura do passado: “[...] Nunca me esqueci dum cachorro que vi passar cativo. Era escuro, parecia o Jagunço do Chiquinho do *Tico-tico*, ia sentado sobre o traseiro e levava-o a carrocinha – único e isolado. Vendo-o, chorei e compreendi o abandono da Rainha Maria Antonieta na sua carreta, no livro e nas figuras que me mostrara o tio Salles. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.303). Retomando uma das experiências vividas, quando menino, no Rio de Janeiro (e provavelmente a tristeza de ver um cachorro sendo recolhido talvez para ser sacrificado), Pedro Nava, já adulto, retoma também o contato com uma das revistas de sua infância e com o livro e as figuras apresentadas a ele pelo tio.

Verifica-se no trecho analisado uma associação entre personagens diferentes (o cachorro, o Jagunço do Chiquinho, a Rainha Maria Antonieta), de espaços diferentes (um se refere à cidade em que vivia Pedro Nava, o outro, ao mundo ficcional), aproximadas pela sensibilidade de Nava, pelas relações que o escritor estabelece no ato de lembrar. A recordação, por sua vez, de sua vida de menino é (re)construída a partir de um contato, também no passado, com objetos bem específicos, com elementos do mundo da escrita: uma revista e um livro. A revista, presente das tias paternas, folheada (e lida?); as figuras que foram mostradas a Nava, na sua infância, por Antônio Salles, como também a história que se exibia no livro, ainda que não tenha sido decodificada pelo próprio Nava, nele despertaram emoções, ajudaram-no a dar sentido aos acontecimentos, de tal modo que a revista, o livro e as imagens lhe servem de instrumento para a reconstrução de uma das experiências de sua infância. Realidade e ficção misturam-se no processo (também marcado pelos materiais escritos apresentados a Nava por seus parentes) de lembrar e (res)significar o passado que se escreve.

A ficção literária entra em cena, evidenciando, mais uma vez, como, por meio da leitura, Pedro Nava se apropriou de uma das narrativas de Eça de Queirós para (re)construir o espaço de sua casa em Juiz de Fora:

[...] quando li *O Primo Basílio* coloquei a ficção queirosiana na Rua Direita 142 e jamais pude escapar desse sortilégio nas releituras. As salas se adaptavam perfeitamente à descrição do livro e os desabafos de Jorge com o Sebastião eram no escritório de meu Pai; D. Felicidade, O Conselheiro, Julião e o Ernestinho tomavam chá na nossa sala de jantar, na nossa louça, Juliana recebia as *cartazinhas* no alto de nossa escada. Luísa morreu no quarto de minha Mãe (NAVA, *BO*, 2002, p.226-227. Os destaques em itálico são do autor.).

Vale observar que essa associação entre realidade e ficção nos fornece elementos para construir um perfil de Pedro Nava não só como escritor, mas também como leitor. Se, do ponto de vista de sua narrativa, podemos considerar a intertextualidade com obras clássicas da literatura universal como uma estratégia discursiva utilizada pelo memorialista na composição de seu texto, é também a intertextualidade que nós oferece dados para delinear o tipo de leitor que Pedro Nava se tornou. Seu trabalho de citação, as relações que Nava estabelece entre os capítulos de sua vida com os livros que leu nos fornecem uma medida de suas leituras, o quanto o escritor pôde navegar também como leitor pelas entranhas dos textos com que interagiu. A intertextualidade nos dá mostras, pois, de como Pedro Nava se apropriou do que leu. Sua apropriação dos textos como leitor, sugerida pelas *Memórias*, evidencia que, para atribuir sentido para as suas leituras, Nava recorre à sua própria experiência, à sua própria vida, às pessoas e às personagens que o cercaram: “[...] Quando li *As Minas de Salomão* dei à bela Fulata a figura gentil de Rosa [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.227). Como escritor, movimento inverso aconteceria. Para (re)construir e compreender o (seu) passado, Pedro Nava vai à literatura e reconhece lá os personagens da sua história.

Das Minas de Salomão aos poemas de Edgar Allan Poe, Pedro Nava continua sua busca pelas personagens de sua história: “[...] Abria¹⁸⁰ ao meio os cabelos mortiços e abundantes; tinha aquele ar sério e atento dos adolescentes que pressentem a terrível presença. Seus olhos luminosos, seu aquilino hebraico, sua beleza espectral fizeram-me identificar sua figura com a de Roderik Usher, quando vim a ler os contos de Edgard Poe. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.321). A literatura é, assim, lugar privilegiado para o

¹⁸⁰ Aqui Pedro Nava está se referindo a um de seus parentes paternos, Iclirérico Neto, que costumavam visitar a família na Rua Aristides Lobo, enquanto o memorialista morou no Rio de Janeiro, com seus pais e irmãos.

reconhecimento de personagens da vida que fora real na história de Pedro Nava, mas é também um espaço rico e importante no reconhecimento do próprio autor na e para a escrita memorialística:

[...] Depois dessa série de atos gratuitos e delitos inúteis, voltei para casa. Raskolnikov. O mais estranho é que houve crime e não castigo. Crime perfeito. Ninguém desconfiou. Minha avó não deu por falta da sua cédula. Eu fiquei por conta das Fúrias de um remorso que me perseguiu toda a infância, veio comigo pela vida afora, com a terrível impressão de que eu poderia reincidir porque vocês sabem, cesteiro que faz um cesto... Só me tranqüilizei anos depois, já médico, quando li num livro de psicologia infantil que só se deve considerar roubo o que a criança faz com proveito e dolo. O furto inútil é fisiológico e psicologicamente normal. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.261).

Desta vez, Dostoievski é um dos autores privilegiados para a retomada dos delitos da infância, época em que, evidentemente, Pedro Nava não conhecia esse escritor. Nesse sentido, é importante ressaltar, mais uma vez, que sua experiência de leitor (e escritor) maduro é o que contribui com a construção de sua narrativa. Logo, na comparação tecida nas *Memórias*, Nava associa o enredo de *Crime Castigo* às suas ações de menino, as quais não o deixariam durante boa parte da vida. Para (res)significar o remorso experimentado na infância pelo roubo do dinheiro da avó materna para comprar um livro e uma lâmpada elétrica,¹⁸¹ como um adulto que volta ao tempo de menino, o memorialista faz referência às “Fúrias”, personagens da tragédia grega, a fim de atribuir sentido à culpa que o teria “perseguido”, ao castigo advindo da consciência. Por fim, para dar aos acontecimentos de sua época de menino a dimensão que eles tomariam depois de anos de sofrimento com os delitos cometidos, Pedro Nava sai da literatura e busca apoio em um campo especializado, na psicologia infantil. Entre realidade e ficção, o passado de Pedro Nava ganha sentido nas *Memórias*; ganha novos sentidos para o próprio escritor.

Finalmente, as *Memórias* também são o lugar criado por Pedro Nava para (re)viver as emoções com a escrita ficcional e literária, não somente a sua própria, mas também a de outros autores:

¹⁸¹ A respeito desse episódio, vale destacar o desfecho mais imediato do roubo da “nota de cinco mil-réis, do patrimônio da própria Inhá Luísa”: “[...] Fui para o Parque Halfeld com o butim da minha pirataria. Joguei o troco num bueiro. Como ainda não soubesse ler, rasguei o livro e atirei seus restos no tanque da ‘Cabana’. A lâmpada, enorme, esfregada, não fez aparecer nenhum gênio. Fui me desfazer de mais esse cadáver na escada da Igreja de São Sebastião. Lá a estourei, tendo a impressão de ouvir os trovões e o morro do Imperador desabando nas minhas costas. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.261).

[...] Ali, naquele quarto, viriam encontrar-se comigo e uns com os outros, Napoleão, que me fora apresentado por tio Salles; Ali-Babá com sua caverna; Aladino com sua lâmpada; Simbá, o marujo, sempre chegando de uma de suas sete viagens prodigiosas; D. Quixote, Sancho e a Dulcinéia; os personagens do *Tico-Tico*, da *Cabana do Pai Tomás*, dos *Ovos de Páscoa*. Eu odiava os bandidos de que escapava Ali-Babá, ganhando seus cem anos de perdão; o velho infecto que fizera Simbá de montaria, o feiticeiro inimigo de Aladino; aquele repugnante canalha do Simão Legree; o infame Golo. Recebia com reservas Napoleão; os pais chatérrimos que descascavam a bunda do Chiquinho, palmatoando-a com escovas de cabelo; o enjoativo Saint-Clare; a escrotidão da Faustina e do Zé Macaco; o grão-senhor que se divertia mandando o pobre Sancho reinar na Baratária. Minha amizade ia para o Chiquinho, sua prima Lili, o moleque Benjamim, o *Vovô* e seus netos Lulu e Zezé. As minhas lágrimas para Evangelina agonizante, para D. Quixote morrendo, o negro Tomás apanhando, Elisa fugindo à deriva, sobre os blocos de gelo do rio Ohio e Genoveva de Brabant errando nas silvas, vestida de seus cabelos. Eu fazia-a míope como a Santa Freire, loura como a Marta Leuzinger e bela, ah! bela como a Eponina Pires Lima.¹⁸² Mas toda a minha admiração eu reservava para resoluta Cassy. Altiva mulata! Quando chegava aquele episódio da fuga, dos cães ladrando na charneca, de Emelina querendo desmaiar, eu perdia o fôlego, engolia períodos inteiros, lia sem separar as palavras, sua objurgatória à companheira – *Reanimatemulherquandonãomatote!* Mais inquietantes ainda eram uns álbuns com histórias e desenhos de Benjamim Rabier, que perturbavam a pura curiosidade infantil pelos animais, dando a seus macacos, cães e leões, sentimentos e expressão humana. Eu achava terríveis aqueles felinos sorridentes, digerindo o caçador comido de que se viam, ao pé da fera, o casco colonial, a espingarda, as botas e a bolsa franjada. Horrendos seus cães salteadores fugindo num *fiacre* depois de suas efrações. Aquela malícia, que o humorista juntava ao bestial de seus bichos, comprometia-os mais que a ferocidade e obscuramente me enchiam de repulsa. Essa ainda era agravada pelo traço linear e simples do desenhista e pela impressão desértica que ele sugeria. Bons eram seus personagens humanos – homens de boné e *Knicker-bockers*, senhoras com calções bufantes – montando aquelas fabulosas bicicletas de vários selins em que se podia pedalar uma família inteira. Esses, de Rabier, eram exatamente iguais aos figurantes proustianos do *Le Chalet du Cycle au Bois de Boulogne*, por Béraud (NAVA, *BO*, 2002, p.354-355. Os destaques em itálico são do autor.).

Trata-se da escrita de adulto que vem dar (novo) sentido às leituras do menino. Afeições e incômodos provocados pela descoberta das ações de diversas personagens feitas de papel e tinta na infância desencadeiam a escrita do homem maduro. As leituras suscitavam (e suscitam) emoções. Logo, tristeza e alegria deveriam ser registradas (para que se eternizem?) uma vez que são frutos do trabalho dos textos (do próprio leitor?) sobre a

¹⁸² Sobre sua afetividade por Eponina, Pedro Nava escreveu: “Guardo também de Visconde de Figueiredo a imagem de Eponina. Sobrinha de tia Eugênia. Mocetona alourada e de olhos escuros. Ela tomava conta de mim e dos meus irmãos, quando nos hospedávamos na casa dos parentes. Sabia histórias tão lindas como as da Rosa, sobretudo uma, do mancebo índio que, para dar prova de amor pela cunhã, não hesitara em enfiar sua destra dentro de igaçaba cheia de taturanas, saúvas, escorpiões, e lacraias. A bicharia deitou fogo na mão do guerreiro e ele sorrindo... O braço tão inchado que precisava quebrar o pote. Dor tamanha e ele sorrindo... Eu começava a chorar, não por causa do moço, mas por motivos mais complicados e que se explicavam pelas

sensibilidade do menino. Dever-se-ia, pois, registrar (e publicar) as leituras que marcariam a infância, os processos formativos do autor como leitor, como escritor, como indivíduo. Afinal, os personagens que povoaram os textos da infância de Pedro Nava eram “personagens humanos”.

Como já se mencionou neste capítulo e no decorrer do capítulo II, muitas das práticas de leitura e de escrita dos parentes de Pedro Nava eram motivadas pelas conversas, eram mediadas pela oralidade. Desse modo, no espaço das sociabilidades familiares, também Pedro Nava, durante a sua infância, sempre esteve mergulhado em um mundo em que a escrita era intermediada, muitas vezes, pela oralidade. Muitos dos elementos das culturas do escrito chegavam ao menino porque ele ouvia cotidianamente seus familiares falarem de histórias, seja de parentes seus, seja de personagens, que só se poderiam mesmo encontrar nos livros que foram também, em grade medida, os livros de sua vida, tal como evidencia a intertextualidade, um dos fundamentos da composição de suas *Memórias*.

Mesmo que a maior parte dos parentes maternos de Pedro Nava não se mobilizasse para lhe apresentar o mundo da escrita, os livros que existiam na casa de sua avó Maria Luísa chamavam-lhe a atenção. Herança do engenheiro Halfeld à sua avó, os livros destacaram-se de tal modo para o memorialista que não foram descartados na escrita de suas reminiscências da infância: “[...] Pelos livros deixados, julga-se da competência, da cultura, do bom gosto e da civilização do alemão. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.127). Adulto, conhecedor dos “bons” livros, do que podem revelar as leituras sobre a formação de alguém, Pedro Nava reconhece, nas *Memórias*, o valor do livros de Halfeld como indicadores da cultura e do “bom gosto” do primeiro marido da avó materna.

Seu interesse pelos livros e pela personalidade de Halfeld, levou Pedro Nava, para a investigação do passado, para a escrita das *Memórias*, ao inventário de Dona Dorotéia, primeira mulher do engenheiro alemão:

[...] Sempre do inventário da primeira mulher de Halfeld e do maior interesse no conhecimento de sua personalidade é a lista dos livros de que ele era possuidor. Cerca de 400 volumes de 318 obras alemãs, francesas e inglesas que logo mostram o homem versado em outros dois idiomas – além do seu e do português. Livros de geografia, história, literatura, matemática, cálculo, engenharia, ciências naturais, geologia, mineralogia, física, química, astronomia. Livros sobre nossa

acusações que eu fazia à bela Eponina. Ai! Eponina, Eponina, você não era capaz de deixar ferrar seu braço por minha causa. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.311).

terra que fariam o orgulho das *brasilianas* atuais. Essa biblioteca, por morte de Halfeld, foi ter às mãos de meu tio Júlio Pinto e de dois sobrinhos de minha avó – Francisco e Alberto da Cunha Horta. Os livros que eu conheci, quando menino e que restavam em nossa casa de Juiz de Fora, eram o *Dicionário* de Faria, em cujas vielas eu e meu primo Meton da Franca Alencar Neto passeávamos, buscando palavras de má companhia; uma edição de luxo de *La Gerusalemme Liberata* de Torquato Tasso, hoje posse dos herdeiros de minha tia Berta Paletta; e os dois volumes, à *tranches dorées*, do romance de Eugène Sue, *Mathilde*, atualmente em minhas mãos. Foram também do Halfeld, mas adquiridos depois do inventário, como o mostram as datas das edições. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.127. Os destaques em itálico são do autor.).

A pesquisa da biblioteca de Halfeld pelo historiador-memorialista fornece-nos elementos para refletir sobre o tipo de leitor que Pedro Nava se tornou, e como se relacionava com a leitura sua avó materna e seus tios-avós. Diferentemente do marido, Maria Luísa não se interessaria tanto por livros ou, pelo menos, pelos gêneros textuais que lia Halfeld, já que, após sua morte, ela permitiu que a biblioteca do engenheiro alemão ficasse com Júlio, Francisco e Alberto. Por que Maria Luísa teria se desfeito dessa parte da herança que lhe deixara o marido? Seria porque a maior parte dos livros de Halfeld eram versões de publicações de língua estrangeira? Maria Luísa não seria uma leitora fluente como o era seu primeiro marido? Teria ela dificuldade com a leitura das obras colecionadas por Halfeld por causa de sua fluência em língua estrangeira? Ou desejava não ter perto de si lembranças tão fortes do marido falecido?

De qualquer modo, o que restou dos 400 livros inventariados de Halfeld (um considerável número de livros, se lembrarmos que o engenheiro viveu no Brasil grande parte do século XIX) não ficou despercebido por Pedro Nava que, aliás, durante parte da infância em Juiz de Fora, tinha com quem compartilhar as leituras de menino dos livros de sua avó. O dicionário, por exemplo, não era consultado pelos meninos ao mesmo tempo em que eles liam textos, cujas palavras fossem, para eles, desconhecidas. Nava e Meton Neto não consultavam o dicionário para solucionar problemas com o significado de palavras não compreendidas em textos lidos. No lugar disso, os meninos, livres e íntimos das culturas do escrito, transformavam o dicionário em brinquedo e passeavam pelo livro na busca por “palavras de má companhia”. A familiaridade com a escrita, com os livros permitia aos meninos (re)inventar modos de ler; eles podiam ler como quisessem qualquer livro; eles podiam ler de maneiras diferentes o mesmo livro, até mesmo um dicionário. Não havia censura porque ter aprendido a ler em casa ou na escola determinados livros de determinada maneira não os aprisionava. Com o desejo de encontrar palavras “proibidas”,

até mesmo a interação com um dicionário poderia ser subvertida, e suas competências e habilidades letradas permitiam-lhes fazer isso.

Percebemos, desse modo, que, na casa de Maria Luísa, havia livros; existia capital cultural objetivado. Contudo, na época em que lá viveu Pedro Nava, faltavam leitores adultos, pessoas interessadas em usufruir desse patrimônio. Para isso, os parentes maternos de Pedro Nava deveriam ter incorporados conhecimentos que lhes permitissem a leitura das obras de Halfeld, o contato com livros de diversos campos do conhecimento em língua estrangeira. Na ausência desse tipo de leitor, o menino, valendo-se do que aprendera com o pai, explorou ele mesmo esses objetos. Assim, embora não tivesse a companhia de adultos, leitores mais experientes do que ele que o incentivassem na descoberta dos livros de sua avó, que lessem para ele, Nava experimentava, sozinho ou na companhia do primo, menino como ele, navegar nas obras deixadas pelo velho Halfeld à sua jovem esposa.

Dos livros que restaram da biblioteca do engenheiro, *Mathilde* foi a obra que Pedro Nava herdou tendo em vista o casamento de sua avó materna com o alemão. O romance de Eugène Sue, como se destacou no capítulo II, foi o livro utilizado por Halfeld para ensinar Francês à Maria Luísa, que deu a uma de suas filhas o nome da protagonista do romance. Uma vez que *Mathilde* é um dos livros que se encontravam nas estantes da sala da casa de Maria Luísa, na época em que Nava viveu em Juiz de Fora, é possível que ele tenha tido o primeiro contato com essa obra ainda durante a infância, na casa da avó:

[...] Que romance! De um lado a hipócrita Ursula, a perversa Maran, o miserável Gontran e o infame Lugarto, que por sinal era mulato e mulato brasileiro. Do outro, a pobre Matilde, a excelente Blondeau, a valorosa Richeville, o destemido Mortagne e o nobre Rochegune. Como os maus eram maus e os bons, como eram bons... E as elegâncias parisienses do romance e seus requintes sociais... O Rei, a Corte, os palácios, os castelos. Que tempo, que gente... Tempo em que Eugène Sue era mais conhecido e considerado maior escritor que Balzac. E quem se lembra hoje de *Matilde*, de *Le Juif Errant*, de *Les Mystère de Paris*? e até do nome do autor desses rocamboles? (NAVA, *BO*, 2002, p.128).

O possível contato com o romance de Sue na infância, assim como a familiarização com outros romances e livros durante esse período de seu desenvolvimento, foi tornando o mundo da literatura cada vez mais próximo, mais íntimo, mais comum na vida de Pedro Nava. Logo, na escrita das *Memórias*, a descrição dos livros da casa de Maria Luísa é feita com a retomada das experiências que o próprio memorialista teve com as obras da avó. Seus modos de ler e suas interpretações, como é o caso, por exemplo, da leitura (ou das leituras) que Nava fez de *Mathilde*, vão sendo articuladas com as lembranças dos objetos

que se encontravam na casa de Maria Luísa e faziam parte de sua história, narrada por Nava nas *Memórias*. Além dos livros, na casa de Maria Luísa, havia outros materiais característicos das culturas do escrito. Na sala da avó, ficava guardado um álbum de retratos que Nava folheava (NAVA, *BO*, 2002, p.110-111).

Mesmo sem dominar ainda as técnicas do ler e do escrever, Pedro Nava utilizava materiais próprios do mundo da escrita para transformar seus pensamentos em realidade. Vivendo em Juiz de Fora, já conhecendo e (por que não pensar) se apropriando da herança deixada pelo avô paterno, ele desejava ir ao Maranhão, ao Ceará, estados onde viveram seus parentes paternos. Em contato com alguns desses parentes, Nava continuava a ouvir as histórias sobre o avô, sobre Ennes de Souza e, na impossibilidade de ir fisicamente aos lugares que povoavam sua imaginação, ele desenhava, registrando no papel as viagens que gostaria de fazer:

Essa sempre procrastinada viagem, se não a faço com o corpo, realizo em imaginação. Desde menino, quando, de tanto ouvir falar em Ceará e Maranhão, eu enchia cadernos e cadernos do desenho de navios inverossímeis, onde havia um exagero de âncoras pendentes, gáveas em cada metro de mastro, mastros sem conta e as chaminés deitando uma fumaceira de erupção vulcânica. Nenhum barco da minha frota tinha menos de seis dessas chaminés e, além delas, velas, rodas e hélices para os grandes mares e os grandes ventos. É sempre na mezena mais alta de um deles que levanto minha flâmula e orço para o setentrão – quando certos sons, certas sílabas e certos nomes mágicos abrem para mim os caminhos do oceano. Ilha, rei, São Luís Rei. Ou então, mar, amar, aranha, arranhão – que se entrelaçam e emaranham na graça da palavra Maranhão. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.13-14).

Pedro Nava escutava histórias e (as) desenhava porque os parentes incentivavam-no, disponibilizavam para ele “cadernos e cadernos” em que o menino, podendo viver a sua infância de menino, ia enchendo as páginas de seus cadernos com “navios inverossímeis”. Cadernos, lápis, tempo e espaço para a escrita estavam presentes na vida de Pedro Nava desde a infância. Na idade adulta, no momento de escrever suas memórias, esses elementos fazem naturalmente parte do cenário o qual, no momento da escrita da narrativa, ele (re)compõe. Nesse processo de (re)composição do passado, as peças do *puzzle* são encaixadas no espaço da escrita à medida que os sons de palavras, antes, na infância, representadas com desenhos, agora são representadas com letras que se unem no grande quebra-cabeças da escrita das *Memórias*. Estamos diante de dois talentos produzidos e potencializados pela família no menino Pedro Nava: o talento para desenhar e o talento para escrever.

As atividades de caligrafia do Colégio Andrès talvez agradassem a Pedro Nava porque, de certa forma, eram exercícios de desenhar. Em casa, Nava desenhava as histórias que ouvia; inspirava-se nas figuras que via nas revistas infantis que ganhava de presente de seus parentes paternos, na escola, era momento de se desenhar as letras do alfabeto.¹⁸³ Em Aristides Lobo, a ilustração também era utilizada por Pedro Nava para mostrar seus sentimentos. Entre os desenhos do menino, uma frase escrita completava o sentido que Nava ia construindo na medida em que criava suas histórias, representadas por figuras:

[...] Aos sábados, quando voltava das aulas, já trazia sua filha para passar o domingo em casa.¹⁸⁴ [...] Maria [...] passava o domingo rindo com as amigas que vinham vê-la ou que ela ia ver. Eram todas do colégio. [...] Elas enchiam a casa; deslumbravam os grandes, falando francês; fazendo as reverências e as galinhagens que aprendiam com as *mères*. Das quatro, a mais linda era a Marta. Míope e ebúrnea Marta! Míope como a Santa Freire e mais clara que a Eponina... Marta! Ingrata Marta! que não se comoveu com um desenho que eu compusera para mostrar-lhe. Era um coração em chamas, encimado por uma cruz e trespassado de setas. Estava, como brasão, num paquife de raios e, no campo, eu escrevera minha divisa – Marta do meu coração! O resto da página de caderno eu enchera de cenas heróicas. O caçador que matava um tigre, a queima-roupa. Era eu. Um índio lanceando uma cobra. Ainda eu. Um moço de salto alto, tricórnio e cabeleira enlaçarotada à Luís XV – apunhalando outra serpente. Sempre eu. [...]

(NAVA, *BO*, 2002, p.324-325).

Adulto, e já bem familiarizado com as culturas do escrito, Pedro Nava preferiu explorar mais as possibilidades da escrita. Recordando e (re)criando o passado em um texto autobiográfico, é a escrita (e não mais o desenho) que o convida a falar de suas experiências, de seus (des)afetos. De todo modo, não se pode negar que os desenhos constituíram parte importante do processo de familiarização de Pedro Nava com o mundo letrado.¹⁸⁵

¹⁸³ Embora não seja nosso objetivo, nesta dissertação, tratar dos modos de participação de Pedro Nava nas culturas do escrito no espaço da escola, apresentamos o trecho a seguir apenas para concluir a comparação que fizemos entre o aprendizado que Nava construía em casa e a sua possível relação com o que ele aprendia no Colégio Andrès: “[...] Aprendíamos a caligrafia dissecando as letras, como num estudo de anatomia descritiva. Parte por parte. Não se escrevia nunca, de saída, um M, um B ou um W. Para o N e o M primeiro fazia-se um pauzinho. Quando se estava perito no dito, ia-se para a curva da outra perna. Depois de páginas e páginas de treinamento, juntavam-se as duas partes do N, as três do M ou do W e só noutra etapa, o rabinho de porco do V, do W, do O. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.257-258).

¹⁸⁴ Trata-se da tia paterna de Pedro Nava, Cândida, que ministrava aulas de piano no Colégio *Sacre-Coeur*, onde estudava sua filha.

¹⁸⁵ Segundo BUENO (1997), além de “renomado reumatologista”, anatomista, poeta, Pedro Nava foi “artista plástico e eventual crítico de artes plásticas” (p.19). Conforme (IGLÉSIAS, 1997), Nava, “ainda estudante

Como já destacamos, Antônio Salles, o tio paterno que contava histórias para Nava, mostrando-lhe as figuras no livro, era um de seus parentes que permitia ao menino usar a escrivaninha, lápis e papéis para desenhar. Além disso, ele levava Pedro Nava aos lugares onde se podia comprar os materiais com os quais o menino se divertiria momentos depois: “[...] Seguíamos para a papelaria onde tio Salles comprava o almanaque para as poesias e os cadernos, os lápis de cor pra meus desenhos. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.367). Sendo Antônio Salles, ele mesmo, um leitor fluente e um escritor, nada lhe parecia mais natural do que levar o sobrinho com ele, para os passeios pelas ruas do Rio de Janeiro e também para as suas compras. A Pedro Nava, apresentava-se mais um espaço que se tornaria decisivo para o escritor: a cidade.

O contato de Pedro Nava com o universo letrado era de tal modo intenso na infância que, do mesmo jeito que lia, Nava também representava no papel as personagens das histórias lidas (ou ouvidas), os objetos da cultura escrita que faziam parte do seu cotidiano:

[...] Abro o velho caderno [...]. Nele desenhei canhestramente aquela primeira paisagem – um morro escarpado como o corcovado [...], contornos dos pesos de papel de tio Salles – uma ferradura e uma secção de trilho. Personagens do *Tico-Tico* – Chiquinho, Lili, Jagunço, Vovô, Lulu, Zezé, Baratinha, Benjamim, Faustina e Zé Macaco. Esboços de histórias de quadrinho que eu compunha sob a influência das figuras. [...] Reminiscências da passagem cheia de incidentes, de minha avó materna, de meus tios Meton, Hortênsia e Risoleta – como hóspedes, na Rua Aristides Lobo 106. Caricaturas do Hermes e do velho Accioly.¹⁸⁶ [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.341-342).

Quanto à escrita, como mencionamos, Pedro Nava, nas décadas de 1920 e 1930, chegou a escrever alguns textos literários:

Todos esses ruídos misturados a cores, a cheiros, a gostos iam rolando rua abaixo e seriam tal e qual diante do 33 (esquina da Rua Colina), onde estava em casa dos avós, um menino que eu ainda não conhecia. Chamava-se Prudente. Chama-se Prudente de Moraes, neto, aliás Pedro Dantas. Meu vizinho na infância. Contemporaneamente nos impregnamos na Rua Aristides Lobo como se fôssemos esponjas. Quando as esprememos, aí por volta dos anos trinta, dele veio *A Cachorra* e de mim, *O Defunto*. Poemas do Rio Comprido. Poemas da frustração do corpo, do sofrimento de alma e corpo, da miragem de qualquer

nos anos vinte, desenhava muito bem, com traço forte na caricatura como se verificaria ainda em sua escrita, na poesia, em artigos, em cartas de então” (p.12).

¹⁸⁶ Personagens da política brasileira à época em que Nava morou no Rio de Janeiro, com os pais, irmãos e parentes paternos. Nas conversas da casa, o escritor ouvia sempre casos sobre situações em que esses políticos estavam envolvidos.

depois, nos aléns da vida e ou nos aléns da morte. Tímida esperança de recomeço, de purificação, de retomada... [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.302).

A influência do movimento modernista, bem como a convivência com os pares, intelectuais e escritores despertariam em Pedro Nava o desejo pela escrita literária. Porém, sem dar prosseguimento à carreira de escritor, na primeira metade do século XX, como o fizeram amigos e contemporâneos seus que tiveram uma carreira tipicamente literária, Nava exerceu a profissão de médico escrevendo e publicando vários textos a respeito dos temas de seus estudos na medicina,¹⁸⁷ antes de se entregar às *Memórias*.

2.2. Outras práticas culturais

Quando morou no Rio de Janeiro, pela primeira vez, Pedro Nava estava entre os seus sete e oito anos de idade. Lá, vivendo com seus pais e outros parentes paternos, Nava ia aprendendo sobre música ao assistir às práticas culturais e cotidianas de seus familiares:

[...] Na parede fronteira, [...] ficava o piano preto, ladeado por estantes menores, cheias de partituras musicais. Eu gostava de ficar sentado no chão, ao lado do Pleyel, orelha colada à madeira fresca e polida, ouvindo as escalas tocadas por minha prima, sentindo a vibração penetrar na minha cabeça [...]. Os dó-ré-mis enchiam a casa, [...] entravam pelos meus ouvidos. [...] Nunca mais pude separar a lembrança da prima, da sensação cromática das escalas musicais [...]. Já sua mãe¹⁸⁸ gostava de tocar à noite, quando a casa fechava e todos iam se deitar. Era quando ela povoava o silêncio com as cavalhadas e cargas das suas sonatas heróicas, com a tintinabulação de cristais estalando ao luar dos seus noturnos e com a plangência das gotas d'água dos seus prelúdios irremediáveis e cor de cinza. Essas notas de piano faziam parte do conjunto de ruídos que eram como a vibração instrumental das paredes de nossa casa. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.351).

Assim como em muitos dos momentos em que se familiarizava com os diferentes tipos de texto, com a leitura e a escrita, a aproximação de Pedro Nava com os elementos que constituem o mundo da música acontecia quando ele ouvia e observava o que sua tia e sua prima faziam. Ele já aprendera a gostar de ficar no ambiente em que elas tocavam a fim de perceber as vibrações produzidas pelas diferentes notas tocadas pela prima, pelas “sonatas” tocadas pela tia. Tocar piano era tão comum na casa de Aristides Lobo que, nas

¹⁸⁷ Ver, nesse sentido, NAVA (2003a, 2003b, 2004).

¹⁸⁸ Trata-se de Cândida, tia paterna de Pedro Nava.

recordações de Nava, entre os sons dos quais ele se lembra estão os ruídos do instrumento, a vibração das paredes da casa.

Em Juiz de Fora, diferentemente das experiências que Pedro Nava teria no Rio de Janeiro, não eram propriamente parentes maternos que lhe apresentavam os conhecimentos musicais. Ainda que houvesse um piano na casa de sua avó materna, ao contrário do que aconteceria em Aristides Lobo, quem tocava o instrumento na casa de Maria Luísa não eram os parentes de Nava, mas, sim, os amigos da “Sinhá”:

[...] lá vinham o austero compadre Aroeira e a comadre Manoelita com o *Biscuit* e a *Simimi* [...]. O Dr. Bernardo Aroeira era um homem pomposo e de falas empoladas. Farmacêutico de Ouro Preto. Latinista. A Inhá Luísa não os deixava passar. Absolutamente, vocês vão entrar e tomar um café... E o compadre Aroeira, já sabe, é direto para o piano. Porque o Dr. Aroeira era formidável no instrumento. Tocava de ouvido e lembro-me do seu ar teso no mocho do velho *Rudibach-Sohn*, o fraque descendo até o chão, o *pince-nez* de *trancelin* faiscando e as pernas muito abertas, como se tivesse medo dos pedais. [...] O Dr. Aroeira executava velhas músicas das noites mineiras como o *Quisera*, a *Perpétua*, o *Elvira escuta*, trechos da *Viúva Alegre* e do *Conde de Luxemburgo*, ofembaquianas do *Barba-Azul* e da *Bela Helena*, mas terminava com a *Saudade de Ouro Preto* e com a chave de ouro do *Passavas Linda*. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.241-242. Os destaques em itálico são do autor.).

A intimidade com a música, adquirida durante a infância, seja na casa de sua avó materna, em Juiz de Fora, seja junto aos parentes paternos, no Rio de Janeiro, permitiu a Pedro Nava, no momento da escrita das *Memórias* (e quem sabe, mesmo antes) dar significado ao que ele ouvia ser tocado nas casas de seus parentes quando era ainda um menino. Desse modo, em sua obra memorialística, o já estabelecido escritor e médico descreve e caracteriza o que ele escutara na infância na casa de sua avó. As músicas ouvidas antes recebem, assim, no espaço textual, os nomes que as caracterizam como as “velhas músicas das noites mineiras” e traços que as aproximam da música clássica, como é o caso das “ofembaquianas do *Barba-Azul* e da *Bela Helena*” tocadas no piano de Maria Luísa pelo Dr. Bernardo Aroeira.

Quanto ao cinema, Pedro Nava, no Rio de Janeiro, com o pai e o tio Salles, começou a ter suas primeiras experiências com essa arte. Nas *Memórias*, o contato, durante a infância, com o cinema e a apropriação por Nava dos elementos que o ajudariam a compreender os filmes a que ele passaria a assistir guardam relações com os acontecimentos da sua época de menino:

[...] O seu Felipe Paletta era irmão do tio Paletta e ostentava a bicanca familiar. Só que nele era menos antipática, devido à sua expressão míope e hilare. Lembro-me duma manhã em que ele estava pontificando à beira da calçada, alto como um poste, todo de preto, todo esticado, de chapéu-coco e o gogó entrando e saindo dos colarinhos vastos. Do lado da Rua da Imperatriz surgiu o cachorro vagabundo, no seu trote disponível e veio para o nosso lado. Veio vindo. Eu parei e esperei com uma espécie de prenoção do que ia acontecer. Minha garganta serrada pela torcida da espera. Feito uma angústia agarrada. Dito e feito. O cachorro chegou, levantou a pata e seringou de mijo as pernas de seu Felipe que, mais furioso com minha gargalhada, atirou-se com o intuito provável de me esfregar as orelhas. Escapei de escada acima e ainda pude gozá-lo e vaiá-lo da sacada. A soma de chiste que eu tirei deste *gag* deixou-me pronto, preparado, para os filmes de Carlito a que eu iria começar a assistir, um por um, oito anos depois (NAVA, *BO*, 2002, p.195).

Esse episódio, envolvendo o Sr. Felipe Paletta, teria acontecido, de acordo com as *Memórias*, em 1908, quando o escritor teria entre o seus cinco e seis anos de idade. Se Nava começou a assistir aos filmes de Carlito oito anos depois da cena descrita no exemplo que destacamos aqui, provavelmente com 13 ou 14 anos, o escritor, ainda adolescente e estudando no Colégio Pedro II, mergulhou no cinema de Charles Chaplin.

Os conhecimentos que Pedro Nava ia adquirindo em casa articulavam-se com os saberes que circulavam na sociedade, na época em que viveu. É como se sua família estivesse afinada com uma cultura que Nava encontraria mais tarde nos espaços por onde circularia. Não podemos perder de vista também, as relações que o próprio Pedro Nava fazia entre as experiências vividas na infância, na adolescência, na família, nos colégios em que estudou e os discursos, as obras de arte encontradas, por exemplo, em museus que conheceria e frequentaria ao longo da vida:

[...] Uma lanterna mágica com lâmpada de querosene, cujo cheiro ainda sinto [...]. Nela se passavam vistas e um filme sem fim de extremos colados, com um desenho-animado que me enchia de pânico pelo mistério da repetição, da retomada. A banda circular, que não tinha fim, representava, em desenho-animado, a história de um homem que entrava pela esquerda e fugia da perseguição que não via, mas que era óbvia, saltando um muro e desaparecendo do outro lado. A paisagem ficava deserta um instante, mas logo o homem tornava a entrar pela esquerda, de novo pulava o muro e, mais outro instante, ficava deserta a paisagem. Um momento só, que lá vinha o homem (ladrão? bandido?) chegando para retomar a agonia de sua fuga e desencadear a minha também. A mesma angústia que senti anos depois, no Museu do Prado, diante de três quadros em série, mostrando a história de *Nastagio degli Honesti*. Lá vai a pobre vítima, toda nua, perseguida pelos cães e que, despedaçada por eles, revive sem lacerações, para outra vez ser perseguida, mordida, rasgada pelos mastins e sempre ressuscitar inteira para, novamente, ser filada e ainda feita em postas pela matilha furiosa. O suplício de Jezabel foi menor e mais tarde, na aula de Francês do Pedro II, aprendendo a *Athalie* no *Théâtre Classique*, eu padecia menos – que ela só morria uma vez aos dentes da cachorrada [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.339-340).

A agonia da fuga infinita do homem da lanterna mágica, brinquedo dado a Pedro Nava pelos parentes paternos na infância, é retomada pelo escritor, nas *Memórias*, em uma associação com o quadro visto mais tarde. Exceto a angústia que toma o memorialista diante do “mistério da repetição”, os quadros são apreciados sem tensões no que diz respeito à fruição da obra de arte. As peças do “Museu do Prado”, que nos fazem pensar no mito de Prometeu, é, para o escritor adulto, em uma analogia, quase que o brinquedo de sua infância. Prova disso é a relação entre a história representada nas telas e o desenho-animado que se repetia na lanterna mágica, tecida no corpo de sua narrativa, a qual nos reporta para as experiências de Pedro Nava em momentos diferentes da vida. A intimidade com o brinquedo assemelha-se ao conhecimento que Nava, já um homem adulto, usa para mergulhar na história representada no quadro. Trata-se de uma familiaridade com histórias que vêm da infância, da formação recebida na família e na escola. Essa hipótese interpretativa, que, em alguns momentos, faz-nos enxergar Pedro Nava como um “herdeiro”, em boa medida, dos conhecimentos disponibilizados por essas duas instâncias de formação, é reforçada ainda por nova associação que o escritor faz no mesmo momento em que trata das telas do Museu do Prado: a associação entre a história representada em “*Nastagio degli Honesti*” e a história de Jezabel, aprendida nas aulas de Francês do Colégio Pedro II, durante a adolescência. Esse exemplo nos mostra como, no caso de Pedro Nava, capital cultural familiar e capital escolar associam-se e se tornam rentáveis para o indivíduo em sua fase adulta.

Em Aristides Lobo, além de manusear revistas e postais, Pedro Nava folheava também os livros de seus parentes, como já se destacou. Antônio Salles que aparece com maior força nas *Memórias* de Nava como o parente que mais se mobilizava para lhe apresentar as diversas faces do mundo letrado, também foi personagem importante no processo de familiarização de Pedro Nava com as artes plásticas: “[...] Eu folheava às vezes os livros de tio Salles e foi assim que descobri um álbum representando as pinturas truculentas e oníricas de Hieronymus Bosch. [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.347). Com efeito, Nava, quando se mudou para o Rio de Janeiro com os pais e irmãos, pôde continuar cultivando o gosto que aprendera a ter ainda em Juiz de Fora: o gosto pela pintura.

Apesar do pouco entusiasmo de Pedro Nava com a herança familiar materna, o escritor reconheceu a influência de algumas de suas parentes na construção de seu gosto pela arte: “[...] Amante das artes plásticas desde cedo, [fui] educado no culto do belo pelas pinturas das tias, das primas e pelas composições fotográficas do seu Lemos, amigo de

meu Pai [...]” (NAVA, *BO*, 2002, p.260). Como podemos observar, o contato com as produções de um dos amigos de seu pai contribuiu para que Pedro Nava se encantasse pelo mundo da fotografia. Entretanto, também suas tias e primas maternas ocuparam papel importante na relação de Nava, desde a infância, com a pintura.

O “culto do belo” pelas tias e primas maternas, a ênfase no valor estético das telas na educação do menino tiveram grande efeito sobre ele. Nas *Memórias*, não é pequeno o número de artistas referenciados pelo escritor. Eles são comumente citados, assim como são descritas com detalhes suas pinturas para dar significado às experiências do sujeito-narrador ao longo da vida.

Uma das tias maternas de Pedro Nava ganha espaço nas *Memórias*, quando o escritor descreve a visita que fez ao *Metropolitan Museum of Art*, com pouco mais de 60 anos de idade:

[...] Em 1967, visitando o *Metropolitan Museum of Art*, descobri o original do que se procurava repetir – era *A Tempestade*, de Pierre Cot. Logo esqueci que acabara de ver *A Mulher de Branco*, de Picasso; *A Arlesiana*, de Van Gogh; *O convite ao Espetáculo*, de Seurat; *O Guitarrista* e *O Canoeiro*, de Manet; e mais o *Boulevard Montmartre*, de Picasso; o *Auto-retrato* de Ingres jovem; a horrível *Salomé* de Regnault – para ver senão o par enlaçado saindo de sua tela para disparar pela Broadway, pela Virgínia, Tennessee, Oklahoma, México, América Central abaixo, Guianas, Pará, Goiás, Minas, Caminho Novo, Juiz de Fora, Rua Direita – até a chácara de Inhá Luísa, onde eu tinha o costume de localizar o idílio desabalado. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.245).

A (res)significação dos quadros que uma de suas tias pintava leva o escritor à recordação das outras telas vistas no Museu. A lembrança da viagem tranquila e “natural” pelas obras de Picasso, Van Gogh, Seurat, Manet, Ingres, Regnault, empreendida em um ano próximo ao ano de início da escrita das *Memórias*, mistura-se com o reconhecimento das produções da tia em Juiz de Fora, no início do século XX. A associação entre quadros e lembranças de fatos que aconteceram em diferentes momentos do passado liga-se a uma rede de recordações que nos levam às práticas culturais cotidianas da tia materna do escritor:

[...] sentava-se para pintar, pela multésima vez, jangadas, em aquarelas de uma doçura de vomitório, embaixo das quais, com sua caligrafia prodigiosa, escrevia invariavelmente os primeiros compassos da *Iracema*. “Verdes mares bravios de minha terra natal onde canta a jandaia nas frentes da carnaúba; verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros; serenai, verdes mares...” Era o único livro que lera a Princesa, que nele encerrava toda sua emoção estética. [...] (NAVA, *BO*, 2002, p.244).

Embora Pedro Nava tenha aprendido um pouco sobre pintura com as tias maternas, o escritor não deixa de ressaltar (ou descrever) as características, os problemas das telas que uma das tias produzia. Mesmo valorizando a caligrafia da “Princesa”, considerando-a “prodigiosa”, Nava relaciona “a beleza” das produções da tia materna com uma “doçura de vomitório”. Somado a isso, o sarcástico comentário do memorialista a respeito dos quadros da tia estende-se também à dimensão de sua emoção estética, relacionada não apenas aos quadros, mas também ao “único livro” que teria lido. Das representações que Pedro Nava construiu das experiências da tia, dignas para figurar antes entre os elementos culturais que Nava decidiu renunciar, ficou, por meio do que sugerem suas *Memórias*, o convite para a apropriação de uma arte “mais legítima”.

*

Neste último capítulo, verificamos que a construção e o aprendizado de Pedro Nava de certos gostos e preferências culturais, particularmente no que se referem à leitura e à escrita, relacionavam-se diretamente com a sua admiração pelos valores, comportamentos, modos de viver de seus familiares. Assim, desde a infância, Pedro Nava aprendeu a gostar de ouvir histórias; folhear, ler e recortar revistas; ler livros; desenhar e escrever frases que se conjugavam com suas ilustrações. Desde muito cedo, Nava aprendeu a valorizar a literatura universal e clássica, as artes plásticas, a pintura, o cinema não somente porque os parentes que ele amava apresentavam a ele esse mundo da cultura dita legítima, mas também, eles mesmos, eram leitores fluentes; escreviam textos diversos; apreciavam a arte e faziam com que seus produtos estivessem presentes em seu dia-a-dia. Aliados, o incentivo à construção do gosto pela leitura, pela escrita e da preferência pela arte, bem como a admiração, o afeto do menino especialmente pelos parentes paternos, estavam constituídas, então, as condições propícias para que Pedro Nava não somente gostasse das práticas culturais das quais gostavam também seus parentes queridos, mas também estavam aí lançadas as possibilidades para que ele se tornasse um indivíduo que cultivaria o capital cultural recebido inicialmente da família.

A análise dos dados disponíveis nas *Memórias*, especialmente em *Baú de Ossos*, permitem observar que Pedro Nava teve um comportamento que, ao mesmo tempo em que o aproximaria da categoria “herdeiro”, a qual conhecemos classicamente pelos estudos de Bourdieu, tornou-o diferente em relação a essa categoria. Se, por um lado, suas ações e disposições ligadas à herança oferecida a ele por parte da família paterna nos levam a

enxergá-lo como um herdeiro, como um indivíduo que, em grande medida recebe os capitais transmitidos a ele e procura formas, ao longo da vida, de cultivá-los, o mesmo fenômeno não acontece quando o observamos no seio da família materna. A herança disponibilizada a Pedro Nava pelos parentes maternos é, em grande medida, recusada por Nava.

Quando se trata de valores e princípios ligados a atitudes de familiares maternos em relação às pessoas, aos escravos, aos negros, aos empregados que viviam na casa de sua avó materna, há, por parte de Pedro Nava, uma clara tendência em rejeitar essa herança. Entretanto, quando aparecem em alguns de seus familiares maternos, nas empregadas e agregados da casa de Maria Luísa, em amigos de sua avó, características fundamentais de seus parentes paternos, Pedro Nava tem uma atitude mais simpática e receptiva tanto em relação ao comportamento e conduta desses parentes, como também no que diz respeito a seus gostos e preferências. Desse modo, sua admiração e sua afetividade, no caso da família materna, dirigem-se à sua mãe, ao avô materno Joaquim Jaguaribe e a outros ascendentes ligados aos Jaguaribe.

Em relação aos parentes paternos, Pedro Nava é, quase que por completo, o que conhecemos como um “herdeiro”. Com a família paterna, Nava aprendeu comportamentos, atitudes; incorporou traços de personalidade; apropriou-se de gostos e preferências culturais como o amor pelos livros, pela leitura e pela escrita. Mais do que isso, Pedro Nava, apropriando-se dos capitais transmitidos a ele por seus parentes paternos, desenvolveu, ao longo da vida, habilidades para cultivá-los, tornando-se não somente um médico de prestígio, como também um escritor. É, inicialmente, o fato de Nava não ter seguido na juventude, nos anos 1920, a carreira literária que nos leva, mais uma vez, nuançar e problematizar o seu comportamento (e a própria categoria no interior de nossa análise) como um “herdeiro”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses grandes livros, encontramos nossas raízes, nossa vida palpitando.

Jorge Amado. Comentário a respeito da obra de Pedro Nava. *Jornal O Globo*,
maio de 1984.

O trabalho de pesquisa que tomou como fonte principal de investigação as *Memórias* de Pedro Nava evidenciou, como outros trabalhos já clássicos no campo da historiografia também concluíram, que a experiência individual delinea um tempo, um espaço. No relato autobiográfico, gênero textual que pressupõe uma maneira de composição que lhe é peculiar e se presta ao pacto ficcional, encontramos o registro da experiência de um indivíduo. Contudo, no espaço das memórias e das autobiografias, o passado transforma-se em evocação poética, mas é, ainda assim, apesar de sua dimensão literária, capaz de trazer ao texto a história de um determinado espaço, de um tempo específico.

Atrevemo-nos, no entanto, fazer deste estudo um ponto de partida para outras pesquisas que se aventurem investigar indivíduos semelhantes a Pedro Nava ou que dele se distanciem. Confrontos e comparações são bem-vindos no espaço da ciência, já que o resultado das pesquisas são sempre provisórios. Portanto, sabemos como são fundamentais as investigações que superam outras e que, desse modo, possibilitam a construção contínua do conhecimento.

É perigoso objetivar generalizações a partir de microestudos, de pesquisas que se concentram na escala de *um* indivíduo, de *uma* família, de *um* grupo social. Entretanto, convém lembrar a importância de pesquisas microscópicas e mais qualitativas as quais, pelo fato mesmo de se esforçarem por captar dados mais finos, fazem emergir dimensões humanas não desveladas quando se empregam outros tipos de metodologia. Logo, com este estudo sobre a formação de Pedro Nava no espaço da cidade e sobretudo no espaço da família, pretendemos não apenas analisar a trajetória de *um* indivíduo que pertenceu às elites brasileiras nas primeiras décadas do século XX, mas também procuramos, a partir de sua *ego-história*, reconstruir um contexto espaço-temporal um pouco maior, no qual o sujeito social encontrou-se mergulhado, bem como suscitar questões que digam respeito não apenas a Pedro Nava, mas também a outros sujeitos.

Com o objetivo de lançar luz sobre a relação estabelecida entre o locutor, seu enunciado e o mundo, ao se analisar a posição sócio-histórica do sujeito-narrador, encenada nas *Memórias* de Pedro Nava, verificamos que, em vários episódios de *Bau de Ossos*, Nava construiu, para o leitor, uma imagem de si mesmo como um sujeito social que

recebeu de grande parte da família paterna, de sua mãe e de outros poucos familiares maternos os saberes de que precisava para a vida. Do mesmo modo que Pedro Nava aprendeu a gostar da arte, no seu âmbito mais amplo, por causa do incentivo de parte da sua família e devido à afetividade que nutria por alguns de seus parentes, ele também aprendeu, desde menino, que ler e escrever, além de útil, era também bom e prazeroso. Ao assistir o pai lendo jornais pela manhã enquanto tomava café, estudando à noite para os concursos no campo da medicina, para os quais foi aprovado; ao ver o tio Antônio Salles escrevendo livros e artigos para os jornais nas cidades em que morou; ao saber, ouvindo os casos contados nos encontros da família, que a sua tia Alice escrevia cartas, que os avós paternos se correspondiam também por meio de cartas para trocar notícias e diminuir as distâncias; quando ouviu dizer, nas histórias da família, que o avô Pedro e aquele que ele aprendera a chamar de avô, o velho Feijó, usavam a escrita no cotidiano de seu trabalho, Pedro Nava foi percebendo e apreendendo a dimensão pragmática da leitura e da escrita. Mesmo no caso da avó materna, parente de quem ele aprendeu a não gostar por causa da tensa e desgastante convivência na infância, Nava pôde entender, quando morou na casa de Maria Luísa, que a escrita lhe servia para contabilizar, em cadernos, suas posses.

O prazer de ler e escrever, Pedro Nava foi descobrindo desde criança, especialmente com o pai e os parentes paternos. Ler e escrever, no entanto, eram alguns dos elementos da herança familiar que se disponibilizou a ele da mesma importância que outros. Certos gostos, preferências, disposições, valores éticos e morais, modos de agir no mundo, práticas culturais, incluindo a leitura e a escrita, tudo isso se entrelaçava em uma rede, cujos pontos possuíam o mesmo *status*, por assim dizer. Desse modo, na infância, Pedro Nava lia e escrevia porque ele tinha o apoio da família; porque vivia em um ambiente (tranquilo, limpo, iluminado) que o permitia ler e escrever; porque ele, quando criança, não tinha de trabalhar para ajudar a família; porque as pessoas o incentivavam a ler e a escrever; porque havia confiança no menino que ele foi; porque os parentes orgulhavam-se dele. Além disso, Pedro Nava leu e escreveu certos textos porque a formação dele, na família, quanto ao caráter, à personalidade, sua identidade, moral, ética, levaram-no a ler e a escrever esses textos e não outros, ouvir certas músicas e não outras, apreciar determinadas figuras da iconografia e não outras, gostar de artes plásticas, de desenhar; gostar mais de literatura do que de outros tipos de textos.

O aprendizado da leitura e da escrita parece ter sido “natural” para Pedro Nava porque ele estava imerso constantemente nas práticas do dia-a-dia de sua família, nos

espaços da casa e da cidade. Ler e escrever para se divertir, para conversar nos “serões” da família era um hábito tão comum e corriqueiro quanto ir trabalhar todas as manhãs ou jantar no início da noite. Assim, o menino presenciava, todos os dias, o momento em que a tia-avó paterna Marout, por gosto, depois que todos da casa já tinham lido o jornal, recortava de suas páginas os folhetins para lê-los e costurá-los em um caderno. Aliás, os cadernos de recortes, as “miscelâneas” (modo como Pedro Nava se refere nas *Memórias* a esse tipo de reunião de textos em um caderno, organizados por seus parentes) pareciam ser comuns na família de Pedro Nava, uma vez que também a sua mãe, seu pai, o tio Salles possuíam desses cadernos em que se colam textos diversos, retirados, em geral, de jornais.

Essa diversão de recortar e colar textos (não ainda no mundo virtual) foi experimentada por Pedro Nava na infância. O tio Salles sempre enviava, de Fortaleza, para ele, em Juiz de Fora, exemplares do *Malho*, da *Careta* que ele podia folhear e recortar. Com pouco mais de cinco anos de idade, Nava já estava mergulhado nas culturas do escrito. Antes dos oito anos de idade, antes mesmo de se mudar para o Rio de Janeiro, em 1910, com os pais e os irmãos, ele já se divertia lendo as histórias (ainda que com dificuldade para soletrar as palavras) em que apareciam as personagens que tocavam sua sensibilidade de menino. Essas *personas* ele conhecia e descobria nas revistas que ganhava de presente do tio ou nas histórias que ouvia.

Ouvindo histórias, seja em Juiz de Fora, seja no Rio de Janeiro, Pedro Nava se comprazia... Antes de frequentar o Colégio Andrès, na cidade em que nascera, entre os anos de 1909 e 1910, Nava já conhecia as maravilhosas histórias dos contos de fada, dos contos de Andersen e de Perrault que lhe narrava Rosa, uma das “crias” de sua avó materna, geralmente, antes de dormir. No Rio, as histórias vinham do tio Salles que também lhe apresentava, como apoio para a narrativa oral, figuras estampadas em livros, os quais o menino aprendia a amar pouco a pouco. Também no Rio, mais histórias contadas nas conversas da família chegavam a cada dia para Pedro Nava. Narradas ora pelo pai, ora pelo próprio Antônio Salles, ora por uma das tias paternas, as histórias de Euclides da Cunha e outras mais se transformavam, de acordo com o sentido que lhes atribuía um menino, ainda com sete, oito anos de idade, nos folhetins de sangue orais de sua infância. Assim, constatou-se que a participação de Pedro Nava no mundo letrado iniciou-se na infância, desde muito cedo, a partir de investimentos de parentes (sobretudo, os paternos) na sua familiarização com as culturas do escrito. O resultado dessa mobilização é uma formação cultural sólida na família bem anterior à formação de Pedro

Nava na escola, e os aprendizados construídos em casa, no espaço urbano, nos diferentes ambientes em que circulava, conforme o que se pode verificar nas *Memórias*, chegavam mesmo a ultrapassar o que a instituição escolar oferecia à época.

Tendo isso em vista, o estudo mais aprofundado sobre a formação de Pedro Nava na família, no espaço da cidade, evidenciou como são complexas as relações entre os processos que envolvem o aprendizado da leitura e da escrita e o cultivo, por um indivíduo, de habilidades e competências letradas, assim como de determinados gostos e preferências culturais considerados legítimos ao longo de sua vida. Um estudo monográfico, em que se trabalha com o jogo de escalas de observação, priorizando-se a escala do indivíduo, foco da investigação, possibilita perceber como essas relações se estabelecem em determinado espaço e tempo nos quais se desenrolam os processos formativos dos sujeitos sociais. Portanto, a pesquisa sobre Pedro Nava possibilitou verificar como uma rede de fatores engendrou a sua formação como um leitor, um escritor, um apreciador da arte dita legítima, um médico bem-sucedido, dentro dos parâmetros de sucesso considerados para a sua época (e também para a nossa época?).

A análise “microscópica” dos processos formativos de Pedro Nava em sua família, realizada por nós, durante a pesquisa de que tratamos nesta dissertação, possibilitou-nos o aprofundamento no estudo do percurso de formação de *um* indivíduo, o que nos permitiu observar singularidades em geral apagadas por processos de investigação que se voltam para a análise macroscópica da realidade, por pesquisas de grande escala. Se já se espera que o percurso de uma criança oriunda de uma elite econômica e intelectual seja de sucesso em termos escolares, profissionais, econômicos, culturais, pouco se sabe ainda *como* tal sucesso é construído ao longo da trajetória dos indivíduos. Nesse sentido, nossa investigação procurou analisar o papel da família na participação de Pedro Nava nas culturas do escrito, explorando as condições nas quais esse processo ocorreu.

Nossa pesquisa sobre o médico e escritor mineiro mostra como certos gostos e preferências valorizados em nossa sociedade foram construídos em uma família de raízes mineiras, cearenses e maranhenses. A investigação evidencia *como e porque* determinadas escolhas culturais, que incluem hábitos de leitura e escrita, não são naturais, não são espontâneos, nos processos formativos de um indivíduo que pertenceu a uma família das elites no Brasil. Nesse sentido, nossa pesquisa, a partir de uma abordagem, ao mesmo tempo, histórica e sociológica, ajuda a entender mais de perto *um* grupo das elites brasileiras, a saber um pouco mais o que significava pertencer a um grupo social como esse

no Brasil do início do século XX: quais eram os seus gostos, seus modos de vida, seu cotidiano, suas escolhas, suas disposições, suas práticas de leitura, escrita e oralidade, seus capitais, o que se valorizava nesse grupo. Somado a isso, nossa investigação sobre Pedro Nava desvelou uma série de contradições, tensões e variações em um percurso de formação do qual se poderia esperar homogeneidade e ausência de conflitos, dadas as condições materiais de sobrevivência do sujeito da pesquisa e de sua família em relação às possibilidades de vida da maior parte da população brasileira naquele período.

Não pretendemos, contudo, generalizar a experiência de Pedro Nava para todos os sujeitos oriundos das camadas mais favorecidas economicamente da nossa sociedade, quer nos tempos de hoje, quer para a época em que nasceu e viveu o indivíduo pesquisado. Mas sabemos, por outro lado, que o contexto, sobretudo econômico e cultural, reconstruído para o estudo do processo de formação de Pedro Nava pode encontrar similares, caso haja mais estudos sobre indivíduos, que explorem temática semelhante à nossa, com quadro teórico-metodológico próximo àquele utilizado na nossa pesquisa. Assim, até mesmo para se tecer comparações entre indivíduos oriundos das elites, para se construir analogias e contrastes entre indivíduos das elites e das camadas populares no Brasil, fazem-se necessários investimentos que compreendam mais de perto os gostos, as preferências, o cotidiano, os processos e as condições de formação dos membros das elites brasileiras, que parecem ser dados *a priori*.

Certamente, como ficou claro nesta dissertação, não é tarefa fácil saber, com precisão, o que definiria, em cada momento histórico e em cada região do país, as elites brasileiras. Por isso mesmo, acreditamos na necessidade de mais estudos que se aprofundem na investigação de processos formativos individuais, com o objetivo também de oferecer um retrato mais nítido desse grupo social no Brasil. A reunião de vários estudos monográficos pode contribuir nessa direção. A análise de *Baú de Ossos* forneceu-nos pistas as quais sugerem que, no início do século XX, o que diferenciava “os donos do poder” do resto da população não era exatamente o fato de se apresentarem como indivíduos pertencentes a grupos “sofisticados” e “requintados” no que diz respeito a seus modos de vida (muito embora pareçam bastante arbitrários e flutuantes os significados que se podem atribuir a palavras como “sofisticação” e “requinte” em diversas épocas), mas o fato de possuírem terras, propriedades privadas, escravos, “crias”, empregados; o fato de serem médicos, advogados, engenheiros; o fato de ocuparem cargos públicos ou espaços na política. A “sofisticação” e o “requinte” aparecem mais ligados ao consumo de roupas,

objetos, acessórios importados sobretudo da França. Somado a isso, proprietários de capital econômico (mas não necessariamente, de capital cultural), de capital social e simbólico, os membros das elites (pelo menos daqueles ligados à família de Pedro Nava) sabiam ler e escrever também; alguns, inclusive, conheciam e dominavam o francês, como língua estrangeira. De modo geral, a elite econômica, nas *Memórias*, era alfabetizada; e a elite intelectual era alfabetizada e letrada, valorizando e experimentando, assim, as diversas práticas de leitura e de escrita. Muito importante notar que, diferentemente do que alguns leitores podiam esperar, era a oralidade que fazia, em boa medida, as práticas de leitura e de escrita ocorrerem praticamente sem tensões, quase como práticas “naturais” e comuns no cotidiano dos parentes de Pedro Nava e dos amigos de sua família. Não era (propriamente e sempre) apenas a presença da escrita que propiciava a participação de Pedro Nava e dos indivíduos com quem convivia no mundo letrado.

É possível que um conjunto de pesquisas microscópicas que tratem dos modos e das condições de participação nas culturas do escrito por indivíduos, famílias e grupos sociais diferenciados nos façam pensar também sobre as possibilidades de melhoria das condições e dos processos de formação que vêm sendo oferecidos às crianças brasileiras de meios populares. Por meio do confronto e da comparação de processos formativos podem se erguer reflexões que nos levem a elaborar políticas públicas cada vez mais eficientes, as quais contribuam com a garantia dos direitos de todos os brasileiros à educação básica de qualidade. Visto que a educação de qualidade pertence à ordem do direito dos cidadãos, não deveríamos ainda hoje *precisar lutar* para garanti-lo a todas as pessoas.

No caso de Pedro Nava, o aprofundamento mesmo do presente estudo pode possibilitar não somente uma compreensão mais ampla de sua formação e do seu modo de viver, como um representante das elites brasileiras, mas também a verticalização em problemas teóricos e metodológicos suscitados pela realização da pesquisa. Em primeiro lugar, um estudo mais detalhado do seu modo de composição de todos os volumes das *Memórias* poderia nos oferecer uma dimensão mais ampliada de sua formação, o que nos levaria à reconstrução de sua trajetória. Sua obra memorialística fornece grande riqueza de dados que nos possibilitariam uma incursão detalhada em seus percursos de formação nas escolas de sua época e nos demais contextos não escolares que pôde frequentar. Assim, chegaríamos à formação que Nava teve entre seus pares. Isso, aliado à formação escolar, familiar e à sua imersão nos espaços das cidades em que viveu, outro ponto que pode ser ainda melhor explorado, ofereceria a nós uma dimensão ainda mais aproximada dos

processos formativos de um membro oriundo das elites brasileiras na primeira metade do século XX. A análise do modo de composição da narrativa por Pedro Nava nos levaria ainda à sua biblioteca, a partir da representação de suas leituras referenciadas em todos os volumes das *Memórias*.

Em segundo lugar, a exploração da maneira que Pedro Nava escolheu para escrever suas memórias poderia nos levar a outros documentos, a outras fontes que nos diriam mais sobre o seu processo de formação, como também sobre as possibilidades que o contexto urbano, no início do século XX, oferecia aos indivíduos. A utilização mais apurada das memórias do escritor juntamente com outras fontes tais como jornais, dados estatísticos sobre a escolarização e a vida cultural dos lugares em que viveu nas primeiras décadas do século passado, bem como documentos sobre a sua trajetória e a vasta bibliografia sobre a temática suscitaria ainda mais discussões a respeito do uso de memórias como fontes de pesquisas no campo da História da Educação. Ainda hoje, não há muitos estudos que se valem de textos autobiográficos e literários como fonte principal nas pesquisas históricas. Da posição de documento para o lugar de texto que problematiza, complexifica a escrita da história, a exploração das memórias de Pedro Nava, de autobiografias e de textos literários no trabalho historiográfico poderia nos oferecer outras formas de pensar e escrever a história, as histórias. Especialmente do ponto de vista da narrativa, acreditamos que estudos que aliem a teoria da história à literatura poderiam trazer mais “profundidade psicológica” aos personagens (re)construídos nos estudos do campo da História.

Por se constituir como um volume muito grande de dados, as informações que nos oferecem as *Memórias*, elas mesmas produto de um longo trabalho do próprio Pedro Nava em arquivos, em acervos familiares e de amigos, não foi possível, durante o tempo disponível para a realização do mestrado, verticalizar a sua análise no cruzamento intenso com os dados que levantamos dos jornais de Juiz de Fora da época da infância de Pedro Nava, nem tão pouco com os inúmeros e diversificados dados sobre o contexto urbano disponíveis para consulta no IBGE. Também não pudemos realizar o cruzamento de dados das *Memórias* com os dados dos vários textos médicos que produziu o escritor. Esse cruzamento nos ofereceria uma imagem ainda mais exata do tipo de leitor (e escritor) que ele se tornou. Esses cruzamentos juntamente com uma análise de sua formação na escola, junto aos pares, bem como das entrevistas concedidas por Pedro Nava à imprensa, já estabelecido e reconhecido pelo seu trabalho como escritor no campo da literatura, poderia nos fornecer uma dimensão ainda mais precisa dos processos que envolvem a transmissão

e a apropriação de heranças culturais, como também dos modos singulares e específicos de participação nas diversas culturas do escrito.

FONTES, REFERÊNCIAS, SITES CONSULTADOS

As Memórias

NAVA, Pedro. *Baú de Ossos* (Memórias). 10 ed. São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Giordano, 2002. 464 p.

NAVA, Pedro. *Balão Cativo* (memórias 2). São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Giordano, 2000. 416 p.

NAVA, Pedro. *Chão de Ferro* (memórias 3). 3.ed. São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Giordano, 2001. 420 p.

NAVA, Pedro. *Beira-mar* (memórias 4). 5.ed. São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Giordano, 2003. 501 p.

NAVA, Pedro. *Galo-das-trevas: as doze velas imperfeitas* (memórias 5). 5.ed. São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Giordano, 2003. 512 p.

NAVA, Pedro. *O Círio Perfeito* (memórias 6). 5.ed. São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Giordano, 2004. 576 p.

NAVA, Pedro. *Cera das Almas* (memórias 7). São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Giordano, 2006. 136 p.

Outras obras de Pedro Nava

NAVA, Pedro. *A medicina de Os Lusíadas e outros textos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. 101 p.

NAVA, Pedro. *Cadernos 1 e 2* (anotações inéditas do autor; fac-símiles e transcrições). São Paulo: Ateliê Editorial; Giordano, 1999. 99 p.

NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. São Paulo: Ateliê Editorial; Londrina: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003a. 245 p.

NAVA, Pedro. *O Bicho Urucutum* (textos e desenhos selecionados por Paulo Penido; entrevista de Paulo Penido a Cláudio Aguiar). São Paulo: Ateliê Editorial; Giordano, 1998. 242 p.

NAVA, Pedro. *Território de Epidauro: crônicas e histórias da história da medicina*. São Paulo: Ateliê Editorial; Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003b. 248 p.

NAVA, Pedro. *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* (anotações extraídas dos diários do autor). Organização: Paulo Penido. São Paulo: Ateliê Editorial; Giordano, 2004. 62 p.

Jornais

JORNAL DO COMMERCIO. Juiz de Fora, 14 jan. 1905.

JORNAL DO COMMERCIO. Juiz de Fora, 14 jan. 1906.

JORNAL DO COMMERCIO. Juiz de Fora, 15 jan. 1906.

JORNAL DO COMMERCIO. Juiz de Fora, 18 jan. 1906.

JORNAL DO COMMERCIO. Juiz de Fora, 15 fev. 1907.

JORNAL DO COMMERCIO. Juiz de Fora, 21 fev. 1907.

JORNAL DO COMMERCIO. Juiz de Fora, 26 jan. 1908.

JORNAL DO COMMERCIO. Juiz de Fora, 04 jun. 1909.

JORNAL DO COMMERCIO. Juiz de Fora, 18 jun. 1909.

JORNAL DO COMMERCIO. Juiz de Fora, 01 ago. 1911.

JORNAL DO COMMERCIO. Juiz de Fora, 05 set. 1913.

JORNAL DO COMMERCIO. Juiz de Fora, 06 set. 1913.

JORNAL MINAS GERAES. Agosto de 1927.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, jun. 1983.

O GLOBO, maio de 1984.

O PHAROL. Juiz de Fora, 01 ago. 1911.

O PHAROL. Juiz de Fora, 28 abr. 1912.

O PHAROL, Juiz de Fora. 06 jun. 1912.

O PHAROL. Juiz de Fora, 19 jun. 1912.

O PHAROL. Juiz de Fora, 12 nov. 1912.

REVISTA VISÃO. Maio de 1984.

Dados estatísticos

ANNUARIO ESTATISTICO DO BRAZIL 1908-1912. Rio de Janeiro: Directoria Geral de Estatística, v. 1-3, 1916-1927.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1998. 224 p. (Ensaio de Cultura; 15).
- AGULHON, Maurice *et al.* *Ensaio de ego-história*. Trad.: Ana Cristina Cunha. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989. 365 p.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaio de teoria de história. São Paulo: EDUSC, 2007. 256 p. (Coleção História).
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo & A falta que ama*. 2.ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973. 189 p.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Menino antigo (Boitempo-II)*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. 165 p.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Baú de surpresas. In: NAVA, Pedro. *Baú de Ossos (Memórias)*. 10 ed. São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Giordano, 2002. p.VX-XVI.
- AUGUSTO, Sérgio. *O Tico-tico sem fubá*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-tico: centenário das primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Ópera Graphica Editora, 2005. p.6-7.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6.ed. São Paulo: Hucitec; Annablume, 1992b.
- BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem & estrela da manhã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. 112 p.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes *et al.* *Entrando na cultura escrita: percursos individuais, familiares e sociais nos séculos XIX e XX*. Projeto de pesquisa. Belo Horizonte: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), Faculdade de Educação, UFMG, 2004.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; RIBEIRO, Vera Masagão. Cultura escrita no Brasil: modos e condições de inserção. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.29, n.2, p.89-124, jul.-dez. 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Anatomie du goût. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n.5, p.18-43, out. 1976.
- BOURDIEU, Pierre. Você disse “popular”? *Revista Brasileira de Educação*, n.1, p.16-26, jan.-abr. 1996.

BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p.39-64.

BOURDIEU, Pierre. O capital social. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p.65-69.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p.71-79.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Los estudiantes y la cultura*. Trad.: María Teresa López Pardina. Barcelona: Editorial Labor, 1967. (Nueva Colección Labor).

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 5.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

BUENO, Antônio Sérgio. *Visceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997. 165 p.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Trad.: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 191 p.

BUSINO, Giovanni. Elite. In: *Enciclopédia Einaudi*. v.38. Sociedade – Civilização. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1999. p.245-270.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. 2.reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. 459 p. (Humanitas).

CERTAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 345 p.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Trad.: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2003.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Trad.: Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2001. 189 p.

CHINEN, Nobu. Os personagens de quadrinhos estrangeiros na revista *O Tico-tico*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Ópera Graphica Editora, 2005. p.103-111.

COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro (1822-1930)*. Rio de Janeiro: Record, 1999. 304 p.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 3.reimp. Trad.: Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 303 p. (Humanitas).

COOK-GUMPERZ, Jenny; GUMPERZ, John J. From oral to written culture: the transition to literacy. In: WHITEMAN, M. F. (Ed.). *Variation in writing: functional and linguistic-cultural differences*. Hillsdale: Erlbaum, 1981. p.89-109.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. *Cultura escolar e formação da boa sociedade: uma história do Imperial Collegio de Pedro II*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

DAMAZIO, Reynaldo. Claudio Giordano: paixão pelos livros. Disponível em: <<http://www.weblivros.com.br/especial/claudio-giordano.html>>. Acesso em: 29 jul. 2008.

DE SINGLY, François. L'appropriation de l'heritage culturel. *Lien Social et Politiques – RIAC*. n.35, p.153-165, 1996.

DE SINGLY, François. Savoir hériter: la transmission du goût de la lecture chez les étudiants. In: FRAISSE, Emmanuel (org.). *Les étudiants et la lecture*. Paris: PUF, 1993. p.49-71.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Caminhos operários nas Minas Gerais: um estudo das práticas operárias em Juiz de Fora e Belo Horizonte na Primeira República*. São Paulo: Hucitec, 1988.

EISENSTEIN, Elizabeth L. On the printing press as an agent of change. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.19-33.

FERREIRA, Jerusa Pires. Os apelos da voz. In.: MACHADO, Irene A. *O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago Ed.; São Paulo: FAPESP, 1995. p.11-15.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FREITAS, Marcus Vinícius de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 282 p. (Humanitas).

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. A escrita autobiográfica na (re)construção de um percurso de inserção na cultura escrita. In: VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2006, Uberlândia. Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia - MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p.2.735-2.747.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Amansando meninos: uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rêgo (1890-1920)*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950). *Educação e Sociedade*. Dossiê “Letramento”. São Paulo, v.23, n.81. p.115-160, dez. 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Oralidade e escrita: uma revisão. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v.36. n.128, p.403-432, mai.-ago. 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *et al.* Difusão, apropriação e produção do saber histórico: a *Revista Brasileira de História da Educação* (2001-2007). *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n.16, p.171-234, jan./abr. 2008.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *et al.* (Orgs.). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (Linguagem e Educação). 438 p.

GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad.: Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas: José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 [1976]. 255 p.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOODWIN JUNIOR, James William. *A "Princesa de Minas": a construção de uma identidade pelas elites juizforanas (1850-1888)*. 1996. 249 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

GOODY, Jack. *A domesticação do pensamento selvagem*. Lisboa: Presença, 1988. 184 p.

GRAFF, Harvey J. *Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização*. Trad.: Tirza Myga Garcia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 332 p.

GRAFF, Harvey J. *The legacies of literacy: continuities and contradictions in western cultures and society*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad.: Maria da Penha Villaobos; Lólio Lourenço de Oliveira; Geraldo Gerson de Souza. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HAVELOCK, Eric. The coming of literate communication to western culture. In: KINTGEN, E. R.; KROLL, B. M.; ROSE, M. *Perspectives on literacy*. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1988. p.127-134.

HÉBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n.2, p.65-110, 1990.

HÉBRARD, Jean. *Alphabétisation et accès aux pratiques de la culture écrite d'une famille languedocienne entre XVIIIe et XIXe siècle (étude de cas)*. Paris: CRBC/EHESS, 2002, mimeo.

HÉBRARD, Jean. Alphabétisation et accès aux pratiques de la culture écrite en Vaunage à la fin du XIXe. siècle (étude de cas). In: _____. *La Vaunage au XIXe. siècle: approche*

économique, sociale et politique d'une communauté paysanne de la région nîmoise. Nîmes: C. Lacour Éditeur, 1996b.

HÉBRARD, Jean. Des écritures exemplaires: l'art de l'écrivain en France entre XVIe et XVIIIe siècle. *Mélanges de l'École française de Rome, Italie et Méditerranée*, 107, 2, p.473-523, 1995.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996a. p.35-74.

HÉBRARD, Jean. *Relations à l'écrit et reconversions individuelles (trajectoires familiales dans les sertões de l'état de Bahia e du Pernambuco depuis l'abolition de l'esclavage)*. Project de Recherche. Paris: CRBC - EHESS, 2001. Mimeo.

HÉBRARD, Jean. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado de Letras, 2000. p.33-78.

IGLÉSIAS, Francisco. Visão de Pedro Nava. In: BUENO, Antônio Sérgio. *Visceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997. p.11-16.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 9.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 260 p. (Debates; 115).

LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Trad.: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2006. 656 p.

LAHIRE, Bernard. *O homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Trad.: Didier Martin; Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática. 1997.

LEÃO, Andréa Borges. Francisco Alves e a formação da literatura infantil. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, I., 2004, Rio de Janeiro. [Anais eletrônicos...] Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004. p.01-13. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/andreaborgesleao.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LE GOFF, Jacques. O desejo pela história. In: AGULHON, Maurice *et al.* *Ensaio de ego-história*. Trad.: Ana Cristina Cunha. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989. p.171-235.

LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. 3.ed. Trad.: Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988a. 200 p. (Ciências Sociais).

- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. 3.ed. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988b. 240 p. (Ciências Sociais).
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. 3.ed. Trad.: Theo Santiago. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988c. 193 p. 3v. (Ciências Sociais).
- LE MOING, Monique. *A solidão povoada: uma biografia de Pedro Nava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. 355 p.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Le Seuil, 1975.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. 2.ed. Paris: Seuil, 1996.
- LEJEUNE, Philippe. *Je et un autre: l'autobiographie, de la littérature aux médias*. Paris: Seuil, 1980.
- LEJEUNE, Philippe. *Pour l'autobiographie: chroniques*. Paris: Seuil, 1998a.
- LEJEUNE, Philippe. *Les brouillons de soi*. Paris: Seuil, 1998b.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BERKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p.133-161.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.183-191.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. Personagens em busca de um autor. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *et al.* (Orgs.). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (Linguagem e Educação). p.151-176.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 115 p. (O que você precisa saber sobre).
- MACHADO, Irene A. *O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago Ed.; São Paulo: FAPESP, 1995. 340 p.
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte: Argumentum, 2007. 184p. (EDUCERE; 1).
- MARTINS, Hélio Leôncio. *A revolta dos marinheiros*. São Paulo: Cia. Editora Nacional / Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1988.
- MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. In: *Anais do Museu Paulista*. n.1, v.13. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p.133-174. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/273/27313105.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2008.
- MELO, Juliana Ferreira de. *O papel da oralidade na inserção na cultura escrita por um "herdeiro": Pedro Nava e os episódios familiares em Baú de Ossos*. 2005. 61 f. Monografia (Graduação em Letras, Bacharelado em Português) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

- MENDES, Murilo. *A idade do serrote*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- MENDES, Murilo. *Obra completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.
- MERLO, Maria Cristina. As dimensões jornalísticas e literárias em O Tico-tico. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Ópera Graphica Editora, 2005. p.125-129.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 472 p.
- MOREL, Edmar. *A revolta da chibata*. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- NAVA, Pedro. *Bau de Ossos: memórias*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio; Editora-Sabiá, 1973.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Convertidos e oblatos: um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. *Educação, Sociedade e Culturas*, Porto, n.7, p.109-129, maio de 1997.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Famílias de camadas médias e a escola: bases preliminares para um objeto em construção. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.1, p.9-25, jan.-jul. 1995.
- NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de Educação*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. (Ciências sociais da educação). 251 p.
- NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NORA, Pierre. Apresentação. In: AGULHON, Maurice *et al. Ensaio de ego-história*. Trad.: Ana Cristina Cunha. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989. p.9-11.
- OLIVEIRA, Paulino de. *História de Juiz de Fora*. 2.ed. Juiz de Fora: Comércio e Indústria, 1966. 321 p.
- OLSON, David R. *The world on paper: the conceptual and cognitive implications of writing and reading*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998. 223 p.
- ONG, Walter J. Writing is a technology that restructures thought. In: BAUMANN, G. *The written world: literacy in transition*. Oxford: Clarendon Press, 1986. p.23-50.
- PAULINO, Graça *et al. Tipos de texto, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. 163 p. (Educador em formação).
- PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. Trad.: Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 186 p.

- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 3 v.
- REIS, José Carlos. *História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 246 p.
- RESENDE, Patrícia Cappuccio. A transmissão familiar da leitura e da escrita: um estudo de caso. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *et al.* (Orgs.). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (Linguagem e Educação). p.239-268.
- REVEL, Jacques. *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. 262 p.
- RIBEIRO, Vera Masagão. *Alfabetismo e atitudes: pesquisa com jovens e adultos*. Campinas: Papirus; São Paulo: Ação Educativa, 1999.
- SAINT-PIERRE, Bernardin. *Paul et Virginie: la chaumière indienne*. Paris: Grund, 1937. 253 p. (La bibliothèque précieuse).
- SANTOS, Roberto Elísio dos. Dimensão cultural da revista *O Tico-tico*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-tico: centenário das primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Ópera Graphica Editora, 2005. p.121-123.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-tico e a cultura nacional*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-tico: centenário das primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Ópera Graphica Editora, 2005. p.169-173.
- SCHNOOR, Eduardo. Os senhores dos caminhos: a elite na transição para o século XIX. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *Revisão do Paraíso: os brasileiros e o estado em 500 anos de história*. Rio de Janeiro: Campus, 2000. p.163-208.
- SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 724 p.
- SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998a. p.7-48.
- SILVA, Diamantino da. *O Tico-tico que eu conheci...* In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-tico: centenário das primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Ópera Graphica Editora, 2005. p.35-39.
- SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003. p.89-113.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. (Linguagem e Educação). 125 p.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17.ed. 10.imp. São Paulo: Ática, 2002. (Série Fundamentos). 95 p.

SOUZA, Eneida Maria de. *Pedro Nava, o risco da memória*. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2004. 135 p.

STREET, Brian V. *Social literacies: critical approaches to literacy in development ethnography and education*. London and New York: Longman, 1995.

TRIBUNA DE MINAS; BANCO DE DESENVOLVIMENTO DE MINAS GERAIS. *Lembrança de Juiz de Fora (1903-2001)*.

VEIGA, Chynthia Greive. *Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. 347 p. (Coleção Estudos CDAPH. Série Historiografia).

VELLOSO, Mônica Pimenta. As modernas sensibilidades brasileiras. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org//index1500.html>>. Acesso em 31 jul. 2008.

VERGUEIRO, Waldomiro. A publicidade em *O Tico-tico*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-tico: centenário das primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Ópera Graphica Editora, 2005. p.131-139.

VERGUEIRO, Waldomiro. O papel da mulher em *O Tico-tico*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-tico: centenário das primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Ópera Graphica Editora, 2005. p.175-179.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-tico: centenário das primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Ópera Graphica Editora, 2005. 258 p.

VIÑAO FRAGO, Antonio. A modo de prólogo: refugios del yo, refugios de otros. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000a. p.9-15.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*. n.0. set-dez./1995.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología e usos. *Teias*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.82-97, jan.-jun. 2000b.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 1994.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. Trad.: Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 324 p.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2.ed. Trad.: Jerusa Pires Ferreira; Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 128 p.

SITES CONSULTADOS

<<http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm>>.

<<http://www.bu.ufmg.br>>.

<<http://www.cnpq.br>>.

<www.ibge.gov.br>.

<<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>.

<<http://scholar.google.com.br>>.

<<http://www.scielo.org>>.